ERRATA

Pag.		Linha		Onde se lê:	Leia-se:
Pag.	15	Linha	16	os sapos (anuros) e	os sapos (anuros), as rans e a «cobra-cega»
»	24 não ha aspas				
»	24	Linha	5	répteis	anfíbios
»	24	»	20	»	»
»	105	»	4	*Gallinago delicata*	*Totanus flavipes*
»	253	»	1	*Korodon*	*Kerodon*

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRICOLA

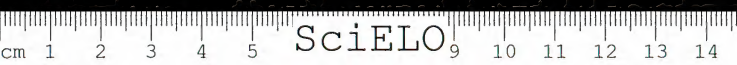
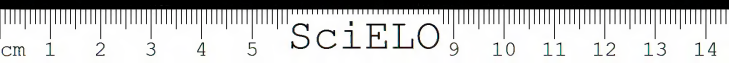
ENSAIO SOBRE A FAUNA BRASILEIRA

POR

AGENOR COUTO DE MAGALHÃES

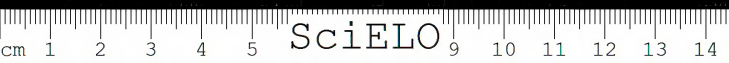
Chefe da Secção de Caça e Pesca do Departamento de Indústria Animal, da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de S. Paulo

SÃO PAULO
1 9 3 9

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Aos senhores:

Paulo de Lima Corrêa
Lourenço Arantes Junior
Luis Galante.

Fotografias:

F. Riese
Antonio Sebastianelli
C. Wessel
Paulo Sawaya
H. Krieg
Alvaro de Sousa Queirós Filho
Francisco Junqueira
F. Figliolini
Ernesto Lohse.

Es ist mir eine grosse Ehre und Freude, zu dem Buche meines lieben und verehrten Freundes Agenor Couto de Magalhães einige Geleitworte beizufügen zu können. Auf allen meinen Reisen, welche ich in den herrlichen Wäldern und Kampen und auf den Flüssen Südamerikas gemacht habe, war ich immer wieder begeistert von der Eigenart der Tierwelt. Der Autor hat sehr recht, wenn er die Notwendigkeit betont, dass die Bürger und Gäste des herrlichen Landes Brasilien noch viel mehr als bisher ihr Interesse und ihre Liebe dieser Tierwelt zuwenden sollen. Aber die Brücke zur Liebe ist die Kenntnis. Ich wünsche diesem Buche einen grossen Erfolg, denn ich halte keinen für geeigneter, es zu schreiben, als Dr. Couto de Magalhães, von dem ich weiss, wie sehr er die Tiere seines Heimatlandes liebt und wie gut er sie kennt.

São Paulo, im August 1938

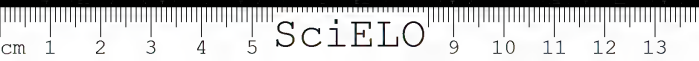
Hans Krieg

É-me grato e honroso dizer algumas palavras a respeito do livro do meu acatado amigo Agenor Couto de Magalhães.

Em todas as viagens que empreendi pelas selvas magnificas, campos e rios da America do Sul, sempre me senti arrebatado pelo carater peculiar do seu mundo animal. É com toda a razão que o autor dirige um veemente apêlo a todos os habitantes e hospedes da grandiosa terra brasileira, em favor de um afeto que, mais do que até hoje, deve ser consagrado à fauna. E o caminho para êsse amor é **o conhecimento** *das especies.*

Desejo grande exito a êste livro e julgo que ninguem ha de ser mais idoneo para escrevê-lo do que o Dr. Couto de Magalhães, sabendo-se quão grande é sua afeição à fauna da sua terra, cujos elementos êle conhece perfeitamente.

(a) Hans Krieg

Diretor do Museu de Zoologia de Munich (Alemanha).

EXORDIO

O presente trabalho, como o título bem o diz, nada mais é do que um ligeiro ensaio sobre a fauna brasilica, um estudo rapido e superficial dos animais silvestres, que se vão desfilando, nas paginas subsequentes.

Elaborando-o em linguagem simples e acessivel, visei marcar o ponto inicial das futuras observações concernentes à vida dêsses animais indigenas, até hoje quasi desconhecidos da nossa gente.

A causa precipua porém dêsse desinterêsse pelas coisas do Brasil começa desde os bancos escolares, onde a criança aprende a ler histórias ilustradas de elefantes, girafas, camêlos, rinocerontes, leões e hienas, ignorando por completo o que seja um tapir, uma ariranha, um guará, um tamanduá ou mesmo um banalissimo tatú.

Essa falha na educação nacional não cabe, por certo, aos meninos, que fogem da sua patria estando dentro dela, mas exclusivamente aos dirigentes do país, que se têm descuidado de incentivar-lhes o amor à natureza brasileira em seus múltiplos aspetos.

Venho notando ultimamente, porém, com grande júbilo, em todos os setores da atividade nacional, uma positiva reação de brasilidade, não escapando a essa renovação salutar os trabalhos didaticos que têm aparecido sobre zoologia.

Oxalá produza os frutos desejados a semente lançada em terreno tão fecundo, qual o da intelectualidade das gerações que surgem.

Prosseguindo no relato dos motivos que me induziram a escrever êste *ensaio*, acrescentarei que só por meio dêle poderia trazer a público as valiosas contribuições de

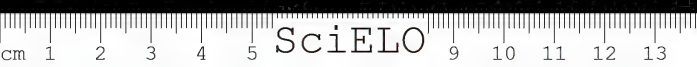
velhos amigos e caçadores experimentados, as quais nunca seriam divulgadas si não fosse por intermedio do presente trabalho.

Outro fator decisivo que concorreu para que eu escrevesse êste trabalho foram os subsidios preciosissimos de Emilio Goeldi, o proveto naturalista suisso que aqui viveu e tanto trabalhou no estudo da zoologia brasiliense. Aprendi muita coisa interessante nos livros de Ihering, Oliveira Pinto, Paiva Carvalho e muitos outros escritores que, pela probidade e conhecimento da zoologia e do ambiente sertanejo, muito contribuiram para completar o livro ora apresentado aos leitores.

Pude surpreender, por outro lado, nos dias e meses que passei em contato com a natureza do sertão brasileiro, muitissimos aspetos da vida livre dos elementos que habitam as nossas selvas, transportando-os para este livro.

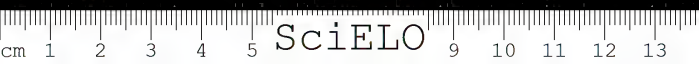
As cenas fortes que me proporcionou a natureza na soledade dos acampamentos remotos, nas horas sombrias que assinalam o morrer do dia e o aparecer da noite, nessas horas em que todo animal parece sentir uma estranha opressão que o domina e o convida ao recolhimento — ficaram indelevelmente gravadas na minha retina. E o reverso dêsses quadros melancolicos que as cores indecisas do diluculo emprestam aos nossos sentidos foram aquelas madrugadas cheirosas, transbordantes de alegria e de luz, em que toda a natureza acorda em pompas de gala, vibrando aos acordes festivos das aves que cantam, dos insetos que trilam, do sol que brilha!

Êsses panoramas selvaticos do sertão brasileiro, que, indubitavelmente, exercem fortissima impressão no espirito de quem os contempla, são de uma inexcedivel beleza porque traduzem o aspeto de uma natureza virgem e primitiva, de atributos incomparaveis.

Num dos topicos de minhas impressões de viagem, redigido na Ilha de Marajó, escrevia eu: «A natureza parece exercer aqui forte impressão no forasteiro, maximé nas horas vespertinas, quando bandos de patos bravios e outras aves palustres se recolhem aos pousos. Bendigo,

entretanto, essa especie de angústia de alma que sinto, apesar de já muitas e muitas vezes a ter experimentado nas pujantes matas do norte do Paraná, nas ribanceiras dos limites de São Paulo com Mato Grosso e nêste esquecido centro insular».

Exaltado por essa influencia ancestral, decidi-me a escrever o presente trabalho, que reune em si aspetos da natureza da nossa terra, ao lado dos representantes das faunas indigenas aquatica e terrestre, aqui tipicamente estudados.

São Paulo, 22 de março de 1937.

AGENOR COUTO DE MAGALHÃES

———o———

DIGRESSÃO OPORTUNA

O cenario esplendido da natureza do Brasil bem poderia conter um número consideravel de mamiferos de porte avultado, o que, entretanto, não acontece, sendo realmente uma decepção verificar-se quão poucas são as especies que nêle aparecem, de dimensões pouco maiores do que as das mediocres.

Excluindo-se o tapir, o jaguar, o cervo, a capivara, o tatú canastra e o tamanduá-bandeira, todos os demais são de proporções relativamente insignificantes. Êsse contraste flagrante entre o meio e as especies que nêle habitam chamou, desde logo, a atenção dos primeiros exploradores e cientistas que perlustraram a nossa terra, em busca de emoções novas ou á cata de material zoologico para as instituições científicas.

Nêsse particular, ouçamos a palavra autorizada de Emilio Augusto Goeldi, um dos zoologos que experimentaram êsse forte desapontamento, que diz mais ou menos o seguinte:

«Os naturalistas nascidos no estrangeiro pisam o solo do Brasil profundamente iludidos quanto à riqueza de mamiferos do país. Espera-se extraordinaria variedade de feras, imagina-se a mata virgem com bandos inúmeros de macacos, gatos, porcos, etc.; sonha-se uma preguiça que pende, bocejante, da árvore além; um jaguar que espreita por trás de cada moita, um veado que pasta, inocente, em cada clareira; não se dá um passo sem examinar a espingarda, geralmente incômoda, trazida da Europa e, como logo o prova a experiência, em geral escolhida com pouca felicidade quanto ao calibre e pêso. Entretanto, nos atrios misteriosos nada se move ou si se move é pouco e geralmente onde menos se espera. Certamente muita coisa

perturba os olhos e os ouvidos: aos olhos, as fórmas de plantas multiplas e peculiares, aos ouvidos, o canto agudo das cigarras e o grito dos papagaios, tucanos e tantas outras aves da mata, que fazem do forasteiro testemunha de suas prendas musicaes.

Não só as visitas repetidas à mata, em épocas e lugares diversos, mas tambem as excursões de caça dão igual resultado. «Verdade e Poesia» — intitulou o poeta alemão a uma de suas obras, e começa a tornar-se claro ao novato que êsse título tambem tem aplicação no mundo de mamiferos daqui, que tambem aqui estas duas palavras indicam um contraste.

Sucede com o amigo da natureza quanto aos mamiferos selvagens coisa semelhante ao que se passa com o colono que do Velho Mundo emigra para esta terra: ambos exageram por demais suas espetativas, imaginam as tarefas por demais faceis. Só depois de terem aprendido que a condição fundamental do sucesso é o trabalho feito com o suor do rosto é que estão ambos no caminho direito. Tal a conclusão a que me induzem oito anos de experiência e esfôrço honrado.

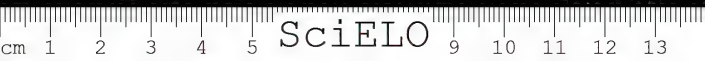
Si, pois, o amigo da natureza primeiramente se sente desiludido, si tem de sucumbir à despoesia, em meu entender não pequena culpa cabe na produção do que psicologicamente chamaria «vertigem dos tropicos» que acomete o recem-chegado, ao modo de escrever místico e pitoresco de escritores e viajantes antigos como Alexander von Humboldt e Richard von Schomburgk.

Tambem no mesmo sentido muito operaram alguns livros escritos em linguagem popular, dos quais citarei como tipo na lingua aleman um que casualmente descobri ha anos na livraria de um amigo, no Rio de Janeiro. Intitula-se «Die Tropenwelt im Thier und Pflanzenleben, dargestellt von Dr. Georg Hartwig (Wiesbaden)». Longe de mim querer amesquinhar o merito dos primeiros: ao contrário, reconheço que souberam incutir nos leitores de seus livros o amor íntimo à natureza, a admiração e o

entusiasmo pelas maravilhas do mundo tropical. O mesmo esfôrço louvavel reconheço no autor do livro que acabo de mencionar. O que unicamente lhes reprovo é, para servir-me de uma expressão artistica, haverem pintado com cores por demais quentes as suas descrições.

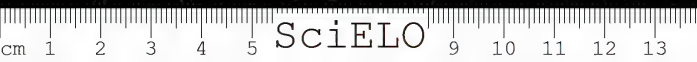
Não pouco prazer sinto em poder mencionar um opusculo animado de espirito de observação sadia e franca, que póde servir de raro antidoto aos amigos da natureza que aqui aportarem, contra o que chamei a vertigem dos tropicos. *A caça no Brasil* ou *Manual do Caçador*, etc., por um devoto de Santo Humberto (Rio de Janeiro, Laemmert, 1860), eis como se intitula. E' escrito em tom jovial de caçador, a unica e fresca florinha de que no genero póde gabar-se a literatura brasilica. Por trás do anónimo se esconde, como mais tarde vim a saber, ninguem menos que Varnhagen, meretissimo brasileiro e distinto historiador. Oxalá me seja dado arrancar aquêle opusculo da penumbra do esquecimento em que parece haver caído.

Examinemos agora qual é a «Verdade» e onde começa a «Poesia». Podemos fazê-lo apoiados em números. Por felicidade, a ciência hodierna tem a seu dispor metodo mais exato do que no tempo dos sabios que mencionámos, quando os materiais ainda mui pouco estavam apurados.

Wallace, o mais profundo zoogeógrafo moderno, calcula, em sua grande obra publicada em 1876, que para toda a zona neotropica, em que estão compreendidas toda a America do Sul, a America Central até Texas e as Antilhas, é de que só a sub-região brasileira constitue 2/3-3/4 da superficie, o número das especies de mamiferos é de 504 e o das aves de 3.164. A relação das especies de mamiferos para as das aves seria, pois, aproximadamente, 1:6 (um pouco mais). O zoólogo austríaco Johannes Natterer, que passou 18 anos no Brasil a fazer coleções e percorreu a mór parte do país, apanhou ao todo 205 especies de mamiferos para 1.238 especies de

aves, o que novamente dá para a relação entre as especies de mamiferos e aves de 1:6.

O naturalista Henry Bates, falecido recentemente em Londres, que durante onze anos aplicou todas as suas fôrças ao mundo animal da região amazonica, obteve o total de 52 especies de mamiferos para 360 de aves, o que ainda uma vez reproduz a proporção de 1:6 ($\frac{1}{6}$). Eu proprio, desde Agosto de 1891, tenho ajuntado uma coleção particular nas visinhanças de Teresopolis, na serra dos Órgãos, a qual até agora conta 35 especies de mamiferos para 137 de aves, o que aproximadamente corresponde à proporção de 1:4. Ora, é de certo eloquente o fato de, para toda a região neotropica, do mesmo modo que para as coleções amplas (na qual naturalmente não inclúo a minha, pelo pouco espaço de tempo nela empregado), obtido concordemente a relação de 1:6 entre as especies de mamiferos e as de aves. Quer isto dizer que, na média póde-se juntar 6 especies de aves antes de encontrar-se uma especie de mamifero. Bem entendido, pressuponho que de cada vez se coleciona tudo igualmente.

Passemos agora às relações correspondentes da África e Etiopia, a qual abarca todo o continente ao sul do centro do Saára e inclue tambem a ilha de Madagascar. Informa-nos Wallace, a cuja disposição esteve o opulento material do *British Museum* de Londres, que a região etiopica possue 535 especies de mamiferos para 1.507 de aves. Corresponde isto à razão de 1:3 em outras palavras, na África o colecionador precisa de, na média, levantar 3 especies de aves antes que cáia nas mãos uma de mamifero.

Quanto ao número dos individuos, à densidade absoluta da população, lastimo só poder dispor de materiais insuficientes. Os algarismos dariam certamente testemunho eloquente da exatidão de minhas idéas. Todavia, sabemos que Natterer colecionou no Brasil 1.179 exemplares de mamiferos e 12.293 de aves. Corresponde isto aproximadamente à razão de 1:10, isto é, na média, Natterer teve de colecionar 10 aves antes de conseguir

um mamifero. Eu proprio, aqui na serra dos Órgãos, tenho até agora apanhado 87 exemplares de mamiferos para 425 de aves, o que representa aproximadamente a relação de 1:5. Interessantissimo teria sido saber qual seria, numericamente, no espólio de um caçador da África, a relação existente entre os mamiferos e as aves.

Entretanto, está provado que, si quanto ás especies de mamiferos, em seu conjunto e em absoluto, a zona neotropica fica sem dúvida mediocremente aquem da da África (em cêrca de 31 especies), em relativo, quanto à proporção, as especies de aves avantajam-se-lhe essencialmente. Por outras palavras: a África é decididamente mais rica em mamiferos, tanto em especies como sem dúvida em individuos; ao contrário, é mais do dôbro a riqueza da America do Sul em aves, não só pelo que respeita às especies quanto pelo que respeita ao número de individuos.

A riqueza de mamiferos da África é determinada em primeiro lugar pelas familias dos *Bovides* e *Viverrides,* tão ricas em generos e especies quanto em individuos; em segundo lugar por alguns generos e especies mais isolados, mas muito ricos em individuos, como *Equus, Felis, Rhinoceros, Hippopotamus, Elephas, Camelopardalis,* figuras que faltam todas à America do Sul actual, com a excepção unica do genero *Felis*».

* * *

Pelo que ficou dito linhas atrás, temos a consolação de verificar que, si por um lado não possuimos um número apreciavel de mamiferos corpulentos, como era de se esperar, dentro dessa pujante natureza de aspetos variadissimos e sub-condições mesologicas tambem variadissimas, sobra-nos, entretanto, uma farta coleção de passaros das mais caprichosas fórmas, das mais vivas e cintilantes colorações e dos mais surpreendentes gorgeios.

A bizarria com que a natureza tropical dotou certos animais alados compensa generosamente a falta observada no mundo dos mamiferos de porte avantajado.

Folheando-se as paginas magnificas do excelente trabalho de J. Gould, onde apresenta êle a coleção mais rica dos troquilídeos americanos, vê-se que grande parte dessas joias de plumagem cintilante pertence à fauna brasiliense; manuseando-se o trabalho do mesmo autor, relativo ao tanagrideos, nota-se que a maioria dêles é da parte meridional da America do Sul, compreendendo 129 especies que ocorrem no Brasil. Parte dêsses passaros, que a gente da terra chama de saíras, constitue os mais lindos ornamentos em policromia nas florestas e vergeis do nosso vastissimo país.

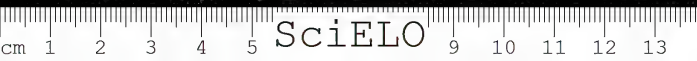
Temos esperança de muito em breve publicar um trabalho do feitio daquêle estudo magistral levado a efeito por George Schiras, em um parque de reserva dos Estados Unidos, intitulado «Hunting wild life with camera and flashlight», no qual aparecem as aves e os mamiferos surpreendidos pela objetiva no momento mesmo em que se dá a explosão automatica do magnesio em plena selva.

Pelas fotografias obtidas de surpresa no seio da floresta, sem auxílio de operador, e, ainda, muitas vezes à noite, ao amanhecer do dia ou ao cair da tarde, vê-se a naturalidade do animal surpreendido; o pavor do imprevisto; o susto de que é possuido devido ao clarão repentino.

No dia em que possuirmos o Parque Zoologico Nacional, com suas coleções seriadas, em ambiente adequado, ao lado dessa maravilhosa avi-fauna indigena, que, pela quantidade e variedade de especies, possa atrair a atenção do mundo, o Brasil terá galgado então mais um degrau na escada longa e luminosa que lhe traçou o destino.

———o———

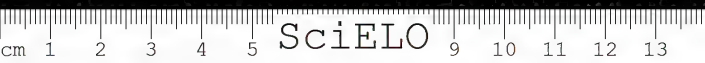
CLASSIFICAÇÃO

——,o

Sistematizar um trabalho de qualquer natureza é torná-lo mais eficiente e facil de realizar. Assim sendo, organizaremos a presente classificação das quatro ordens de animais silvestres aqui tratados e abaixo discriminados em suas respetivas chaves, na certeza de que, seguindo essa orientação, aliás impressa no excelente livro de R. von Ihering, «Fauna do Brasil», o leitor, ainda que leigo em assuntos de zoologia, enfronhar-se-á facilmente na complexa questão de sistematica, estabelecendo as diferenças existentes nas familias, generos e especies, pelas carateristicas constantes que nelas vão sendo observadas.

E' êsse o principal escopo do autor.

ANFIBIOS

Os anfibios da nossa fauna compreendem 3 tipos: os sapos (anuros) e a «cobra-cega» (Gymnophionos); de uma terceira ordem (*Urodelos* ou *Caudatos,* providos de 4 extremidades e de cauda, e cujos tipos principais são *Proteus,* com brânquios persistentes e os *Salamandrinos,* sem brânquios quando adultos). Em nossa fauna só ocorrem rarissimas especies da Amazonia.

Os *Gymnophionos* têm o corpo perfeitamente vermiforme, cabeça não destacada, bôca com dentes minusculos, duas narinas e, além disso, um par de tentaculos junto aos olhos, que são indistintos, recobertos pela pele. O resto do corpo é uniformemente dividido em aneis; o esqueleto reduz-se às vertebras, providas de costelas espiniformes, não havendo nem mesmo vestigios de extremidades e cinturas. A corda dorsal persiste em toda a estensão.

Nos *Anuros* ou *Batraquios* o esqueleto caracteriza-se pela falta de costelas, as quais, porém, são substituidas funcionalmente pelos processos transversais das vertebras lombares, grandemente desenvolvidas; as extremidades posteriores são geralmente mais longas do que as anteriores, e por isso os sapos pulam melhor do que andam. A classificação é dificil, devido à falta de caracteres evidentes e constantes. Ha duas sub-ordens: (I) *Aglossos* (sem lingua), a que pertencem as poucas especies da familia *Pipideos*; todos os demais são (II) *Phaneroglossos,* isto é, providos de lingua. A êste tipo se subordinam as principais familias: *Bufonidae,* sem dentes, só o genero Bufo; *Hylidae,* com os dedos dilatados em ventosas (o genero *Hyla,* com mais de 50 especies, e *Phyllomedusa*); a fam. *Cystignathidae,* muito heterogenea, com os principais generos: *Hylodes, Ceratophrys, Paludicola* e *Leptodactylus.*

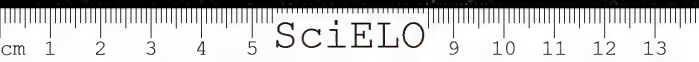
RÉPTEIS

Hidro-saurios: — corpo revestido de placas corneas com base ossea; cloaca em fórma de fenda oval-alongada:

a) corpo protegido por um escudo dorsal, convexo, e outro vental, plano; maxilares sem dentes . . . . *Quelonios.*

b) corpo revestido de placas corneas ou osseas; maxilares com numerosos dentes agudos . . . . *Emido-saurios.*

Esquamados: — corpo revestido de escamas (ou placas, mas estas nunca têm base ossea); cloaca sempre em fenda transversal:

a) em geral providos de extremidades quando ápodos, (o esqueleto possue pelo menos cintura escapular); olhos em geral com palpebras; os ossos craneanos não permitem movimentos amplos da bôca *Lacertilios.*

b) nunca com extremidades desenvolvidas (o esqueleto nunca tem vestigios de cintura escapular); olhos nunca com palpebras; os ossos craneanos de quasi todas as especies permitem enorme alargamento da cavidade bucal . . . . *Ofidios.*

AVES

Chave para classificação das principais ordens

A — Esterno sem crista — avestruzes — ordem 1.

AA — Esterno com crista — todas as aves restantes:

a) Dedos ligados entre si por largas membranas natatorias — *palpipedes, nadadores, aves aquaticas* propriamente ditas — Ordens 2 a 8.

aa) Sem membranas natatorias bem desenvolvidas entre os dedos.

b) Pernas núas ainda acima do «joelho» (isto é, da articulação tibio-tarsal) — *graladores, pernaltas, aves paludicolas* — Ordens 9 a 13.

bb) Pernas núas quando muito até o «joelho»:

c) O dedo posterior, em geral curto, insere-se acima da articulação dos outros dedos — nhambú — Ordem 14.

cc) O dedo posterior insere-se na base comum dos outros dedos:

d) Narinas recobertas por uma membrana ou entumecência — pombas — Ordem 15.

dd) Narinas visiveis ou recobertas só por plumas:

e) Pés com 2 dedos para diante e 2 para trás — *aves trepadoras* — Ordens 20 *a* até *g*.

ee) Pés com 3 dedos para diante e 1 para trás:

f) Com bico e garras fortes e aduncas — *aves de rapina* — Ordens 16 a 18.

ff) Com bico forte, galinaceo — *mutum, jacú, urú* — Ord. 19.

fff) O bico, em geral fraco, não tem as feições como supra:

1) Com 10 penas caudais:
a) Bico longo e forte — *martim pescador* — Ordem 20 *h*.
aa) Bico longo e muito fino — *beija-flôres* — Ordem 20 *i*.
aaa) Bico curto e largo:
b) Dedo médio com unha petinada; plumagem de coruja — *curiango* — Ordem 20 *j*.
bb) Feição de andorinha — *taperussú* — Ord. 20 *k*.
2) Com 12 penas caudais — *passaros* — Ordem 21.

As 21 ordens de aves da fauna brasileira

1) *Reiformes* — avestruz, nhandú ou ema.
2) *Anseriformes* — cisne, pato, marreco.
3) *Fenicopteriformes* — flamengo.
4) *Lariformes* — gaivota, trinta-réis.
5) *Procelariformes* — pomba do cabo, albatrós.
6) *Esfenisciformes* — penguim.
7) *Podicepidiformes* — mergulhão.
8) *Pelecaniformes* — biguá, mergulhão, alcatrás.
9) *Ardeiformes* — garça, socó, guará, jaburú, colhereiro; curicaca.
10) *Palamiformes* — anhuma, tachã.
11) *Gruiformes* — carão, jacamim, seriema.
12) *Charadriformes* — batuira, massarico, quero-quero, narceja, galinhola, vedeta, jaçanã.
13) *Raliformes* — saracura, frango dagua, picapara.
14) *Tinamiformes* — macuco, nhambú, codorna, perdiz.
15) *Columbiformes* — pombas, rola, jurití.
16) *Catartidiformes* — urubús.
17) *Acipitriformes* — gaviões.
18) *Estrigiformes* — corujas.
19) *Galiformes* — mutum, jacú, aracuan, urú.
20) *Coraciformes* — com as seguintes familias:

a) *Psitacideos* — papagaios;
b) *Ranfastideos* — tucanos;
c) *Trogonideos* — surucuá;

d) *Galbulideos* — guanumbiguassú;
e) *Buconideos* — joão-bobo;
f) *Picideos* — picapaus;
g) *Cuculideos* — sací, anú, alma de gato;
h) *Alcedinideos* — martim-pescador;
i) *Troquilideos* — beija-flôres;
j) *Caprimulgideos* — curiango;
k) *Cipselideos* — taperussú.

21) *Passeriformes* — passaros, subdivididos em:
a) passaros gritadores e
b) passaros canoros.

MAMIFEROS

A' sub-classe dos *Monotremados* pertencem os mamiferos mais rudimentares hoje existentes e que, em algumas particularidades do seu organismo, ainda revelam afinidades diretas com os vertebrados inferiores (osso coracoide independente, à semelhança dos repteis — e não fazendo parte do homoplata como nos demais mamiferos; têm cloaca e põem ovos). As poucas especies existentes vivem só na Australia e ilhas adjacentes: *Echidna* é um meio termo entre os tamanduás e ouriços; *Ornithorhynchus* é o exquisito «bico de pato».

Aqui estudaremos só as duas outras sub-classes: *Marsupiais* ou *Didelfos,* em geral aplacentarios, e a grande sub-classe dos *Placentarios* ou *Monodelfos,* compreendendo esta todas as ordens restantes; com exclusão de algumas, secundarias, que não têm representantes na nossa fauna, caracterizemo-las na seguinte chave:

A — Os filhotes nascem prematuramente (e nas especies maiores conclúim o desenvolvimento na bolsa marsupial); 18 incisivos ao todo, isto é, 10 no maxilar superior e 8 no inferior . *Marsupiais* (gambás).

AA — Os filhos nascem com o organismo já bem constituido; incisivos nunca em número superior a 12 . . . . (*Placentarios*):

B — Animais terrestres desdentados ou com dentes que não têm revestimento de esmalte . . . . *Desdentados* (tatú).

BB — Animais terrestres ou aquaticos com dentes revestidos de esmalte (com exceção dos Cetaceos maiores):

1 — Sem extremidades posteriores; mãos sem unhas distintas:

a — Com dentes agudos, numerosos, ou sem dente algum e, nêste caso, com numerosas barbatanas . . . . . *Cetaceos* (baleia).

aa — Só com poucos dentes, todos molares . . . . *Sirenios* (peixe-boi).

II — Com extremidades posteriores; com unhas distintas:

b) — Mãos transformadas em azas *Quiropteros* (morcego).

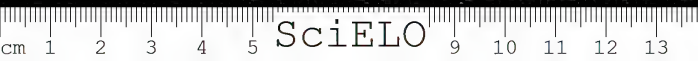
1) — Dedos com garras ou unhas aduncas; polegar reduzido ou atrofiado:

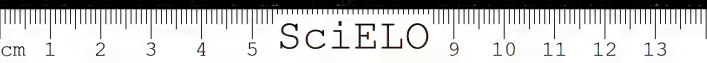
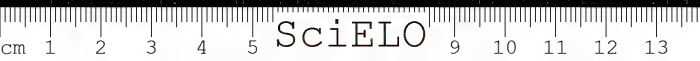
c) — Dentes caninos ausentes; incisivos predominantes, longos e curvos . *Roedores* (rato).

cc) — Com dentes caninos grandes; incisivos moderados ou pequenos . . *Carnivoros* (onça).

2) — Unhas transformadas em cascos *Ungulados* (anta).

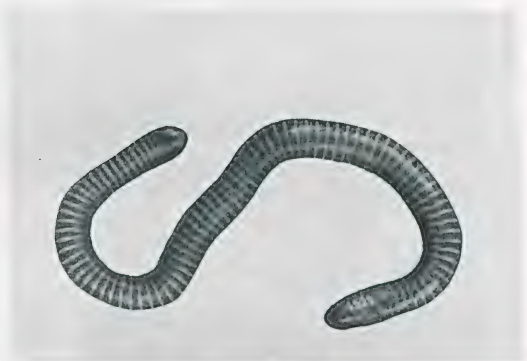
3) — Dedos (pelo menos o polegar) com unhas achatadas como as nossas; polegar com função equivalente à dos outros dedos . . . . *Primatas* (macaco).

— o —

ANFIBIOS

Ginofionos — Batraquios

Cobra-cega, Cobra-de-duas-cabeças

Siphonops annulatus.

No grupo dos lagartos ápodos encontramos as chamadas *cobras-cegas*, ou *cobras-de-duas-cabeças*, designações erroneas criadas pelo vulgo.

São encontrados a pouca profundidade do solo, em vida obscura, nos formigueiros abandonados e nos ter-

Lado ventral da cobra-céga, mostrando nitidamente os aneis e as duas extremidades.

renos humidos e ferteis, perfurando as camadas de terra fofa com a ponta rigida e conica do focinho e abrindo galerias à sua passagem.

Transcrevemos um topico da tese apresentada pelo nosso distinto amigo Paulo Sawaya quando do recente concurso havido para provimento do cargo de livre docente de zoologia da Universidade de São Paulo.

«Dentre todos os ginofionos, os que são verdadeiramente aquaticos são os do genero *Typhlonectes*. Os demais, em sua grande maioria, ocorrem nos banhados e não raro nos aguapés.

Segundo alguns autores, êsses répteis apresentam certos pormenores anatomicos que lhes evidenciam a adaptação às condições mesologicas dos seus sitios de eleição. Assim é que as branquias dos exemplares dêsse genero ainda existem no embrião, ainda que reduzidas a dois pares de um lado e tres do outro, circunstância que faz lembrar ter Hilzmeyer achado ser a vida aquatica dêsses lacertilios uma adaptação secundaria.

Tive oportunidade de verificar, por várias vezes, que o *Siphonops annulatus* não suporta a terra muito sêca e nem a muito humida. Um grau medio de humidade é necessario à sua vida em cativeiro e creio mesmo que em liberdade, pois várias vezes o encontrei à beira de corregos, em terrenos de estabulo ricamente adubados e de humidade média.

Segundo referências de chacareiros, êsses répteis aparecem com frequencia nos monticulos destinados à fermentação e constituidos de restos de vegetais, repolho e outros legumes, aparecendo poucas vezes à flôr da terra.

Ainda não me foi possivel determinar o seu alimento preferencial, embora a necropsia empreendida em várias dezenas dêles tenha revelado a presença constante de apreciavel quantidade de humus no intestino grosso».

Sapo comum

Bufo marinus.

Os sapos em geral desempenham um papel importante na defesa da agricultura, dando caça sem tregua aos insetos nocivos. Êsses animais inofensivos, de aspeto repelente, passam o dia recolhidos em vãos de pedras, por baixo de troncos apodrecidos, ou, ainda, em qualquer sítio sombrio e humido, onde dormitam preguiçosamente, achatados, com os braços esparramados para os lados

do corpo e as mãos voltadas para dentro, postura que lhes é peculiar.

Á noitinha, ao lusco-fusco, deixam os esconderijos e sáim à cata de alimentos.

Femea de sapo (B. marinus) mais clara e manchada do que os machos da mesma especie.

E' comum a sua frequencia nas casas do interior do Brasil, onde desempenham, em promiscuidade com os animais domesticos, a campanha salutar de comer besouros, baratas, mariposas, grilos e toda a enorme fauna alada que importuna o homem nas noites bochornais do verão.

O *Bufo marinus* é a especie mais conhecida de anuros. Mede de 20 a 22 centimetros. Acha-se espalhado por todo o Brasil e por quasi toda a America do Sul. Possúi, como várias outras especies, duas glândulas de veneno, sempre entumecidas, consideravelmente desenvolvidas e localizadas lateralmente na parte ântero-superior do corpo, conforme se vê na fotografia.

Os exemplares dessa especie, assim como os de várias outras, não tendo outro meio de defesa, costumam, quando muito irritados, segregar esse veneno, líquido esbranquiçado, vesicante, que provoca inflamação nas mucosas e vermelhidão na pele, podendo, ainda, determinar serios disturbios quando atinge a vista.

Essa substância, caustica e irritante, é aplicada sobre a pele dos papagaios, no interior da Baía, afim de lhes modificar a coloração da plumagem, que do verde claro passa para o amarelo gema de ovo.

O Sr. João de Paiva Carvalho, em seu trabalho manuscrito, relata-nos o seguinte:

«A desova verifica-se, geralmente, no mês de Novembro, podendo atingir a cêrca de 32.000 ovos, que a femea abandona às leis naturais. O girino, de vida mais ou menos consideravel, possúi duas ventosas na face ventral, que desaparecem muito cedo. Surgem primeiramente os membros posteriores; formam-se depois os anteriores, logo abaixo da dobra opercular. Antes de adotar a fórma definitiva, o girino perde a cauda que então possúi e lhe dá um aspeto de peixe.

O sapo adulto, de craneo volumoso, vive escondido em locas de pedra, em buracos abertos nos barrancos, nos paus apodrecidos, em lugares sombrios e humidos, donde só sái para a prática de exercicios venatorios, a que se entrega habitualmente. Nos dias chuvosos, entretanto, costuma frequentar os descampados, mas caça geralmente à noitinha, movendo incessante perseguição a insetos, vermes e larvas diversas que encontra. Constitúi, porisso, ótimo auxiliar para o agricultor, principalmente para o hortelão, como passaremos a expor mais adiante.

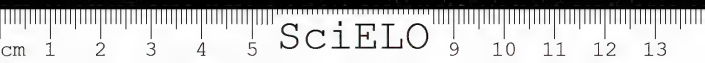
Sua utilidade já foi devidamente apreciada e reconhecida pelo govêrno de Cuba, tendo a Estação Experimental de Santiago de las Vegas importado um grande número dêles para distribuição entre os lavradores do país.

Verificou-se em Porto Rico o aparecimento de um besouro daninho, de habitos noturnos, cujas larvas se localizavam nas raizes da cana de assucar, matando a planta irremediavelmente. Os diversos processos quimicos aplicados no combate ao mal não deram o menor resultado, quando se observou que um sapo-gigante introduzido na região prestava enormes serviços na destruição da praga, não só devido aos seus habitos, tambem noturnos, mas tambem em razão do grande porte, que exigia uma quantidade apreciavel de alimento para satisfazer a sua extrema voracidade.

Desde aí o habito se generalizou entre os lavradores, que não mais cessaram de apelar para o concurso dêsse batraquio, que lhes protege admiravelmente bem as sementeiras.

A bôca dos anuros abre-se em larga fenda, bem rasgada e munida de lingua que, em fórma de fita, lhes facilita a captura de insetos, em virtude tambem de ser dotada de rapida movimentação. Em alguns exemplares é provida de dentes.

Os olhos são relativamente reduzidos; não possuim palpebra inferior, mas uma membrana movel, chamada nictitante. A côr varía em conformidade com o sexo, sendo amarela parda uniforme nos machos e tendo as femeas uma serie de manchas côr de sépia mais ou menos confluentes em cada lado da linha mediana, o que tambem se nota na fotografia.

Rosenfeld refere ter encontrado no estomago dêsses anfibios 24 % de formigas e vespinhas, 25 % de mariposas e vagalumes, 19 % de centopéas e 32 % de outros insetos. Com relação às formigas, chegou êsse autor à conclusão de que os sapos podem comer, em 24 horas, 36 dêsses himenopteros, em 30 dias 1.080 e em 3 meses 3.240.

Na opinião de Badgett, êsse batraquio póde comer até 52 mosquitos por minuto.

E' preciso notar que sua devastação já está se tornando absurda em virtude do aproveitamento de sua pele para o fabrico de cintos, bolsas e outros artefatos, ditos de luxo, o que precisa ser evitado a todo o custo».

* * *

Muito embora a moda feminina, caprichosa e exigente, insista em tirar a pele aos miseros batraquios, êsses bons e obscuros amigos do homem poderão escapar facilmente ao exterminio, graças à sua prodigiosa procreação, pois uma só femea deposita milhares e milhares de ovulos numa exigua poça dágua. O macho fecunda-os e em poucos dias se vê uma infinidade de girinos que sobem e descem nágua. Dias depois deixa o meio líquido uma assombrosa quantidade de pequenos sapinhos pardacentos, de um centimetro de comprido, que ganham a relva e por ela se perdem na ardua vida livre.

Convem ficar aqui registrado um fato interessante em relação á desova do sapo e da ran: enquanto a postura dos peixes é avidamente procurada por todos os insetos, aves aquaticas e por êles proprios, que a devoram com invulgar apetite, a dos anuros fica absolutamente intata, por entre a vegetação marginal, sem que animal algum dela se avisinhe, pois êsse conglomerado gelatinoso, de pequenos grumos e nucleos negros, mantido em condições propicias pela espuma espessa, consegue afugentar os mais vorazes peixes, quando não exerce sobre êles uma eficiente repulsão natural.

O *Bufo marinus*, si não é o maior sapo brasileiro, deve estar pelo menos em segundo lugar quanto ao tamanho, pois lembro-me perfeitamente de ter examinado em Mojí das Cruzes um dêsses exemplares que tinha proporções verdadeiramente descomunais.

Alipio Miranda Ribeiro, em seu excelente trabalho sobre os «Ginobatraquios brasileiros» (Arch. Museu Na-

cional XXVII) afirma ser êsse o maior de todos os sapos brasileiros, muito embora a voz corrente se incline a afirmar que o sapo-intanha *(Ceratophrys dorsata)* o excede em tamanho e pêso.

Sapo-intanha, Sapo-untanha

Ceratophrys dorsata.

Quem se dispuzer a estudar um dos ramos da biologia, principalmente no Brasil, encontrará uma quantidade de material científico tão grande que só ante o número de fórmas ictíacas do Amazonas e seus caudalosos afluentes ha de ficar perplexo.

E' assim que, realmente admirado, ainda conservo bem viva a lembrança das lindas coleções policromicas de aves que Ernesto Lohse tão carinhosamente organizou e me apresentou em 1927.

E' de surpreender a prodigiosa riqueza entomologica do extremo norte do país, tão vasta que cheguei à convicção ceptica de que só uma vida humana é demasiado curta para estudar e classificar tão copioso material.

Lendo ultimamente o trabalho do eminente zoólogo patricio Alipio Miranda Ribeiro acêrca dos «Ginobatraquios brasileiros», e frente a tamanha multiplicidade de generos e de especies com que a natureza dotou esta parte do continente americano, senti-me inclinado a ratificar aquela persuasão.

Êsse devaneio se prende ao sapo-untanha, ou intanha, batraquio originalissimo que se apresenta à nossa vista revestido de curiosos arabescos de cores bastante vivas, e singulares apendices palpebrais, em cuja base anterior se acham localizados os olhos.

O coaxar de tal anuro é lugubre, fazendo lembrar o longo mugido triste do bezerro.

Chega a atingir vinte e cinco centimetros de comprido. A pele é rugosa na região dorsal e ao longo da faixa esverdeada que, de coloração intensa no focinho, se vái aclarando até tornar-se amarelada, para a parte posterior do corpo.

Ao lado dessa faixa larga, que provavelmente lhe deu o carater especifico, notam-se manchas denegridas, irregulares e debruadas.

A côr é castanho-escura, notando-se pigmentos negros bem distintos nos flancos.

Formando duas linhas ao longo da faixa dorsal, ha duas saliências que, indo até os dois apendices palpebrais, aí se elevam em fórma de chifres rudimentares, sob os quais se acham os olhos, de iris esverdeado.

As pernas e os braços, manchados de escuro, apresentam listas intercaladas de pardo-rubescente e verde.

A bôca do untanha é rasgada, e a lingua chata, mostra papilas isoladas.

Êsse sapo «mascarado» é destemido. Não foge facilmente aos agressores, como de ordinario acontece com os de outros generos, pois, assediado, arma-se todo em bodoque, abre a bocarra e dá um longo berro plangente, de vibração mais ou menos intensa, que mais parece um pedido de misericordia do que mesmo um grito de alarma ou combate.

Abocanha tudo que lhe cái ao alcance. Dizem mesmo que até brasas êle engole...

Caça insetos de toda sorte, desempenhando tarefa diuturna de profilaxia nas hortas e sementeiras, onde, entretanto, como em outros lugares, não é frequente.

Aparece nos Estados do Espirito Santo e Rio de Janeiro, sendo tambem encontradiço, na extensão que vái de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Pipa

Pipa pipa. — Pipa americana.

Ha no extremo norte do Brasil um sapo de conformação curiosa, conhecido pela denominação vulgar e tambem científica de *pipa.*

A cabeça conica, os olhos pequeninos, os membros posteriores robustos e os dedos longos, providos de amplas membranas natatorias, denotam-lhe o hábito aquatico.

Notam-se-lhes tambem, no revestimento externo, inúmeras glandulas diminutas, sobresalientes, que, no tempo da procriação, entumecem exageradamente, fixando e protegendo os ovulos, donde surgirão os minusculos girinos.

O sapo-pipa mostrando nitidamente as carateristicas anatomicas.

Admitiu-se por longo tempo que essas glandulas se abriam em grandes poros, em que se alojavam os filhotes na fase inicial da vida livre, mas, graças a estudo ulterior, conduzido por Bartlett em 1896, (*) chegou-se à conclusão, depois positivada em observações rigorosas, empreen-

(*) «Proceedings of the Zoological Society of London», pag. 595, 1896.

didas em viveiros dotados, quanto possivel, das condições naturais do meio em que vivem êsses batraquios, «que a femea, durante a cópula, que se realiza nágua, emite largo e deprimido ovopositor, resultante da eversão da membrana da cloaca, o qual, passando pelo torax do macho e pelo seu proprio dorso, aí deposita toda a postura. A presença dos ovos no dorso materno excita grande atividade cutanea e a pele da femea se torna espessa, elevando-se gradualmente em tôrno de cada ovo, que, por fim, é quasi incluido em camara bem definida; (**) êsse processo de recobrimento foi comparado por J. Müller e outros à inclusão ovular dos mamiferos pela membrana caduca do utero.

O número de camaras contendo ovos variou, nos diferentes exemplares examinados, de quarenta a cento e quatorze».

As larvas ficam nas camaras cutaneas até que os membros se formem de todo, com as caudas absorvidas e as cabeças para fóra, espiando o que se passa no mundo exterior...

Ha estudo especializado, feito por Wyman e Boulenger, sobre os dois generos de *pipas* conhecidos.

Êsses anuros são corcundas e têm vinte centimetros de comprido. As linhas dêsses anfibios, eminentemente caracteristicas, bem como as membranas interdactilas, permitem-lhes nadar com grande desembaraço e atravessar rapidamente, o emaranhado das plantas aquaticas, para subir à tona dágua.

Os dedos das mãos são providos, nas extremidades, de curiosos apendices, que parecem desempenhar alguma função até agora infelizmente pouco versada.

A lingua é curta. O dorso do adulto é olivaceo-denegrido e a região ventral é alvacenta. No jovem êsse tom é escuro, quasi preto.

Embora não ocorra no Pará com a frequencia que era de esperar, é êsse o Estado brasileiro onde o originalissimo anuro é mais comum.

(**) **Nota do autor** — É isso exatamente o que se dá com alguns cascudos *(plecostomideos e loricarideos)*, que, na desova, retêm os ovos no ventre entumecido.

Alimenta-se de insetos e larvas encontrados dentro e fóra dágua, mas não despreza pequenos peixes e crustaceos. A originalissima morfologia do anuro poderia ser interpretada nas artes plasticas, especialmente na ceramica, aliás hoje tão apreciada.

Rans e Pererecas

Leptodactylus ocellatus.
Hyla faber.

As *rans* e as *pererecas* formam, ao lado dos sapos, um grupo interessante. Desempenham, como êstes, importantissimo papel no cenario da natureza, combatendo insetos e larvas prejudiciais à agricultura.

As rans, além de terem a excelente qualidade de serem insectivoras, têm uma carne deliciosa, mui delicada e branca, facilmente digerivel, razão por que é procurada pelos grandes hospitais dos Estados Unidos.

As *pererecas* são pequenas rans notambulas que pertencem à familia dos *hilideos*.

São providas de ventosas nos dedos, com o auxílio das quais aderem a qualquer superfície lisa; por isto sobem facilmente pelas paredes e troncos de árvores. São animais muito uteis ao redor das casas, porque dão caça aos insetos.

No telhado da cozinha da nossa casa de campo moravam alguns dêsses «sapinhos», como o povo teima em chamá-los, erradamente, e por certo foi devido a êles que as baratas não conseguiram proliferar; autopsiando um dêles, verificámos que de fato eram aquêles insetos o seu alimento. A voz das «pererecas» é aspera e diz mais ou menos as silabas do seu nome, que elas repetem principalmente antes das chuvas, com tempo muito encoberto, com luz semelhante à crepuscular, que é a que mais lhe agrada, pois seus hábitos são noturnos.

Tão variadas fórmas abrange o genero *Hyla* que só êle, com cêrca de sessenta especies descritas, cobre um terço de toda a fauna dos batraquios do Brasil. Com-

putando tambem os generos *Hylella* e *Phylomedusa*, pertencentes à mesma familia, registámos setenta especies, contra um total de cento e sessenta e cinco de todos os *anfibios* e caudatos da nossa fauna.

O verbo «pererecar» (pular, movimentar-se agitado), muito do nosso falar, não só caipira, como familiar, foi registado por Amadeu Amaral no «Dialeto Caipira» como sendo derivado do verbo da lingua geral «perereg», que significa o bater das azas das aves.

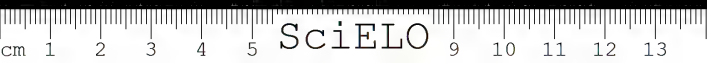
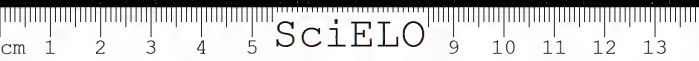
Diz Amadeu Amaral: «O valor atual do verbo póde compreender perfeitamente essa noção, desde que se lhe junte a idéa de movimento ansioso e repetido, como o da ave que se agita para escapar. Seria esta a compreensão do vocabulo indigena?»

Cremos, porém, derivar-se tal verbo muito mais simplesmente, da mesma palavra onomatopaica, já integrada em nosso vocabulario, na sua acepção de substantivo aplicado aos pequenos batraquios, como acima ficou definido. O sentido de «saltitar, debater-se» fica bem abrangido pela comparação com o bichinho, que salta lesto e foge aos pulinhos, subindo pelas árvores.

Na Baía os pequenos batraquios arboricolas são denominados «rans» e lá a palavra «perereca» é usada sòmente com a significação de *cavalo pequeno* (*piquira*, de São Paulo, ou *petiço*, do Rio Grande do Sul).

o

RÉPTEIS

Quelonios — Emidosaurios
Lacertilios — Ofidios

Jabotí — Tartaruga

Testudo tabulata.
Podoenimia expansa.

O aborigene tem êsse *quelonio* em conta de sabio, prudente e ardiloso, atributos que tambem a raposa recebeu no folclore alienigena.

Nas fabulas do Brasil septentrional, nêsse pitoresco poranduba amazonico, aparece o jabotí como simbolo de ponderação e de inteligência. O selvicola, na observação do animal tardigrado, estupido e inofensivo, atribuiu-lhe qualidades excecionais, que, na realidade, faltam a êsse *quelonio,* cujos habitos de vida só revelam caturrice e, em determinadas circunstâncias, uma estupidez maciça e impenetravel.

Ha dez anos o nosso finado amigo Dr. Luis de Campos Moura recebeu do Rio um belo especime dêsse animal encouraçado e de vida obscura, que, retraido, passou a viver nos cantos do quintal. Uma noite de São João, quando as chamas da fogueira tradicional serpeavam pelos troncos crepitantes, o jabotí embarafustou por entre os lenhos em brasa e morreu queimado. Causou-me surpresa e pena êsse fato que, depondo contra a propalada sabedoria de suas atitudes, bem representa um atentado contra o instinto de conservação inato em todo sêr.

Os jabotís *(Testudo tabulata),* a martirizada tartaruga (*P. expansa*), perseguida, implacavelmente, desde a desova até quando adulta; o saboroso tracajá *(P. dumeritiana)* o mussuan, tocado a fogo das planicies de macega do Pará, enfim, muitos outros quelonios saborosos e de grande valor economico vêm, ha muitos anos, sendo sistematicamente exterminados com perversidade requintada e ausência completa da menor noção de previdência.

As tartarugas, na epoca da desova, quando deixam os rios e buscam as praias altas, livres das enchentes, são apanhadas às dezenas e viradas de costas para serem re-

metidas aos mercados consumidores ou para se transformarem em *mixiras*.

Os ovos são avidamente procurados ao longo das praias, onde o rasto do anfibio ou a elevação que êle faz na areia possam denunciar o lugar certo da postura. Os filhotes recem-nascidos são colhidos às centenas para serem

Jabotís em amistosa reunião.

cozidos como são apanhados! Tudo é sacrificado numa verdadeira ânsia de fazer dessas paragens verdadeiros desertos!

O aproveitamento racional dêsses fartos recursos de que a natureza proveu o homem seria uma consequencia logica das exigências da vida, mas o desperdicio dessas reservas é crime, é barbaria que deve ser reprimida, com toda a severidade, pelos poderes publicos.

Jacaré

Caiman niger. — Caiman sclerops.

A quantidade de jacarés em certas regiões do país é tamanha que ultrapassa às mais fantasticas concepções. No Amazonas, Pará e Mato Grosso êsses saurios, na epoca das vazantes, aparecem nos bamburrais e corixos em tal número que surpreendem o olhar mais afeito a êsses espetaculos da natureza.

Em Marajó, nos campos estensos a se perderem de vista, emoldurados pela restingas que bordejam os rios

No igapó vê-se a quantidade de jacarés que se aquecem ao sól.

e igarapés, ha, de quando em quando, uma grande depressão do terreno, que fica inundado pelas águas do rio mais proximo, onde aparecem, às centenas, as cabeçorras dêsses grandes e preguiçosos monstros.

Desejaria transmitir ao leitor a grandiosidade dessas cenas selvaticas que caracterizam o interior do Brasil equatorial, onde, mais do que em qualquer outro lugar, vibra a criação natural em cada parcela dêsse cosmos complexo.

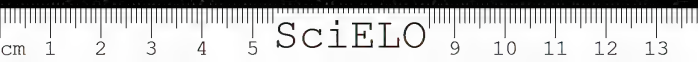
O interior da Ilha de Marajó, em determinadas epocas do ano, oferece ao naturalista, como ao viajante, as-

petos curiosos da riqueza zoologica, ao lado das excecionais condições ecologicas que lhe permitem apresentar, nêsse formidavel teatro, os dramas diuturnos da luta pela vida entre os animais que nela se refugiam, sentindo-se tambem o evoluir da propria terra em seus fenomenos geologicos, sob a fôrça de elementos fisicos que atuam constantemente nessa imensa gleba de terra de aluvião, modificando-a à bôca do grande rio, que ora parece querer tragá-la e ora parece querer ampliá-la com sucessivas descargas de novas sedimentações...

Deixemos as digressões, que nada têm a ver com a descrição dos jacarés, e voltemos ao assunto abordado.

De Setembro a Novembro a baixa constante das águas determina o escoamento das lagôas e balcedos, o qual ocorre através dos canais que os abastecem por ocasião das cheias. Por êsses drenos, que os caboclos chamam de «furos», vai a água desaparecendo, devido tambem à grande evaporação. Em poucos dias se vêem as bordas dos balcedos, que, ressequidas, se racham ao sol abrasador e, ao longo da depressão mais funda do solo se nota o lamaçal morno, com poças dágua grossa e quente, donde emergem as inúmeras cabeçorras e dorsos, enormes, dêsses répteis gigantescos.

Por essa ocasião o peixe, preso naquêle reduzido depósito dágua, que mingúa de dia para dia, é facilmente abocanhado pelos jacarés. Na falta do pescado os menores são estraçalhados pelos maiores na luta desesperada pela vida.

Quando por lá estive tomei as seguintes notas no meu canhenho de viagem: «Êstes estensos campos naturais são anualmente adubados pela cheia dos rios. Com o recúo das águas, formam-se, como é natural, formidaveis depósitos dágua nas depressões do imenso tapete de gramineas. Aí nêsses alagados, ou «bamburrais», como os marajoaras os denominam, ajunta-se uma quantidade fantastica de jacarés, aves aquaticas e peixes, cobras e mosquitos.

Os criadores de gado vacum da ilha sofrem grandes prejuizos com os jacarés, que, à medida que as águas vão baixando, mais nocivos se tornam, porque o gado, necessitando ir beber água onde êles se acham reunidos, sái frequentemente mutilado pelas dentadas desses animais traiçoeiros.

A quantidade de saurios que fica bloqueada nêsses lugares é verdadeiramente assombrosa.

Anualmente os fazendeiros mais cuidadosos organizam uma «batida» para matá-los a machadadas, prati-

Os balcedos ressequidos se racham ao sol abrasador. . .

cando-se essa originalissima caçada da seguinte maneira: quatro ou cinco nativos, munidos de longas varas, metem-se pelo banhado a dentro e começam a malhar incessantemente a superficie da água. Os jacarés, amedrontados, procuram a extremidade do chavascal, onde são atacados, sempre pela frente, por outros tantos vaqueiros, que, resolutos, armados de machados, desferem golpes certeiros na sutura mediana do craneo dos anfibios. Apesar da invulgar rigidez do couro, êsses monstros sucumbem num só golpe, espadanando pela água lamacenta no derradeiro estertor da morte.

Êsse espetaculo, inédito para a gente do sul do Brasil, repete-se periodicamente no interior daquela pitoresca região insular.

*
* *

Como é de todos conhecido, os jacarés são animais oviparos das regiões quentes do Brasil, os quais vivem ao longo dos rios caudalosos e de águas mansas, ou pelos lagos ou lagunas de águas doces ou salobras.

Já vimos, linhas atrás, o que se dá quando baixam as águas dos depositos lacustres da Ilha de Marajó e do Estado de Mato Grosso. Quando elas crescem êsses répteis retomam a vida normal, que consiste em nadar de um lado para outro, ora caçando, ora saindo para a areia das praias, já para desovar, já para esquentar-se ao sol, dormitando pachorrentamente.

A desova das duas principais especies dêsses emidosaurios amazonicos consta de 48 a 60 ovos do tamanho dos da perúa, com a casca aspera e branca. Os ovos são depositados numa cova rasa, que o animal abre com as patas dianteiras, tendo o cuidado de revestí-la com grande quantidade de folhas sêcas e resíduos de vegetação encontrados no lugar. Dizem que a eclosão se dá em um mês.

Pude verificar certa vez, no Rio Ararí, em Marajó, uma perseguição de um jacaré a um pato caseiro. O jacaré, dando repetidos mergulhos, perseguia o pato, mas êste, matreiro, divertia-se em desnorteá-lo, pois toda vez que a cabeçorra do jacaré surgia nágua já o suspicaz palmipede se tinha desviado para um lado.

Passaros aquaticos, capivaras, pacas, porcos selvagens e a propria sucurí são alvo da perseguição dos jacarés. Fato curioso vem abrir uma exceção nesse particular: algumas aves fazem amizade com os jacarés catando-lhes os parasitas do corpo e até da boca! Destacam-se as piaçocas e as garças morenas. Pude observar tambem, no lago Paricatuba, no baixo Purús, o quanto são êles medrosos para com o homem.

Via-se, numa das feitorias de pesca do pirarucú a grande quantidade de focinhos dêsses répteis, que, à espera dos restos do peixe que se beneficiava para a secagem ao sol, emergiam da água tranquila do formoso lago. Como é frequente aparecer nêsses pontos de trabalho algum dêsses tipos que se alegram sob os efeitos das emanações do caldo de cana fermentado e distilado, não demorou muito para que lá se apresentasse um cearense a desafiar o apetite dos jacarés, e isto por um simples trago mais de cachaça.

Feita a promessa, o homem tirou a camisa curta que lhe cobria o peito largo e moreno e de um salto precipitou-se no meio daquela guarda avançada que meteria medo aos mais afoitos caçadores da Africa...

O grande apetite dos jacarés desapareceu ante o desejo imenso daquêle caboclo de tomar o seu calice de aguardente.

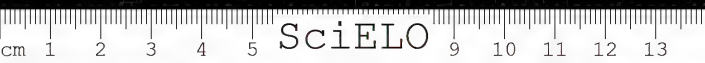
Dizem os seringueiros que o jacaré ataca quando está no chôco, isto é, quando monta guarda ao ninho.

Êsses anfibios gostam de atacar os cães, de preferência quando êstes, nos exercicios de caça, atravessam os rios ou lagos. O som que o jacaré emite ao anoitecer é semelhante ao latir rouquenho do cão, como tive oportunidade de verificar no Ararí. Os filhotes chiam como as rans.

O quanto têm de lerdos e desageitados em terra, têm de rapidos e habeis na água, desenvolvendo, com a cauda, achatada lateralmente, e com os membros posteriores, exercicios maravilhosos de natação superficial ou de imersão com subtileza incrivel.

Enxergam bem fóra dágua, mas muito melhor dentro dela, ouvindo tambem regularmente. Os outros sentidos são pouco desenvolvidos.

Nos apontamentos tomados por D. Felix Azara em suas viagens pela America Meridional, que ocorreu entre os anos de 1781 e 1801, lê-se o seguinte:

«Se le encuentra en casi todos los lagos y hasta en los rios cuya corriente no es fuerte, con frequencia no

se ven más que sus ojos sobresalir del água; pero hacia medio dia sale para dormir sobre la arena de la orilla y apenas oye ruido se precipita en el água».

A carne do jacarétinga (*Caimam sclerops*) é saborosa e muito nutritiva.

A do jacaré-ussú *(Caiman niger)* tem um cheiro forte, almiscarado, repugnante, mas assim mesmo os indios do Pará e do Amazonas a comem moqueada. As glândulas axilares dêsses hidrosaurios secretam um líquido amarelado, côr de ambar, excelente fixador para perfumaria.

O valor do couro dêsses animais tem crescido ultimamente nos mercados da Europa, da America do Norte e mesmo da Argentina. Bem curtido e preparado, vale de 160$000 a 180$000.

Lagarto, Teijú, Teiú, Tiú — Camaleão, Papa-vento, Sinimbú — Lagartixa, Osga

Iguana tuberculata. — Tejus teyou.
Tropidurus torquatus. — Polychrus acutirostris.
Ophiodes striatus. — Amphisbaena alba.
Mabouia agilis. — Hemidactylus mabouia.

Êste imenso Brasil, de climas e condições atmosfericas variadissimos, é um enorme viveiro dessas especies de répteis, mais numerosos ainda na parte septentrional, onde o calor é mais intenso.

As especies até hoje estudadas e classificadas já ultrapassam a cento e vinte, destacando-se, entre elas, o camaleão *ussú* e o lagarto *tiú*, respectivamente *Iguana tuberculata et Tejus teyou.* Dezenas de outras fórmas menores de lacertileos são encontradas sob a designação vulgar de lagartixas.

Lagarto, tiú

Tejus teyou.

Êsse reptil comunissimo, que, em estado de hibernação, passa entocado grande parte da vida, isto é, de Março a Outubro, tem particularidades biologicas interessantes, que passaremos a descrever:

A femea deposita, geralmente em Dezembro, nos formigueiros, sob a folhagem picada e humida ou na terra escavada, 35 a 40 ovos de tres centimetros de longo por um e meio de grosso. Com os dois principais elementos necessários à evolução — calor e humidade — processa-se a segmentação e demais fases embrionarias, até que, ao fim de um mês, se dá a eclosão.

Os filhotes permanecem dois ou tres dias junto das cascas dos ovos, abandonando-as depois para procurar

Lagarto, tiú, mostrando os desenhos simetricos da sua pele.

a alimentação na vida livre, enfrentando todos os rigores e vicissitudes que ela oferece aos inexperientes.

Fenomeno identico de oviparidade se reproduz em todas as cento e vinte especies, que diferem da anterior apenas por depositarem os ovos em lugares diferentes, ou melhor, na areia, em frinchas de pedras, nos ôcos de paus apodrecidos, etc..

Todas elas são, igualmente, insetivoras, embora as especies de tamanho maior dêem preferência aos filhotes de passaros, bem como aos peixes, crustaceos e frutos silvestres.

O lagarto atinge, em via de regra, um metro e meio de comprido, cabendo pouco mais da metade á longa cauda despontada, toda formada de aneis negros e amarelados.

Êsse reptil costuma percorrer, nos dias quentes do ano, ou antes, de Novembro a Março, as capoeiras, os roçados e as bordas das matas, caçando insetos, comendo filhotes e ovos de passaros, pequenos roedores, e gostando de comer tambem, joá, araçá e gabiroba. Percorre os lugares ensombreados, a perscrutar tudo e a pôr para fóra, de quando em quando, a lingua rosada e bipartida.

Apesar de ter as pernas curtas, e os dedos longos, consegue correr com velocidade, levantando a longa cauda, em curva, por sobre as costas. A carne é apreciadissima, e com muita razão, pois, além de branca e delicada, tem um sabor agradavel.

O lagarto *tiú*, ao contrário do que se dá com o camaleão, não gosta dos terrenos humidos, por isso que frequenta os sêcos e pouco ensombreados, abrigando-se em buracos abandonados. Muda de pele, ou por outra, troca, uma vez por ano, a cutícula que lhe reveste o couro. O lagarto irrita-se facilmente, ficando arcado e estufando a papada. Enfrenta as cobras venenosas.

Camaleão, Papa-vento, Sinimbú

Iguana tuberculata.

Desconhecendo a biologia do camaleão *ussú*, pois as poucas vezes que o encontrei em liberdade, pelo interior do Amazonas e do Pará, êle se achava solenemente imovel, com a longa cauda pendida para um lado, cochilando num galho de árvore debruçado sobre o rio, ou então à venda no mercado, com as patas amarradas às costas e esperando, talvez, nêsse suplício forçado, que alguem o comprasse e o matasse logo...

Não vão longe os meus conhecimentos acêrca dessa especie da nossa fauna, razão por que transcrevo para aqui a notícia que Ihering nos dá a respeito:

«Camaleão. (Palavra de origem grega) ou antes *camaleão grande, papa-vento* ou *sinimbú* do Brasil central ou ainda *preguiça*. Abrange vários répteis um tanto semelhantes aos lagartos, lacertileos, da familia *Iguanideos*. A maior das especies é *Iguana tuberculata*, que atinge quasi dois metros de comprimento (190 centimetros); a cabeça é grande, triangular e tem um saco que o animal estufa quando irritado, assim como levanta as pontas da crista que lhe vai da nuca até à cauda, onde os dentes dêsse longo pente se tornam sucessivamente menores. Os dedos tanto da mão como do pé são enormes; a cauda excede o comprimento do corpo. A côr predominante é a verde, manchada de azul, verde escuro e pardo; a cauda tem faixas transversais. Certas regiões do nordeste brasileiro dão-lhe o nome de *preguiça* pelo fato de o animal não fugir, mas pretender, imobilizado, fazer-se confundir com a folhagem. E', todavia, lesto e agil, tanto nos galhos das árvores como na água, nadando e mergulhando com perfeição. Alimenta-se não só de vegetais e insetos, mas tambem dos outros pequenos animais que póde subjugar. Quando atacado pelo homem, e não podendo fugir, avança para êle com coragem e, si consegue pregar-lhe os dentes, cerra a bôca e não larga mais. Mas quem o caça leva para casa mais do que uma galinha, quer no pêso, quer na qualidade da carne, que é das mais delicadas. Os ovos, que tambem são apreciados, são do tamanho dos de pomba, elasticos e inquebraveis, e encontram-se, em número de quinze a trinta, depositados na areia; contém quasi só gema, que não endurece ao ferver.

Têm ainda o mesmo nome as especies do genero *Polychrus*, um tanto semelhantes, mas desprovidas de crista. Ha, ainda, outras especies menores.

Nossos sinimbús, como em tupí foram chamados os grandes lacertileos da familia dos *iguanideos*, têm, como os verdadeiros *camaleontideos*, a mesma propriedade de mudar de côr adatando-se ao ambiente.»

*
*   *

Como ha os pequenos camaleões de 30 a 40 centimetros de comprido e pertencentes aos generos *Enyalius et Ophryoessa,* que frequentemente se encontram nos galhos sêcos das árvores em perfeito mimetismo com a côr e a imobilidade rigida do vegetal, assim tambem se notam, nas casas do litoral do Brasil, as familiares lagartixas, que deixam, ao entrar a noite, os seus esconderijos domiciliares para sair à cata de insetos pelas paredes e no teto das habitações.

Essas lagartixas esbranquiçadas de olhinhos negros, da familia dos *geconideos, Hemidactylus mabouia,* não excedem a dezesete centimetros de comprido, mas, graças aos dedos, dilatados e providos de placas aderentes, percorrem as paredes, os tetos e até as vidraças com agilidade e segurança dignas de admiração.

Muitas outras especies são encontradas nos penhascos e pelas charnecas de Minas, Goiás, Baía e nordeste do Brasil, predominando a coloração cinza-escura com laivos esbranquiçados.

Uma especie muito delicada, verde-folha, é encontradiça nas matas do Paraná.

São animaisinhos verdadeiramente uteis ao homem, pois em nada o incomodam. Entretêm guerra constante aos insetos nocivos e impertinentes.

Todos os lagartos e lagartixas do Brasil não são venenosos.

Sucurí, Sucurijú

Eunectes murinus.

A sucurí é a maior serpente do mundo. Atinge até doze metros de comprido por vinte e seis centimetros de diametro. O formidavel poder de constrição é realmente extraordinario, como adiante veremos. A capacidade de dilatação dos ossos que lhe constituem a cabeça é admiravel e graças a isso é que êsse gigantesco ofidio consegue engulir animais de porte volumosissimo.

Os sertanejos fazem a diferenciação entre a sucurí comum e a sucurí de barriga dourada e de manchas

amareladas, chamando a este de sucurijuba, ou simplesmente sucurijú, o que significa, na lingua tupí-guaraní, sucurí amarela. Dizem tambem os sertanejos que essa especie cresce mais do que a comum, sendo tambem mais agressiva. Seja como fôr, o que está fóra de dúvida é o grande tamanho e pêso alcançados por essa monstruosa serpente brasileira. Exemplares capturados em Mato Grosso, Amazonas e Pará apresentam proporções

Sucurí enrodilhada — posição de repouso.

tais que dificilmente seriam imaginadas: 12 metros de comprimento, 75 quilos de pêso e 26 centimetros de diametro atestam bem o que são êsses répteis e a fôrça prodigiosa que possuim!

As fotografias aqui apresentadas ilustram convenientemente o assunto. Na primeira vemos uma sucurí enrodilhada, na posição de descanço; por essa gravura se verifica a pequenez da cabeça do animal com relação ao volumoso corpo. Na segunda vemos oito pessoas sustentando um exemplar, não dos maiores, morto em Mato Grosso em 1932.

Nos trabalhos da Comissão Geografica e Geologica de São Paulo ha documentação escrita e fotografica do levantamento do Rio Paraná. Nêsse album se vê um soberbo exemplar de sucurí abatido a tiros de carabina na margem esquerda daquêle belo rio, em territorio de São Paulo, no ano de 1906.

A sucurí, como serpente áglifa, não tem bolsa de veneno e nem presas inoculadoras. As suas maxilas são providas de dentes pequenos, mais ou menos iguais, que

Sucurí capturada em Mato Grosso.

têm por fim reter o animal na bôca para poder deglutí-lo após os preparativos preliminares, descritos a seguir.

Para apanhar a presa desejada, a sucurí, sempre que póde, prende a extremidade da cauda a um cepo ou tronco de árvore e, rapida, enrodilhando o pescoço, atira-se à vítima descuidada, envolvendo-a em laçadas sucessivas, cada vez mais fortes e eficientes, que acabam por privá-la de qualquer movimento de defesa.

Em poucos minutos o animal fica exausto, entregando-se à formidavel pressão da gigantesca serpente.

E' tal a fôrça desenvolvida pelo ofidio nessa constricção que até se estalam os ossos da vítima, cujo corpo chega a ficar mais longo, fino e deformado. A sucurí

segrega então abundante salivação viscosa, humedecendo todo o animal, que em seguida é deglutido, para o que se dilatam prodigiosamente todos os ossos da cabeça do ofidio, o qual se contrái todo, em movimentos repetidos, para auxiliar a deglutição.

A digestão é muito lenta, pois chega a levar um mês, e é auxiliada pela decomposição natural do animal.

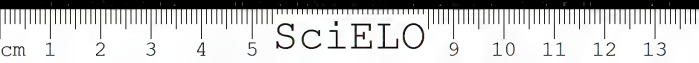
*
* *

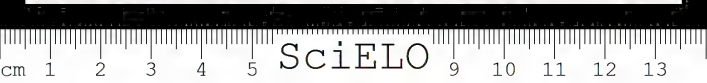
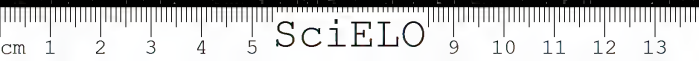
A sucurí habita as imediações dos rios e banhados sujos, onde a vegetação a proteja e facilite a caça dos animais ribeirinhos e outros que, não o sendo, vão matar a sêde nêsses sitios.

Gosta imensamente da água e por isso é comum subir pelos rios até as proximidades dos chiqueiros das fazendas, dando caça aos leitões. Nada e mergulha com admiravel pericia, procurando, nas incursões que faz à noite ou pela tardinha, surpreender as capivaras, os veados, as pacas e os catêtos que se aproximam, despreocupados, das barrancas dos rios e lagôas.

Quando a sucurí mergulha é para aparecer nas proximidades do caçador ou de quem a assuste, abre a bôca e emite, um chiado impressionante. Êsse chiado é comum à sucurí (*), pois já tive oportunidade de ouví-la fazer a mim essa desagradavel saudação quando, distraidamente, pescava pacús à sombra de uma figueira no Rio Paraná.

———o———

(*) A giboia *(Constrictor constrictor)* tambem produz, com muito maior frequencia, êsse chiado, especie de expiração longa, demorada, que o nosso caboclo crê ser capaz de fazer «desmanchar» o sangue da pessôa atingida. . . Uma lenda, como tantas outras, destituidas de fundamento.

AVES

As 21 ordens de aves da fauna brasiliense que constam da classificação inicial

Guaripé, Ema, Nhandú ou Avestruz

Rhea americana americana.

Sob essas quatro designações vulgares é conhecida, em todo o Brasil e republicas limítrofes, a *Rhea americana* — a grande ave que todos os sertanistas conhecem como assidua moradora das campinas estensas do país, onde a vamos encontrar em bandos ou grupos de oito a dez individuos.

A ema distingue-se de outras aves pela ausência da crista do osso do *externum*, dêsse conhecido osso do peito, em fórma de gume e de bordo e parte posterior cartilaginosos, e pela falta das remiges da mão das azas, providas sòmente de penas longas e flexiveis, o que não lhe permite alçar vôo.

Na cauda faltam as retrizes, mas, para compensar essa deficiência da plumagem, possúi ela pernas musculosas e compridas, que a auxiliam poderosamente nas corridas desabaladas. Falta-lhe nos pés o dedo traseiro.

A ema, ou, mais propriamente, o nhandú dos guaranís, conta com duas especies sul americanas, ambas legitimas representantes do avestruz africano.

Existe um outro genero dêsses corredores, na Patagonia, chamado pelos castelhanos de *nandú petizo,* e isto por ser uma eminha de tipo muito interessante. Todas elas vivem em condições identicas, em planicies de campos de macega, onde se sintam abrigadas das importunações dos homens e seus apaniguados.

Nessas planuras estensas, os nhandús, como já dissemos atrás, vivem em grupos de oito a dez, acompanhando o gado ou as manadas de veados brancos, dêsses *campeiros* que se vão escasseando pela perseguição dos caçadores insaciaveis. Êsse fato das emas procurarem êsses ruminantes se explica pela dejeção de seus excrementos atrair grandes quantidades de insetos, que são avidamente

apanhados pelas bicadas certeiras do nhandú. Tal fato se dá igualmente com o avestruz dos campos africanos, onde vamos encontrá-lo com as zebras e antilopes em franca promiscuidade.

Ema macho irritada.

Impossibilitada, pelas razões já expostas, de erguer vôo, e devido tambem às dimensões reduzidas de suas azas de evolução regressiva, corre, em compensação, com grande velocidade, pelas campanhas, levantando uma das azas e deixando a outra caída, como si estivesse partida. Um cavaleiro eximio dificilmente poderá alcançar os seus

passos ligeiros e os cães mais destros na perseguição de veados apenas conseguem emparelhar-se com ela.

E' voz corrente que a ema nada admiravelmente, atravessando com facilidade qualquer rio. E' muito provavel a veracidade dêsse informe, já que é frequente, em Mato Grosso, ser encontrada essa ave ora em uma

O macho cobrindo a grande desova que vamos vêr adeante.

campanha, ora em outra, divididas por caudais consideraveis.

Alguns dados biologicos colhidos por nós no Parque da Água Funda e referentes à procriação do nhandú podemos assim registrar: a postura tem início em Julho, uma ou duas femeas põem os grandes ovos, de 15 x 10 centimetros, no mesmo ninho, feito em lugar prèviamente escolhido e provido de capim basto e alto. Quando a postura está completa, e que chega a constituir-se de 25 a 35 ovos, como mostra a fotografia, o macho toma

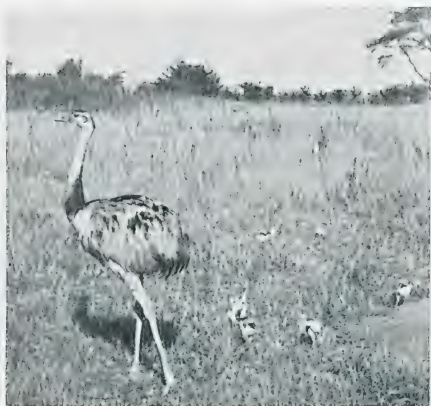
conta dela. Vemos repetir-se então o curioso fenomeno de chamar o macho para si a tarefa do chôco, que ocorre em condições analogas ao da perdiz, do nhambú, do macuco e de mais algumas especies indigenas.

Caboclo matogrossense examinando um dos grandes ovos da ninhada.

Nessas condições permanece o pai da prole, zeloso e excessivamente irritadiço, durante 32 dias.

Na fotografia reproduzida se vê a sua atitude de constante defesa. Emite um grasnido, identico ao do ganso. A construção do ninho é feita primeiro pelas

femeas e depois pelo macho, que o completa com o capim que lhe fica ao alcance, arrancando com o bico a graminea e trazendo-a para o ninho.

Ao cabo de uns dez dias de trabalho vê-se, tendo o ninho como centro, um círculo de cêrca de tres metros de circunferência, absolutamente desbravado de qualquer folhagem ou capim, como si tivesse sido aceirado.

Ema e filhotes passeando na macega.

Essa providência instintiva de construir o ninho em lugares sujeitos a constantes incendios tem dupla razão de ser porque o nhandú, além de encontrar para si a materia prima de que necessita, evita os frequentes perigos que o rodeiam, como sejam a invasão do fogo e os animais daninhos.

Muito embora as condições de procriação sejam favoraveis para que a ema aumente, de ano para ano, a sua próle, a perseguição barbara e sistematica que lhe

é movida pelos caçadores desalmados é tal, que hoje, onde outrora se viam bandos numerosos dêsses corredores, não mais os encontramos.

Nas campanhas de Botucatú, Avaré, Lençóis, Angatuba, Tatuí, Campos Novos e muitos outros pontos do Estado, onde eram as emas vistas frequentemente aos magotes, hoje já se vão tornando raras e, em alguns lugares, completamente extintas.

Os poderes públicos é que, implicitamente, estão na obrigação de proteger essa especie, que tanto ornamenta a nossa fauna campestre.

E' deveras prodigiosa a capacidade de digestão dêsses animais. No dizer popular, quando uma pessôa assimila tudo quanto come, diz-se que «tem estomago de avestruz», o que no caso presente é estensivo ao da ema tambem.

De fato, essas aves são singularmente dotadas de um aparêlho digestivo poderosissimo. Engolem tudo que encontram e principalmente o que brilha: pedrinhas, moedas, pregos, cacos de vidro, areia grossa e sementes. O que é, porém, notavel em tal caso é o grande desgaste que sofrem as peças mais resistentes que são recolhidas ao seu estomago.

Tive oportunidade de examinar moedas e pregos retirados de um papo de ema, que por muitos anos viveu no Jardim da Luz, em São Paulo. Êsses objetos se apresentavam completamente desgastados: as moedas sem vestigio algum da cunhagem e os pregos com partes reduzidas pelo atrito constante.

O tempo da procriação, em São Paulo, tem início de Outubro em diante, quando o calor e as primeiras chuvas aparecem.

A ema é erbivora. Costuma comer as folhas tenras das gramineas e outras plantas que nascem nas varzeas. Não despreza, entretanto, os insetos e muitas frutas campestres.

Caapororóca, Cisne brasileiro

Cygnus melanocoriphus.

Iriamos longe si quizessemos descrever nêste modesto trabalho todas as aves migradoras que aportam acidentalmente às plagas brasilianas, pois que nem chegariamos a leva-lo a termo.

Cisne de pescoço preto — Caapororóca.

Ha, entretanto, muitas delas que exigem menção pela importância que merecem como frequentes estagiarias ou hospedes transitorios da nossa patria.

Na grande relação dêsses viajores que de tempos em tempos nos visitam está a *caapororóca* — o elegantissimo cisne de pescoço e parte da cabeça negros como azeviche e o restante do corpo de uma brancura imaculada.

Êsse gracioso exemplar, que ora nos chama a atenção, nidifica nas beiradas das lagôas, onde comumente

vegetam as moitas de gramineas e os juncos silvestres. Nêsses recessos inacessiveis ao homem é que a *caapororóca* encontra meio propicio à súa procriação.

Sendo passaros excessivamente ariscos, pressentindo de longe qualquer vulto, dão logo alarma com o tipico grasnido, esticando então o pescoço e levantando vôo sem perda de tempo, pelo que dificilmente são atingidos pelo tiro do caçador.

No seculo XVII, o explorador espanhol Francisco Coreal descobriu a especie nas costas chilenas, a qual foi depois descrita pelo Pe. Ignacio Molina, que tambem obteve exemplares nas Ilhas do Pacifico.

A postura é de tres ovos. A femea monta guarda energica no ninho, não deixando que inimigo algum dêle se aproxime. Quando isso acontece, as poderosas azas da ave desferem violentos golpes no ousado invasor.

Logo que os filhotes abandonam o ninho a carinhosa mãe os conduz às costas para os sitios mais seguros.

Na primeira idade são inteiramente brancos.

A *caapororóca* representa, hoje em dia, uma verdadeira preciosidade ornitologica, pois, como tantas outras, essa especie já se vái escasseando.

Ireré, Paturí, Apaí, Marreca do Pará

Dendrocygna viduata.

Na familia dos *anatideos* se encontra, além de outras especies de palmipedes que melhor se acomodariam na divisão nomenclatural dos *anserineos,* a *ireré*, ou *marreca-freira*, como a denominam os portugueses.

Essa especie, divulgadissima, distingue-se facilmente das demais pela zona branca da parte anterior da cabeça e pelo assobio repetido do nome onomatopaico: *I-re-ré... i-re-ré...*

A marreca «quem-quem», ou *marreca do Amazonas* (*Dendrocygna discolor*), de pés e bicos vermelhos, e o *ganso do norte,* ou *marrecão* (*Alopochen jubatus*) estão, como a *ireré,* incluidos na familia *Anserinidae* em virtude

dos carateristicos diferenciais: pescoço longo, cauda de 16 a 18 retrizes, tarso mais comprido do que o dedo medio, bico mais alto do que largo na base. A plumagem é comum em ambos os sexos. O macho auxilia a femea na procriação, tendo então atitudes peculiares aos gansos, principalmente quando andam ou repousam.

As *irerés* vivem agrupadas em bandos consideraveis, emigrando por ocasião das grandes chuvas de Dezembro a Março.

O assobio fino e penetrante da ave atravessa o espaço, anunciando aos caçadores a sua presença nas lagôas ou banhados.

A' tarde, em grandes bandos, levantam vôo e buscam o pouso em sitios distantes daquêles em que passam o dia.

E' nessas travessias arriscadas que os caçadores as esperam, amoitados, para atirar no bando em vôo.

Embora distribuidas por estensissima área geográfica, nem sempre são encontradas nos Estados de São Paulo, Goiás e Minas, com a mesma frequencia da marreca «fim-fim» ou «ananaí» *(Nettium brasiliensis)*.

De Dezembro a Março, todavia, bandos enormes sobem e descem pelos vales do Tietê, Paraíba e Mojí-Guassú em busca dos retiros inundados e solitarios.

Nos terrenos da baixada fluminense, sujeitos a enchentes periodicas, bem como nos Estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso, são assiduas moradoras dos bamburrais e banhados.

Como já dissemos, a garganta e a parte anterior da cabeça são brancas, sendo a zona posterior preta.

Facilmente domesticaveis, essas aves terão por certo, em breve, um lugar de destaque no terreiro ou no jardim de cada residência, pois, além de ornamentá-los, alegram-nos com o piar insistente. São, além disso, ótimas vigilantes, anunciando sempre, com grande alarido, a aproximação de qualquer pessôa.

Daremos a seguir, em ligeiro apanhado, a descrição das especies mais importantes das duas familias.

Marrequinha fim-fim, Assobiadeira, Ananaí

Nettium brasiliensis.

Essa especie, de azas azul-ferretes, remiges brancas, bico escuro e pés carminados, habita quasi todos os Estados do Brasil.

A ireré em sua típica atitude.

Vôa em bandos e, embora não seja considerada ave de arribação, costuma emigrar de um lugar para outro, percorrendo algumas dezenas de leguas.

E' uma das menores representantes na familia, com exclusão da *marrequinha arana, caneleira*, ou *péva (Dendrocygna fulva)*, que, todavia, não é muito menor.

As esplendidas remiges, de um verde azulado metalico, destacam-se admiravelmente do castanho escuro das

coberteiras e das poucas penas brancas das azas. E' deveras agradavel à vista essa variedade de côres, tendo o macho, como aliás se observa em todas as aves, tons mais vivos e brilhantes.

Nidifica, de Dezembro a Março, com várias posturas, construindo os ninhos fóra do alcance das enchentes.

Algumas especies de marrecas selvagens.

Nessa fase da procriação o casal não acompanha os bandos em incursões vespertinas, permanecendo sempre no ninho a cuidar dos filhotes, revestidos de plumagem incipiente, delicadissima penugem preta e amarela, sem brilho, igual, exatamente, à dos patinhos domesticos. As ninhadas são de oito a quatorze filhotes.

Como caça de tiro, a marreca é uma das mais disputadas pelos prosélitos de Santo Humberto, pois, conquanto a carne seja escura, é saborosa.

Com cães amestrados para a água, tais como «setters», «spaniels», «griffons», etc., obtêm-se resultados magni-

ficos nas caçadas em lagôas, onde essas aves são surpreendidas e abatidas ao alçarem vôo.

Costuma-se, porém, com mais frequencia, talvez por ser mais comodo, esperá-las à bôca da noite ou ao alvorecer da manhan, quando, nas travessias, de itinerario certo, elas demandam o pouso costumeiro. Nessas passagens o caçador ardiloso se oculta numa touceira de capim ou num arbusto qualquer, onde aguarda pacientemente a hora propicia.

O sol já não tinge com o clarão de incêndio imenso o horizonte afogueado. Apenas uma fimbria desbotada de vermêlho se destaca no poente arroxeado. Para cá, o ceu imenso curva-se numa vasta abóbada de azul, desmaiado, talvez, pelo frio da noite que acordou lá em cima uma linda estrêla tremeluzente anunciando o crepusculo. As jaçanãs alegres cantam nos brejais em periodos repetidos, anunciando tambem a hora vespertina.

Não tardam a surgir bandos de marrecas, que, barulhentas, atravessam o espaço humedecido e álgido do vargedo.

Os tiros quebram então a harmonia do cenario melancolico e as marrecas pagam caro o atrevimento de se aventurarem tão cedo a tais passeios...

Os indigenas lançam mão de processos originais na caça das marrecas, como se vê pela descrição seguinte, de Couto de Magalhães, que inserimos a título de curiosidade:

«Nas lagôas, a que elas costumam afluir, deixam os indios grandes cabaças, a cuja presença elas e os patos acabam por se habituar. Os caçadores vão então pela madrugada, antes que êsses passaros venham para a lagôa aos primeiros clarões do dia, metem os porungos na cabeça, entram na água, escondem-se e esperam, pacientemente, até que o bando pouse nágua. Os indios dirigem-se então de mansinho para o bando e, quando se acham bem junto dêle, seguram as patas das aves e afogam-nas. E são tantas quantas as mãos podem conter.»

Jacamin, Agamí de costas brancas

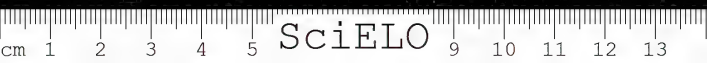
Psophia leucoptera.

Na America do Sul, onde não ha grous, ele se acha representado pelo *agamí,* que alguns ornitologos lançaram em outra divisão nomenclatural.

Êsse passaro de porte esguio e elegante difere realmente muito dos grous, já pela fórma do bico, que se assemelha ao da galinha, já por não possuir penachos alares, e já, ainda, pelo maior desenvolvimento das coberteiras caudais, tão longas que ocultam de todo as retrizes.

O tamanho corresponde ao de uma galinha. As penas do dorso, preto-azuladas na face superior, são brancas e foscas no terço inferior, sendo essas duas côres, essencialmente opostas, separadas por distinta linha transversal. As penas miudas do pescoço, de um lindo roxo-escuro, vistas de lado são pretas e sem brilho. As coberteiras alares têm lindos tons irisados e as remiges são castanho-escuras. O uropigio é revestido de penas que parecem pêlos pretos, pois são finas, longas e bastas. A cabeça é toda recoberta de verdadeira pelagem preta, rasa, muito macia, que parece encarapinhada. Os olhos são grandes e redondos. O peito apresenta penas preto-azuladas.

Essa ave é encontrada nos bosques das zonas tropicais da America do Sul, sendo vista geralmente em bandos de oito a dez exemplares, que se alimentam de frutinhas, insectos e sementes silvestres encontradas no solo, onde passam a maior parte do tempo, preferindo correr pelo chão a voar pelas árvores.

O canto, frequente e possante, é composto de notas muito graves e prolongadas, que lembram o som produzido pelo sôpro dado através da bôca de uma garrafa. Êsse som original é devido ao curioso fenomeno de ser o aparêlho vocal provido de sacos aereos que permitem ao passaro modulá-lo sem abrir o bico, razão por que é tido por todos como emerito ventriloquo da floresta.

Faz o ninho em touceiras, quasi sempre ao pé das árvores, depositando nêle dez ou doze ovos, quasi esfericos e de uma bela coloração verde-clara.

Os *jacamins* apanhados quando jovens aprendem, muito mais facilmente do que qualquer outra ave, mesmo as do terreiro, a conhecer o dono, anunciando, com os suspiros abafados, a aproximação de pessôas estranhas.

O jacamin, o juiz de paz do terreiro.

No norte do Brasil o *jacamin* figura entre os animais domesticos, vivendo em promiscuidade com crianças e protegendo as ninhadas de pintos e marrecos, não permitindo brigas entre a bicharada, sujeita à sua constante vigilância. E' por isso que é chamado, com muita frequencia, o *juiz de paz* do quintal.

A familia *Psophiidae* é quasi exclusivamente amazonica, pois seis das sete especies conhecidas pertencem à região dêsse nome, achando-se assim determinadas: *Pso-*

phia crepitans, de dorso alto e amarelado; *Psophia napensis,* de dorso alto e ocraceo-avermelhado; *Psophia leucoptera,* de dorso alto e preto, com remiges brancas; *Psophia obscura,* de dorso alto e pardo-escuro, com tarsos escuros; *Psophia viridis,* de dorso alto e pardo-escuro, com tarsos verde-claros.

A outra especie conhecida ocorre fóra das nossas fronteiras.

Como se vê, é bem pequena a differença observada entre os caracteristicos de cada especie, e é por isso que o vulgo só admite a existência de duas especies de *jacamins:* a de costas brancas *(Psophia leucoptera)* e a de coloração preto-azulada, que estamos descrevendo. Para os nomenclaturistas, todavia, essas minucias são de real importância e constituiu valiosos elementos para a determinação das divisões e sub-divisões da ciência complexa da sistematica.

A carne é imprestavel, o que sem dúvida ha de lhe garantir tranquilidade e a conservação da especie.

O *jacamin* é muito sensivel ao frio, sucumbindo facilmente quando fustigado pelos ventos frios e humidos do sul do Brasil.

Flamengo

Phoenicopterus chilensis.

No mundo das aves se destaca, pela invulgar importância, o flamengo.

Essa ave, que chega a medir, dos pés à cabeça, um metro e setenta centimetros, em outros tempos era tão frequente ao longo da costa meridional brasileira, onde se via constantemente em grandes bandos, acha-se hoje quasi que de todo extinta.

Os cronistas de antanho referem a presença dêsses fenicopterideos na baía da Guanabara, na lagôa dos Patos e em outros depositos lacustres salobros do sul do país. Ainda hoje são encontrados no litoral do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, mas sua presença já chega a constituir motivo de surpresa.

O flamengo tem uma plumagem branca, rosada, com coberturas alares de um vivo mais intenso. O peito e o pescoço dos exemplares adultos são de um rosado desmaiado, quasi branco. Os filhotes apresentam-se, ao nascer, revestidos de uma plumagem de arminho, conservando a coloração branca das penas até atingirem a maturidade plena. As pernas e o bico mudam tambem

Flamengos esguios percorrem as aguas rasas de uma gamboa.

de côr com a idade, dando êste então a curiosa impressão de que se acha retorcido para baixo, com a ponta preta.

Os flamengos ainda vivem, como já dissemos, em certas regiões praianas, reunidos em grandes bandos, principalmente na epoca da procriação, quando, na curiosa atitude que assumem para descançar, se encontram nas bordas das lagôas salobras.

Nessas aguas rasas empreendem caça aos pequenos peixes, moluscos e crustaceos, dando especial preferência

aos camarões e às pequenas lagostas dêsses lugares de fundo arenoso.

Nada lhes escapa à vista penetrante. Metendo a cabeça nágua, descobrem, com grande facilidade, o peixinho que se oculta, temeroso, atrás de uma pedra, ou o crustaceo que se mete na areia.

Alimentam-se tambem da vegetação aquatica, preferindo algumas raizes encontradas no fundo dágua.

As longas pernas finas permitem-lhes penetrar facilmente nágua, sem siquer molharem a parte inferior do corpo. Nadam com perfeição quando lhes falta o fundo.

Quando exercem a pesca dão passadas grandes para espantar o peixe, apanhando-o logo com o curvo e certeiro bico.

Costumam, ao alçarem vôo, dar uma ligeira corrida, abaixar-se em seguida e, cadenciadamente, bater as longas azas. Elevam-se a alturas consideraveis, fazendo rebrilharem ao sol as longas azas, oferecendo então um espetaculo deveras deslumbrante. Formam, em pleno vôo, verdadeiras esquadrilhas, dando a impressão de aviões de caça, com os longos pescoços estirados para a frente e as compridas pernas estendidas para trás, por baixo da cauda, que lhes serve de leme.

Na época da procriação constróim nas árvores rusticos ninhos, com talos de junco, nos quais se assentam com as pernas pendendo para fóra, como que a cavalgá-los.

Os ninhos dessas aves mostram, de ordinario, de dois a tres ovos brancos, volumosos.

O flamengo é uma ave de grande valor ornamental, já pela raridade, já pela beleza da plumagem, e, ainda, pela distinção do porte.

Durante o dia, quando o sol já vai a pino, dormitam pelas beiradas dos lagos e das praias, apoiando-se numa só perna e dobrando o pescoço em *S*, ou torcendo-o para um dos lados e metendo a cabeça por baixo da aza.

O flamengo, que outrora existia em grande quantidade tambem no Chile, é hoje igualmente muito pouco encontradiço nessa republica sul-americana.

Gaivota pequena, Gaivota marinha

Larus atricilla.
Sterna albifrons.

A denominação vulgar de gaivota abrange algumas especies de aves marinhas que frequentam as costas e muitos rios do *hinterland* brasileiro.

Nas ilhas do majestoso Paraná se encontram algumas especies de gaivotas (*Sterna maxima, Larus maculipennis* — ? —), que, com o tipico grito estridente, alegram essas paragens solitarias.

Ésses passaros, que alçam vôo facilmente e realizam magnificos exercicios acrobaticos no ar, enchendo de repetidas gargalhadas de cristal a amplitude do ceu, constitúim um dos mais sedutores atrativos dessas plagas ignotas.

A' noite e durante o dia não cessam de gritar, principalmente quando percebem que o homem está a invadir-lhes os sagrados dominios.

Dias e noites, em Agosto, ouve-se, ininterrupto, êsse protesto das vigilantes gaivotas, na pitoresca ilha dos Tres Irmãos.

Nidificam na areia rasa, abrindo uma pequena concavidade. Tres ovos brancos constitúim, de ordinario, a postura maxima.

Os filhotes são frequentemente sacrificados pelo apetite insaciavel dos jaburús e outras aves aquaticas, que, indiferentes aos queixumes dos pais zelosos, perambulam pelas praias longas e alvacentas, devastando as ninhadas.

Feita a descrição da pequena gaivota dos grandes rios do interior do Brasil, diremos agora, relativamente às gaivotas marinhas, que são aves comunissimas, já encontradiças na entrada dos portos, já pousadas, em bandos, ao longo das praias, ou, ainda, por sobre os rochedos alcantilados das ilhas desertas.

Eximias voadoras que são, executam arriscados e emocionantes exercicios de vôo sobre o oceano, ora baixando

bruscamente, como setas, ora elevando-se, velozes, para o ar, a descrever curvas repentinas, com a maestria que só elas têm, bem sendo de ver a naturalidade extraordinaria com que as realizam.

Aliada à notavel faculdade de vôo, temos ainda a considerar a destreza com que nadam, mergulhando e alcançando, com excecional pericia, o peixe que se aproxima da superficie líquida.

A gaivota é um dos mais lindos ornamentos das praias e ilhas desertas.

Dotadas tambem de vista e vôo poderosissimos, conseguem descer em vertical, como flexas, arrebatando no bico o peixinho descuidado.

As gaivotas, na sua maior parte, são cinzentas nas azas e na parte superior do corpo, sendo completamente alva a plumagem restante, que contrasta com o verde-azul do mar. As menores apresentam penas negras ou cinereas no alto da cabeça.

As gaivotas alimentam-se preferencialmente de peixes. Sendo ictiófagas, não despresam, todavia, os insetos e as baratas que enxameiam nos rochedos marinhos. O cheiro tipico que elas têm, entranhado nas penas, é

um sinal bem evidente dessa comunissima alimentação e do hábito que têm de estar em constante promiscuidade com êsses ortopteros.

Mergulhão

Podiceps dominicus.
Podylimbus podiceps.

Ha nos lagos e lagôas do Brasil uma graciosa ave, conhecida pelo nome vulgar de mergulhão.

Pertence aos generos *Tachybaptus*, *Podiceps* e *Podylimbus*, todos de água doce e admiravelmente adatados ao mergulhar constante.

Executam êsses exercicios com muita graça e habilidade, em busca, muitas vezes, do alimento que se encontra no seio das águas tranquilas dos grandes depositos lacustres do nosso *hinterland*.

A côr predominante dêsses passaros é o cinzento escuro, mais claro no peito e na parte anterior do pescoço.

O iris é pardacento e em alguns exemplares ligeiramente amarelado. A delicada plumagem é constituida de filamentos pequenos e sedosos que emprestam ao animal uma vestimenta propria e impermeavel.

Por baixo dessas delicadissimas penas existe uma outra camada de fino arminho, que protege o mergulhão contra as intemperies e tambem contra os parasitas que comumente infestam as lagôas e paúis.

São aves absolutamente inofensivas e constitúim lindos ornamentos nas regiões socegadas onde vicejam as ninféas e tantas outras plantas aquaticas das águas mortas.

Alimentam-se, de preferência, de pequenos insetos aquaticos e peixes minusculos, capturando-os facilmente nas bordas dos lagos e pequenos cursos fluviais.

Quanto à nidificação, temos a dizer o seguinte:

Escolhem as bordas da água onde existam plantas flutuantes, que lhes permitam fixar os detritos e caules de cíperos, de que se valem para construir os ninhos.

Os podicepidiformes conseguem tecer, com habilidade, nêsse amontoado de vegetais, a parte final do ninho,

onde depositam tres ovos, perfeitamente resguardados por uma coberta de pequenos caules de plantas, que a ave colhe nas adjacências e aí deixa sempre que se ausenta para se alimentar.

O periodo da incubação é de cêrca de vinte dias, findos os quais se dá a eclosão. Por essa epoca se vêem sobre o ninho balouçante os pequenos filhotes, que

Um gracioso mergulhão-mirim sobre o ninho flutuante.

aguardam o alimento, trazido, a meudo, pelos pais carinhosos.

A distribuição geografica dessas especies de aves aquaticas vai do extremo sul do Brasil ao Amazonas, onde vamos encontrar, nos grandes reservatorios dos rios volumosos daquela porção septentrional do Brasil, as especies mais interessantes dos generos citados.

O mergulhão apresenta uma atitude singular quando, rarissimamente, está fóra dágua: fica erecto, tal como os

penguins e os marrecos corredores, talvez devido a serem muito traseiras as suas pernas, sendo então de ver a graça com que, gingando todo, anda pelas beiradas dos rios.

Biguá-tinga, Carará

Anhinga anhinga.

Essa ave ribeirinha é encontrada, dos Estados Unidos à Argentina, pelas matas que bordejam os grandes cursos dágua.

Biguá-tinga á espreita do peixe descuidado.

Pousada num galho de árvore que pende para a água lá está ela a espreitar o plano líquido para, inopinadamente, mergulhar como uma seta e atingir o peixe com o afiado bico.

Os estragos causados por essa ave são de proporções reduzidas em relação áqueles produzidos pelo seu parente, *o corvo marinho (Cabo vigua),* que se reúne em bandos consideraveis e devastam os cardumes de toda especie de peixes que encontram.

O *biguá-tinga* parece um pato esguio. O pescoço serpentiforme, a cabeça pequena e provida de bico longo e fino, e os pés, munidos de membranas interdactilas, emprestam à ave um aspeto que lhe revela bem claro a vida aquatica.

O corpo é quasi todo negro, embora apresente as coberteiras e o dorso salpicados de penas brancas, as quais lhe granjearam o determinativo indigena de *tinga*, que significa *branco*. No terço súpero-posterior do pescoço ha penas longas, que se eriçam quando a ave se assusta, atitude em que se vê na fotografia.

As penas caudais são pretas e chamalotadas de ligeiras ondulações.

Essas aves seguem geralmente os cursos fluviais em vôos curtos por sobre o espêlho líquido.

Garça branca, Garça grande, Guaratinga

Herodias egretta. — Ardea egretta.

Quem percorrer os terrenos ribeirinhos dos Estados do Amazonas, Pará, Goiás e Mato Grosso encontrará, na epoca da vazante, que vai de Julho a Outubro, grandes depressões nas zonas que ladeiam os rios, as quais se alagam com as enchentes periodicas, cujas águas levam para êsses terrenos baixos e pantanosos, onde viceja o aguapé *(Villarsia nymphcoides)* e tantos outros vegetais paludicos, enorme quantidade de peixes.

Quando sobrevem a estiagem, êsses depositos lacustres ficam reduzidos à terça parte, e, consequentemente, toda a fauna aquatica para aí transviada tem que se restringir a uma área bastante limitada.

Assim é que os peixes, aos quais falta o oxigénio, e tambem devido ao calor excessivo, aparecem à tona dágua a procura de ar livre para respirarem.

Atraidos pelo cheiro que exala dessas lagôas e pela prodigiosa quantidade de peixes que nelas se debatem, chegam os bandos colossais de aves e animais aquaticos,

tais como as garças pequenas, as morenas, os socós, os manguarís, os jaburús, os grandes saurios, as lontras, as ariranhas e todo êsse cortêjo de tantas fórmas ictiófagas que se atiram avidamente ao facil alimento.

E' realmente deslumbrante êsse espetaculo. E' maravilhoso para quem o desconhece, porque são milhares de azas que revoam, ora na imensidade do espaço, ora

«. . . milhares de azas que revoam. . .»

por sobre o vasto lençol líquido; são miríades de outras tantas joias aladas que descem do ceu, como papel picado, caindo sobre o tapete verde-negro das plantas flutuantes.

Os dias se sucedem nêsse lauto banquete. O peixe diminúi a olhos vistos, mas, para a garça, de olhar arguto e notavel pericia, que absolutamente imovel, como uma figura de alabastro, espreita as nesgas dágua, sempre ha um peixe ou um batráquio, que ela apanha com o bico afiado, rapido e seguro.

As garças são geralmente vistas nessa postura de estatua, numa imobilidade que sempre lhes garante pleno exito nas pescarias que empreendem.

Taiaçú. (Nicticorax nicticorax).

Horas a fio fica um dêsses pernaltas quieto, olhar fixo nágua, a perquirir a superficie líquida.

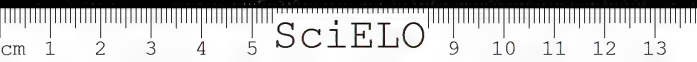
*
* *

Nidificam, de Setembro a Dezembro, nas árvores marginais dos rios ou das lagôas.

E' nesses verdadeiros «garçais» que os caçadores impiedosos abatiam centenas dêsses lindos ornamentos naturais, para tirar-lhes as «aigrettes», vendidas que eram então por altos preços nos mercados europeus para enfeites de chapeus femininos.

Para que se tenha uma idéa dessa destruição verdadeiramente barbara, ouçamos o que nos diz um cronista contemporaneo:

«Estamos aqui no paraiso das «aigrettes». Sim. A Amazonia já foi o grande palco verde onde passeavam os mais lindos especimes de garças reais. Hoje, nem é bom falar. Isso tem uma história. E' uma história que vale a pena recordar. Ha quarenta anos atrás, quasi todo o vale amazonico era povoado por essas graciosas pernaltas. Depois foram rareando, em virtude da caça que sofriam, motivada pelo valor das penas, de modo que atualmente já não é facil ao caçador o seu encontro por êsses lugares, dos quais cada vez mais se afastam, emigrando para as margens dos lagos recuados e solitarios.

Ha um episodio que póde depor sobre o que foi a paixão, a cobiça e a conquista do ouro branco das garças. Foi no tempo em que os feixes de «aigrettes» seduziam as esterlinas e estonteavam os dólares nos mercados de Londres e Nova York. Convidado por um grupo de exploradores e viajantes para uma sortida às margens do rio onde as garças faziam colonias com outras aves ribeirinhas, certo escritor e naturalista fôra com êles à caça do ouro branco das penas. Calculava-se o tempo da incubação, quando se encontravam reunidas as princesas do vale, povoando lindamente a estensão dos cursos dágua que marginavam a floresta. Entre elas, salpicando a paisagem de outras côres, grupos de maguarís, colhereiros, jaburús, arirambas, todas as azas que esvoaçavam na quieta felicidade do igapó. Ajustado o dia da partida, para lá seguiram todos. De longe já se viam as varzeas enfeitadas pela presença das aves distraidas. Esperava-se

o tempo da incubação justamente porque as garças se achariam agrupadas em maior número junto aos ninhos. Nessa ocasião começava o tiroteio implacavel, que apenas cessava quando os caçadores tinham a impressão de haver surpreendido toda a colonia. Aí, então, corriam a ver os efeitos da matança. E a realidade excedia à espetativa, porque as aves, por mais forte que fosse o tiroteio, não desertavam do posto, deixando-se sacrificar junto aos filhotes que abrigavam. Foi por êsse processo estupido, que danificava a maioria das penas e custava

Centenas de garças brancas em franco exercicio de pesca.

o exterminio das mães zelosas e a perda dos filhotes, que se eliminou ou desterrou da Amazonia uma das mais belas impressões das faixas ribeirinhas.

Depois de haverem «limpado» o litoral, os traficantes desapareceram e nunca mais voltaram. Para que? As mulheres já não queriam mais saber das «aigrettes»... Já não estavam na moda e o produto perdêra a cotação nos mercados...

E assim, um belo dia, ficou deserta a vargem. Debalde o olhar se estende à procura daquelas colonias tão festivas de outrora. Uma ou outra garça fugitiva corta, a margem descoberta. Uma ou outra garça capenga, assustada, espia o fundo das locas.

Nêsse episodio está escrito um pedaço da História da Amazonia, daquela Amazonia sofredora e contemplativa que misturou à lama dos igapós o sangue de suas garças e depois, de um dia para outro, viu sumirem os espertos traficantes de suas plagas, deixando-lhe apenas a lembrança de mais um saque».

* * *

De fato, assim tem sido nesta terra imatura do Brasil. Realmente, todos êsses atentados de barbaria se têm perpetrado aqui, como tambem em muitos outros países visinhos. Confiemos, todavia, de hoje em diante, na ação energica e pronta do govêrno, que, por meio de leis severas, cumpridas com rigor, ha de pôr cobro à pratica de atos de *lesa natura*, jámais cometidos pelos nossos selvicolas antropófagos, que, muito mais humanos, sabiam poupar essas preciosidades que nos legaram.

Jaburú, Jabirú, Tuiuiú, Tabuiaiá

Jabiru mycteria.

No cenario da vida ribeirinha aparece o jaburú a bater nervosamente o grande bico, como a disputar o direito de ser o maior representante da avi-fauna aquatica nacional.

Cabe-lhe, além dessa, a primazia de ser o mais guloso e insaciavel carnivoro das paragens solitarias que frequenta.

Nada lhe escapa: os peixes que assomam à superficie líquida, os batráquios que saltam na areia alva, os anfibios que sáim dágua para se aquecerem ao sol. Até as aves e animais em decomposição satisfazem a edacidade dêsse pernalta soturno.

Mal ferido ou aperreado, defende-se valentemente, com as azas abertas, desferindo grandes bicadas com violência inaudíta. Os golpes dados com as azas possantes são, porém, mais temidos do que a sua arma verdadeira.

O jaburú domestica-se facilmente, atendendo o chamado nas horas de arraçoamento.

Tive no Jaraguá um belissimo exemplar dessa ave, que de tal modo se familiarizou com as outras que conviviam com ela sem lhe causar mal algum. A' tarde, depois da farta refeição, que consistia em um quilo de carne crua picada, passeava displicentemente pelo terreiro, asso-

Bandos de jaburús mariscam no tapete dos aguapés flutuantes.

prando com o bico entreaberto uma queixa contra a escassez da comida recebida, e, depois, procurando um lugar mais alto, abaixava-se um pouco sobre as pernas, que dobravam, e alçava o pesado vôo compassado, indo pousar numa caieira de lenha distante.

Nos banhados de pouca profundidade o jaburú entra facilmente, tacteando o fundo cautelosamente e estendendo as longas pernas. Si algum peixe passa de um lugar para outro, os olhos negros da ave não o perdem e o grande bico imerge e apanha logo a presa esquiva.

Ave corpulenta, de metro e meio de altura, é dotada de bico resistente, grosso, de trinta centimetros de comprido. Pertence à familia *Circonidae,* de genero e especie já mencionados. O pescoço nú é preto na parte superior e vermêlho na que compreende o papo, dotado de admiravel elasticidade.

A côr predominante dos individuos adultos é a branca, sendo tambem branca, mas pardacenta, a dos jovens. Aliás, a plumagem branca quasi sempre se apresenta encardida.

Êsse passaro tem grande raio de vôo, elevando-se a grandes alturas, o que, entretanto, ocorre excecionalmente. O que é comum é ver-se o jaburú voando, com o pescoço erecto, a cêrca de trinta metros de altura, em linha horizontal, com as pernas estendidas para trás e metidas por baixo da pequena cauda.

A atitude é tristonha. O andar é vagaroso e deselegante. Costuma, quando em descanço, ficar sobre uma perna só, com o pescoço encolhido, imovel.

Cegonha, Jaburú-moleque, Baguary, Tabuyayá, Tapucajá

Tantalus loculator.
Euxenura maguary.

Nos pantanaes de Mato Grosso, nas lagôas de Goiás, Amazonas e Pará, é comum se encontrarem bandos enormes dessas aves, os maiores de que ha noticia, pois excedem a dois mil individuos da mesma especie! E não ha exagero algum em se dizer que em muitas ocasiões se contaria, si fosse possivel, número ainda superior ao citado.

Êsse representante da familia dos *Circonideos* nidifica nas galhadas das arvores que ladeiam os cursos fluviaes, onde se vê uma infinidade de ninhos, mal feitos e rasos, com dois e tres ovos brancos do tamanho dos de galinha. Ha sempre, nesses lugares, um insuportavel

mau cheiro, causado pelo excremento das aves e pelas sobras de peixes que cáim no chão.

Como ficam sempre proximo aos cursos dágua, para aí acorrem os jacarés, as sucurís, os gaviões e os urubús, que se banqueteiam com os filhotes encontrados pelo

Jaburú-moleque no seu passo de constrangimento...

chão, onde espessa camada de guano cobre a superficie fetida, cuja vegetação de ha muito se aniquilou, queimada pela fermentação dessas dejeções.

Curicaca, Curucaca

Theristicus caudatus.

Espalhado por muitos Estados do Brasil, nomeadamente nos do Amazonas, Pará, Goiás e Rio Grande do Sul, ha um passaro de porte aproximado do da galinha

e que vive aos pares ou em pequenos bandos pelas imediações dos banhados e varzedos. E' a *curicaca*.

Assemelha-se muito ao *guará* (*Eudocimus ruber*), sendo, porém, maior e não tendo a esplendida coloração rutilante dêste.

A *curicaca* tem o colorido geral cinzento-pardo; as azas são quasi brancas; o pescoço é amarelo-encardido; o

Curicaca, a guarda sanitaria dos campos do sul.

peito e o vertice são pardo-castanhos; a garganta é nua, preta, e assim tambem uma zona em redor dos olhos. A parte inferior das azas, as remiges e o abdomen são escuros. O bico, de quinze centimetros de comprido, é curvo, sendo a ponta ligeiramente esverdeada. As azas têm trinta e nove centimetros e a cauda vinte e um.

Essa ave goza, merecidamente, de boa fama entre os criadores de gado e gente afeita á vida dos campos. Dizem que destrói todas as pragas das invernadas, com-

batendo serpentes e toda a sorte de animais daninhos. Eis porque, nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, é ela protegida incondicionalmente pelos estancieiros.

Quem tiver percorrido um dêsses Estados terá, com frequencia, encontrado essas aves, que, pelo piar estridente, chamam desde logo a atenção do viandante, sendo bem de admirar a sonoridade do canto, sempre modulado, alternadamente, em agradavel variedade de tons.

A *curicaca* nidifica de Setembro a Outubro, nas touceiras de capim sêco e alto das proximidades dos banhados. A carne é imprestavel.

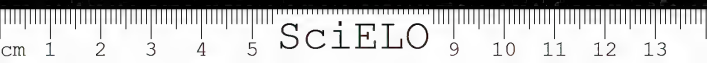
Anhuma, Unicorne

Palamedea cornuta.

Nas varzeas das zonas de clima quente do Brasil, nessas terras humidas e por vezes alagadiças, sempre proximas aos cursos fluviais que coleiam junto às restingas de mata, vamos encontrar o *habitat* da anhuma, ou *unicorne*, assim crismada por possuir um apendice membranoso, semelhante a um chifre, no alto da cabeça.

De habitos identicos aos da especie acima citada, vive outro exemplar, no sul do país, denominado *anhuma-póca,* ou *taçã (Chauna cristata),* caracterizado por ter um chumaço de penas longas no *occiput,* as quais se projetam para trás, origem da classificação científica de *cristata.* Trataremos depois desta especie.

A *unicorne* tem o porte igual ao de uma perúa. Veste-se de plumagem escura, salpicada de branco, tendo a parte superior do corpo preta; pescoço negro fosco; barriga branca e coberteiras das azas pintalgadas de branco; iris amarelo; bico ligeiramente curvo; ferrão no encontro das azas, cujo comprimento é de cincoenta milimetros.

E' principalmente nos Estados do Pará, Mato Grosso, Amazonas e Goiás que vamos encontrá-las mais a miudo,

aos casais, à beira dos banhados, caçando insetos, vermes, comendo animais em decomposição, detritos de plantas aquaticas e a lama putrida dêsses pântanos.

Sua presença tem sido tambem assinalada, porém com menor frequencia, em outros Estados da União. Mesmo em São Paulo se encontram por vezes essas aves nas

A austeridade da atitude da anhuma verdadeira ou unicorne.

imediações dos vargedos do Itapura e em outras zonas limitrofes de Mato Grosso.

Por viverem sempre nos lamaçais fetidos é que dizem ser a sua carne esponjosa, imprestavel, e adquirir o cheiro dessas águas estagnadas.

O seu grito alto, agudo e repetido, alternadamente, na hora vespertina do recolhimento ou pela madrugada, antes de deixar o poleiro, é bem conhecido de todos aqueles que perlustraram os sertões do Purús, Madeira, Tocantis e outros tantos rios do extremo norte do Brasil.

Os pés dessa especie de *palamedeaceas* são grandes, com os dedos muito desenvolvidos, perfeitamente adatados para pisar em terrenos brejosos, mas apesar disso a ave é bem proporcionada e tem atitudes elegantes quando passeia, quando sacode nervosamente a cabeça, como a querer esgrimir contra um inimigo invisivel o curioso apendice corneo, ou, ainda, quando a ensaiar o pesado vôo.

Vi muitas vezes, em Castanha-mirim, à margem esquerda do Rio Purús, as anhumas alçarem vôo e pousarem nos galhos mais altos da mais alta arvore, que, sobranceira, dominava a região, pondo a sua verde frança por sobre aquele ondulado da floresta tropical.

Tachã, Anhuma-póca, Chajá

Chauna cristata.

A familia dos *anhimideos* compõe-se apenas de dois generos e duas especies nacionais: a *anhuma verdadeira,* ou *unicorne,* e a *tachã*, ou *anhuma-póca*, ou, ainda, *falsa anhuma,* segundo o espirito da dicção indigena.

O bugre, graças à observação e ao trato constante que mantinha com os animais selvagens, conseguiu agrupá-los ou definí-los em conformidade com as caracteristicas que mais o impressionavam. Embora lhe faltassem conhecimentos de zoologia, é constante o grande acêrto e invulgar propriedade com que o fazia. Assim é que, tendo sido por êle colocadas numa só plana as duas *anhumas,* a ciência da sistematica nada mais teve a fazer sinão dar nome à ordem que as abrange, realmente: palamedeiformes.

A *anhuma-póca* é maior do que a especie precedente. A plumagem é cinereo-azulina, com tons claros na região ventral e no pescoço, e escuros nas coberteiras alares, bem como nas penas da cauda e nas da nuca, que formam o original topete, voltado para trás.

Essa robusta ave paludica tem o pescoço desnudo na parte superior, apresentando, mais abaixo, a cingí-lo, um colar negro de fina plumagem, que lhe empresta especial relêvo.

As pernas e os pés são grandes e carminados.

A matrona sr.ª anhuma-póca, depois da sua matinal refeição.

Domestica-se com muita facilidade, chegando até a proteger as aves do terreiro quando atacadas por gaviões, lagartos e mucuras.

O seu grito forte, semelhante ao do pavão, é ouvido a horas certas nas noites claras e enluaradas.

O seu grande ninho, escondido nos juncais e feito de folhas e gravetos, tem oitenta centimetros de diametro e abriga de seis a oito ovos do tamanho dos de perúa.

Os individuos vivem sempre aos casais, que, carinhosos, de exemplar comportamento conjugal, servem, no particular, de sadio exemplo para tantos bipedes implumes...

Filhotão de anhuma-póca com tres meses de edade.

Quando, como a *curicaca,* levantam o pesado vôo, trocam entre si piados convencionais, dirigidos de femea para macho.

A *tachã* aparece em grande quantidade ao norte de Mato Grosso, pelos estensos pantanais que confinam com os rios, bem como no Paraguai, Uruguai e Argentina, onde é conhecida pelo nome guaraní de *ta-ã.*

Pavãozinho do Pará, Papa-mosca, Passaro sol

Eurypygia helias.

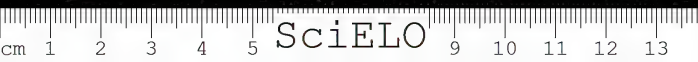
O pavãozinho do Pará, que, além de eminentemente util, é muito delicado e formoso, é o unico representante da familia *Eurypygidae*. Pelos caracteres particulares que apresenta, é parente proximo dos *ralideos*, ou sejam, saracuras e especies afins.

No extremo norte do país — Pará e Amazonas — onde a terra e os habitantes se acham ainda na pitoresca fase de transição, vamos encontrar os animais indigenas que acompanham a marcha evolutiva da raça que se vai caldeando no imenso cadinho étnico do Brasil.

Assim sendo, encontram-se inumeros exemplares da fauna indigena ao lado de galinhas, marrecos e perús.

Em Marajó verifiquei muitos exemplos do que acima está dito. Os *xerimbabos*, isto é, os animais selvagens domesticados, parecem, em muitos Estados do Brasil, que até fazem parte da familia... E' uma instituição originada da afeição que os brasileiros em geral lhes votam. Rara é a casa do interior do Amazonas, Pará e Mato Grosso que não tem o seu xerimbabo. Aqui se encontram, em grande camaradagem com as galinhas e os patos, alguns casais de mutuns, jacús e jacamins; alí, ao lado do primitivo barracão do seringueiro, se vêem garças, macacos, papagaios e araras em franca promiscuidade com cachorros, gatos, giboias e gente bronzeada.

Tive oportunidade de observar em 1927, quando descia o Purús, a grande afeição que os brasileiros dispensam a êsses bichos. Um só regatão trazia para Manáus, para presentear aos amigos da Capital, uma verdadeira coleção zoologica.

Êsse comentario aí fica para justificar a presença do pavãozinho do Pará em tantas casas do norte, como interessante atrativo e utilissimo auxiliar na campanha domestica aos insetos que abundam naquelas paragens.

O *Eurypygia helias,* passaro curiosissimo da fauna tropical, tem o tamanho de uma pomba, com pescoço, bico, pernas e cauda mais compridos. A plumagem, de

Admiravelmente desenhadas são as penas do pavãozinho do Pará.

côres variegadas, tem reflexos rutilantes quando o passaro abre as azas e a cauda em leque para fazer a côrte à femea, gesto aliás peculiar aos pavões verdadeiros.

As côres que lhes ornam as penas — negro, pardo, castanho, amarelo, cinza e branco — formam estrias sime-

tricas que traduzem beleza e elegância particulares quando êle toma êsses ares de importância e de arrogância, vibrando o corpo voluptuosamente.

No Pará, Amazonas e Mato Grosso, vamos encontrá-lo nos lugares humidos, nas cercanias dos igapós ou nas proximidades dos *garçais*.

Pavãozinho do Pará — o emerito caçador de moscas — tambem conhecido por «passaro sól».

E' interessante a maneira como constrói o ninho: em um tronco grosso, deitado sobre o rio, aparece um prato de barro, às vezes revestido de gravetos e penas.

Êsse fato foi observado e relatado pelo Sr. Otavio Bicudo, que realizou recentemente uma excursão a Mato Grosso.

A prudência com que êsse passaro dá caça às moscas e outros insetos é tambem motivo de especial registo:

com o pescoço estirado, bico em riste, olhar firme e passos sutís, aproxima-se da mosca e desfere a bicada, que tem tanto de certa quanto de rapida.

Oliverio Pinto, o minucioso e proveto ornitologista patricio, refere que a distribuição geográfica dêsse passaro ocorre na Venezuela, nas Guianas, na região leste do Equador, no norte do Perú, a leste da Bolivia e na zona septentrional do Brasil (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Goiás e norte de Mato Grosso).

O piado sororocado terminando por um longo assobio triste e lamentoso é repetido de minuto em minuto.

Seriema

Cariama cristata.

Viajando a cavalo pelos cerrados que vão de São Simão à Fazenda São Martinho, pousei, certa vez, no rancho do bondoso «nhô» Delfino, caboclo velho e emerito caçador de veados daquelas paragens.

A' noite, quando, rodeados pela cachorrada magra e gafeirenta, que se coçava a cada instante, tomavamos um café «chananá» à beira do fogo amigo que nos defendia do frio, passámos a conversar sobre caçadas, assunto, aliás, obrigatorio de todos aqueles que transpunham a soleira do rancho sempre aberto, como o era tambem o coração daquele homem simples e hospitaleiro. Perguntei ao Delfino a razão por que já não se encontrava naqueles campos, que se perdiam de vista, a quantidade de perdizes de outrora. O velho, atencioso, explicou logo:

— As perdizes foram muito perseguidas. Todos os domingos era uma calamidade! Os caçadores abriam um tiroteio que até parecia dia de São João. Depois, durante a semana, era outra barbaridade: duas pernas vermêlhas, um bigode e um bico que nada respeita — a «seriema». Essa peste procura os ninhos dos passarinhos e come o que encontra: si têm ovos, chupa todos êles; si têm filhotes, pega um por um no bico, leva-os para um lugar

de chão duro e bate com êles com toda a força na terra, depois belisca, e engole-os todos. E' uma judiaria!

-- Mas dizem por aí, «nho» Delfino — redargui — que as seriemas são aves utilissimas porque devoram todas as serpentes que encontram.

O experimentado homem do mato fungou uma risadinha muito sua e concluiu:

— Qual o que... si a «seriema» mata uma cobra por ano, tambem come um desproposito de passarinhos por semana...

*
* *

Depois dessa conversa que ha mais de dez anos tive com «nho» Delfino, as observações vieram confirmar as palavras judiciosas do velhinho de olhos vivos e brilhantes como os da ariranha.

A seriema é deveras um passaro nocivo à avi-fauna campesina, principalmente quando o número delas aumenta pelas invernadas nativas, meio encobertas de cerrados e carrascais.

Uma ou outra dessas aves, no cenario tipico das regiões sêcas e de solo pobre, empresta um carater peculiar, interessante mesmo, mas um número porventura consideravel delas causa verdadeira devastação às especies indigenas.

Em cativeiro essas aves dão caça frequente aos filhotes de passaros mal emplumados que pousam nos cercados onde elas se encontram. Carnivoras por excelência, procuram os animais de pequeno porte, que surpreendem e perseguem dando passadas largas e rapidas.

Enfeitam os jardins, embora sejam passaros de índole tristonha. O canto, alto e modulado em escala descendente de notas rapidas, sendo a primeira mais acentuada, tambem é nostalgico, como o é, igualmente, o ambiente de árvores de troncos calcinados pelo fogo, retorcidas e sêcas, como si fossem os espétros dessas

regiões adustadas pelo sol e torturadas pelas queimadas que todos os anos vão empobrecer cada vez mais essas caatingas martirizadas.

* * *

A seriema tem o porte de uma perúa, sendo, contudo, visivelmente mais esguia, com pernas altas e avermelha-

Seriema, a megéra dos cerrados e campos.

das; tem noventa centimetros dos pés à cabeça; a região que lhe circunda os olhos e o loro é nua, de côr azulada; as penas da fronte são eretas, o que lhe valeu o nome de *cristata,* pois, realmente, lembram uma crista.

A côr predominante é o cinzento da caatinga, do mato claro e vasqueiro despido de folhas no verão.

Do pescoço ao peito e dêste ao baixo ventre as penas vão se aclarando, até que se tornam brancas, apresentando estrias transversais muito delicadas. O alto da cabeça é pardacento, da mesma côr das penas que revestem a parte superior das azas. As penas negras da cauda, entrecobertas pela retriz central, de côr pardacenta uniforme e integral, têm as extremidades brancas.

Constróim os ninhos de gravetos nas galhadas das mais altas árvores dos cerrados, onde tambem dormem.

Quando perseguidas pelos cães de caça ou qualquer outro inimigo, alçam vôo e se empoleiram nas árvores que, espaçadas, têm porventura conseguido vegetar nos cerrados.

Quando cantam, o fazem sempre com o bico aberto para cima, imprimindo ao pescoço movimentos cadenciados que acompanham as notas moduladas.

Saracura

Aramides cayanea.

As saracuras são aves paludicas pertencentes à ordem dos *raliformes*. Vivem nas beiradas dos açudes e bordas dos ribeirões e rios onde haja mata rala entremeiada de touceiras de gramineas.

Nas horas vespertinas que precedem o lusco-fusco e ao alvorecer do dia, nessas lindas manhãs douradas pelo despontar do sol, ouve-se o cantar festivo dessas aves em dueto alternado. O casal, um ao lado do outro, executa essa ária em modulações agradaveis que despertam sempre as saudades dos tempos passados...

Vivem durante o dia silenciosamente ocultas pelas restingas que ensombreiam as águas marulhentas dos regatos ou as linguas prateadas e tranquilas das cabeceiras das lagôas.

As duas especies de saracuras propriamente ditas que ocorrem no Brasil são as chamadas «saracuras do mangue» ou «quebrei-treis-potes» *(Aramides cayanea)* e a saracura comum *(Aramides saracura).*

Ambas as especies são morfologicamente semelhantes, mas a primeira («quebrei-treis-potes») aparece ao longo do litoral de preferência nas zonas dos mangais, onde crescem as *Rhizophora mangle,* as *Laguncularia racemosa,* as *Avicenia tomentosa* e outras plantas tipicas dessas regiões, que tambem se caracterizam pelo aspeto do solo, escuro, trançado de raizes, salpicado de buracos de caranguejos e visitado pelas subidas periodicas das marés.

As saracuras alimentam-se ordinariamente de pequenos peixes, crustaceos, insetos, larvas e vermes que encontram em abundância nos terrenos pantanosos e naqueles que confinam com o fio das águas.

Quando as roças de milho ladeiam os brejais, é frequente o estrago que causam à plantação, arrancando os brotos e desenterrando as sementes que ainda não germinaram.

A crendice popular empresta um certo valor ao canto da saracura, tendo-o como premúncio certo de chuva, mas essa, como tantas outras lendas, destitúi-se inteiramente de fundamento.

Domesticam-se com muita facilidade e elegram os jardins e parques com o piar fanhoso e tão caracteristico das regiões ribeirinhas.

A especie citada tem trinta e quatro centimetros de comprido. A côr predominante é bruno-azeitonada no dorso e cinzenta na cabeça e no pescoço, à exceção do occipicio, que é bruno. O peito e as remiges são castanhos, a barriga e a cauda pretas. O bico é verde amarelento e as pernas vermêlhas. A especie ocorre desde o Rio Grande do Sul até a America Central.

Jaçanã, Nhaçanã

Porzana albicollis.

Não ha quem desconheça essa frequentissima moradora dos brejais e longos tratos de terra humedecida pelos ribeirões, onde medram os pirisais, os taboais e toda a vegetação tipica de canaranas, caapituvas e tantas outras gramineas de caule alto.

E' nêsses lugares pantanosos, onde miríades de trilhos dão vazão às águas pluviais e fornecem caminho aos preás esquivos, que se assinala o *habitat* das jaçanãs, essas trêfegas avesinhas paludicas que, sempre muito curiosas, procuram descobrir em cada clareira um verme, em cada riacho um peixinho e em cada arbusto um inseto para encher o papo.

Sempre atentas a qualquer barulho suspeito, sempre precavidas contra uma provavel agressão, seguem os meandros esconsos das touceiras, tremelicando nervosamente as azas e mexendo, em movimentos bruscos, a cauda rudimentar, sempre erecta sobre o uropigio.

A' tardinha, à margem das lagôas adormecidas, antes de entoarem o concêrto vespertino, tão caracteristico dessas regiões, as jaçanãs emitem um ronco surdo que precede o piado que mais se assemelha a uma gargalhada.

Preferem andar pelos terrenos encharcados a levantar vôo, mas fazem-no com visivel embaraço quando perseguidas pelos cães ou pelo fogo.

Ha duas especies dessas aves intimamente semelhantes, diferindo apenas as pernas e os pés, que numa são verde-pardacentos e noutra avermelhados.

Eis os principais caracteristicos da especie descrita: 28 centimetros de comprido; garganta esbranquiçada; bico esverdeado; pernas avermelhadas, com dedos finos e longos, nem tanto, contudo, quanto os da *piaçóca*. A côr do pescoço é preta; o dorso e o baixo ventre são

cinzentos; a cabeça, as azas e a cauda são pardo-escuras, quasi negras.

Acham-se espalhadas por todos os Estados meridionais do Brasil.

Quéro-quéro

Belanopterus cayanensis lambronotus.

Sobre a biologia desse elegante passaro que mereceu com muita propriedade que o chamassem de «chanteclair dos potreiros», ouçamos a palavra de *Zorrilha de San Martin,* que assim o descréve:

«Mas se vos aproximardes da passagem do rio, sair-vos-á certamente ao encontro o verdadeiro e simpático guardião das aves, a sentinela, o guarda, não de sua casa, mas da própria passagem, do riacho, do juncal, da terra: o tero-tero. E' necessario que conheçais bem, com calma de artista, êsse nosso valente tero-tero; é digno do mármore. Êle, de cauda curta, com suas largas patas e seu bico afilado e seu uniforme cinzento, de peito negro e branco e seu topéte móbil, seu porte marcial e seu grito incessante, é ali a nota da côr e o motivo sinfônico predominante; ele vos vem ao encontro a largos passos, resoluto, provocador, insolente, fazendo rápidas reverências ou ameaças de investida, que por fim realiza, levantando-se com gritos desaforados e passando e revoluteando sôbre vossas cabeças em linhas obliquas, acode-lhe a companheira que ficou atrás e que grita com êle, pousa no solo abrindo as asas e antes de fechá-las de todo, tocando apenas a terra, volta a levantar-se repetindo aceleradamente seu toque de alarma; acorrem-lhes companheiros; duas ou três parelhas incorporam-se à primeira, junta a elas as ressonâncias dos clarins, a guerrilha aérea atroa o campo.

Os outros pássaros estiram os pescoços e percebem, olhando com um ôlho para o lugar do perigo. O tero-tero é o guerrilheiro alado que dá o alarma ao intruso ou denuncia o homem escondido; tem a conciência do seu direito e a ilusão de sua força, baseada nas duplas

puas rosadas de suas asas. Não é maior do que uma perdiz, e dá a impressão de uma féra; sê-lo-ia dos ares se fosse do tamanho de um condor, porque o tero-tero é ave heróica. Não foge da descarga mortifera, acode o companheiro ferido e morre sôbre êle lançando seu anátema; tero! ... tero!... com o olho injetado, brilhante como uma gota de tinta. O valente tero-tero! E' as-

... Quéro-quéro, o «chanteclair dos potreiros».

tuto como o nosso vaqueano gaúcho, está sempre de emboscada, de cócoras e ao perceber de longe o inimigo, não grita, no ninho, abandoná-lo-á correndo, entre os pastos e levantará o vôo muito longe, simulando surpresa. E' a nossa ave simbólica; entre os egipcios seria o que foi o ibis sagrado que enterravam mumificado com os cadáveres humanos, e até divinizavam dando-lhe a cabeça ao deus tutelar, ao enigmático Thoth, cabeça de ibis. O grito do tero-tero foi toque de chamada no silêncio, hino

aéreo no combate; assistiu sempre, do ar, às nossas batalhas e caiu ferido pela metralha, junto aos nossos guerrilheiros, seus irmãos. Eu tê-lo-ia colocado, vo-lo asseguro, como suporte heráldico em nosso escudo pátrio, junto ao lema de Artigas: Com liberdade não ofendo nem temo, como o unicórnio inglês.»

Piaçoca, Jaçanã, Ferrão

Parra iaçana L.

A vegetação aquatica vae conquistando passivamente as grandes depressões que ficam entre duas encostas, drenadas apenas por um regato exiguo que, silencioso, vai levando as sobras de agua do tranquilo espelho, rendilhado pelo tapete esmeraldino de nenufares, salvineas, aguapés e outras tantas fórmas da farta coleção fito-palustre déssas regiões quietas e frias.

Nos rios é tambem comum encontrar-se éssa vistosa avesita nas margens gramadas assim como nos camalotes de aguapés que se destacam com o crescer das aguas, no tempo das cheias.

Êsse cenario, tão familiar aos nossos olhos, é a morada prediléta das piaçocas, interessantes avesinhas que passeiam despreocupadamente pela folhagem, que, embora vacilante, espalhada pela superficie liquida, ainda assim póde suportar o peso déssas aves, cujos dedos longos se adaptam admiravelmente a êsse meio.

Narceja, Batuirão

Gallinago frenata et delicata.

Nas varzeas estensas, que quasi sempre vão confinar com o ribeirão ou o rio volumoso que passa além, é comum encontrar-se a narceja, essa ave que procura o capim mais alto e envolvido pela vegetação paludica.

E' uma das especies mais interessantes para o caçador que deseja exercitar o tiro ao vôo, pois alça vôo com extraordinaria rapidez para, logo em seguida, descrever repetidos zig-zags com a velocidade do relampago.

Poucas pessôas, entretanto, conseguem especializar-se na caça às narcejas, já pelas dificuldades inerentes à malicia do vôo, já por ser preciso haver grande disposição para se palmilharem os terrenos atoladiços por elas preferidos, e já, ainda, pela pericia exigida para se atirar a ave «no pulo», com tiros chamados de «stock».

A prática dêsse exercicio é incontestavelmente muito interessante, por isso que o caçador tem oportunidade para demonstrar as suas qualidades de atirador e o cão amestrado a sua habilidade de farejar e seguir a caça nos banhados.

Muitos generos dessas aves empreendem grandes viagens através de territorios imensos, cobrindo, nessas migrações periodicas, distâncias verdadeiramente fantasticas. São verdadeiras travessias internacionais que quasi sempre obedecem a mesma rota. Muitas instituições científicas norte-americanas se têm ocupado dessa importantissima parte da biologia dêsses passaros, fazendo o anilhamento de milhares e milhares de vários generos e especies. Marcados com o anel de aluminio e restituidos à liberdade, milhares dêles, em alegre revoada, ganham o espaço e vão logo executar a enorme trajetoria, satisfazendo a uma exigência biologica ainda desconhecida.

O Serviço de Caça e Pesca de São Paulo recebeu, no dia 23 de Abril de 1936, a visita do Sr. Americo Tessarolo, caçador licenciado, que nos disse ter morto uma batuira em Novembro do ano anterior, na varzea do Bom Retiro, a qual trazia numa das pernas um anel, então exibido, cujos dizeres faziam ver que ela fôra marcada pela «Biological Survey», provavelmente em 1934. Essa importante instituição norte-americana vem ha tempos fichando alguns milhares de batuiras.

Não nos foi exibida a ave, infelizmente, mas, apresentadas as nossas batuiras, disse o caçador que tinha coloração mais clara do que estas, razão por que cuidámos tratar-se de uma *Gallinago delicata*.

Essa especie, cuja presença costuma ser tambem assinalada no noroeste do Territorio do Alaska e em outros pontos dos Estados Unidos, tem que percorrer, para alcançar o Brasil, uma distância realmente consideravel, de alguns milhares de quilômetros, chegando até a atingir a região austral do país. Resta, no entanto, indagar qual dos caminhos percorridos pelos bandos migradores utilizaria a batuira para vir ter ao Brasil?

Galinhola, Narcejão, Rapaz, Água-só

Capella undulata gigantea.

Segundo a distribuição geografica traçada por Oliverio Pinto, essa ave paludica é encontrada nas zonas temperadas da America Meridional, a norte e leste da Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil meridional e central (Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso).

A *galinhola* empreende ligeiras migrações na época invernosa, retornando logo aos banhados donde saíu, nos quais leva vida em área relativamente pequena, o que não se observa em relação a algumas especies do mesmo genero, que, vivendo em constantes excursões, realizam longas travessias, não parando em lugar algum.

Eurico Santos, em seu interessante trabalho intitulado «Da Ema ao Beija-flôr», diz o seguinte:

«Como se depreende do aumentativo, o *narcejão* é o gigante do grupo, alcançando quasi cincoenta centimetros da ponta do bico à da cauda. Uma bicarra de 13 centimetros lhe dá aspeto muito caracteristico, semelhante ao «bécaseau» dos franceses.

A côr geral é bruno-denegrida no dorso, sobre o qual se ostentam malhas e faixas transversais castanho-

amareladas; a cabeça é amarelada, apresentando largas estrias negras sobre o vertice e traço de lapis no ôlho e sob êsse. Na região ventral, alvacenta, ha dedadas escuras como se vê no cliché adiante estampado.

Bernardo de Castro diz que em geral o *narcejão* choca sòmente uma vez ao ano, levando de 17 a 18 dias

Galinhola, a burlesca moradora dos banhados.

a incubação e não passando a ninhada, comumente, de quatro ovos côr de azeitona e castanho-carijó. A epoca da incubação é em Novembro. O ninho, bem escondido, é feito em moitas do brejo, em lugares livres da invasão das aguas.

A carne, ainda que escura, é saborosa. A facilidade de ser a ave alcançada nos exercicios venatorios de tiro

ao vôo proporciona otimo esporte aos discipulos de Santo Humberto.

Ao ser pressentida pelo cão de caça, a *galinhola,* que sempre anda aos casais, alça vôo lento e compassado, emitindo, de quando em quando, o grotesco piado *crá-crá-crá...*

As duas especies que precedem estas notas são consideravelmente menores, nutrindo-se todas elas de vermes da terra e animalculos que vivem na lama, donde são tirados com o longo bico, que parece adaptado para o fim.

Perdiz

Rhinchotus rufescens.

A perdiz pertence à familia dos *tinamiformes,* em cujo rol se acha tambem o majestoso macuco, o nhambú, a codorna, etc..

Vive nos campos de macega onde aparece, entremeada de barbatimão, capim-flecha, fruta de lobo e outras plantas caracteristicas das terras sêcas e pobres do sertão brasileiro, a tipica vegetação do indaiazeiro.

A perdiz e a codorna são as aves campesinas mais perseguidas, pois o homem, o fogo e os animais predadores lhes movem uma incessante guerra de exterminio. A primeira causa é de fato o homem, que, levado pela atração do esporte cinegetico, persegue-a com cães amestrados, matando-as ao alçarem vôo; a segunda, isto é, a queima desordenada das pastagens nativas, em épocas do ano que coincidem com a nidificação e a postura, leva assustadoramente ao exterminio essas aves, que fogem espavoridas ao incêndio, deixando os ninhos com os ovos e filhotes à calcinação inevitavel e cruel. Finalmente, temos a terceira causa do progressivo despovoamento dessas interminas savanas do Brasil meridional: é o número consideravel de animais predadores, que invadem as campanhas em suas incursões diuturnas. Inimigos naturais da fauna campestre, vivem de prear as aves à noite e tambem durante o dia, quando elas estão no chôco.

Escreviamos a 18 de Julho de 1936:

«Vimos notando, de ha muito, constante e progressiva diminuição na caça de campo, constituida, quasi que exclusivamente, de perdizes e codornas.

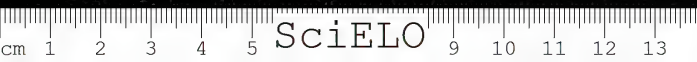
O empobrecimento de nossas vastas campinas e cerrados é devido às causas já mencionadas, pois sabe-se perfeitamente que as codornas e as perdizes são aves indefesas que vivem em campos abertos, onde são perseguidas pela sanha irredutivel dos caçadores «limpa-campo» e pelos animais predadores que, impelidos pelo proprio instinto de matar, lhes dão caça implacavel e ininterrupta. Aos segundos ainda se justifica o dano que causam, em razão da natural luta pela vida — comem para não morrer — mas aos primeiros não assiste defesa alguma.

Essas aves opõem, como meio unico de defesa, contra o homem, o seu natural mimetismo, que as protege em condições excecionais, e, aos perseguidores de outra especie, antepõem o espaço, alçando vôo para logo após pousarem.

Ora, com meios de defesa natural tão precarios, as nossas codornas e perdizes estão realmente fadadas a desaparecer si não se cogitar desde já de se pôr um paradeiro aos abusos de tantos caçadores, por demais conhecidos e já fartamente denunciados.

Nos primeiros dois meses da abertura da estação venatoria se registrou, na inspetoria de Itapetininga, a passagem de 106 automoveis conduzindo caçadores, que abateram, em tão curto lapso de tempo, nada menos do que 2.600 peças de perdizes e codornas!

A perspectiva de seu desaparecimento é inevitavel si não se puzer côbro aos fatores que o determinam, já que a reprodução não corresponde, em absoluto, com a destruição sistematica que vem sendo levada.

Êsse fato se acha provado de modo incontestavel por estatisticas feitas em fazendas de criar e campos «reunos», onde a caça é dizimada periodicamente pelas caravanas de caçadores impiedosos que tudo arrasam, pelo fogo que alastra e pelos animais daninhos silvestres.

Impõe-se, portanto, a seguinte conclusão: a caça, apesar da fiscalização constante e eficiente que o govêrno exerce, tem diminuido consideravelmente nos campos do Estado.

Os dados colhidos em Avaré, Agudos, Itararé, Faxina, Itapetininga e muitos outros municipios, onde a caça,

A perdiz, a rainha cubiçada das campanhas interminas.

ha vinte anos atrás, era abundante, demonstram que presentemente essas zonas, se acham, nêsse particular, completamente empobrecidas.

A perspectiva sombria que se nos depara está a exigir providências energicas, que serão postas imediatamente em execução pela Secção de Caça e Pesca do Departamento de Indústria Animal. Cuidaremos da restauração das perdas sofridas nos ultimos decenios, tratando de coibir abusos e estudando meios mais praticos de

repovoar êsses campos solitarios e com as proprias especies nativas que nêles existiam».

* * *

Paiva Carvalho, referindo-se à perdiz, escreve:

«Essa ave vive nos campos, vagando à procura de sementes, frutinhas silvestres, larvas, vermes e insetos diversos, que constitúim a sua alimentação quasi que exclusiva. Costuma tambem invadir as culturas, prejudicando os mandiocais, as plantações de alho, de arroz e alguns outros vegetais. Nem porisso — concluiu o zoólogo — deve ser ela incluida no rol das aves nocivas, porque é uma inimiga figadal das formigas e cupim. Em certas zonas do Estado é necessario que se trate da sua multiplicação e *se interdite a sua caça por espaço de um ou dois anos,* afim de se atender às exigencias do esporte cinegetico. Aliás, essa medida já faz parte de uma serie de providências, algures adotadas pelo Serviço Estadual de Caça e Pesca, já tendo sido propostas várias medidas tendentes ao repovoamento dessas regiões desertas».

* * *

A perdiz tem o porte de um frango. As penas são de côr bruno-avermelhada, com barras ou listas transversais negras. A região ventral e a garganta são de um amarelo palido indeciso. A cabeça tem listas negras. O macho tem as penas da cabeça com côres mais vivas e quando emite o melancolico piar às vezes as eriça em fórma de topete.

A postura dá-se, ordinariamente, de Setembro a meiados de Fevereiro, sendo que cada femea põe de 20 a 25 ovos, de côr de chocolate, brunidos, como si estivessem envernizados, e do tamanho aproximado dos da galinha.

A incubação é confiada ao macho, que, durante os 21 dias, se mantem fiel ao mandato. Tal fato observámos em muitas outras aves *tinamiformes*, como teremos ocasião de referir.

E' digna de registo a tendência das outras femeas para procurar o ninho onde se acha a postura alheia, para nêle deitar os ovos. Essa mesma ocorrência verificámos com a ema, ou nhandú: sempre que o macho deixava o ninho para espairecer ao sol ou espojar-se na terra solta, outra femea procurava deitar o seu volumoso ovo no mesmo ninho.

Os filhotes da perdiz, assim que nascem, procuram espalhar-se pelo capim, o que acarreta quasi sempre a sua perda. A perdiz acasala-se em Agosto. Nêsse mês é comum o seu piar plangente, à tardinha ou pela manhan.

Nos acampamentos silentes, dessas campanhas que se perdem de vista; nos varjões de Mato Grosso, ao pôr do sol, é de indescritivel tristeza para o homem civilizado aquêle longinquo e sonoro «piáu-piáu-piáu-piáu...»

Codorna

Nothura minor.

Na familia dos *tinamideos* se encontram cinco especies do genero *Nothura,* assim classificadas: *Nothura maculosa maculosa, Nothura maculosa cearensis* (especie peculiar ao nordeste), *Nothura maculosa savanarum* (encontradiça no Rio Grande do Sul e Republicas meridionais), *Nothura buraqueira et Nothura minor.*

A *Nothura minor,* cujo nome vulgar é *codorna mineira,* é conhecida em São Paulo pelo tamanho, maior do que o de outras especies, estando, *ipso facto,* a contradizer a designação científica de *minor...* Fica aí o reparo, para futuros esclarecimentos.

A codorna, de habitos semelhantes aos da perdiz, é, contudo, menos arisca do que esta, pois gosta de se aproximar das casas, dos currais e dos potreiros. A perdiz, ao contrario, afasta-se do convivio do homem, preferindo viver nas macegas distantes e silenciosas.

A codorna *buraqueira* é muito mais graciosa do que a *mineira.* Sendo menor do que esta, e tendo o desenho das penas mais escuro. E' uma bela ave, de proporções delicadas, só comparavel a um outro genero, o *Taoniscus,*

cujos exemplares são de porte ainda menor, muitissimo mais raros e de costumes identicos aos da mesma.

A *mineira* tem vinte e cinco centimetros. A côr predominante é a amarelada, notando-se-lhe salpicos negros. Sobre as coberteiras alares se alinham faixas transversais estreitas e tambem pretas.

Os caçadores movem uma verdadeira guerra de exterminio a essas aves, que de ha muito já vêm escasseando. Atiram-nas ao vôo, quando suas azas poderosas fremem de encontro ao vento.

A codorna aninha-se em Setembro, chamando então o companheiro com o piar cadenciado e constante, modulado em escala de notas descendentes e terminado em notas rapidas.

A carne é mais saborosa do que a da perdiz e apreciadissima para guisados finos com trufas e «champignons».

Jaó, Joô, Zabelê

Crypturus noctivagus.

Êsse docil galinaceo, que responde facilmente ao chamado e vem logo para onde se acha o caçador, é encontrado assim nas matas ralas como nos capoeirões que margeiam os rios.

E', realmente, ao contrário do ardiloso macuco, um passaro manso, confiante, despreocupado, sendo, porisso, facilmente atingido pelo tiro do caçador ou pelo salto do felino que se acouta por detrás de uma touceira ou árvore caida.

O piar melancolico e onomatopaico — «eu-sou-jaó»... — ressôa, pausado, no silêncio da tarde, nas matas que se estendem ao longo do Rio Paraná.

Tive o agradavel ensejo de ver, nessas paragens, pela manhan e à tardinha, dezenas dêles a modular o canto triste e saudoso.

E' um passaro pouco maior do que o *nhambú-guassú* e bem menor do que o macuco. A vestimenta é mais clara, como passaremos a descrever adiante.

Como os *nhambús*, nidifica, pernoita e costuma ciscar pelo chão, alimentando-se de pequenos frutos silvestres e sementes, raramente de larvas e bichinhos.

Acasala-se em Setembro, sendo, nessa fase amorosa de sua vida, atraido com facilidade ao pio.

A carne, branca e saborosa, é uma das mais apreciadas, e daí a grande devastação que êle sofre.

E' acometido, quando em cativeiro, de uma doença que ataca os dedos dos pés, produzindo inflamação e necrose locais.

A postura é de tres a quatro ovos. O macho é que chóca. A cabeça e o dorso anterior são bruno-cinzentos; o dorso posterior e a cauda apresentam faixas transversais largas; as coberteiras das azas são escuras, com faixas amareladas; o peito é de côr castanha; a barriga é amarelada; a zona póstero-superior do pescoço é de um tom avermelhado.

Na Baía o chamam de *zabelê*, nome de origem africana; em São Paulo, Mato Grosso e Goiás, *jaó* ou *joô*.

Macuco

Tinamus solitarius.

No recesso da floresta, nos grotões humidos onde vicejam os palmitais, as touceiras de taquaras póceas e a palmeira de guaricanga, localiza-se o *habitat* dêsse passaro esquivo, elegante e prodigiosamente arisco, que, realmente solitario, vive a percorrer, com nimia precaução, os escaninhos do matagal à procura de sementes, frutos silvestres e bichinhos que se escondem no tapete da folhagem apodrecida.

O macuco passeia isolado oito meses ao ano, como um ermitão da mata. Acasala-se, de Outubro a Janeiro, para a procriação, sendo nessa fase amorosa de sua vida retraida que o esbelto *tinamideo* é perseguido pelo caçador, que, chamando-o ao pio, atrái-o para o ponto da mira traiçoeira.

Mas o macuco, solerte como nenhum outro passaro da mata, lança mão de todas as suas faculdades instin-

tivas de defesa, procurando espreitar quem está a piar e desenvolvendo nêsse trabalho toda a pericia de que é capaz uma ave selvagem: ora descreve voltas, ora modula o piado com um som desnorteante, fazendo parecer que agora está muito distante e dando logo depois a impressão perfeita de que se acha a dois passos do caçador.

E' grande a sagacidade do galinaceo. Qualquer ruido suspeito ou alarma dado por alguma ave ou serelepe que denuncíe a presença do caçador basta para que êle, o principe melancolico da floresta, se afaste para não mais retornar a êsse ponto.

A astucia do macuco está cabalmente demonstrada em inumeros fatos, mas nem assim se livra êle das ciladas que lhe armam os caçadores nas tocaias, nas caçadas chamadas de *esbarro,* onde a ave é surpreendida pelo caçador nas picadas ou nas veredas que serpeiam sob o copioso emaranhado da pujante vegetação tropical.

As armadilhas, isto é, os laços, mundéos, arapucas, etc., são os inimigos mais certos dos macucos e dos urús. Habilmente armadas nos trilhos por onde o passaro costuma passar, êsses engenhos silenciosos os capturam pelo pé ou pelo pescoço, ou desabam sobre o animal, comprimindo-o ou aprisionando-o com vida.

Embora condenadas pelo Código de Caça e Pesca, essas esparrelas vão dizimando toda a sorte de caça que, despreocupada, percorre essas veredas tortuosas da floresta.

O macuco é perseguido tambem pelos felinos, pelo carborézinho, pela irara e principalmente pelo homem. Nidifica de Outubro em diante, fazendo um ninho raso no chão, quasi sempre muito bem abrigado e admiravelmente disfarçado, por baixo de um tufo de arbusto ou sob uma galhada caída.

Põe de tres a quatro grandes ovos verde-azulados. Nessa fase de postura a femea pia diferente, não emitindo mais aquela nota breve e sonora, mas apenas uma escala de notas descendentes, de pouca vibração, que bem definem o estado febril de que se acha possuida.

O macho é que chóca a ninhada, desempenhando o trabalho com muito geito. Aliás, é comum o macho dos cripturideos, ou, como queiram, tinamideos, fazer as vezes da femea. Enquanto isso, esta vai *sororocando* e perdendo os ardores da recente postura para logo depois realizar outra festa nupcial.

Observa-se fato identico em relação ao *nandú*, ou avestruz brasileiro, conforme está descrito nêste livro.

Macuco, o principe da floresta; o solitario dos grotões humidos.

Os filhotes do macuco são delicados e têm uma lista esbranquiçada e longitudinal na cabeça.

Procura, ao lusco-fusco, um galho horizontal, onde se empoleira. Antes, porém, examina cuidadosamente, durante uns dez minutos, onde está e tudo que o cérca. Depois se abaixa, encolhe o pescoço e se acomoda. Nessa atitude fica impassivel, completamente alheio ao mundo que o envolve. Qualquer animal póde aproximar-se dêle que não o espanta. E' porisso que certos caçadores cos-

tumam surpreendê-lo no sagrado recolhimento, matando-o então friamente, sem emoção, sem gôsto, sem arte.

Essa maneira de abater o animal quando não conta êle com meio algum de defesa deve ser rejeitada pelos caçadores de pio, êsses verdadeiros mestres da tocaia.

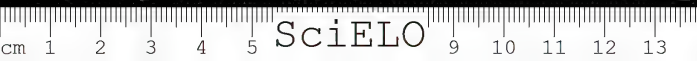
O *Tinamus solitarius* é o maior representante das cinco especies de tinamideos que ocorrem no Brasil e recebem denominações vulgares diversas.

Mede cincoenta centimetros de comprido, com 26 de aza e 4 de bico. A côr predominante é bruno-avermelhada, com faixas transversais pretas. A zona superior da cabeça é bruna e tem manchinhas mais claras. De cada lado do pescoço corre uma estria amarelada. A porção inferior é cinzento-amarelada, notando-se faixas escuras pela barriga e estrias longitudinais amarelentas nas coberteiras inferiores da cauda. As remiges são pretas. A cauda é bem desenvolvida, com retrizes um pouco mais compridas do que as coberteiras. O bico é escuro, mais claro nos lados.

Ihering diz que essa especie é a unica encontrada no Brasil meridional e difere do *Tinamus serratus* amazonense por ter êste a cabeça «mais castanha e a zona inferior branco-acinzentada».

Descrevendo em seguida o *Tinamus guttatus,* tambem encontradiço na Amazonia, diz o insigne zoólogo que a cabeça dêste «é toda desenhada com tracinhos escuros; a garganta é branca e por sobre as azas se notam numerosas manchas claras. A seguir vem o *Tinamus tao,* bem diferente no colorido geral, pois no dorso predomina um cinzento quasi ardosia, todo riscado de linhas transversais pretas, tremidas e interrompidas; a região sub-ocular é escura e a inferior pardacento-clara.

Todas essas especies são da Amazonia e Mato Grosso, e claro está que pelo vulto, superior ao da galinha, representam uma das melhores caças da região.

O pio do macuco, quando está no chão, é uma só nota prolongada. Varía raras vezes, emitindo dois pios seguidos».

Quando empoleira, o pio é de tres notas. No silêncio da noite, principalmente quando ha lugar, o macuco dá o piado repetido, sonoro, que ressôa ao longe. Hábito identico têm o *nhambú-chororó* e o nostalgico *jaó*.

Nhambú-guassú

Tinamus major major.

Prosseguindo na descrição dos exemplares abrangidos pela ordem dos *tinamiformes*, ou *cripturiformes*, isto é,

Nhambú-guassú, o elegante galinaceo das nossas florestas.

aves *suras*, ou desprovidas de cauda, diremos que o *nhambú-guassú* é, dentre elas, uma das mais alegres e vivazes.

O piado agudo, distinto, modulado em escala cromatica descendente e terminado por fino e ligeiro trinado, contrasta com o canto choroso dos passaros tristonhos que piam ao seu lado.

O *nhambú-guassú*, ao iniciar a cavatina costumeira, percorre pausadamente a serie de semi-tons com uma precisão inexcedivel.

As timidas *tovacas (Chamaeza brevicauda)* deixam de cantar para ouví-lo. Toda a mata emudece para escutar melhor o canto de cristal dêsse *tinamideo*.

Ha quatorze especies dêsse genero, que, com pequenas variações no porte e no colorido, apresentam hábitos de vida identicos. Não se diferenciam tambem os caracteristicos inerentes ao sexo.

O *nhambú-guassú* vive mais nos capoeirões, na mata rala e suja, do que na floresta virgem.

Assim como outras especies, tais como o *chintan (Crypturellus tataupa)* e o *chororó (Crypturellus parvirostris)*, nidifica no chão.

Os ovos são roxo-terra, polidos e elipsoides. A postura, de dois ou tres ovos, ocorre duas vezes, no verão, durando a incubação de dezenove a vinte e um dias.

Urú, Capoeira, Corcovado

Odonthophorus capucira.

No excelente catalogo das aves amazonicas, da autoria da Sra. Emilia Snethlage, encontramos quatro especies de aves da familia dos *odontoforideos*, cujos representantes o povo chama indistintamente de *urú*, *capoeira* ou *corcovado*.

Os caracteres diferenciais das quatro especies em referência residem na coloração facial, que numas é ferruginea e noutras castanho-escura. A especie de nome *Odontophorus stellatus* destaca-se das demais por ter o peito salpicado de manchinhas brancas. As azas, amarelo-citrinas, contrastam, mesmo à distância, com a côr ferruginea do corpo.

Êsses galinaceos, que se encontram sempre em bandos de oito a quinze individuos, frequentam as matas de solo forrado de folhas, onde passam o dia a ciscar.

O *urú* tem tres modos distintos de piar: quando se associa ao conjunto orquestral, ao anoitecer ou pela manhan, repetindo, muitas vezes, em modulações diferentes, a palavra onomatopaica: *urú-urú-urú-urú*...; quando se espanta, e o bando se espalha todo pela floresta, ciciando um piado tremido e fino, após o qual êles se agrupam de novo, para o que se chamam entre si com um piado choroso, iniciado com uma serie de notas descendentes, graves, e terminado com outras, agudas e breves. Sempre que dão vôo curto soltam uma risada tipica.

Essa especie, que não prejudica a lavoura, tem apreciavel valor ornamental.

No Amazonas ela se familiariza de tal maneira com os jacarés que até chega, sem a menor cerimonia, a ir retirar-lhes da bôca os trematoides e outros parasitos que êsses monstros hospedam.

Os *urús* acham-se amplamente distribuidos pelo Brasil, contando-se duas especies do genero mencionado.

Pomba do ar, Pomba legitima

Columba rufina sylvestris.

Êsses columbideos, que se acham espalhados por quasi todos os Estados do Brasil, vivem em bandos consideraveis, aparecendo com frequencia nos roçados e plantações de milho.

São do tamanho das pombas domésticas. A coloração é cinza azulado. Os bicos, os pés e o iris são vermêlho-carminados.

No verão é comum se encontrarem bandos enormes, de cem ou mais individuos, pousados nas árvores que resistem ao fogo das queimadas.

O estrepitoso bater das azas, igual, exatamente, ao das pombas caseiras, chama logo a atenção do caçador para o ponto aonde êles, numerosos, convergem em revoada.

Êsses passaros, como grande parte dos congeneres, são migradores. E' exatamente por isso que aparecem nas colheitas durante as estações mais quentes do ano.

No inverno, entretanto, é frequente a ocorrência de um outro exemplar que, desgarrado do bando, permanece nas matas ou tigueiras adjacentes às roças de cereais, onde teriam tido copioso alimento durante a farta messe.

Picaú, belissima especie de columbideo brasileiro.

O fenomeno da migração das aves é assunto que, por demais complexo, ainda está a exigir muita observação e estudo especial, tal como o que ora se procede na *Biological Survey,* importantissima instituição norte-americana.

O anilhamento que se faz anualmente em vários centros de pesquisa europeus e americanos poderá, de futuro, contribuir eficientemente para o conhecimento do raio de vôo dessas aves, que, levadas pelo natural ins-

tinto migratorio, buscam outras regiões, distantissimas, à procura de alimento e condições propicias à vida e perpetuação da especie.

A pomba legitima é muito resistente e adata-se facilmente à vida em cativeiro. Temos mantido em viveiro, onde logo se multiplicam, inumeros exemplares da especie.

Quanto à biologia, pouco teremos a dizer, sinão que, como nas especies afins, inclusivè a doméstica, a nidificação, a postura, a incubação e, ainda, a criação dos borrachos se procedem normalmente.

Relataremos, em todo caso, a título de curiosidade, as principais particularidades relacionadas com a nutrição dos filhotes, sendo de ver o carinho excecional que lhes devotam os pais. Êstes, procurando pequenas sementes, raramente alguns crustaceos, recolhem-nos ao papo, demandam o ninho e, introduzindo o bico na garganta dos filhotes, expelem o alimento no esofago. Dizemos esofago porque os pombos inoculam o alimento com uma secreção especial do papo, rica em substâncias gordurosas, que lhes permite facil assimilação e, pois, facil engorda. E' por essa razão que nunca se vê um borracho magro.

Êsse modo de introduzir o alimento proporciona o espetaculo, por demais conhecido, de se ver pai e filho num amplexo enternecedor, em que o filhote parece agradecer com o constante vibrar das azas o trabalho paterno.

*
* *

Os pombos silvestres são granivoros e frugivoros. Apreciam muito as frutinhas do carurú, a pimentinha do campo e as sementes da caneleira, atirando-se com verdadeira avidez aos restos de milho das espigas partidas nos roçados.

Essa especie constitúi uma das mais cubiçadas peças para exercicios venatorios.

Urubú-rei, Iriburú-bixá, Corvo branco

Sarcorhamphus papa.

O urubú-rei é, sem dúvida alguma, entre os mais vistosos representantes dos *vulturideos* brasileiros, o que apresenta a maior imponência, a mais austera atitude, a mais caprichosa vestimenta, côr de café com leite, a exprimir galhardia, e, sobretudo, uma solenissima cabeça, a traduzir realeza.

Quando o *iriburú-bixá,* como o chamavam os primitivos guaranís, se achega à carniça cubiçada, todos os demais, em inequivoca demonstração de respeito, dela se afastam, submissos.

E' êle tambem o primeiro a bicar os olhos do animal morto. Só depois que está saciado é que os outros dêle se achegam, com indisfarçavel respeito, como que a solicitar permissão para tomarem parte do repugnante banquete.

O urubú-rei sabe impor-se. Sabe dominar. Por isso é respeitado e temido pelos seus similares. Nenhum outro animal possúi um conjunto de caracteres tão magnificamente bem dispostos como os dêle. A gola de cinereo arminho que lhe cinge o pescoço; a pele núa na cabeça e partes adjacentes são pigmentadas de vermêlho-carmim, alaranjado e amarelo açafrão, côres que se combinam admiravelmente. São vermêlhas as excrecências que, em fórma de verrugas, lhe ornam o rosto adiante e abaixo dos olhos, tendo a mesma côr o lòbinho que desce dos olhos aos ouvidos e vai até o meio do bico. Casa-se perfeita e harmoniosamente com essas nuanças o iris de um branco de porcelana, que dá ao animal um aspeto verdadeiramente sobranceiro.

O gorgueiro é cinzento. A parte anterior do dorso e o interior das azas são «beige» sujo.

Essas côres são adquiridas com a idade. Os exemplares medem um metro e poucos centimetros de envergadura. As azas são possantes, sendo muito grande o poder de vôo.

Acham-se distribuidos do Brasil ao Mexico, frequentando sempre as regiões cobertas de matas altas, mas aparecem tambem nas campanhas de cerrados esparsos.

Apareciam antigamente, com relativa frequência, ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Hoje,

Urubú-rei, o mais belo abutre brasileiro.

porém, são raramente encontrados pelo interior do Estado. Cheguei a ver dois exemplares, em Outubro de 1936, entre Barretos e o Salto do Marimbondo.

Quanto à sua vida, pouquissimas observações se acham registradas. Transcrevo, a título de curiosidade, uma das notas sobre o *iriburú-bixá*:

«O naturalista espanhol D. Felix de Azara ouviu de indios guaranís que o urubú-rei faz ninho em árvores ocas: D'Orbigny e Tschudi, alhures ouviram o mesmo; o principe Maximiliano Neuwied põe em dúvida a exatidão dêsses assertos, sem, todavia, poder apelar para exame proprio. Burmeister diz que êle nidifica em árvores alterosas, mesmo na ponta de troncos sêcos. Afirmam os selvagens que a postura consta de dois ovos brancos. Quando novo, o urubú-rei é de côr geral bruno-fuliginosa, tendo no bico um pequeno calombo, em vez de crista. O calombo é menos desenvolvido nas femeas. Os filhotes acompanham os pais ainda meses depois de já poderem voar».

O andar dêsse abutre é deselegante e cadenciado, fazendo lembrar o do corvo comum *(Cathartes foetens)*. A voz é tambem semelhante á desta especie.

Muito embora o condor andino *(Sarcorhamphus gryphus)* seja de corpulência respeitavel, de belo aspeto, e tenha quasi tres metros de azas, o nosso *iriburú-bixá*, pela configuração altamente decorativa, deixa-o em plana inferior.

Urubú, Corvo brasileiro

Cathartes foetens.

Tem-se aventado, a respeito do urubú, a hipotese de disseminar êle moléstias microbianas entre as manadas de gado vacum e cavalar, assunto, entretanto, que, por natureza obscuro, ainda requer estudo acurado para que se possa proferir a última palavra a respeito.

E' necessario considerar o fato indiscutivel do serviço de profilaxia prestado por êsses *catartiformes* na remoção de corpos em decomposição, razão bastante para que se proteja tal genero de aves, pelo menos enquanto não ficar comprovada a suposição de nocividade.

O urubú comum aparece em todo lugar onde haja carniça, pressentindo a distâncias verdadeiramente incriveis o animal morto. A sua vista, excecionalmente aguda, des-

cobre, com extraordinaria facilidade, os cadaveres que jazem nos campos abertos ou pelo interior dos bosques.

Urubú comum, guarda sanitaria avançada dos campos e quintais.

Ha quem suponha até que a vista e o olfato apurado se conjuguem para tal fim. O que é fato sobejamente

assentado, todavia, é que o urubú, quando faz as suas elegantes circunvoluções, procura, constantemente, entrever qualquer vulto imovel que se assemelhe a um corpo em putrefação, para então descer e dêle se aproximar. Notámos êsse fato, por diversas vezes, nos arredores do matadouro municipal de São Paulo.

O urubú vive em bandos mais ou menos consideraveis. Quando um dêles desce à carniça, arranca os olhos e belisca a parte trazeira do cadaver. Logo então levanta vôo e comunica o achado aos demais, que acorrem imediatamente ao local.

Agrupados em tôrno do animal, os urubús emitem um som caracteristico, que é o crocitar.

Antes, porém, de iniciarem o festim, disputam, em repetidos ataques, dando pulos desageitados com as azas abertas, a primazia da posse do repugnante repasto.

Depois da encenação, o mais forte dêles rompe, com a extremidade do bico, que parece adatado para tal fim, o couro do cadaver, escolhendo geralmente a região ventral. Todos então se atiram avidamente ao cadaver, arrancando-lhe as visceras pela parte trazeira. Em poucas horas o animal fica completamente descarnado, oco, apresentando apenas o couro caído sobre o arcabouço. A decomposição se incumbe do resto da tarefa.

Quanto á biologia dos *catartidiformes*, temos a consignar o seguinte:

Costuma pernoitar em lugares certos, salvo quando na fase da procriação, da qual falaremos depois.

Ordinariamente os urubús procuram os capões situados nos lugares elevados, nos espigões das serras ou no cimo de algum monte. Para aí se recolhem á tardinha, depois da faina do dia. Deixam muito cedo êsses abrigos, voando para as alturas a inspecionar os campos, varzedos e matagais.

Essa ave é tida como uma das mais resistentes ao chumbo e às doenças que ordinariamente dizimam as outras.

E' sabido o poder extraordinario que têm os abutres para digerir substâncias carregadas de ptomainas e outras

toxinas. E' tambem conhecido o fato de o corvo ingerir os mais ativos venenos, expelindo-os, momentos após, sem dano algum para a sua integridade fisiologica.

Convém citar aqui tambem a estranha particularidade de ser raro o urubú se decompor. Temos encontrado inumeros exemplares mortos e sêcos, que pareciam até mumificados pelo tempo.

Consta que são longevos, chegando a viver um século. Disso, porém, não temos dados precisos que nos autorizem a endossar a asserção.

Nidificam quasi sempre em buracos de pedra ou em alguma loca de barranca escarpada. Nêsses lugares obscuros é que preparam o ninho, mera limpeza do chão com alguns residuos do asqueroso animal.

Depõem nessa ligeira depressão dois ou tres ovos do tamanho dos de perúa, brancos e com manchas ferrugineas no polo mais obtuso.

Não podemos determinar o tempo ocupado na incubação, mas é fato que a eclosão se dá depois de vinte dias de chôco, saindo então das cascas lindos pintinhos, inteiramente brancos e com uma vestimenta contrastante de purissimo arminho.

Os pais tratam dos filhotes à maneira dos columbideos: recolhem no papo os detritos que encontram, vôam para o ninho e vomitam o «apetitoso» alimento na garganta dos alvissimos e gentis pintainhos.

Guirassú, Uirassú, Gavião real, Gavião de penacho, Aguia brasileira

Thrasaetus harpyia.
Harpyia destructor.

No amplo dominio da fauna alada do Brasil, destaca-se, pela invulgar imponência, êsse grande rapineiro sul-americano, que, segundo bem diz Luis Terrazas em seu excelente catalogo das aves bolivianas, recebeu, dos tupís, o nome de *uirassú*, ou melhor, *guirassú*, que significa *passaro grande*, e, dos guaranís, o de *taguató-rubichá*.

Essa magestosa ave rapineira, de dimensões e fôrça comparaveis aos mais possantes similares europeus e africanos, merece estudo especial da parte dos ornitólogos, que lhe desconhecem muito de sua biologia.

Deviamos cuidar tambem, com mais carinho, da preservação dêsses soberbos exemplares, reais modelos de belleza da nossa fauna.

Importa, ainda, relevar a diminuição progressiva que se vem verificando no número dêsses *falconideos* gigantescos, sempre cubiçados pelos caçadores, pelos indios e pelas instituições científicas, que não poupam a oportunidade de vará-los com um tiro ou com uma flechada certeira.

Dentre todos os rapineiros, o *guirassú* é o que possúi as garras mais possantes. Além disso, a grande fôrça de que é dotado facilita-lhe a captura de animais, ainda que ageis ou de porte volumoso, como simios, cotias, filhotes de catetos, já não se falando das aves, que são tambem suas vítimas indefesas.

Os escritores antigos que aqui aportaram atribuiram poderes exagerados ao *guirassú*, passaro que bem se prestava aos devaneios da fantasia dos caçadores e dos nativos. Muitos historiadores de imaginação fertil chegaram ao cúmulo de consignar que êsse gavião poderia, com uma só bicada, reduzir a pedaços o craneo de um homen...

Hoje, felizmente, tudo ficou devidamente esclarecido em relação ao *gavião real*, ainda que faltem observações completas acêrca de sua biologia, cujos segredos parecem desafiar a atenção e a paciência dos ornitólogos. Transcrevo em seguida uma cena muito interessante, relatada no Clube Zoologico do Brasil pelo Sr. Jader Paulo de Castro, emerito caçador, quando de sua gentil oferta, aos socios dessa organização, de uma pele de *guirassú:*

«Foi numa tarde de Agosto, por volta das 16 horas.

Num dos barreiros do Araras, estava eu esperando, calmamente, a chegada de alguma caça grossa, e eis que ouvi um grito estridente e exquisito que vinha do alto de uma árvore desgalhada, a qual, sobranceira, punha

parte de sua ramada sobre o barreiro, deixando alguns galhos sêcos a descoberto.

Procurei — continúa o caçador — ver de onde provinha aquêle grito estranho. Depois de muito custo, vi,

Uirassú, em atitude de observação.

empoleirado num dos mais altos galhos da árvore, um grande passaro de peito branco e penas eriçadas na cabeça, o qual parecia pressentir alguma coisa estranha aos seus dominios solitarios. Virava a cabeça para aqui e para alí, como a perscrutar algum ruido, e fazia-o com certo donaire.

Negaceando, fui-me aproximando da ave, ainda longe de tiro, conseguindo, por fim, chegar ao ponto desejado para alvejá-la. Um tiro partiu, quebrando o silencio da mata...

A ave, atingida em cheio pela carga, caiu pela ramagem sem um ruido, a não ser o do baque surdo do corpo.

Procurei, facão em punho, abrir uma vereda para chegar ao local onde tinha caido a minha vítima. A tarefa foi facil, dada a pequena distância que me separava da presa.

O *guirassú* lá estava, mortalmente ferido no peito, mas mostrava-se tão agressivo, com as costas voltadas para baixo e as terriveis garras ameaçadoramente elevadas para o ar, em posição de defesa, que eu precisei cortar um pau para acabar de matá-lo. O olhar do passaro, penetrante como dois punhais, ainda agora perdura claro na minha lembrança.

A' noite, no acampamento do Tibají, conversando com velhos caboclos e companheiros inseparaveis de caçadas, disseram-me que o gavião de penacho frequenta as proximidades dos barreiros, negaceando os bichos que chegam para lamber o sal. E' rapido, seguro e possante nas investidas, podendo até levar uma cotia ou porquinho nas garras, com facilidade, para o cimo das árvores, onde os despedaça comodamente com o bico afiado e as unhas dilacerantes.»

*
* *

Em referência à postura e nidificação do *guirassú*, tenho a aduzir algumas informações, ainda que vagas, que aí ficam à espera de confirmação ulterior: é voz corrente, em Mato Grosso, que a *Harpia* constrói os ninhos nos galhos mais elevados das mais altas árvores que bordejam os grandes rios. Êsses ninhos, muito grandes e toscos, feitos de ramos sêcos espalhados em plano sem espessura, guardam de tres a quatro ovos brancos. Consta,

igualmente, que os pais aproveitam sempre o mesmo ninho para novas posturas.

Emilio Goeldi nos diz o seguinte: «Em Março de 1830, Natterer observou, proximo a Borba, um casal de *Harpias* no ninho, construido em um taquarí de enorme altura! Quanto ao número e fórma dos ovos, nada se

Á hora do almoço.

sabe ao-certo até agora, que me conste; é isto ainda segredo dos indios, que dizem ser um e mesmo ninho aproveitado em anos sucessivos; o mesmo se dá com o *Gypaetus barbatus* da Europa» (pag. 52 da Monografia brasileira, 1893).

O *gavião real*, como bem o batisaram os portugueses primitivos, que com êle travaram conhecimento, habita o Brasil, até o Mexico, do Pacífico ao Atlantico, em zonas de florestas densas, riscadas de grandes rios, e de preferência nas vargeas quentes. Não ultrapassa ás serras

mais elevadas e frias dos Andes. Em muitos Estados do país o seu aparecimento nunca foi assinalado, mas em outros pontos do Brasil a sua ocorrência não constitúi surpresa, como em Goiás, Paraná, Pará, São Paulo e Mato Grosso».

*
* *

Nas lendas e tradições que enriquecem o nosso poranduba, as penas vistosas do *guirassú* são tidas como portadoras de felicidade, constando tambem que o excremento sêco dêsse passaro é capaz de curar as mais rebeldes enfermidades.

Quanto à sua fôrça prodigiosa e destresa incomparavel, destaca-se, outrossim, entre a gente simples, a lenda de que o *gavião-guassú* é capaz de arrancar, com as unhas poderosas, o coração dos macacos, preguiças e outros animais que encontra no topo das árvores.

A *Harpia* apresenta os seguintes caracteristicos: de ponta a ponta a aza tem dois metros, e, nos maiores exemplares capturados, dois metros e vinte centimetros, sendo, portanto, comparavel ao *Gypaetus barbatus*. As azas propriamente ditas não correspondem, no tamanho, às do similar europeu, que as tem muito mais longas e poderosas, sendo talvez por isso que a aguia brasileira não tem o poder de vôo dêste.

As pernas são grossas, vigorosas, e os dedos, tambem grossos, são longos e possantes. O dedo medio tem oito centimetros e meio de comprido e o trazeiro quatro. As garras têm, em curva, oito centimetros; a altura da ave é de um metro, da ponta da cauda ao alto da cabeça; dorso e colar de penas acinzentados; pernas e pés amarelos; bico adunco e de côr plumbea. As penas da nuca, que se alongam em topete vistoso, são cinzentas; as costas e as azas são anegradas; as penas brancas dos calções são marchetadas de negro e as do baixo ventre e do encontro das azas são brancas; o iris é amarelo avermelhado.

O *guirassú*, a despeito do porte, emite um piado fino e penetrante, como si fosse um assobio. Êsse som é o grito de irritação; é de fato estridente, como Dante refere numa das passagens do seu poema imortal. E' lugubre e de significação indescritivel quando ouvido no recesso da floresta sombria e humida.

No Museu Paulista ha um belo exemplar empalhado, procedente de São José do Rio Pardo. Temos tambem um especime, oriundo de Franca, em cativeiro. Ultimamente foi morto outro em Jundiaí, desarvorado do seu *habitat*.

De Santarém o Sr. Olalla mandou uma pele dessa ave ao Sr. Hermann Zelibor.

Com vista aos poderes públicos, quero, ao terminar esta descrição ligeira e desataviada, fazer um apêlo veemente em favor da preservação dessa belissima ave de rapina, que, em virtude do exterminio sistematico e inutil que o homem lhe vem movendo impensadamente, já tende a desaparecer por completo do cenario zoologico do Brasil, o que já está prestes a acontecer tambem com o *galo da serra* (*Rupicola rupicola*).

Acauan, Cauan, Macauan, Macaguá

Herpetotheres cachinnans.

A crendice popular não tem limites. Do cerebro do homem rustico nasce, como da terra fecunda que pisa, abundante colheita das mais absurdas concepções, produto exclusivo da falta de uma análise fria e serena dos mesmos fatos que êle, no delirio da febre fantasista de mestiço, nunca procura averiguar.

Cria um mundo maravilhoso de abusões. Vê em cada história simples, de uma ocorrência qualquer, uma causa sobrenatural. Em cada ave que pia, em cada objeto que se despedaça de encontro ao chão, em cada fenomeno meteorologico, em cada minucia, enfim, da sua propria vida, existe para êle razão bastante para que dê corpo ou curso a uma concepção mistica.

O sertão brasileiro é um imenso laboratorio de invencionices, que crescem na cabeça doentia dos seus habitantes simples como a tiririca nas terras ferteis.

Assim sendo, justifica-se plenamente que o brilhante escritor patricio Oswaldo Orico tenha reunido, em volumoso tomo de 376 paginas, tantas abusões da gente mameluca e enfermiça das regiões amazonicas, iniciando-as com a descrição do falconídeo denominado *acauan*, ou simplesmente *cauan*, que recebeu das populações nativas daquela enorme estensão geografica fama tão diversa.

A particularidade mais interessante e valiosa dessa ave de rapina é a de dar caça constante às serpentes. Não respeita as mais agressivas e venenosas, atirando-se a elas sempre que as encontra. Segura, com uma das patas, armadas de possantes garras, o meio do corpo do ofidio, aparando, com uma das azas, que lhe serve de escudo, os seus repetidos e inuteis botes. Finalmente, com uma bicada firme e certeira, esmigalha-lhe a cabeça e passa a engulir a cobra por essa mesma parte.

Damos em seguida duas comunicações interessantes sobre a ofiologia dêsse acerrimo inimigo das serpentes que infestam a nossa terra. Diz-nos Goeldi:

«O acauan tem o tamanho aproximado de um pombo dómestico, com as penas da cauda e das azas mais longas, o que lhe empresta um porte mais esguio e um poder de vôo mais rapido. A plumagem é bruno-escura no dorso e na parte superior das azas, sendo branca na zona inferior e no anel nucal; alto da cabeça amarelo; retrizes e remiges fitadas de branco. Pertence exclusivamente ao Brasil central e à região amazonica, onde vive na borda da mata, de preferência perto dágua, servindo-se, à maneira de tantos outros rapineiros, do ramo de qualquer árvore morta para observatorio.

E' peculiar no grito, que sôa como uma gargalhada estrepitosa. Sua alimentação consiste principalmente em cobras e répteis de toda especie, pelo que goza, entre os

indios, da consideração semelhante à da Ibis entre os antigos egipcios. Os aborigenes consideram-na ave santa e encantada, padroeira contra mordeduras de cobras».

Ouçamos agora a opinião de Francisco Iglesias:

«O que não padece dúvida é o fato de o *acauan* devorar cobras. Certa vez lhe oferecemos uma coral não venenosa *(Pseudoboa trigemina)*. O *acauan* agarrou-a logo com um pé e imediatamente, com o auxílio do bico, triturou-lhe os ossos da cabeça. Feito isso, começou a engulí-la pela cabeça mesmo, e fê-lo inteiramente.

No dia seguinte lhe apresentámos uma «cobra-cipó» *(Chironius carinatus)* de um metro e meio de comprido. Procedeu da mesma fórma; quando chegou ao meio da cobra, e como estivesse já com o papo cheio, cortou-a com o bico, deixando cair o resto no chão. Foi interessante essa luta. Assim que a ave cravou as garras na cobra, esta lhe passou uma volta pelo pescoço e já tratava de apertar o laço quando o *acauan*, mais rapido, meteu as unhas entre o pescoço e a cobra, desembaraçando-se. A cobra por várias vezes tentou enforcar a ave, mas em vão. Terminou sendo vencida.

Criei dois exemplares. Comiam todas as cobras que apareciam: jararacas *(Bothrops jararaca)*, cascaveis *(Crotalus terrificus)*, etc..

Vinha trazendo do nordeste, com grande prazer, mais dois especimens, mas infelizmente morreram em viagem».

*
* *

Na falta de cobras e lagartos o *acauan* não despreza os peixes. Muito dêstes têm sido encontrados no seu papo, pois êle costuma avisinhar-se dos lagos, pelas beiradas, para surpreendê-los.

Nas noites de luar grita até altas horas da madrugada, reforçando, com o extranho piar, a superstição popular.

Gavião de penacho, Gavião carijó

Morphnus guaianensis.
Harpyia coronata.

Êste belicoso representante dos *gaviões de penacho (Trassaetus)*, embora pouco menor do que o *guirassú*

Gavião-carijó, o destemido caçador das florestas virgens.

(Harpyia destructor), é mais agressivo e de aspeto mais aquilino.

As penas que lhe formam o longo topete, de quinze centimetros de comprido, armado na parte posterior da cabeça, as quais se eriçam quando o passaro está irritado, emprestam-lhe uns ares expressivos de energia e hostilidade.

Nas densas matas da alta Sorocabana, em Santo Anastacio, foi capturado, ha tempos, um soberbo exemplar, que ilustra a presente descrição. Ferido por um tiro, foi fotografado sobre um caixão. A atitude que lhe vemos é de inspirar respeito. De fato, êle não se atemoriza ainda que mortalmente ferido. Merece, pela bravura e pelo porte, o título de aguia americana.

A côr de ardosia do dorso e das coberteiras alares, as penas mais escuras das retrizes e das remiges e o regio topete, casam-se harmoniosamente com o papo branco e as penas inferiores das azas, dos calções e da barriga, que apresentam muitas listas transversais cinza-escuras e brancas, intercaladas.

As garras são mais fracas do que as do *guirassú*, porém mais afiadas. A envergadura é de um metro e cincoenta e cinco centimetros.

Gavião pega-macaco

Spizaetus tyrannus.

Êsse soberbo *falconideo* brasileiro tem o nome ligado ao hábito de surpreender os pequenos simios nas copas das árvores, arrebatando-os, com incrivel rapidez, nas garras possantes.

E' tal a fôrça de que é dotado êsse passaro de rapina que é capaz de matar imediatamente a vítima que lhe cái às garras. O gato, apesar de toda a vitalidade de que goza, morre instantaneamente nas garras desse gavião, apresentando logo várias fraturas na coluna vertebral, grande hemorragia interna e profundos ferimentos penetrantes, produzidos pela forte constricção das grandes unhas, poderosas e curvas.

Êsse rapineiro vive pelos bosques do Brasil e apresenta os seguintes caracteres: construção reforçada; plumagem negra, desde o vertice da cabeça até o alto do peito, e, em baixo, bruno-escura, com pintas brancas ovais em cada pena. Os calções têm igual coloração.

A distribuição geografica é profusa, estendendo-se por muitos Estados do país.

Gavião carijó legítimo

Leptodon palliatus.
Leptodon cayannensis.

A fotografia que estampamos, gentilmente cedida pelo nosso amigo Dr. Alvaro de Sousa Queirós Filho,

Rapineiro ferido abre as azas e, resolutamente, espera o agressor.

que teve a rara felicidade de obtê-la em Mato Grosso, bem exprime a beleza dêsse soberbo e valente *falconideo* nacional.

Na prancha 41 do «Album de Aves Amazonicas» vê-se o belo passaro sobre um galho de árvore, despedaçando a carne, ainda a sangrar, de um tucano. As azas têm um metro de envergadura. A plumagem do dorso, as coberteiras alares e a cabeça são côr de ardosia. A

cauda e o interior das azas têm belas listas brancas e cinzentas. As retrizes e as remiges são denegridas por cima e listradas por baixo. O conjunto de tons é vistoso e agradavel, como se vê pela fotografia. A plumagem restante, isto é, das côxas e do colo, é branca e estriada de escuro. A cabeça é esbelta, redonda. Os olhos são expressivos e não traduzem aquela ferocidade dos generos de penacho.

Não excede a quarenta e cinco centimetros de alto. E' visto nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Goiás, Mato Grosso, Minas e São Paulo, achando-se provavelmente mais espalhado por outros Estados, dadas as possibilidades de seu poderoso raio de vôo. Alcança facilmente grandes altitudes, descrevendo caprichosos circulos no ar, e, quando surge a presa desejada, desce para ela como uma seta, apanha-a rapidamente nas garras e arrebata-a para longe, para despedaçá-la em poucos minutos.

Caracará, Carapinhé, Carrapateiro, Carancho

Milvago ochrocephalus.
Polyborus brasiliensis.

Não ha quem desconheça o gavião *caracará*, ou *carapinhé*, ou, ainda, *carrapateiro*, como é menos conhecido.

E' o assiduo frequentador dos potreiros, o inseparavel amigo do gado vacum das pastagens distantes ou das mangueiras das fazendas de criar, onde o vemos pousado nos mourões das cêrcas ou mesmo no espinhaço da rez, que, complacente, o recebe como a um benfeitor, já que êle lhe cata os carrapatos e vermes. E a gente fica sem saber o que mais admirar si a maneira circunspecta por que a ave, tão pequenina, se aproxima, destemorosa, do enorme animal, si a paciência com que êste se sujeita à extração dêsses parasitas, a qual, por certo, não ha de ser indolor.

O *carapinhé* faz ninhos de gravetos em lugares afastados, sobre galhadas propicias, em geral altas, como se vê na fotografia.

Os exemplares dêste genero, bem maiores do que os do precedente, vivem mais afastados das casas e do gado, preferindo procurar o alimento nos campos rasos, para o que se reunem em casais ou grupos de seis ou mais individuos.

Êsses bandos se encontram frequentemente pelos terrenos arados de fresco ou nos banhados que se vão se-

Casal de carapinhés n'uma galhada de arvore cuidando da perpetuação da especie.

cando ao sol e deixando restos de peixes, vermes e batraquios expostos ao apetite dêsses passaros de rapina.

Não desprezam tambem a carniça e, concomitantemente o convivio dos urubús, com os quais são vistos a matracar o canto gutural: *tr-rá-tr-rá...*

Essas duas especies são, com razão, consideradas uteis ao homem, embora, de vez em quando, na falta do alimento habitual, procurem os pintos do terreiro ou mesmo algum franguinho.

Gavião-tesoura, Nhapacanin, Gavião-pescador

Spizaetus ornatus.

Êsse grande e belo *falconideo* brasileiro tem setenta centimetros de comprido.

E' encontrado pelos mangais, ao longo de toda a costa meridional do país.

A cabeça é negra. As penas alongadas da nuca formam um penacho. O pescoço é côr de castanha nos lados e na região posterior. O dorso é bruno e salpicado de manchas pretas. A face inferior é branca. Tem faixas pretas no peito, na barriga e nos calções. Sob os olhos se lhe nota uma estria negra. Bico escuro, quasi canela-anegrado. Dedos amarelos.

Gavião-pato, Gavião vermêlho

Spizaetus atricapillus.

Êsse *falconideo,* todo côr de pinhão, que atinge um comprimento de sessenta centimetros e tem as penas da nuca mais longas e escuras, é encontradiço nos vargedos solitarios, procurando as margens das lagôas em busca de cobras, batraquios e peixes.

Sólta um piado triste, prolongado, grito de dor que se perde na amplidão das campanhas desertas.

Gavião-pombo

Leocopternis palliata.

Êsse vistoso e elegante *leucopternideo,* conhecido vulgarmente pelo nome de *gavião-pombo,* é um habil rapineiro de vôo caprichoso, costumando planar, quasi imovel vibrando as extremidades das azas e equilibrando-se nas correntes aereas.

Mede cincoenta e cinco centimetros de comprido. E' branco na cabeça, no pescoço e em toda a zona inferior. O dorso é cinzento denegrido e tem faixas transversais brancas, desde a região posterior até o uropigio. As azas, de pontas brancas, são da mesma côr do dorso.

Coruja, Suindara, Coruja branca

Tyto alba tudi.
Tyto alba tuidára.

A' ordem dos *estrigiformes* estão incluidas as corujas de muitos generos e especies, essas aves noturnas de

A suindara, a bruxa das torres das egrejas.

feição repulsiva e impressionante que lembram as bruxas das histórias infantis e as tantas superstições a elas atribuidas só por causa da aparência soturna e misteriosa.

Os caracteristicos diferenciais que predominam na ordem citada são os seguintes: cabeça volumosa; olhos grandes, de pupilas redondas, situados na face; orgãos auditivos bastante desenvolvidos; bico curto, recurvado para baixo; pernas curtas, revestidas de uma penugem que muitas vezes atinge os tarsos; vibrissas na base do bico e em redor dos olhos.

Corujão-diabo, mocho da mata.

«As corujas — diz Paiva Carvalho — são malquistas e desprezadas pelo povo em geral. Não se leva em conta, porém, o benefício que quasi todas proporcionam ao homem, pela destruição incessante que movem aos insetos daninhos e aos roedores.

Só lhe são apontados raros prejuisos esporadicos causados ás ninhadas de representantes da nossa avifauna».

Certas especies são dotadas de penacho; outras não o possuem. Algumas vivem na mata e outras nos cam-

Caboré do campo, o assiduo morador das casas de cupins.

pos; outras, ainda, durante a noite, se encontram no cimo dos campanarios das igrejas ou no travejamento das velhas casas arruinadas.

São pouquissimas as especies que atacam ocasionalmente os ninhos dos passaros e, segundo parece, nem o fazem com exito. Preferencialmente caçam roedores, como demonstraremos adiante.

Entre as primeiras referidas se acha a *suindara*, que tem tambem os nomes vulgares de *suinara* e *coruja-branca (Tytalba tuidara)*, cujos exemplares por vezes atacam os filhotes das andorinhas que se abrigam nos telhados das igrejas ou cáim nos forros das habitações onde elas se encontram. Em segundo lugar mencionaremos o *jacurutú*, ou *jucurutú (Pulsatrix perspicillata perspicillata)*, que por vezes ataca as aves domésticas, tendo particular predileção pelos pombos. Essa especie, conhecida tambem por *jucú*, ordinariamente empreende caça aos camondongos, ratos e outros pequenos mamiferos.

As demais especies, como, por exemplo, o *mocho orelhudo (Buboviginianus nacurutu)*, o *mocho-diabo (Asio stygius stygius)*, a vulgar *coruja da mata (Ciccaba borelliana)*, a curiosa *corujinha do campo (Speotyto cunicularia grallaria)*, *caboré do campo*, *coruja buraqueira*, ou, ainda, *urucuéra (Speolyto cunicularia grallaria)*, de vida diurna e noturna.

Mutum

Crax fasciolata.

Antes de iniciarmos a descrição dessa preciosa especie de galinaceo nacional, ouçamos a palavra do Sr. Oliverio Pinto:

«Na avi-fauna brasileira os *mutuns* figuram entre os exemplos mais merecedores de nossa atenção, já pela posição excecional de relêvo que ocupam entre o que ha de melhor em materia de caça plumada, já pela raridade nas zonas desbravadas pela civilização, e já, ainda, pela dificuldade de discriminação de suas especies. Com os jacús, as jacutingas e as aracuans, compõem êles, entre nós, a familia dos *cracideos*, da ordem dos *galiniformes*, que corresponde apenas a uma pequena parte do antigo grupo

cuveriano dos *galinaceos,* reconhecido, de ha muito, como excessivamente heterogeneo, e por isso progressivamente podado de seus membros aberrantes, como os nhambús e a cigana, tipos de outras tantas ordens autonomas.

Os nhambús formam, como os macucos, as perdizes e as codornas, a ordem dos *tinamiformes* (ou *cripturiformes),* principalmente pela conformação muito singular da abobada palatina ossea, analoga á dos avestruzes. A cigana, tipo atualmente unico dos *opistocomiformes,* singulariza-se por ser dotada de caracteres arcaicos, cujo exemplo mais frizante é a presença de garras nas azas dos exemplares jovens.

Os *mutuns* são os nossos legitimos representantes dos perús selvagens do Mexico e do oeste dos Estados Unidos; como os seus conhecidos companheiros de familia, levam na mata hábitos pacatos e sobrios, suportando bem o cativeiro, onde a miudo se reproduzem, tudo fazendo crer que um esfôrço bem conduzido poderia torna-los aves domésticas de alto merecimento.

Distribúim-se técnicamente em tres generos, faceis de caracterizar em rapidas palavras:

1.º Genero *Mitu,* Lesson, 1831, em que o bico é muito volumoso, com o culme caracteristicamente elevado em lâmina de bordo cortante.

Os *mutuns* dêste genero são mais corpulentos do que os de qualquer outro, e apresentam, em ambos os sexos, uma plumagem de colorido aproximadamente identico, negro e com lustro metalico azul ferrete, à exceção do baixo abdomen e partes adjacentes, que são de côr castanha carregada. Dêles possuimos duas especies exclusivas da Amazonia: *Mitu mitu* (Lin.), da metade meridional da grande bacia, reconhecivel pela maior elevação e grande entumecimento da maxila superior, e pela côr branca das extremidades das retrizes; *Mitu tormentosa* (Spix), dos afluentes da margem esquerda, diferente por ter o culme não entumecido, menos elevado, e as ex-

tremidades das retrizes côr de ferrugem, em vez de brancas.

O Museu Paulista não possúi exemplar algum de *Mitu tormentosa,* que Natter achou no Rio Negro e existe tambem na Guiana Inglesa. De *Mitu mitu* (Lin.) possúi, em compensação, as peles de um belo casal, caçado por E. Garbe, no Rio Juruá.

2.º) Genero *Nothocrax,* Burmeister, 1856, isto é, etimológicamente, *mutum bastardo* ou falso *mutum.* Aqui, à diferença do genero procedente, não ha elevação especial da maxila superior, cujo culme é normal e regularmente convexo; em compensação, basta para caracterizar o grupo a larga área despida de penas, que cérca cada um dos olhos. Conhece-se uma unica especie, de estatura menor do que a dos *mutuns* em geral, propria da alta bacia amazonica, (Equador, Perú), incluida nela o Rio Negro, onde a descobriu Spix, descrevendo-a e figurando-a mais tarde com o nome de *Crax urumutum* na sua celebre obra sobre as Aves novas do Brasil.

Nothocrax urumutum apresenta diferenças acentuadas entre os dois sexos: os machos têm as partes superiores e o pescoço côr de castanha, com finas vermiculações pretas no dorso, enquanto que a face ventral é, a partir do pescoço, côr de canela com leves manchas escuras pelos flancos; as femeas diferem por ter a face dorsal marcada mais grosseiramente de ferrugem clara, sobre fundo mais carregado, além de apresentarem o peito, o flanco e as coxas muito mais tisnados de manchas escuras. A ave parece sobremodo rara nas coleções e o nosso Museu infelizmente não possúi dela exemplar algum.

3.º) Genero *Crax,* Lin., 1758. E' o mais rico de todos em especies. Póde ser caracterizado pela conformação do bico, às vezes entumecido em tuberosidade na base, mas nunca elevado em aresta proeminente, como em *Mitu;* pelo topete de penas crespas do alto da cabeça, muito mais desenvolvido do que nos

dois generos precedentes, que o tem de penas quasi lisas, e confinado à região occipital; pela ausência de área desnuda em volta dos olhos e, finalmente, pelo acentuado dimorfismo sexual, que faz de modo geral contrastar a plumagem negra dos machos com a roupagem muito mais variegada das femeas, sempre reconheciveis, e, além do mais, pelas manchas brancas das penas do topete».

*
* *

Em prosseguimento a êsses informes preciosos, estudemos a opinião, tambem abalizada, do Sr. João de Paiva Carvalho:

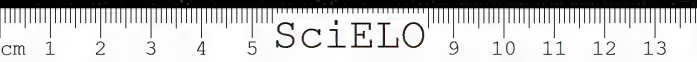
«O mutum é uma ave grande, que atinge até 80 centimetros de comprimento. Penas do vertice erectas, com extremidade livre encurvada para diante. As penas erectas do vertice são pretas no macho, apresentando na femea algumas faixas brancas. Êstes últimos caracteres parecem só distintos em animais bem velhos.

Côr preta, com lustro verde nas costas; barriga, coxas e coberteiras inferiores da cauda branca. A femea, difere do macho pela côr ferruginea da barriga e das coberteiras inferiores da cauda.

Encontra-se raramente no noroeste paúlista; sua abundância cresce nos Estados do centro e norte do país, onde se encontram tambem outras especies.

O filhote nasce com os olhos já abertos e desde os primeiros momentos póde movimentar-se livremente. Não usa, porém, dessas vantagens da precocidade para procurar alimento, pois nos primeiros dias vive à custa do consumo de reservas graxas que possúi.

Antes de emplumar definitivamente, possúi o filhote um revestimento basto e quente de arminho que lhe cobre inteiramente o corpo.

No nono dia de vida as plumulas, de *rachis* pouco desenvolvido, começam a crescer nas apterias e nas terilias, com vigor e rapidez, sendo todas em amarelo que vai

do claro ao ferrugineo, do branco ao creme e do cinzento ao negro.

Passemos a descrever agora o que nos foi dado observar de sua biologia e o que nos foi possivel saber de sua vida selvagem, através de informações que nos forneceu o nosso patricio Wakodi, da tribu dos cáus do Pará, por intermedio do Sr. Bento Chermont, do

Mutum-pinima, lindo galinaceo (Femea da especie fasciolata).

Museu Goeldi, a quem devemos a gentileza, de muito valor para o atual despretencioso trabalho.

Nas matas o mutum vive em bandos, preferencialmente nos lugares em que a vegetação não é muito cerrada. Nos Estados do sul essas aves habitam os capoeirões de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os adultos nutrem-se de frutas agrestes, renovos e folhas moles de certas árvores e tambem de ervas rasteiras, vermes, etc.. Os filhotes alimentam-se de

preferência de larvas e vermes (cupís, minhocas, etc.). Comem tambem pequenas sementes, isto em cativeiro.

Êste alimento do mutum joven é colhido pelos pais, que vão procurá-lo às vezes em lugares distantes, trazendo-o no bico para os filhotes, como pudemos observar várias vezes no parque do Departamento de Indústria Animal. Geralmente êsse serviço é feito pela femea, pois o macho não costuma abandonar a prole. Quando separado desta, isto é, posto fóra do viveiro onde estão os filhotes, continúa junto à grade por muitos dias, dando aos pequenos mutuns, através da tela que o separa, o alimento que consegue apanhar.

Certos fatos que conseguimos observar nos viveiros, nas duas ocasiões em que acompanhámos a criação do *Crax fasciolata* no parque da Água Branca, são muito expressivos e mostram o interêsse que estas aves têm por sua ninhada. Aqui os transcrevemos:

Certa ocasião, aproximando-se do cercado uma saracura despreocupada, o macho, que já a havia pressentido de longe, fazendo tremular as negras retrizes caudais e tornando erectas as penas escuras do topete, foi-lhe ao encontro. A princípio marchou compassada e vagarosamente; depois, abrindo as grandes azas e alongando o pescoço, flechou firme e decidido, pondo em fuga o visitante importuno.

Dentro do viveiro, no compartimento contiguo, havia uma femea de pavão europeu que parecia mostrar-se enciumada com o carinho dispensado pela femea ao jovem mutum. Passeando inquieta, de um lado para outro, de topete eriçado e raspando o bico pela grade do cercado, pretendia atingir o filhote da visinha com o bico.

O macho, impaciente e precavido, colocava-se junto à grade, não deixando que dela se aproximasse o seu incauto descendente.

No segundo exemplar, femea, nascido em Agosto de 1933 no parque do Departamento de Indústria Animal, êsses fatos se confirmaram plenamente.

Pela primeira vez tivemos ocasião de verificar a analogia existente entre o mutum e o perú doméstico, observando o hábito que possúi o macho daquela especie de fazer roda, com a cauda armada em leque, para agradar à femea.

A especie em questão é de facil domesticidade. Criada racionalmente, em parques fechados e livres da perseguição que lhe movem os ratos e as aves de rapina,

Filhote da mesma especie com um mês de idade.

desenvolvem-se bem. Ao contrário das demais especies ornamentais dos nossos parques e jardins, não requer grandes espaços. Uma área bastante restrita, de quatro metros quadrados, dá para abrigar um casal e dois filhotes.

Em cativeiro a alimentação principal do filhote deverá ser constituida de cupís. Entretanto, será conveniente que se promova a construção de um comedouro onde só o filhote possa penetrar e onde se coloque quirera e a mistura comumente utilizada na alimentação dos passaros.

Ás especies adultas se dará, além do milho e minhoca, um pouco de banana picada, sendo aconselhado que se

mantenha um cocho permanente com algumas pedras de sal grosso.

No abrigo deverá existir, além da água sempre renovada, um lugar obscuro, junto ao chão, e coberto, com abundância, de palha ou capim sêco, onde a femea se recolha ao anoitecer e se acoute nos dias frios ou chuvosos, ficando resguardada dos ventos.

Após o quarto mês, as aves poderão andar livremente, não havendo necessidade de se recorrer a viveiros, pois não se afastam do local em que estão habituadas a viver.

Quando cativos, não podem ficar vários casais juntos, pois se guerream constantemente até a extinção do mais fraco. O mesmo fato se observa no mato na época da postura. A criação, em quintal ou galinheiro, processa-se perfeitamente, o que se observa frequentemente no Pará e no Amazonas, onde pintos e mutunsinhos se criam juntos.

Constróim os ninhos com palhas e ramos sêcos, situando-os na forquilha mais alta dos galhos das árvores. Nos casos que observámos, os ninhos sempre foram feitos nos cimos dos pinheiros, que eram as árvores mais altas do parque (cinco a sete metros do solo).

A postura é geralmente de dois a tres ovos. Raramente põem quatro. A ninhada dura vinte e oito dias. Com noventa dias o exemplar fica adulto».

Jacú-guassú, Jacutinga

Penelope obscura bronzina.
Pipile jacutinga.

A grande familia dos *cracideos,* dos opulentos *galiniformes* nacionais, compreende vasta coleção de fórmas de alto valor venatorio ou ornitologico.

Longe iriamos, como já temos dito inúmeras vezes, si quizessemos descrever cada uma das especies com ilustrações em côres naturais e referências acêrca de cada fórma de vida. Seria um trabalho dispendioso e exaus-

tivo, que tomaria algumas existências, mas que compensaria a passagem por esta vida...

Os jacús são passaros vistosos e corpulentos. A especie mencionada mede setenta e tres centimetros da ponta da cauda ao bico. E' bem verdade que nessa medida entram as longas retrizes, mas, assim mesmo, o seu corpo equivale ao de um frango bem desenvolvido.

Imponente jacú-guassú, o visitante madrugador das fruteiras.

Ha mais nove especies do genero, referidas no recente catalogo das aves do Brasil, de Oliverio Pinto, o paciente e provecto zoologo do Museu Paulista.

O *jacú-peba (Pipile superciliaris jacupemba)* e o *jacú-caca (Pipile superciliaris jacucaca)* são especies bem menores do que a citada, mas de habitos de vida identicos.

O jacú de ôlho vermêlho e plumagem ferruginea *(Pipile morail)*, o jacú de barbelas rubescentes *(Pipile obscura obscura)* e uma outra robusta especie do norte do

Brasil *(Pipile jacquacu jacquacu)* são afins e apresentam pequenos caracteres definidos e constantes que permitiram aos nomenclaturistas colocarem-nos em suas respectivas chaves, mas, mesmo sob o simbolo delas, em pouco tempo estarão fóra...

Os jacús vivem em bandos de seis a dez individuos, ciscando a folhagem do chão humedecido da floresta ou saltando de galho em galho em batida às fruteiras. Alimentam-se de sementes e frutos silvestres. As caneleiras são assiduamente visitadas por êsses moradores da mata, em razão da abundância de alimento que elas oferecem.

A côr predominante dos *jacús* é a bruno-ferruginea, mais ou menos anegrada na região dorsal. As remiges e as retrizes são pretas, debruadas de pardo, com brilho metalico. As penas do alto da cabeça são longas e permitem que a ave as levante em topete quando se assusta ou se irrita. Uma listra branca fórma uma curva superciliar. As barbelas são vêrmelhas.

A carne é escura e secundaria para a mesa.

A' tardinha ou pela alta madrugada procuram as árvores e comem-lhes os frutos antes que amanheça o dia.

Constróim os ninhos, de Agosto a Outubro, nas forquilhas dos mais altos galhos encobertos. A postura é de tres ovos brancos.

A *jacutinga (Pipile jacutinga)*, embora pertença a outro genero, assemelha-se bastante, na fórma e na biologia, às especies precedentes.

Anda em bandos e procura os palmitais quando em frutificação, descendo ao chão para ciscar. Vôa pesadamente de árvore para árvore, não se assustando com a presença inopinada do caçador, sossêgo que lhe custa bem caro...

O piado contrasta com o estrepitoso gargalhar do *jacú:* é um assobio fino, em breve nota musical que vai do grave ao agudo.

Êsses *cracideos* se adaptam facilmente ao cativeiro. Temos obtido muitas ninhadas de *jacutingas* e *jacús* nos

viveiros do parque do Departamento de Indústria Animal, onde, graças à dedicação de Constantino Junqueira, a sua criação já não constitúi segrêdo algum.

Seu ninho é feito em jacás previamente colocados na parte mais alta do viveiro. A postura que ocorre de Agosto a Janeiro, consta de tres ovos brancos, bastante resistentes, que tem o tamanho aproximado dos das perúas. Verifica-se a eclosão ao cabo de vinte e oito dias. Tem ocorrido tres posturas anuais.

Casal de jacutingas nascidas e criadas no Parque de Industria Animal de S. Paulo.

A côr geral da *jacutinga* é negra, com penas brancas e esparsas pelas coberteiras e nas pontas das azas. A cabeça e parte posterior são ornadas de penas longas e brancas. As barbelas e as faces, brancas, têm tons azulados.

A fotografia diz melhor do que as letras o que são êsses passaros.

Papagaio

Androglossa aestiva.

Dos quatorze generos e cento e quatorze especies de psitacideos que ocorrem na America do Sul, setenta e seis são brasileiras. Vê-se, portanto, que o país possúi vasto número de tais aves, que, pelo matizado de suas penas vistosas e pelas aptidões de que são dotadas, constitúim um dos mais caros ornamentos da avi-fauna indigena.

Além do lindissimo *acanan (Deroptyus accipitrinus),* que, com a opulenta gola de penas compridas, emolduradas de azul arroxeado, brilha ao sol com excecional beleza, temos outras tantas especies dignas de estudo e merecedoras de maior proteção.

O nosso ilustre patricio Dr. Sergio Meira se dedicou com invulgar devotamento à biologia dessas aves, conseguindo colecionar um consideravel acervo de notas sobre cada uma das especies. Obteve telas magnificas, a oleo e a aquarela, de cada uma dessas aves, em tamanho natural. Estudou-lhes, paciente e longamente, as doenças. Infelizmente, todo êsse arduo labor, que, sem a menor dúvida, representa um trabalho originalissimo e de grande valor, não foi publicado.

*
* *

Retomando o fio do assunto desta descrição, direi que o papagaio comum, o papagaio verde e de penas escarlates no encontro das azas, é encontrado, em grandes bandos, pelo interior do Brasil. A garrulice dessas aves permite perceber, à distância, a sua presença pelas roças de milho ou nas fruteiras silvestres.

O papagaio *jerú* nidifica, de setembro a dezembro, em ôcos de árvores altas, onde choca de dois a tres ovos. Os filhotes são tratados pelos pais, que se revesam na ardua faina, ora trazendo um o alimento, ora outro. São perspicazes nessa fase da procriação, pois nunca se dirigem diretamente ao ninho, onde os filhotes se acham abrigados. Sentam-se primeiro num galho distante, donde

inspecionam com todo o cuidado as imediações, para, bem certos de que nenhum importuno os espreita, dirigirem-se ao buraco do pau, em que entram rapidamente.

Papagaio sertanejo, a querida e familiar ave parladora que se encontra em todas as casas. (FOTO C. WESSEL)

Os filhotes empenados são avidamente procurados pelos selvagens e sertanejos, que os retiram do ninho para ensiná-los a falar.

Aprendem, com facilidade espantosa, a assobiar trechos de musica e a repetir curtos periodos de prosa.

Muitos papagaios domesticados chegam a recitar versos, distinguindo-se pela dicção clara e chistosa. Ha exemplos edificantes da curiosa capacidade de memoria desses passaros.

A carne do papagaio é escura e muito dura. E' até desagradavel ao paladar. Entretanto, muitas tribus do país a comem assada e dão-na às crianças para que comecem a falar mais cedo...

O genero dos psitacideos póde-se subdividir em duas sub-familias distintas: a dos *conurideos* (araras, periquitos, catorritas, tiribas, jandaias, etc.), que têm as penas medianas caudais longas, e a dos *pionideos* (papagaios, baitacas, sabiacicas, tuins, etc.), cujas penas da cauda são curtas e iguais.

O *jerú*, ou *cumatanga*, como é tambem denominado o papagaio ensinado, tem os seguintes caracteres: a plumagem predominante é verde-clara e os bordos são lèvemente sombreados de preto; a fronte é azul anilado; vertice, face e garganta amarelo-gema e, como dissemos atrás, penas escarlates no encontro das azas.

A respeito do papagaio, Ihering diz o seguinte:

«Frequentemente se comparam os papagaios aos macacos e ambos representam entre os seus pares os tipos aos quais coube a maior soma de dotes que os habilitam a imitar — pelo menos sob alguns aspetos — o protótipo dos animais: o homem. Não se trata de verificar si êles alcançam a maior perfeição nêste ou naquêle mister; mas o decisivo é a soma de habilitações para vencer em qualquer emergência na luta pela vida e, além disso, que haja algumas sobras, que poderiamos considerar como o humor da vida, e que lhes facultem realizar alguma coisa a mais além do estritamente necessario e indispensavel. Não vem ao caso levar avante a comparação dos dois amigos e imitadores do homem; limitemo-nos à enumeração das capacidades dos papagaios. Como voadores, êles realizam amplamente o que precisam, pois facilmente vencem grandes distâncias; como ginastas, graças à facilidade com que se utilizam dos pés e do bico, rivalizam com qualquer dos mais destros

arboricolas. Além disso, o bico é um instrumento util para a trituração do alimento, para os trabalhos de carpintaria e tambem representa uma arma respeitavel. Quanto aos dotes intelectuais, não têm êles de que se queixar, pois, mais do que qualquer ave, os papagaios tiram ensinamentos das lições, tanto na vida livre como em cativeiro. Nada diremos dessa sua habilitação, tão especial, de imitarem a fala dos homens, pois êsse é mais um daquêles traços que motivaram o seu confronto com o macaco — puro arremedo do não compreendido. Quanto ao que poderemos chamar «dotes do coração», tambem lhes sobejam feições caracteristicas: afeição, dedicação, mas tambem odio e rancor. A vivacidade alterna com a apatia; revelam boa dóse de orgulho e daí muitas vezes tiram o estímulo para empreendimento fóra do seu alcance normal. Não se póde dizer que sejam os papagaios o grupo de aves o mais bem aquinhoado de todos em dotes uteis para a vitoria na luta pela vida; mas pouco lhes falta para tanto. Finalmente, devemos mencionar um fator essencial: a resistência do organismo contra a senilidade. Ha varios exemplos comprovados de papagaios macrobios. Tornou-se classica a citação de um dêles, de um espécime amestrado por uma tribu indigena à qual sobreviveu, pelo que bem mais tarde foi encontrado falando a lingua dessa nação extinta. Nós mesmos tivemos ocasião de ouvir a conversa de um papagaio que fôra amansado e ensinado pela tataravó da senhora que o herdára. A tudo isto aliam os papagaios o belo aspeto — abstração feita dos pés e dos movimentos durante a marcha, simplesmente grotescos. A plumagem, de um verde alegre, ornada quasi sempre bizarramente de vermêlho, azul e amarelo, em vários matizes, não só completa os caracteristicos dessas aves inconfundiveis, tipicas das faunas tropicais, como contribúi em boa parte para que os homens testemunhem aos papagaios, de um modo muito humano (por isso mesmo... deshumano) sua amizade: caçando-os e roubando-lhes a liberdade»!

* * *

Quando o *Androglossa aestiva,* assim como as especies afins, esforça-se por apreender o que se lhe ensina, notam-se-lhe movimentos na pupila, que se dilata e contrái repetidas vezes.

Os papagaios, assim como as araras, conservam os seus pousos em lugares certos, muitas vezes a leguas de distância do lugar em que passam o dia a procurar alimento. Por isso, ao entardecer, quando o sol tinge de fogo o horizonte longinquo, vemo-los em bandos, azas rumorejantes, a procurar os rincões remotos do descanso.

Voam alto, gralhando e imprimindo, nessas horas de recolhimento, uma sensação indefinivel de saudade...

Arara

Arara-úna, — *Anadorhynchus hyacinthinus.*
Arará-canga, vermelha — *Ara chloroptera.*
Arará canindé — *Ara araraúna L.*

Logo que, arrastadas pelo pesado velame, que a custo se inflava e exibia as insignias da Cruz de Malta, aportaram ao Brasil as vagarosas caravelas lusitanas, os audazes navegantes, pisando a terra de Santa Cruz e correndo os olhos extasiados pela gente bronzeada que, estupefacta, acorria às praias alvas do norte, tiveram duas surpresas dignas de registo: o corpo tostado das indias núas e as penas vermêlhas, amarelas e azúis das lindas araras que pousavam nos ombros roliços das bugras da terra bravia que acabava de ser descoberta.

A arara é um passaro deveras admiravel para as estilizações de arte indigena. Motivo caprichoso para pintura ou arte decorativa, é o simbolo significativo de um povo que tem vivido a olhar para o ceu, esquecido da terra fecunda que pisa...

A beleza da arara vem sendo exaltada desde os primordios quinhentistas até os nossos dias por quantos a têm visto ou que não se desinteressam pelas belezas policromicas da natureza.

Os olhos azúis da nossa primeira imperatriz se extasiaram ao ver as esplendidas penas dos psitacideos brasileiros e as estupendas côres da plumagem dos tucanos e beija-flores.

Reportando-se aos papagaios de cauda longa, Emilio Goeldi diz caber o primeiro lugar às araras, «maiores e mais fidalgas», relatando mais adiante o seguinte:

Arara-úna, vistoso exemplar da nossa avi-fauna.

«De fato, são as maiores não só de todo o Brasil mas tambem de todo o mundo. Imponentes pelas dimensões, são-no tambem pela magnificência das côres. Representam papel importante na etnografia da America do Sul. As informações mais antigas que possuimos de João de Lery e outros deixam entrever a admiração votada a essas aves pelo luxo das penas esplendidas que os indigenas exibiam. O mesmo se déra antes, no tempo dos conquistadores espanhóis, no Mexico e nas Antilhas. Entre

os incas do Perú, os ninhos de araras, com as respectivas árvores, eram monopolio da coroa e dinastia. A mesma situação existia e ainda existe em direito entre a maioria das tribus brasileiras e das Guianas. As árvores em que as araras nidificam e que em geral são aproveitadas durante anos, transmitem-se de pais a filhos.

Em todos os tempos as penas das araras passaram aqui por valioso objeto de posse. Mestres nos enfeites

Casal de araras n'uma folha de bananeira em franco coloquio.

de penas são ainda hoje as tucunas do alto Amazonas entre os indios do Brasil. Pouco ou quasi nada parecem terlhes ficado atrás nessa prenda os tupís, que ha seculos habitavam o litoral. Seus atavios, prova de gôsto e inteligência na escolha acertada e até artistica das cores, ficavam guardados em caixas pregadas com cera enquanto não se usavam.

Entre os tupinambás era costume vir o matador que devia executar o prisioneiro de guerra todo coberto, massa em punho, de penas de araras, pregadas com icica ou

resina de almécega; na cabeça trazia uma corôa de penas da cauda da mesma ave, chamada *acangatara*.

Ha muito tempo eram e ainda hoje são as penas de arara simbolo de guerra entre muitos indios. Começaram a representar papel mais pacífico entre os imigrantes europeus. O principe de Wied viu ainda aqui, no tempo do dominio português, penas de araras usadas comumente na escrita».

Tucano

Ramphastos toco.

No rol das aves tipicamente ornamentais do Brasil se acham os tucanos *(Ramphastos toco)* e os *araçarís (Pteroglossus araçari)*.

Possúim plumagem lindissima, de côres vivas e admiravelmente distribuidas. Além da beleza das penas, têm um bico exageradamente grande, mui resistente e leve, que lhes permite voarem livremente e dêle se utilizarem para apanhar, com grande facilidade, frutos silvestres e alguns filhotes de passarinhos.

O tucano é um passaro que se notabilizaria nas estilizações de arte brasileira, assim como a arara, o urubú-rei, a anhuma, a garça, o pica-pau de topete, o uirassú e tantos outros ornamentos alados, sem que precisassemos importar os modelos zoomorfos alienigenas.

Referindo-se aos ranfastideos de um modo geral, Emilio Goeldi diz o seguinte:

«São aves cujo tamanho varía entre o de uma gralha européa e o de um pombo meião, e cujo predicado mais golpeante consiste no longo bico corneo, que em algumas especies maiores é quasi do mesmo tamanho do corpo. Esse bico é cheio, por dentro de um tecido osseo, esponjoso, de malhas largas. Tem muito pouco pêso, em consequencia de por êle receber ar através do nariz; os orificios nasais, metidos no extremo da parte posterior do bico, na raiz, estão de tal modo escondidos que não é facil descobrí-los à primeira vista; por meio de galerias em fórma de *S*, desembocam e levam interiormente ao veu palatino. No bico do tucano não se nota ponta aguda,

aquilina, dente ou recorte agudos; em várias especies, porém, vemos uma serie de entalhes chatos e compridos, maximè nos individuos erados.

A região dos olhos é em regra pelada e de colorido intenso; a lingua é uma folha fina, cornea, comprida, desfiada pelo lado externo. As azas são curtas, de feitio arredondado; a cauda larga, de dez penas, mais romba nos tucanos legitimos, é recortada conicamente nos araçarís. As pernas são revestidas de escudos longos, tubulares; os dedos, que apresentam a fórma tipica dos *Scansores* (duas unhas para diante e duas para trás), são munidos de garras longas, fortemente recurvadas.

Os *ranfastideos* pertencem às aves mais esplendidamente ornamentadas do Brasil; ninguem ha que, sensivel às belezas naturais, não se sinta satisfeito ao defrontar êsse suntuoso incola de nossas matas virgens. Foi aqui ornato imperial um manto ataviado de papos de tucano. Não ha muito encontrei nas ruas do Rio de Janeiro um rapaz que trazia um papo de tucano em vez de gravata. Tambem os indios tinham em tanta honra o tucano como as esplendidas araras e dêle tiravam o material para os seus trabalhos de penas, em que revelavam gôsto extraordinario».

Das vinte e sete especies profusamente distribuidas pelo territorio nacional distingue-se, sem dúvida em primeira plana, o tucano-uçú, ou *açú,* o maior representante da familia. Acha-se assim descrito:

«Ave avantajada, alcança o comprimento de cincoenta e sete centimetros. O imenso bico, que penderiamos a julgar incômodo e obstrusivo para a ave, o que, entretanto, não se dá, é laranja, côr de labareda no fastigio; a base do mesmo é apanhada, de cima para baixo, por uma estria negra, vendo-se na ponta dêle grande mancha, negra tambem, arredondada atrás e pontuada na frente. A' volta dos olhos verdoengos estende-se uma zona circular azul e à volta desta estende-se outra, mais larga, côr de laranja e em fórma irregular. A plumagem tem o facies geral da do tucano, já descrito; a rabadilha é

sangue-vermêlho e a parte dianteira do pescoço é esbranquiçada.

Aqui por estas bandas o tucanuçú é desgraçadamente aparição rara. Informaram-me que tem sido observado num ou outro ponto das matas mais altas da serra dos Órgãos, mas nunca o encontrei nêste Estado; nos Estados visinhos pouca vezes consegui vê-lo ou ter notícia dêle;

Tucano-uçú, o maior representante dos ranfastideos brasileiros e um dos ornamentos mais bizarros da ornitologia indigena.

nunca pude matar um exemplar. E' antes especie sertaneja e prefere as matas que limitam as planicies arenosas. Assim Natterer arranjou 18 individuos em Ipanema e Itararé (São Paulo); no rio Paraná; nos rios Negro e Branco (Amazonas); o principe de Wied reconheceu-o por ave arisca, dificil de atirar-se, no sertão da Baía e de Minas; Burmeister, Reinhardt e Lund dão-no como incola do rio das Velhas (Minas Gerais); Sellow pretende havê-lo encontrado aos 32° S; no Paraguai, ao

menos no tempo de Azara, diz-se que existiu em abundância. Para o norte parece que se estende até o mar dos Caraïbas, e, por exemplo, aparece uma vez por outra em Demerara.

Segundo o principe de Wied, os tucanuçús deixam de manhan e à tarde as matas e voam, chegado o tempo das frutas, para as goiabeiras, de cujos frutos são mui gulosos. Notavel, mas de facil explicação pela indole arisca da ave, é o fato de, apesar de serem essas aves conhecidas por tão grande parte da America do Sul, não existirem ainda observações fidedignas quanto ao modo por que se reproduzem.

A concluir pela analogia das outras especies, sobre as quais existe material, embora escasso, poderia suspeitar-se que o tucanuçú faz o ninho em ôcos de árvores altas, pondo dois ovos brancos.

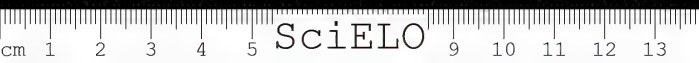
Do grande bico do tucanuçú os sertanejos mineiros fazem mimosos polvarinhos».

Goeldi relata, ainda:

«O modo de vida dos tucanos e araçarís tem tanto de semelhante que bem podemos traçar um quadro geral que se aplica a ambos. Todos são genuinas aves da mata virgem, que, no tempo da muda e incubação, vivem aos casais e fóra dêsse tempo em sociedades maiores ou menores. Parte do ano conservam-se tranquilos, de modo a se poder crer que se teriam ausentado. Depois, os tucanos principalmente, fazem-se notar todos os dias.

O seu grito, que se ouve ao longe, ressôa muitas vezes horas seguidas na mata. O brado do tucano assemelha-se a um *jü-jü* expirante, prolongado. Observa-se, entretanto, principalmente quando se escuta de perto e êles se acham em alguma discussão agitada, um *gr-r-r* chiado ou o ruido de bicos ôcos roçados uns contra os outros. Inspira melancolia o grito do tucano.

Os araçarís têm brado mais claro, que sôa *kulik-kulik*...

Gostam de dar concertos pela madrugada e à tardinha; em geral reunem-se num ou mais gigantes da floresta, soltos ou visinhos entre si, que demoram na borda

da mata ou dominam a vegetação adjacente. Um dá o alamiré, os outros entoam ora em solo, ora em dueto, ora em coro, uns mais profundos, outros mais altos, concêrto admiravel e comico que excita gargalhadas quando invisivel, na visinhança, póde observar-se o modo como as diversas partes do corpo, cabeça, pescoço e cauda entram tambem na mimica.

Tenho observado que essas aves, aliás geralmente suspicazes, durante tais concertos ficam relativamente descuidadas, deixando que a gente vá tomando chegada, e que, durante as partes do coro, avança cauteloso, parando quando o coro faz pausa, terá facil ensejo de dar um ou mais tiros. E' relativamente facil apanhá-los a quem conhece suas fruteiras prediletas. Durante as horas quentes do dia gostam de remanecer ocultos na sombra das copas escuras, arranjam-se na meia luz do mato trançado ou de uma touceira de taquara, chegando mesmo a pousar no chão.

A' noite gostam de escolher um esconderijo seguro para dormir. Tomam então posição muito exquisita: de cauda voltada para diante por cima do dorso, cabeça escondida debaixo de uma aza, representam espetaculo altamente engraçado. Antes de se entregarem ao sono, porém, denotam inquietação notavel, saltitam por aquí e por alí e soltam gritos a mais não poder.

São aves muito inteligentes, atentas, previdentes, mas tambem manhosas e briguentas. Não posso compreender como Burmeister lhes inverteu completamente o carater, descrevendo-as como estupidas e comparando-as às preguiças. (*)

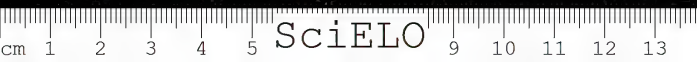
Infelizmente têm uma feição feia no carater: a avidez de sangue, a crueldade para com as aves menores. Lembra-me de que ha alguns anos uma senhora brasileira veiu pela imprensa a defender o tucano das acusações que lhe vinham sendo assacadas por uma escritora. Saí a campo e decidi a questão contra o tucano.

(*) Estou com Burmeister.

Observações sobre tucanos, tanto livres como cativos, feitas durante muitos anos, levaram-me ao resultado que frequentemente saqueiam ovos e ninhos, regalam-se impiedosamente de avesinhas. Em meu viveiro cometeram tanto desacato — cheguei a ter juntos cinco pequenos *Ramphastos ariel* — que fui obrigado a pô-los em compartimentos separados. Não que os tucanos sejam exclusivamente ou principalmente carnivoros; constato apenas que ocasionalmente fazem mal às aves menores, como sóim fazer na Europa o *gaio (Garrulus glandarius)*, a gralha *(Corvus corone)* e outras aves no sentimento de plenitude de seu tamanho e arrogância.

Sua alimentação consiste em bagos e frutos silvestres de toda sorte, sem excluir mesmo os mais azedos e duros; tambem lhe cáim no bico, cascudos e insetos de toda especie. No chão se movem saltando com grandes pulos; seu vôo, bom, embora não magistral, raramente largo, descreve uma curva simples e é frequentemente interrompido por estações; cabeça, pescoço e bico ficam muito estirados durante o vôo. Às feridas e pancadas fortes no bico parecem estas aves notavelmente sensiveis; um caroço de chumbo que lhes vare o bico atira-as muitas vezes desmaiadas ao chão.

No que respeita à questão dos ninhos e da reprodução dos tucanos, encontramos em suma na literatura ornitologica antes conclusões analogas e pontos de interrogação do que dados positivos. Aceita-se como regra constante que os *ranfastideos* nidificam nos ôcos das árvores e nos buracos dos galhos. Segundo o costume das aves que incubam em buracos, põem dois ovos brancos, sem pintas. Merece menção o fato de as aves novas apresentarem bico relativamente pequeno.

No cativeiro, e convenientemente tratadas, duram facilmente anos; já se têm levado tucanos diversas vezes à Europa, embora apenas em poucas especies, que são *Ramphastos ariel, Ramphastos discolorus, Ramphastos toco, Ramphastos erythrorhynchus, Ramphastos cuvieri, Ramphastos vitellinus et Pteroglossus wiedii.* De reprodução em

cativeiro não se conhece até agora fato algum. E' para notar ainda que se dão gradualmente variações na plumagem do tucano cativo, que se manifestam principalmente no desbotar do amarelo e do vermêlho. Assim tenho empalhado um tucano *(Ramphastos ariel)* que no todo possúi papo amarelo desbotado; si o mandasse para a Europa a um especialista, é de supor que o tomasse por especie nova.

A carne do tucano é gostosa. No tempo de inverno, que é tambem o das fruteiras silvestres, mostram essas aves interiormente grande porção de banha especial, avermelhada. Por isso perseguem-nas muito por tódo o país e, si não tivessem a previdência de acolher-se de preferência nas árvores mais alterosas, seriam hoje mais raras do que felizmente são». (*)

Pica-pau

Celeus undatus. — Celeus jumana.
Campephilus rubricolis.
Crocomorphus flavus. — Melanerpes cruentatus.

No interior do silencioso templo da floresta virgem e humida, onde as franças imponentes formam altas cupulas verdejantes, vive grande multidão de insetos que fogem ao nosso olhar pouco atento ao que se passa acima das nossas cabeças.

Os passaros insetivoros, porém, não se descuidam de perseguir éssas minusculas azas rutilantes que cortam os escassos raios de sol, a custo escoados através da grande massa da folhagem verde.

Dentre êsses passaros se destacam os pica-paus, que servindo-se das unhas afiadas e das rijas retrizes, vão apegar-se aos rugosos troncos das gigantescas essências, nos quais batem o bico inúmeras vezes, em procura de larvas e besouros, que constitúim seu alimento preferencial.

(*) E' admiravel a facilidade e o poder de digestão dessas aves. Em poucos minutos digerem as bagas de polpas mais resistentes!

Comportaria perfeitamente divulgar-se em uma monografia dedicada à éssa ordem de passaros o serviço que a mesma presta aos agricultores e à lavoura em geral, destruindo as pragas mais temiveis. Por outro lado a sua plumagem ricamente colorida pelos matises mais brilhantes; a cabeça elegante sempre ataviada com

Passaros eminentemente uteis ao homem, os pica-paus nunca descansam, procurando os insetos nos galhos secos.

resplandecentes topétes de pênas crespas ou lisas; a maneira vibrante de gritar na mata; o módo de construir os seus ninhos nos ôcos dos paus, protegendo-os desassombradamente contra predadores mais temidos da floresta; em suma, os «pica-paus» merecem um estudo especial, ao lado das outras ordens de passaros que, pelos seus dotes ornamentais, pela sonoridade da sua vóz e pelo trabalho que desenvolvem em pról do bem estar dos homens, estes muito lhes devem.

Arapaçú, Uirapaçú, Pica-pau vermelho

Xiphocolaptes. — Dendroplex. — Dendrexitastes.
Antomolus, Picolaptes e muitos outros generos.

Caracterizam êsses passaros as pênas duras da cauda, que os auxiliam a manterem-se, em posição vertical, poderosamente agarrados aos troncos, como o fazem tambem, comumente, os *pica-paus* verdadeiros.

Secundando o trabalho desempenhado pelos *pica-paus* na floresta, o *arapaçú* vive tambem à cata de insétos, martelando incessantemente os troncos sêcos e apodrecidos.

Confórme nos relata o Sr. Rodolpho von Ihering, em seu utilissimo trabalho sobre os animais do Brasil, ha na Amazonia a crença de conhecer êsse passaro, alí chamado *pica-pau vermelho,* uma raiz de poderes magicos, capaz de fazer abrir todas as coisas. Quem quizer possui-la é só ir tapar o ninho do passaro, que, desesperado, vai logo buscá-la para salvar os filhótes. Voltando para o ninho, e sendo então espantado, deixa cair a raiz milagrosa, com o auxilio da qual se póde sair da cadeia ou apoderar-se de tesouros sem que pessôa alguma o perceba.

«Como se vê — prossegue o citado autor — o passaro por ser «quasi» *pica-pau,* entra no ról das aves que atráim a felicidade».

João-bobo, Paulo-pires, João do campo, Sucurú

Bucco chacuru.

Ha uma dezena de nomes vulgares para essa modesta avesinha que comumente encontramos pousada nos fios telegraficos ou, pachorrentamente sonolenta, num galho sêco qualquer.

O nome corrente e onomatopaico de *paulo-pires* casa-se perfeitamente com o dueto que êsses buraqueiros impassiveis executam em suas cavatinas matinais.

Sempre acasalados e juntinhos, fieis aos deveres conjugais, procuram os campos e restingas de mata rala para passar os dias a caçar insetos, larvas, vermes, etc..

E' curioso registar a preferência que o vulgo empresta ao nomes proprios de pessôas para o batismo dêsse *buconideo*.

Paulo-pires ou João-bobo, passaro por excelencia insetivoro.

Nidificam sempre em buracos abertos na terra das barrancas, abrindo no fundo deles uma sala maior, onde depositam, sobre folhas sêcas, dois ou tres ovos.

O chôco é de dezoito dias. Os pais cuidam da prole levando-lhes insetos e larvas que catam nos campos.

Têm uma côr pardacenta avermelhada no dorso, com faixas escuras transversais; as faces são pretas, com manchas brancas no ouvido; brancas são tambem a face ventral e a coleira. A cabeça é grande. O bico, as pernas e as patas são carminados.

O *sucurú* é uma ave prestabilissima. Apresenta o tamanho de uma rolinha e acha-se espalhada por quasi todos os Estados do Brasil.

João-barbudo

Malacoptila torquata.

Na familia dos *buconideos* brasileiros vamos encontrar, além do *joão-bobo,* ora descrito, mais duas especies dessas aves da capoeira: *Nonnula rubecula et Bucco swainsoni.* Os habitos de vida das tres especies são absolutamente identicos.

Êsses passaros vivem na mata, ordinariamente aos casais, a capturar insetos. O vôo mole e sutil permite-lhes apanhar com facilidade o inseto descuidado que adeja em tôrno de uma flor ou aquêle que repousa numa folha pendente.

Em repetidos vôos curtos e silenciosos, êsses passaros, insetivoros como tantos outros, desempenham, ao lado dos trêfegos pica-paus, a limpeza geral das árvores nas frondosas comas.

Em qualquer restinga vamos encontrá-los empoleirados, contemplando, tristes, o ambiente onde em breve apanharão um besouro ou uma borboleta irrequieta.

A presente especie é menor do que um sabiá, pois tem vinte centimetros de comprido. O bico é preto; a côr é bruna, com estrias longitudinais amarelas na cabeça e nas costas. O loro é ferrugineo; sobre o peito corre uma larga faixa branca, orlada, por baixo, de outra, preta. Têm na base do bico vibrissas longas e pretas, cujo fim é auxiliar a filtragem do ar inspirado pelas cavidades nasais, o que lhes deu tal nome vulgar e lhes empresta um aspeto peculiar e sugestivo.

Cigana

Opisthocomus cristatus.

Iniciando a descrição da presente ave, a vulgarissima *cigana* do Amazonas e Pará, que vive em bandos consideraveis pelos terrenos alagadiços onde vicejam as anin-

gas, não quero deixar de dizer que muitas coisas, ora relatadas ao leitor atento, deverão servir de marco inicial para pesquisas futuras. Dessa ave, por exemplo, seria curioso fazer o estudo da embriologia comparada com a de certos lacertilios, já que o filhote da *cigana* mais se parece com um lagarto ou camaleão do que com uma ave.

Os orgãos anteriores de apreensão, nessa fase incipiente de vida livre, são mais garras do que propriamente azas, que lhe facilitam a subida pelos galhos das arvores.

Ha tambem uma especie de lagarto apodo *(Ophiodes striatus)*, que o vulgo tem como cobra, o qual, como a provar esta asserção, apresenta, grandemente reduzidos pela ação dos seculos, membros laterais que por certo lhe teriam servido para uma perfeita locomoção nos primeiros estagios da sua evolução, já agora francamente regressiva.

Tida como uma das fórmas primitivas, conserva caracteres ancestrais de um animal bem diferente daquêle que, mais tarde, depois de empenado, se apresenta nos aningais, sobre as oiranas, à nossa vista perquiridora. Da mesma maneira que surpreendemos, na sua vida uterina, os pés dos lobos marinhos, que têm então os dedos distintamente separados, para, quando adultos, tê-los transformados em espatula, assim tambem notamos perfeitamente os órgãos locomotores do embrião da *cigana*, cujos braços são em tudo semelhantes aos dos animais que vivem se arrastando pelo solo.

Não teriam essas aves, primitivamente, tal como o *Ophiodes striatus*, braços rudimentares que lhes permitissem uma locomoção facil pelo chão e pelas árvores? Porventura essas aves não teriam sido outrora animais exclusivamente terrestres?

Essas cogitações transcedentais surgem à nossa imaginação ao vermos a dificuldade com que a *cigana*, já emplumada, se apoia nos galhos em que pousa e se reforçam ao notarmos o filhote a subir pelos troncos agarrando-se com os órgãos traseiros e dianteiros.

Êsses sinais insofismaveis de involução se encontram, às vezes, na vida uterina ou embrionária, com maior pre-

cisão do que na segunda fase da vida livre, quando se apresentam encobertos pelas transformações e revestimentos exteriores. (*)

Anú preto

Crotophaga ani.

Os anús, passaros utilissimos ao homem e pertencentes à familia dos cuculideos, vivem pelas capoeiras e

Anú-branco, passaro desageitado e feio, mas, otimo amigo dos lavradores.

restingas que limitam as pastagens, congregados em pequenos bandos de dez a quinze individuos.

A distribuição geografica dêsses passaros é bastante estensa, pois vai do norte da Argentina à Florida. No Rio Grande do Sul é conhecido pelo nome vulgar de *chimango*.

E' muito comum se verem êsses passaros de vôo deselegante a saltar em volta do gado que pasta. Prestam incessante serviço à agricultura, devorando insetos

(*) Observe-se os fétos dos cetaceos e principalmente do lobo marinho.

nocivos, carrapatos, larvas, vermes e pragas que infestam as invernadas.

O anú vôa pouco, batendo as azas repetidamente, planando ligeiramente e tomando depois novo impulso. E' curioso notar que a longa cauda, em vez de lhe proporcionar melhor equilibrio, fazendo as vezes de leme, dificulta-lhe o vôo, principalmente quando ha vento.

Passaros essencialmente gregarios que são, elegem um capataz ou vigia, que, montando guarda num alto posto de observação, dá longo assobio aflautado quando surge qualquer importuno capaz de perturbar a paz do grupo, entregue à luta pela vida.

Nos ninhos que tenho observado, construidos com gravetos e geralmente localizados a pouca altura do solo, aparecem de tres a quatro ovos verde-azulados e revestidos de leve camada calcarea branca.

Nunca me foi dado verificar a existência de mais ovos num só ninho e nem o cuidado que consta haver da parte das femeas para com os filhotes de pais diversos.

Os anús pretos, que se caraterizam pelo colorido uniforme, de um negro lustroso e irisado, possúim uma crista mediana no bico, que, em fórma de gume, os enfeia particularmente.

O anú *coróca, guaçú, peixe,* ou *galego,* do mesmo genero da especie precedente *(Crotophaga major),* mede quarenta e cinco centimetros, sendo, portanto, doze centimetros, maior do que o comum. Essa especie se notabiliza por ser ictiófaga, vivendo, pois, de preferência, nas beiradas dos rios e acompanhando os cardumes de peixes quando aparecem na piracema.

O mongo-malaio, ou mameluco, do Amazonas, dono da floresta imensa e dos grandes rios, como tambem das crendices absurdas que povoam o cerebro do habitante do extremo norte, segundo as quais admite que o anú *guaçú,* ou *caboco,* traz a desgraça e prenuncía o infortunio...

Trataremos agora do anú branco *(Guira guira),* que vive tambem em bandos, mas não pertence ao genero das duas especies já descritas.

No norte do Brasil a especie citada é conhecida por *quirirú* e *piriguá* e no extremo sul por *alma de gato.*

O anú *branco* é um passaro feio, arripiado, tal como mostra a figura. E' como os outros, utilissimo à agricultura, pois alimenta-se exclusivamente de insetos, larvas e vermes. O piar, entretanto, choroso no começo, pausado depois, e modulado em escala cromatica, é muito agradavel. Quando assustado, levanta as penas da cabeça, que formam um topete.

O colorido predominante é esbranquiçado, com exceção das costas, que são denegridas. As azas e as penas caudais são bruno-escuras e a cabeça é arruivada.

Alma de gato, Rabo de palha, Tinguaçú, Rabo de escrivão, Rabilonga, Maria caraíba, Meia pataca, Chincuan

Piaya cayana macroura.

Na capoeira como na densa floresta é comum a frequencia dêsse vistoso e utilissimo passaro que, silencioso, ora se vê a voar de uma árvore para outra, ora a dar pulos dêste galho para aquêle e ora, ainda, a planar as azas antes de pousar, quando levanta a longa cauda bordejada de branco para abaixá-la logo, até ficar quasi vertical, imovel.

Poucos instantes, porém, permanece nessa posição, pois sái logo a pesquisar os galhos em busca de bichinhos, surpreendendo-os com a rapidez de seus movimentos. Pela extraordinaria acuidade visual de que é dotado, póde entrever numa folha dobrada ou intersticio de galho um inseto diminuto que se mimetiza.

Por ter as retrizes compridas e balouçantes é que lhe foram dados os nomes de *rabo de palha, rabo de escrivão e rabilonga.* Pelo grito, semelhante ao miado do gato, e ainda pela maneira sutil de voar sem fazer barulho, batisaram-no com o nome de *alma de gato.*

Parece uma sombra voando de ramo em ramo. Parece mesmo uma «alma de gato», nome, aliás, que, por sua razão de ser, mereceu a preferência da gente simples do mato.

Voando atrás dos insetos e procurando-os nos galhos e folhas de árvores, a «alma de gato» aproxima-se às vezes dos pomares, dos jardins e até das casas de morada, sem, todavia, mostrar-se muito espantada com a atividade humana.

Alma de gato em posição de alçar vôo.

Muitos caçadores, talvez impensadamente, matam êsse infatigavel perseguidor dos inimigos da lavoura, pois que se alimenta preferencialmente de besouros, lagartas, insetos em geral e toda sorte de elementos da fauna entomologica. A guerra que lhe movem os caçadores é uma guerra inutil e impensada, pois a carne dêsse passaro é má e tem um cheiro desagradavel, bastante pronunciado, dos coleopteros de que se alimenta.

«Nos ultimos anos — escreve Goeldi — tenho observado repetidas vezes essa bela ave em liberdade. Con-

venci-me de sua grande utilidade pela análise reiterada do conteúdo do seu estomago.

Tenho-me admirado da extrema capacidade de modulação de sua voz. O que ela canta, ora na macega densa e ora na copa de qualquer árvore alterosa, azafamada na caça de insetos, parece-me desesperadamente dificil exprimir em linguagem humana. Acredito andar melhor declarando que êsse *cuco* é um mofador, que imita à sua maneira as vozes de outras aves e possúi em seu repertorio uma compilação das obras musicais dos seus companheiros da mata».

* * *

O seu corpo é um pouco maior do que o do sabiá, sendo, porém, muito mais emplumado e tendo finas e delicadas penas de coloração bruno-avermelhada. A barriga, a rabadilha, o uropigio e a coxa são cinzentos, o iris é vermêlho-carmim vivo e a cauda, que lhe dá uma imponência especial, é bruna e tem quasi dois terços do comprimento total do corpo.

A sua distribuição geografica se estende até o Amazonas.

Beija-flor, Colibri, Guainumbí, Cuitélo

Fam. *Trochilidæ.*

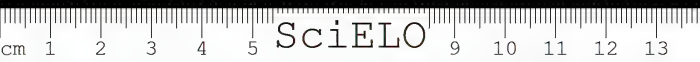
Falar dos beija-flores, dessas admiraveis joias cintilantes que exornam a natureza americana, é tarefa das mais agradaveis para o naturalista ou mesmo para o simples observador das maravilhas do mundo alado.

Empolgado pela irresistivel atração de descrever-lhes as fórmas, com as côres cambiantes de brilho metalico que nêles se destacam, foi que J. Gould, no seu inexcedivel tratado sobre os troquilideos, fixou, em páginas brilhantes, as 360 especies americanas de maior relêvo.

Muitos outros ornitólogos estudaram com especial carinho êsses minusculos passaros, não passando mesmo despercebida a Buffon a delicadeza e o colorido de sua plumagem. Referindo-se ao «passaro-mosca», diz «aquêle escritor que teve génio igual à magestade da natureza»:

«De tous les êtres animés, voici le plus élégant pour la forme et le plus brillant pour les coulers: les pierres et les métaux polis par notre art ne sont pas comparables à ce bijou de la nature. Elle l'a placé, dans l'ordre des oiseaux, au dernier degré de l'échelle de grandeur: son chef-d'oeuvre est le petit oiseau-mouche; elle l'a comblé de tous les dons qu'elle n'a fait que partager aux autres oiseaux. Légèreté, rapidité, prestesse, grâce et riche parure, tout appartient à ce petit favori. L'émeraude, le rubis, la topaze, brillente sur ses habits; il ne les souille jamais de la poussière de la terre, et, dans sa vie tout aérienne, on le voit à peine toucher le gazou par instants. Il este toujours en l'air, volant de fleurs en fleurs; il a leur fraîcheur, comme il a leur éclat; il vit de leur nectar, il n'habite que les climats oú sans cesse elles se renouvellent.

C'est dans les contrées les plus chaudes du Nouveau-Mond que se trouvent toutes les espèces d'oiseaux-mouches. Elles sont assez nombreuses, et paraissent confinées entre les deux tropiques: car ceux qui s'avancent en été dans les zones temperées n'y font qu'un court séjour: ils semblent suivre le soleil, s'avancer, se retirer avec lui, et voler sur l'aile des zéphirs, à la suite d'un printemps éternel.

Rien n'égale la vivacité de ces petitis oiseaux, si ce n'est leur courage, ou plutôt leur audace; on les voit poursuivre avec furie des oiseaux vingt fois gross qu'eux, s'attacher à leur corps, et, se laissant emporter par leur vol, les becqueter à coups reboublés, jusqu-à ce qu'ils aint assouvi leru petite colère; quelquefois même ils se livrent entre eux de très vifs combats. L'impatience parait être leur âme: s'ils s'approchent d'une fleur et qu'ils la trouvent fanée, ils lui arrachent les pétales avec une précipitation qui marque leur dépt. Ils n-ont pas d'autre voix qu'un petit cri, fréquent et répété; ils le font entendre lans les bois dès l'aurore, jusq'à ce qu'aux premiers rayons du soleil tous prennent l'essor et se dispersent dans les campagnes».

Wallace, estudando os troquilideos em seu excelente livro «Tropical nature», empresta-lhes o cunho carateristico de legitimos representantes da fauna exuberante da zona neotropica americana.

Conquanto a familia dos troquilideos seja bastante numerosa, elevando-se a 500 especies até hoje classificadas, as peculiares ao Brasil são em número relativamente pequeno, pois das 355 especies da America do Sul apenas 80 pertencem ao Brasil, sendo as restantes 275 peculiares aos paises visinhos da sub-região brasilica.

Diz Goeldi, nas paginas 210 e 235 do seu trabalho sobre os beija-flores:

«O Eldorado dos troquilideos está situado fóra do Brasil; o quinhão leonino das especies — e, o que é mais, das mais lindas — cabe ao Perú, à Bolivia, ao Equador, à Cordilheira dos Andes, na parte onde fica a sua maior elevação vertical. O territorio amazonico, aliás tão rico em aves, tem desde Ega até o Pará, tem quando muito 10 especies que lhe são proprias.

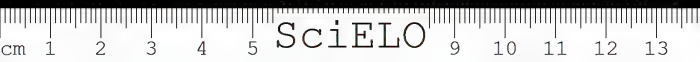
Mais adiante falarei dessa pobreza relativa e da sua explicação. Natterer tinha colecionado em solo brasileiro 59 especies.

Os troquilideos são exclusivamente aves pequenas, cuja especie maior — a *Topaza pella* do Amazonas — atinge apenas o tamanho de uma andorinha pequena. A configuração do corpo é bem proporcionada, relativamente robusta. As suas azas são compridas e estreitas e têm parentesco com as dos *cipselideos* (andorinhões); a primeira pena é a maior, a mais forte, e é êste um traço carateristico. A cauda tem dez penas, ora mais curtas, ora compridas. O bico tem a fórma de sovela, e é apropriado à visita das flores, ora completamente reto, ora curvado para baixo, semelhante a um iatagan turco *(Phaetornis, Grypus* no Brasil, de um modo extremo no Eutoxeres, em Bogotá), às vezes até na extremidade anterior curvado para cima *(Avocetta et Avocettula).* Na conformação da lingua, comprida e tubular, tornam-se a verificar exatamente as condições da lingua do pica-pau; no-

tam-se tambem os chifres do osso hiode extraordinariamente alongados, que se dirigem para cima, na parte ocipital, voltando-se depois para a frente, em direção à região do nariz. Os pés são exiguos, mas armados de unhas fortes; em geral é preciso procurá-los antes de descobrí-los entre as penas do abdomem. Tres dedos para diante e um para trás. Várias especies possúim nas pernas um ornamento especial que consiste em um tufo que se compõi de penugem alva, parecendo uma bolazinha de algodão branco (especies *Eriocnemis).* Quanto à plumagem dos troquilideos, podemos citar as palavras de Wallace. Dis êle:

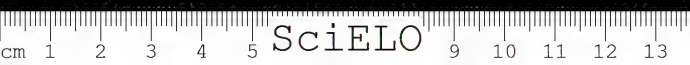
«Não menos notaveis do que as côres são os variados desenvolvimentos das penas com que essas avesinhas são ornadas. A cabeça é muitas vezes provida de topete de diferente feitio: ou com gorro simples e chato, ou com penas radialmente dispostas, ou divergindo em dous chifres, ou estendendo lateralmente, quais azas, ou curto e em tufo, ou recurvado e pontudo a modo de penacho do *quero-quero.*

Garganta e peito são comumente enfeitados com penas largas em fórma de escamas ou aquelas divergem à maneira de uma gorgeira, ou emitem golas pontudas, ou elegantes pregas de penas, compridas e estreitas, pintadas de salpicos metalicos de diversos matizes.

Mais variado e vistoso ornamento se torna ainda a cauda, que ora é curta e arredondada, mas branca de côr de qualquer outra tinta saliente, ou com penas curtas e pontudas, formando uma estrêla; ou com as tres penas exteriores de cada lado compridas e tornando-se cada vez mais pontudas; ou com penas mais largas e então quadrada, ou redonda, ou profundamente aforquilhada, ou terminada em ponta aguda. Em outros casos se vêem as duas penas medianas excessivamente compridas e estreitas, ou a cauda aparece muito alongada e profundamente entalhada, com penas largas e luxuosamente coloridas; em outras especies tomam estas duas penas exteriores fórma de arame e têm na ponta um alargamento

muito notavel, imitando uma colhér. Todos êsses ornamentos, tanto da cabeça, como da nuca, do peito, ou da cauda, são invariavelmente coloridos de qualquer maneira saliente e brilhante e contrastam às vezes sensivelmente com o resto da roupagem. De outro lado, estas côres variam muitas vezes nos matizes, segundo a direção pela qual são observadas.

Ha especies que é preciso ver-se de cima, outras, de baixo, mas outras, de frente, e ainda outras, de trás, para se apanhar o efeito cheio do lustro metalico. Si observámos essas avesinhas nas suas evoluções naturais e na sua vida livre, aquelas côres vão e vêm segundo os movimentos, produzindo espetaculo surpreendente e indescritivel».

E no tocante ao colorido dos beija-flores o mesmo naturalista dá a seguinte resenha, tão concisa quão intuitiva:

«A côr fundamental póde-se qualificar como sendo verde, qual nos psitacideos. Porém, enquanto que êste naquelas aves é verde sedoso, entre os troquilideos é sempre metalico. A maioria das especies possúi algum verde na roupagem, especialmente no dorso; de outro lado, em número consideravel, matizes riquissimos, azúis, de purpura e várias escalas de encarnado são as tintas predominantes. A maior parte da plumagem mostra um brilho metalico mais ou menos acentuado, mas ha quasi sempre certa região com lustro mais intenso, como se ela fosse de fato formada de escamas de metal brunido. Uma gorgeira, cobrindo a maior estensão da nuca e do peito, mui comumente manifesta tal colorido vistoso; mas não raras vezes encontramo-lo tambem na cabeça, no dorso, nas coberteiras da cauda, nos ombros, ou mesmo nos canos das penas. A côr de todas as pedras preciosas, e o lustro de cada metal achamo-los representados aqui, e termos como topazio, ametista, berilo, esmeralda, granada, rubí, safira, — dourado, verde-dourado, cuprico, côr de fogo, côr de brasa, incandescente, refulgente, celeste, cintilante, brilhante, são constantemente usados na nomenclatura e nas descrições das diferentes especies».

Não admira, pois, que a pena dos naturalistas que escreveram sobre colibris se torne poetica ao tratar dêsse assunto, queira transformar-se em pincel de pintor e ameace disparar com a fantasia, qual cavalo novo e cheio de vida com o seu cavaleiro.

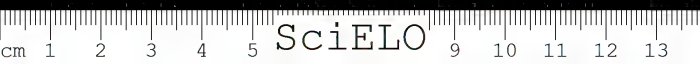
E o norte-americano Audubon pergunta: «Quem haverá que não pare admirado ao perceber uma dessas amaveis criaturinhas quando rapidamente esvoaça zumbindo pelos ares, e se segura no espaço como por encanto ou quando adeja de flor em flor, brilhando como se fôra um fragmento do arco-iris?» E até o sobrio Burmeister tem impetos de poeta quando escreve: «Não ha no mundo familia de aves mais belamente coloridas e mais delicadamente conformadas do que esta. E' preciso ter visto essas criaturas maravilhosas vivas na sua patria para poder apreciar todo o encanto da sua natureza».

Unica no seu genero é a obra de luxo de Gould sobre os troquilideos, na qual, como foi anteriormente mencionado, a grande maioria dos beija-flores hoje conhecidos está pintada com perfeição ainda não igualada quanto à fidelidade da natureza, como no tocante à execução artistica. E' um verdadeiro prazer folhear essa grande obra *in-folio,* publicada em vários volumes, na qual os diversos colibris são apresentados no meio das flores e das paisagens da sua patria. A obra é a perola de muita biblioteca principesca.

* * *

O nome generico que a lingua tupí possuia para os beija-flores era *guainumbí*. Já Marcgrav descreveu varios dêles na sua história natural do Brasil (especies por êle observadas em Pernambuco); é verdade que hoje mesmo nem sempre é facil distinguí-los. Façamos agora uma breve descrição das especies mais notaveis.

Podemos começar pelo *Clytolaema (Calothorax) rubinea.* E' ao mesmo tempo uma das especies maiores e mais frequentes, e na serra dos Orgãos em certas epocas, segundo observações minhas, a mais frequente de todas.

Beija-flor de barriga branca
Florisuga mellivora (L.) ♂

O macho com a coloração desenvolvida tem a metade anterior do dorso verde dourado metalico com as bordas das penas escuras e estreitas; a metade posterior toma pouco a pouco o aspeto cada vez mais pronunciado de bronze cupreo, de sorte que a cauda, a parte dorsal posterior e em parte as azas, parecem um tanto côr de ferrugem. Todo o lado inferior passa outra vez a verde dourado metalico, ficando só na região anal um lugar branco, e na garganta acha-se uma esplendida mancha côr de rubí ardente formada de grandes escamas, que isoladas têm a aparência de leque aberto. A esta mancha deve o nosso colibri o nome aqui vulgar de *papo de fogo*. O bico é reto, nada tem de notavel e tem aproximadamente 24 milimetros de comprido.

Mr. Reeves, aquêle consul britanico no Rio de Janeiro, que ha uns 40 para 50 anos fez tão belas observações sobre os colibris brasileiros e forneceu a Gould tão opulento material para a sua grande monografia, verificou que o *Clytolaema rubinea* aparece na cidade do Rio em Maio e torna a desaparecer em Setembro; que êle visita primeiro as flores da iuca e do tamarindo da serra; depois, durante os meses de Julho a Setembro, as flores da guaxima e, finalmente, as da mariana, e que a epoca da incubação é entre Julho e Agosto. O mesmo autor tambem refere que todos os anos são mortos milhares de individuos desta especie e são empregados pelas freiras dos conventos da capital brasileira para trabalhos de penas. O ninho é relativamente grande, em fórma de tigela, bastante chato, feito principalmente da lan das sementes de asclepiadaceas e portanto de côr pardacenta, e na parede externa atapetado em certos pontos com fragmentos verdes de líquens. Reeves diz que o ninho se encontra principalmente no mato, nas árvores mais ralas, nos pontos onde as árvores se ramificam em tres galhos; Burmeister afirma tê-lo encontrado nas folhas dos fetos. Eu por mim tenho observado o *papo de fogo* em certas epocas na serra dos Órgãos regularmente em árvores florescentes do mato, às vezes seis, oito e mais

individuos ao mesmo tempo na mesma árvore. Tais árvores são os ingazeiros, o *sangue de andrade (Croton celtidifolium)*, a *ameixeira do Japão (Eryobothrya)*, etc.; as flores dos jardins são, porém, poucas vezes frequentadas por êle.

Sua voz, que êle gosta de emitir sentado em um galho fino, é bem agradavel e muito distinta: *tirr, tirr, tirr...*»

Faceis de conhecer pelo bico comprido, fraco e cujas duas penas medianas são fortemente estreitadas e sobretudo muito alongadas, tendo uma ponta clara, em geral branca; pelo seu ventre pardo avermelhado claro e pelo dorso de um modesto verde pardacento escuro, são as diversas especies de *Phaetornis;* são na maioria colibris grandes. *Phaetornis eurynome,* com as penas da cauda bordadas de branco, o alto da cabeça preto e garganta preta, sendo as penas orladas de vermêlho ferrugineo, é uma das especies mais comuns. O *Phaetornis eremita,* notavelmente menor, de coloração semelhante no conjunto, possúi um distintivo especial em uma faixa transversal preta, que se estende de um lado ao outro do peito vermêlho ferruginoso. As duas especies mencionadas, bem como várias outras, que dão logo na vista, graças às alongadas penas medianas, de côr clara, vivem de preferência nos matos, onde eu os vejo frequentar as flores de diversas bromeliaceas. No entanto visitam tambem as regiões descampadas e gostam de procurar, por exemplo, as flores de tabaco que existem nos jardins, o que é contra a opinião de Wallace, que acredita que nêsse genero não se encontram frequentadores regulares de flores. Como lugares de nidificação, êsses beija-flores, de aparência muito elegante, gostam de escolher folhas de palmeira, pendentes nas proximidades de uma corrente de água. Muitas vezes se encontram ninhos debaixo de pontes. *Phaetornis eurynome* constrói o ninho com delicadas fibras de raizes, o qual tem a fórma caracteristica de cartucho, e acha-se quasi sempre pendurado na extremidade livre de uma folha de palmeira. Burmeister re-

fere que essa especie emprega tambem para a construção do ninho um líquem vermêlho de árvore *(Spiloma roseum)*, que, sob o calor da avesinha, desbota e torna completamente vermêlho-carmesins os dois ovos primitivamente brancos. Eu mesmo pude observar, em princípio de dezembro de 1893, um *Phaetornis* a arrancar nas matas da serra dos Órgãos delicadas particulas de líquens dos troncos de árvores grossas. Quando vôa, principalmente no momento da partida, costuma emitir um «zö-zizö» bastante agudo.

Bem semelhante no hábito geral e na coloração é o *Grypus naevius*, que com razão se póde definir como especie de *Phaetornis* sem penas medianas da cauda alongadas. Além disso, caracterizam-no uma estreita listra longitudinal malhada de preto pela garganta até o peito, encaixando-se esta listra de cada lado em uma mancha vermêlho-ferruginoso-clara, redonda, que se estende até o bordo inferior de cada olho. O lado externo das penas da cauda é vermêlho-ferruginoso-claro em vez de branco. O *Grypus naevius* procura com predileção as flores das orquídeas. Tem sido observado várias vezes no Corcovado; entretanto, não é comum nos arredores da cidade do Rio de Janeiro.

E' encontrado com mais frequência em Nova Friburgo, nas matas virgens, durante os meses de Julho a Setembro. O ninho é semelhante ao das especies de *Phaetornis*.

Uma bela especie grande de colibri é o *Eupetomena birundinacea (Prognornis macrourus)*, de que possuo um exemplar de 16 centimetros de comprimento. Êle tem a bela cauda luzente de azul metalico, aberta em fórma de forquilha, mas as penas laterais externas — exatamente como as de algumas andorinhas. O terço anterior do corpo, isto é, a cabeça toda, o pescoço e o peito, têm um brilho violeta, quando a luz dá de frente; o resto do corpo é de um esverdeado mais claro ou mais escuro, a região das pernas branca. As azas são anegradas, o bico forte, de tamanho mediano, fracamente curvado para baixo, côr preta muito carregada. Segundo

Burmeister, a esplendida *E. hirundinacea* é muito comum no interior de Minas; diz êle que é encontrada por toda a parte nos campos a esvoaçar pelas flores e que é facil matar muitas dentro de pouco tempo. Reeves assinala como sua patria Minas, a região inferior do Amazonas e Caiena. Não pude obter desenhos do ninho, nem quaisquer outras notícias sobre ela. Na monografia de Gould a estampa correspondente a essa ave apresenta-a no meio das enormes flores alvas campaniformes de uma especie de Datura.

Os lugares onde ha bananeiras, no Rio de Janeiro, Baía e Pernambuco, têm um frequentador regular no *Aphantochroa cirrhochloris,* colibri de grandeza mediana, coloração sombria verde-escura no conjunto, que por exceção carece de um caracteristico deslumbrante.

Quanto a ornamentos curiosos na cauda, ocupam um lugar extremoso as especies de *Loddigesia,* nas quais as duas penas externas da cauda são enormemente alongadas, porém formadas apenas do cano nú, tendo de repente na extremidade uma barba muito larga, preta e em fórma de colher.

Além disso, são tambem notaveis pela coloração do resto do corpo; a *Loddigesia mirabilis* tem, por exemplo, um gorro azul claro, e o dorso é de um belo verde dourado. Mas esta especie está já fóra do Brasil e pertence principalmente aos Andes do Perú.

No Brasil ha um «pendant» nas especies do genero *Gouldia:* como por exemplo podemos apontar a pequena e delicada *Gouldia langsdorffii,* que costuma aparecer no Rio de Janeiro à procura das flores das cactaceas.

Êste colibri tem as tres penas externas da cauda consideravelmente alongadas, dirigindo-se obliquamente para fóra do tronco, com um cano forte, esbranquiçado e uma barba interior azulada, extremamente estreita, de sorte que parecem existir apenas os canos. A parte dorsal é verde dourada; pelas costas se estende uma faixa transversal branca, pela qual se reconhece facilmente a avesinha mesmo voando.

O macho apresenta no peito uma faixa transversal vermêlho-afogueada, a parte central do ventre é preta, os lados abdominais amarelados.

Reeves observou que *G. langsdorffii* aparece nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro em Setembro e Outubro e desaparece em Novembro. Segundo êle, o ninho é feito em árvores velhas cobertas de musgos.

* * *

O modo de vida entre os colibris é quasi para todos o mesmo. Muito se tem escrito e noticiado sobre êste assunto, mas eu prefiro, ao descrevê-lo, guiar-me pelas minhas proprias impressões.

Cedo começa a ocupação diaria dêsses pequenos cavaleiros «sans peur et sans reproche». São dos primeiros a despertar. Ainda o sol não nasceu, já o estão esperando pousados num galho fino, elevado no meio da vegetação, de onde goteja o orvalho da noite, à margem de um ribeiro, à beira de uma floresta. Mal o astro do dia começa a lançar uma fisga de luz no vapor dágua em fórma de fumaça, voam-lhe alegremente ao encontro essas avesinhas, zumbindo e como que em folguedos, conservando-se muitas vezes durante minutos em um mesmo ponto do espaço. Parece que lhes causa sensação agradavel e salutar o sorverem êsses primeiros raios matutinos pela sua plumagem, a qual cintila tanto como vimos nas várias especies, no que ha de mais esplendido no mundo das côres. Voltam várias vezes para o pouso predileto a descansar um pouco e curar da *toilette* da manhan. De repente, porém, somem-se — já é completamente dia. Admira-nos essa mudança brusca; mas nessas avesinhas todas as deliberações são inspirações rapidas, incalculaveis, que com velocidade pasmosa são traduzidas em atos.

Aproveitar o tempo — parece ser essa a divisa dos colibris. Todo o dia, constantemente em movimento, o seu temperamento irrequieto nunca lhes permite repouso prolongado, salvo para dirigir à apaixonada uma sere-

nata chilreada na sombra de um docel de folhagem entresachada de flores, no meio do zumbido de inumeros himenópteros e moscas — seus comensais à mesma mesa hospitaleira.

O que nunca nos cansamos de admirar é a energia muscular armazenada nêsses pequenos organismos. São verdadeiros acumuladores de fôrça.

Todo amigo da natureza que conhece a região tropical por experiência propria sabe muito bem quanto é em geral ingrata a caça pelas horas quentes do meio dia, entre 11 horas da manhan e 3 da tarde. Os animais superiores descansam à sesta.

Poucos são os animais que dispensam êsse repouso — como os beija-flores e as verdadeiras borboletas diurnas, umas e outras pedras preciosas e flores convertidas em animais.

Todo homem que tambem quizer privar-se do repouso durante os ardores do dia poderá tranquilamente fazer excursões nessas horas, armado de uma rede de caçar borboletas e uma espingarda «Flobert»; si parar junto a arbustos e árvores em flor, não precisará esperar muito pela caça que procura.

Ao cair da tarde repete-se a mesma cena de homenagens ao astro do dia, o mesmo sentido hino de louvor ao sol poente, que fôra entoado pela madrugada. Conservam-se, porém, despertos ainda, por algum tempo; ao lusco-fusco se vê ainda um ou outro exemplar vir zumbindo dar as boas noites aos calices das flores e só a noite cerrada põe termo aos seus movimentos febris.

Tudo nessas aves produz a impressão do magico, a sua presença, o seu aparecer e desaparecer em uma velocidade de raio.

«Apresenta-se de subito — diz um naturalista — sem que saibamos ao certo de onde veiu, e desaparece sem que possamos dizer com exatidão para onde foi». No seu vôo, que representa o mais perfeito trabalho fisiologico do mundo das aves, notam-se dois modos diversos: de um lado o esfusiar veloz como o raio ao passar de

um ponto para outro, e de outro lado o pairar em um mesmo ponto do espaço. Êste último fato lhes dá uma semelhança frisante com as *Sphingides* (mariposas), que têm iludido a vista prática de muito naturalista, pondo-o por algum tempo em dúvidas. Não é debalde que o excelente Bates desenha à pag. 98 do seu livro uma dessas borboletas *(Macroglossa titan)* ao lado de um colibri, visitando ambos as flores campaniformes de uma mesma planta, uma bignoniacea, ao que parece, e referenos que não ha meio de se poder convencer aos naturais do Amazonas que borboleta e ave são coisas diferentes e não têm o mesmo desenvolvimento. Sucedeu o mesmo a Saussure em Jamaica e a mim proprio ha poucos dias, aqui, com um exemplar de *Gouldia langsdorffii* em plena estrada. Quanto ao mais, o seu vôo em geral é em sentido horizontal; às vezes observam-se ligeiras ondulações. Mas é dificil acompanhá-lo por muito tempo com a vista.

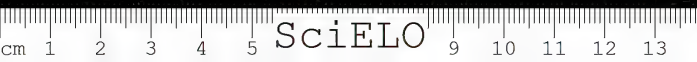
No tocante à sua sociabilidade, os colibris têm génio tão brigador que causa admiração a facilidade com que êsses pirralhos procuram questões com os seus semelhantes e outras criaturas aladas. O encontro de dois machos é em geral motivo de luta, que em certas ocasiões é travada com tanto encarniçamento que por vezes ambos, cegos de raiva, no meio da briga, rolam pelo chão ou penetram de subito pela janela aberta de um quarto, onde por fim são apanhados.

Não ha muito minha esposa apanhou dois dêsses brigadores — eram machos de *Phaetornis* — mas restituiu-os à liberdade.

Impõe-se ao nosso respeito a coragem com que os beija-flores atacam aves que lhes são doze vezes superiores em fôrça e tamanho, como bentevís e outras; ainda mais, atiram-se com desprêzo da morte até sobre aves de rapina, atormentando-as por largo espaço de tempo. São engraçados os seus combates com as *Sphingides* (mariposas), parecendo considerá-las não só como *alter egos*, mas ainda como verdadeiras rivais, a quem dão combates

encarniçados. Em geral, criatura alada que se atreva a aproximar-se muito do seu distrito dificilmente o deixará em paz.

Tal distrito predileto cada casal o possúi na sua terra, e parece que, depois de terminada a epoca da incubação, cada um dos membros da familia observa a mesma regra. Segundo observação minha, a vida e os habitos dos colibris são, por assim dizer, em rigor, pautados por um certo programa. Procuram as flores das árvores de sua predileção em intervalos regulares, e tambem com frequencia notavel na mesma ordem de sucessão. Atualmente, por exemplo (15 de Novembro de 1892), acham-se em flor no nosso jardim, de um lado, cêrca de doze pés de tabaco, no centro varios canteiros com balsaminas, geranios e cravos, e do lado direito alguns pés de *Agapanthus* com flores azul-claras. Hospede regular dos pés de tabaco é o *Phaetornis*, que dirige toda a sua atenção para essas flores, e se apresenta muitas vezes durante o dia; o *Leuchochloris albicollis* procura primeiro as balsaminas, dirige-se depois às flores de *Agapanthus* e desaparece regularmente na mesma direção, para a direita, depois de ter vindo pelo lado esquerdo. O aparecimento sucessivo de novas flores, frescos acepipes, deve necessariamente modificar pouco a pouco o programa, o qual é algo semelhante ao do cobrador de impostos ou do médico de um distrito a mudar o roteiro da viagem.

Em que consiste a alimentação do beija-flor? Em pequeninos, exiguos insetos. Tiram-nos em parte de dentro dos calices das flores com o auxílio do bico, cuja configuração é apropiada para êsse mister, e da lingua, cuja prolação é muito facil; em parte apanham-nos de cima das folhas, ou mesmo voando, e às vezes até os retiram de alguma teia de aranha. O estomago está sempre repleto de tais insetos, na maioria microscopicos, e sem dúvida é tambem a alimentação que os pais oferecem aos filhotes no ninho. Todo o mundo acredita que os colibris se alimentam sòmente de nectar e do mel das flores; mas essa crença é simplesmente erronea. Que

ao caçarem insetos nos calices das flores tambem apanhem nectar, e que o mel, como caldo doce e agradavel, não constitúi objeto de desprêzo, são por outro lado coisas que ninguem contestará. E' preciso não esquecer que são exatamente êsses órgãos no fundo do calice que segregam o nectar os que constitúim o ponto de atração daquêles insetos minusculos, que por sua vez são a principal fonte de alimentação dos troquilideos, — e é preciso notar que o beija-flor, quando sustentado exclusivamente de mel, sucumbe irremessivelmente. E' que os colibris não são vegetalistas rigorosos — mas principalmente insetivoros como os pica-paus, seus parentes proximos.

Daí se vê que os troquilideos devem representar certo papel na fecundação de algumas familias de plantas que dão flores. Até que ponto isto se póde afirmar, entretanto, é uma questão científica que, a meu ver, ainda não foi suficientemente explicada e estudada. Alguns dados positivos conheço-os eu do formoso livro de Belt «The naturalist in Nicaragua». A' pag. 128 menciona o autor duas especies de *Marcgravia,* portanto um mulungú, como plantas da America Central adatadas à visita dos colibris. Como visitantes menciona dois beija-flores: *Heliomaster pallidiceps et Phaetornis longirostris.*

Ultimamente me dirigi ao venerando Dr. Fritz Müller, em Blumenau, perguntando-lhe si êle possuia observações positivas feitas no sul do Brasil sobre os beija-flores como fecundadores de outras plantas e quais estas plantas. Com a gentileza que lhe é propria, respondeu-me logo que estava convencido do papel importante dos beija-flores na fecundação de certas flores do mato e que desde já podia indicar-me como tais algumas bromelias.

Outro naturalista assevera ter visto muitas vezes colibris retirarem dos calices de flores as cabeças cobertas de polen.

Identicas observações eu as fiz tambem aqui no Brasil, frequentemente e sobre diversas especies; e acentuo que foram de preferência individuos dos generos *Leuco-*

chloris et Phaetornis. De sorte que, quanto ao último genero, devo sustentar da maneira mais positiva a opinião de Belt contra a de Wallace. Assim possuo na minha coleção particular, conservado em alcool, um exemplar de cada um dos dois generos aqui mencionados, exemplares ainda hoje com a cabeça coberta de polen amarelo e surpreendidos por mim no momento da visita às flores do mato.

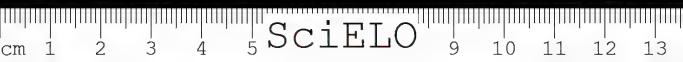
Os colibris gostam de beber e banhar-se nas claras águas das rapidas torrentes das florestas. Fazem tudo voando; não pousam para êsse fim. Já por diversas vezes observei colibris a banhar-se na parte do aqueduto que vem da Tijuca para o Corcovado (Paineiras). Mergulham várias vezes seguidamente e sacodem-se bastante. Visitam de preferência os seus lugares habituais de banho. Si se molharem muito, é claro que se lhes tornará dificil o vôo, o que se póde observar por ocasião de chuva duradoura, em que, segundo verifiquei, essas aves às vezes se encontram em grande embaraço.

A tentativa de conservar engaiolados ou de criar troquilideos tem custado a vida a inumeras dessas gentis criaturas. Muitas morrem logo nas primeiras horas, sem outra causa provavel que a de uma dor invencivel pela liberdade perdida. Raras vezes aturam muito tempo, mòrmente si a tentativa for feita, como usualmente, na hipotese de ter-se diante de si animais que vivem exclusivamente de mel. Esta falta tem sido cometida até por naturalistas muito distintos. Com o conhecimento exato da composição natural de alimento ao ar livre e a adatação a uma alimentação artificial, mas racional, não é nenhuma impossibilidade o cativeiro dessas aves para as pessoas que têm compreensão, paciência, tempo e meios suficientes para semelhante tarefa. Gould, que fizera uma viagem especial à America do Norte com o fim de observar os colibris no estado de liberdade, levou alguns exemplares vivos para a Inglaterra. Dêsses casos, porém, conhecem-se até agora apenas dois.

Não se póde calcular o número dos colibris que no Brasil e fóra dêle são vítimas da mania de enfeites e do luxo da sociedade. Assim é que as cidades do litoral do norte do Brasil até bem poucos anos eram as praças principais do comércio e exportação das peles de colibris. Quasi todas as especies mencionadas encontram-se entre as peles de enfeite nas vitrines dos negociantes que se ocupam dessa especialidade. De algumas especies esplendidas, como *Chrysolampis moschitus,* vêem-se amontoadas verdadeiras hecatombes.

No tocante à reprodução fiz as respectivas observações ao referir-me ao ninho de cada uma das especies. Os troquilideos põem por via de regra só dois ovos, originariamente brancos. A maior parte das especies brasileiras parecem ter duas epocas de incubação cada ano; no nosso Estado é a primeira em Setembro e Outubro, a segunda em Dezembro e Janeiro; algumas talvez tenham tres epocas. Quando os filhotes sáim das cascas dos ovos não têm o bico conformado exatamente como o dos velhos, em todo o caso não o têm do mesmo comprimento. Wallace (Trop. Nat. 153) descreve o bico de dois filhotes implumes de beija-flores, que lhe haviam sido trazidos do Amazonas, como curto, triangular e largo na base, «tal qual a fórma do bico de uma andorinha ou de andorinhão levemente alongado» e acrescenta: «Estas avesinhas estiveram evidentemente *na fase de andorinhão*».

A distribuição e as condições exatas das migrações que os troquilideos nacionais empreendem regularmente, conforme as estações, ainda não são satisfatoriamente conhecidas. O que se sabe ao certo é que muitos troquilideos da America do Norte como da America do Sul fazem migrações regulares e são verdadeiras aves migratorias, como a maioria das aves da Europa. O *Trochilus colubris* vai na America do Norte, durante o verão, até 57° de latitude septentrional (ao oriente das *Rocky Mountains* até além do Lago Winnipeg); o *Selasphorus rufus* até 61° de latitude boreal (ao ocidente das mesmas monta-

nhas, até além de Sitka); na America Meridional o *Eustephanus galeritus* migra regularmente entre a Terra de Fogo e o sul do Chile, por uma estensão de cêrca de 3.000 quilometros ao longo da costa do Pacífico. O movimento migratorio vai enfraquecendo à medida que vamos aproximando da zona equatorial, e acentua-se tanto mais quanto dela nos afastamos. Torna-se pois sensivel já na latitude do Rio de Janeiro, como o vimos por varios exemplos, ao passo que no Amazonas, por assim dizer, não existe.

Citei mais acima o fato curioso de a região amazonense ser relativamente pobre em troquilideos. A explicação disso está sem dúvida no carater da vegetação. E' verdade que aquela região abunda nas mais esplendidas florestas virgens, mas não são elas a verdadeira patria dos beija-flores. Os *Phanerogamos* superiores, com coroas de flores que atráim a vista e o olfato, constitúim o principal engôdo para os insetos pequenos e portanto para os beija-flores, e exatamente estas plantas estão em notavel minoria naquelas florestas. Aí sobrepuja a produção das folhas. Em todo o mundo, porém, cabe à flora das montanhas, com os seus arbustos e as suas ervas, a palma na produção das flores, e é por essa razão que a vegetação alpina da Cordilheira dos Andes, debaixo da mesma latitude, abrange um número muito maior de especies de troquilideos do que as florestas das terras baixas do Amazonas. Não é do grande número de uma e mesma qualidade de flor que depende a riqueza em especies de beija-flores, mas sim da variedade de flores. Na minha opinião os espanhóis possúim o termo mais feliz para designar os colibris — pica-flores. São efetivamente os verdadeiros «picanços das flores», não só nos seus modos, no seu alimento, mas ainda no que diz respeito ao seu parentesco».

*
* *

Mui propositadamente ampliámos a presente descrição referente aos mimosos troquilideos, pelo apreço que

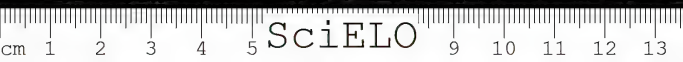
devemos a essa familia, que indubitavelmente constitúi a concepção mais delicada e caprichosa da avi-fauna sul-americana.

Trataremos agora da descrição de mais tres especies interessantes, que, pelas côres e tamanho, bem merecem essa preferência:

«Entre os mais lindos colibris do Brasil se acham, sem dúvida, as especies de *Lophornis*, avesinhas encantadoras, entre as quais os machos possúim a plumagem da cabeça alongada em fórma de topete e, além disso, a ornamentação do pescoço em fórma de coleira com côres esplendidas. Assim, por exemplo, o *Lophornis magnificus*, que se encontra tanto na serra dos Órgãos como nos afluentes do Paraíba, é guarnecido de um toucado vermêlho-escuro, garganta amarelo-dourada e uma coleira branca, muito larga, na qual manchas em fórma de meia lua verde-amarelas, brilhando como ouro, e cercadas de preto, acham-se dispostas em quatro semi-circulos concentricos. O ninho, pequenino, em fórma de tigela, fabricado de lan vegetal amarela, e atapetado exteriormente de líquens verdes, vem pintado na obra de Gould, que o representa colocado sobre uma especie de *cactacea (Epiphyllum)*.

Lophornis magnificus é por mim muitas vezes observado na colonia Alpina, em Teresopolis, como freguês das *higrofilas* em flor, que lá crescem na beira dos rios e das ameixeiras do Japão (Abril).

Lembro-me de certo dia, em que vi e colecionei não menos de meia duzia de exemplares, machos e femeas, no espaço de uma hora.

Tive a felicidade, talvez rara, de presenciar no dia 19 de Setembro de 1893 um casal dêste belissimo beija-flor ocupado com alegres jogos de vôo, em uma mata da serra dos Órgãos. Era de manhan, entre 8 e 9 horas, quando descobri, na meia-luz da vegetação baixa, perseguir o macho a femea, que ora fugia com toda a velocidade, ora pairava — engraçado brincar conjugal. Diversas vezes vi os dois amorosos pararem, suspensos no

espaço um momento, para dansar verticalmente para cima e para baixo, à maneira de certas moscas e enxames de mosquitos. Pude seguí-los talvez uma meia hora, quando me perceberam. Mas, longe de fugirem logo, pareciam querer atacar-me e ainda diversas vezes surgiram rente aos meus olhos, com forte zumbido das azas, interrompido por um grito de alarma, singularmente agudo, como um «gr-rr» violentamente expirado.

Lophornis ornata possúi tambem um topete de côr igual ao da especie anterior, dorso tambem verde-dourado escuro e cinta branca no uropigio, uma coleira constituida de penas que se destacam em fórma de raios e de tamanhos diversos; as quais, na sua maior estensão bruno-vermêlhas, trazem na extremidade livre um botão entumecido de fulgor verde-dourado. A cauda larga, côr de ferrugem, é orlada de verde. O principe de Wied observou essa perola do reino das aves nas planices arenosas e aridas do sertão da Baía, onde ela frequenta a vegetação rasteira das moitas por ocasião das flores. A mesma especie encontra-se tambem até o Surinam e Trindade.

Em virtude de duas penas medianas da cauda, pretas, alongadas e cruzadas, a *Topaza pella,* que, como já dissemos, é o maior colibri conhecido, mede mais de 29 centimetros. Possúi garganta cintilando verde-dourado, cercado de preto; a cabeça é côr violeta, dorso e ventre vermêlhos e a matizes diversos, em alguns pontos côr *grenat,* as calças das pernas são brancas. Natterer colecionou-o na foz do Rio Negro, na região amazonica; habita as florestas de espessa sombra das margens dos rios do norte do Brasil, pertencentes áquêle sistema».

* * *

Encerrando, finalmente, a descrição dos colibris, tratarei agora de uma suposta sub-especie, que provavelmente virá enriquecer o estudo dessas gentis avesinhas, tão carinhosamente conduzido por Wallace, Natterer, Gould, Bur-

meister, Goeldi e tantos outros naturalistas brilhantes, nacionais e estrangeiros, que se ocuparam dêsse importante ramo da ornitologia.

No meu fraco entender, o chupa-flor, que, procedente de Petropolis, me chegou às mãos, pertence ao genero *Thalurania.* Tem os caracteres do genero e da especie denominada *Thalurania glaucopis,* frequentemente encontradiça na serra dos Órgãos, mas dela diferindo por ter, bem visivel, um sinal escuro na parte dorsal.

Não pude obter ainda outros exemplares dêsse belo especime, mas, para confirmar essa pretensa diferenciação, aqui deixo consignada a descrição do gentil animalzinho, bem merecedor da atenção dos ornitologos; a êles caberá esclarecer o que aqui fica anotado.

De tamanho e habitos semelhantes aos da especie acima citada, tem, entretanto, o biquinho sensivelmente menor e com a extremidade levemente rosada. A femea tem a parte dorsal verde-cintilante, com reflexos dourados, e uma pinta escura na zona súpero-dorsal. A zona abdominal é cinzenta; cauda curta, guarnecida de pontas brancas.

A especie que suponho ser nova foi capturada em um parque, quando adejava num canteiro florido. Acha-se atualmente em poder de um médico do Rio de Janeiro, que m'a prometeu mandar para que fosse classificada em São Paulo.

Curiango coleira, Curiango, Maria-angú

Lurocalis semitorquatus nattereri.
Caprimulgus rufus.

Não ha quem desconheça êsses passaros sombrios que deixam os seus esconderijos da mata para saírem à caça de insétos à tardinha ou a noite em vôos irregulares pelo espaço ou pousando, ao longo das estradas ermas do interior.

A primeira especie citada, gosta de cruzar o ar nas tardes de verão, depois das grandes tempestades; a outra, de vida mais retraída vive dormindo no chão da mata ou capoeira por meio da folhagem sêca e com ela se confundindo numa eloquente demonstração de mimetismo. A noite abre a boca larga e fétida atraíndo grande quantidade de insétos que são engulidos rapidamente. O

Curiangos empoleirados em um galho de arvore.

curiango de coleira voejando em zig-zags pelo ar vai nas suas investidas engulindo os insétos, razão pela qual o chamam tambem de engole-vento.

São animais protegidos pelo Código Federal de Caça e Pésca e por todos aqueles que tem uma compreensão exata do trabalho que eles desempenham em favor das culturas e dos pomares.

A sua distribuição geografica alcança quasi todos os Estados do Brasil.

João de barro, Forneiro, Amassa barro

Furnarius rufus badius.

Para que possamos descrever concientemente a vida das inumeras especies zoologicas indigenas, é imprescindivel que lhes estudemos os costumes e a biologia no ambiente mais natural possivel, sem o que tudo será arre-

João de barro sobre a sua casa.

mêdo ou mera tradução forçada do que se passa no cenario maravilhoso da natureza.

Essa afirmativa vem a proposito do admiravel *joão-de-barro (Furnarius rufus),* êsse arquiteto que constrói a sua casa de barro sempre bem orientada, ou melhor, com a entrada para o nascente e em lugar sempre insolado e abrigado do insuportavel vento sul.

E' admiravel a habilidade com que êsse obreiro ergue o domicilio na cruzeta de um poste telegrafico ou no galho horizontal de uma árvore desnuda.

A moradia, solida e bem acabada, apresenta lances arquitetonicos que bem poderiam ser interpretados nas construções modernas e aristocraticas de pedra e cal das grandes avenidas.

Para que o vento não lhe fustigue a casa e o agressor nela não possa entrar facilmente, o *joão-de-barro* faz o corredor da entrada em fórma de bôca de caramujo, com dispositivos engenhosos de arte que poucos tecnicos conseguiram realizar ou quiçá compreender...

Eis o que nos diz Mello Leitão a respeito dêsse originalissimo construtor:

«O *joão-de-barro* faz um grande ninho, todo de barro, quasi hemisferico, com uma porta lateral e um corredor anguloso que o abriga da chuva.

Macho e femea ocupam-se ativamente na construção do ninho, transportando grandes bolas de barro amassadas com o bico e os pés e dispostas, até fecharem a abóbada, em camadas sucessivas de cêrca de cinco centimetros.

Dizem os matutos que o *joão-de-barro* sempre faz o ninho com a porta de entrada ao abrigo do vento e das chuvas, ensinando-lhe a mãe-natureza a direção mais comum dos ventos frios no lugar da construção.

Serve-lhe de fundação qualquer ramo alto de árvore, mas já se adatou às habitações humanas, tendo sido trazido ao Museu Nacional um ninho de quatro andares, retirado da cornija de uma casa de São Lourenço. Só o andar superior era ocupado, tendo servido os outros andares em anos anteriores. O casal tinha aproveitado para fundo da residência a parede da casa, economizando assim trabalho e material.

Ninhos tão altos como êsse, entretanto, são excecionais, conhecendo-se sòmente os de uma ou duas câmaras».

* * *

Ihering completa a descrição dizendo o seguinte:

«O *Furnarius rufus* encontra-se de Minas e Mato Grosso para o sul. Tem o porte aproximado do sabiá,

sendo, contudo, muito mais delgado. Todo côr de terra, tem a garganta branca e a cauda avermelhada. Representa, na Amazonia, o *Furnarius tricolor,* especie semelhante, mas de zona inferior mais clara, cabeça parda e grandes sobrancelhas brancas.

O ninho consiste em grande bola de barro e tem dois compartimentos: uma ante-sala e a alcova. E' uma obra estupenda de pedreiro.

Sobre o galho grosso de uma árvore isolada, poste de telegrafo ou mesmo cumiera de casa, o casal constrói a grande bola de barro, de trinta centimetros de comprimento na base e apenas metade na largura. A altura alcança vinte e cinco centimetros.

A entrada acha-se sempre na face comprida e lhe permite entrar sem se abaixar. Uma parede separa a ante-câmara da alcova, em que se acha a cama, de ervas sêcas, cabelos e penas, e onde, tres vezes por ano, a femea choca os tres ou quatro ovos brancos de cada postura.

E' um dos elementos mais populares e benquistos da nossa avi-fauna. Até os indios estimam êsse passaro.

E' ave alegre e gosta de conviver com o homem, não o incomodando de modo algum. Chega-se aos terreiros das fazendas e vai ficar de preferência perto dos regos dágua dos pomares.

Saltitando pelo chão e dando vôos curtos de cá para lá, o alegre casal passa o dia sem se preocupar muito com a presença dos que, quietos, o observam a poucos metros de distância.

Divertem-se tambem a gritar, em curiosos duetos que consistem na interessante fórma de pergunta e resposta, tão caracteristica em várias especies de passaros nossos: o macho modula o grito e a femea logo o responde, meio tom abaixo, e assim, alternadamente, os dois sons, sempre iguais, são emitidos com um ritmo digno de admiração para quem sabe quanto é dificil de realizar êsse exercicio de música em tempo «prestissimo».

Ihering, referindo-se ao canto alternado do *joão-de-barro,* deixou de mencionar as vibrações frequentes das azas do passaro, as quais parecem dirigir o alegre concêrto.

O *joão-de-barro* vive sempre acasalado. Vida conjugal fidelissima e modelar...

Ambos dedicam um carinho enternecedor aos trabalhos da construção da casa e à criação da prole.

Tenho observado a preferência que o *joão-de-barro* dá à argila e à terra de coloração aproximada à da sua plumagem, que é bruno-amarelada.

Araponga, Uiraponga, Ferreiro

Chasmorhynchus nudicollis.

A *araponga,* ou, mais acertadamente, *uiraponga,* que significa, em tupí, *ave que tine,* é um passaro menor do que um pombo doméstico. A coloração do exemplar joven é pardo-esverdinhada, e a do adulto, inteiramente branca, torna-o distinto entre os demais passaros da mata.

Distingue-se tambem pelo canto estridente e peculiarissimo, que, desferido, quando o sol vai a pino, lá de cima de algum galho sêco, situado entre as altas frondes das gigantescas essências, ora faz lembrar o golpe do martelo na bigorna do ferreiro, ora o fortissimo atrito da lima sobre o aço resistente. Todavia, é uma aria agradavel de ouvir no recesso do templo majestoso que se chama floresta, mas positivamente incômoda si rangida entre as quatro paredes de alguma sala acanhada.

A familia dos *cotingideos,* a que pertence a *araponga,* conta inúmeros representantes, espalhados pelo extremo norte do país, e tais são os *anambés,* lindos passaros de plumagem ricamente colorida e de vários matizes; o rarissimo *galo da serra (Rupicola rupicola),* de côr geral gema-alaranjada e topete opulento e original; o *cri-cri-ó,* o *pavó do mato* e muitos outros individuos inteiramente mansos e curiosos.

Tenho observado inúmeras vezes a *araponga* em liberdade, ocorrendo-me dizer que é um passaro por natureza manso. Quando saltita pelas fruteiras silvestres ou quando se distrái a ranger o canto revibrante, deixa que o observador dela se aproxime, sem siquer mudar de poleiro. Entretanto, quando o ruido exterior é porventura

Pavó do mato ostentando o lindo papo côr de bagas de romã.

muito forte, pára de cantar a ver si se inteira do que se passa cá por baixo.

Em cativeiro é facilmente acometida de corisa, com obstrução das fossas nasais, o que a torna triste e sem apetite, e assim se vai ela definhando até que lhe sobrevem a morte.

O *ferreiro* exige, quando cativo, água limpa e fresca, frutos picados e papa de leite com pão. E' bom dar

tambem ao passaro, uma vez por outra, pedacinhos de carne crua.

A *araponga* nidifica em árvores altas e é caçada facilmente, de Dezembro a Março, quando se deixa atrair pelo chamado do companheiro, por meio de alçapões providos de negaças.

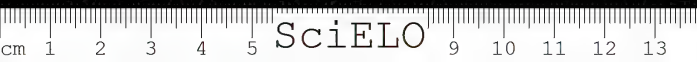
Passaros canoros

Vamos tratar agora da generalidade dos passaros canoros que integram a orquestração das matas, capoeiras e savanas do Brasil.

Muito embora o naturalista alienigena não encontre no gorgeio dos nossos passaros a música estilizada das cavatinas dos exemplares exoticos, parecendo-lhes mesmo que o seu canto não possúi a mesma musicidade da dos especimes do Velho Mundo, nós, os autoctones, os nativos desta grande terra aquecida pelos raios do sol tropical, achamos, e com muita razão, que o mavioso piar de muitos dos nossos passaros traduz, mesmo quando emitido triste e monotonamente, a fisionomia, o ambiente da nossa paisagem selvatica e rica de côres fortes.

As vozes plangentes das tantas aves da nossa opulentissima fauna, que emprestam um carater peculiarissimo ao meio em que vivem, casam-se perfeitamente com a natureza triste e bravia da terra agressiva e imatura. Que sentimento profundo de nostalgia inspira, mesmo ao sertanejo, calejado dessas emoções, o soluçar rouco da anhuma na mata espessa que circunda a lagôa tranquila e beijada pelos últimos raios do sol. A' tardinha, que vivida impressão causa ao viandante, que, solitario, sentado na canôa que desce o rio silenciosamente, o ronco abafado do mutum na floresta de luz esparsa e amortecida pela sombra vespertina.

Si a música e o perfume nos despertam lembranças do passado, tambem o canto dos nossos passaros tem êsse mesmo dom, fazendo-nos reviver as tantas reminis-

cências fugidias e as saudades dos dias longinquos da juventude.

Si é verdade, tambem, que temos «muitos gritadores e poucos cantores» na fauna alada neotropica, não se póde, por outro lado, negar a beleza que ha no piar dissilabico do *sem-fim* ou *saci (Diplopterus naevius)*, no cantar

O guaxo nidificador emerito e gritador consumado.

agradavel do *virabosta (Molothrus bonariensis)*, modulado no bambual que acompanha o valo proximo à fazenda, no canto sentido do *sabiá-laranjeira (Turdus rufiventris)*, e, ainda, no estribilho constante do *chupim*, o celebre filho adotivo do *tico-tico*.

Ha no Brasil muitos passaros de gaiola apreciadissimos pela pureza e melodia do canto: o *pintassilgo (Chrysomitris icterica)* é notavel; habita as regiões altas e frias do país e gosta dos pinheirais *(Araucaria brasilien-*

sis), que procura para nidificar. A patativa *(Spermophila plumbea)* é cantora preciosissima. O *gurundí (Guiraca cyanea)* é mestre valoroso no som. O *sabiá-una (Merula flavipes)*, é um maestro nos complicados garganteios e nas sonorissimas notas aflautadas. O *soldado (Cassicus albirostris)*, o irrequieto *Menelik* dos coqueirais, de plumagem negra e encontro das azas amarelo-alaranjado. O *corrupião*, o *joão-pinto*, o *xexéo*, passaros buliçosos, do genero dos *icterideos*, que vivem a saltar e a remexer, com os bicos afiados, tudo que encontram, são tambem musicos excelentes, eximios gorgeadores, na acepção lata do vocabulo.

Cometeriamos grande injustiça si olvidassemos, ao enumerar os nossos orquestradores, o *caboclinho (Spermophila nigro aurautia)*, o *coleira do brejo (Spermophila pileata)*, o *bicudo*, o *curió-avinhado* e o *bigodinho*, meigos cantores dos campos e macegas.

Na mata silenciosa se destaca, pela invulgar beleza, o martelar incessante da *araponga (Chasmorhynchus nudicollis)*. O canto sonoro da *tovaca (Chamaeza brevicauda)*, modulado em longa escala cromatica. O grito dos papagaios e araras a cortar o silêncio da floresta. O bater sonoro do bico do *pica-pau (Celeus flavescens)* no tronco apodrecido, seguido de gritos estridentes. O grito lamentoso do *bacurau*... Citariamos, enfim, uma infinidade de passaros canoros, gritadores, dansadores e outros, ornamentais, si não nos faltasse o espaço exiguo para êste simple ensaio.

Reproduziriamos cenarios que a natureza diariamente nos oferece, descrevendo-os com as côres fortes dos tropicos, nêles dispondo as especies peculiares ao meio em que vivem si houvesse mais recursos. Resultaria dêsse trabalho um complexo admiravel de flora e fauna com elementos subsidiarios para que se conhecesse a ecologia, a *bióta* dos vários setores geograficos do Brasil, estudo que ficará para quem possa executá-lo melhor e proficientemente.

*
* *

Estudando-se o canto e os hábitos dos passaros brasileiros, nêles encontraremos particularidades notaveis. Numa clareira que se abra na mata virgem aparecerá

Pleiade de eximios cantores da nossa admiravel ornis.

logo, ao lado do primeiro rancho que se construir, a trefega *corruira,* ou *cambaxirra (Troglodytes musculus musculus),* que procura aninhar-se na cumiera da tosca habitação ou no buraco da porteira. O *tico-tico,* passaro familiar do terreiro, não tardará a aparecer para alegrar

o cenario sertanejo com a rapida e maviosa estrofe: *teu-tio-tio-tio-tio...*

O *bem-te-vi,* sòzinho ou agitando as azas com o companheiro, no seu cochicho sibilante. O *joão-de-barro,* na faina de oleiro, a erigir a mesquita original no galho do guapuruvú, chamando constantemente a companheira para ajudá-lo. O agradavel papear das andorinhas nos beirais

O familiar tico-tico, o sociavel companheiro do homem da cidade e do campo.

das casas. O gemer nostalgico da jurití no pomar. O cadenciado piar da rola *fogo-apagou* na restinga do potreiro.

Não podendo ampliar, como desejava, a descrição das aves canoras nacionais, que só por si constituiria trabalho de folego para muitos ornitologos, e em razão tambem de ser reduzido o espaço destinado à elaboração dêste despretencioso ensaio, quero formular um apêlo caloroso, que dirijo a todos os meus caros patricios, em favor do

empreendimento de um estudo aprofundado dêsse atraente capítulo da ornitologia, o qual, provido de ilustrações em côres naturais, sería, sem dúvida, bem digno da beleza multissona e policromica dos nossos tantos musicos silvestres.

Andorinhas e andorinhões

Streptoprocne zonaris zonaris.
Progne chalybea domestica.
Dyplochelidon cyanoleucus.

Antes de encerrarmos o presente trabalho, não queremos deixar de exaltar, em linhas rapidas, os beneficios proporcionados ao agricultor pelas andorinhas, pois movem elas combate ininterrupto aos insetos nocivos, sendo vistas, com frequencia, nas horas de calor, a cortar o azul celeste em curvas ligeiras e descidas velocissimas, dando cumprimento a essa missão benfazeja, para o que a natureza as proveu de perfeita capacidade visual, azas poderosas e bico certeiro, sendo de lembrar tambem a circunstância interessante de ser a saliva dessas avesitas extremamente viscosa, de modo a tornar dificil a escapa dos insetos que elas apanham para comer.

São companheiras assiduas e de valor inestimavel para o lavrador, pois a ação benefica dessas avesitas mimosas se faz notar desde os primeiros clarões do dia até o pôr do sol nas terras cultivadas do país.

São forçadas, no inverno, a emigrar em demanda de regiões distantes e insolaradas, onde os insetos, que constituem sua alimentação exclusiva, sejam mais copiosos. Empreendem elas então viagens longuissimas, cruzando estensos continentes e voando longos dias por sobre o oceano, para pousar além, muito além da curva do ceu, em alguma ilhota solitaria, donde retomam o vôo tão logo se refazem da energia gasta na imensa trajetoria, a cujo término muitas chegam a perecer, enquanto outras, ainda que numerosas, chegam esfalfadas ao *habitat* tempo-

rario, de que regressam na proxima primavera, embora lhes cumpra enfrentar, como sempre, os mesmos perigos e as mesmas fadigas...

* * *

Para que se possa fazer idéa do serviço extremamente valioso prestado por essas avesinhas, atente-se nos dados seguintes, colhidos por ilustre ornitologo alemão, que por longos anos estudou pacientemente a vida dos *hirundinideos,* tendo chegado a conclusões admiraveis em relação ao regime alimentar dêsses passaros durante e fóra do periodo da procriação. (*)

Foi assim possivel verificar que um casal de andorinhas, perfazendo, em seis horas de vida ativa, seiscentas e quarenta viagens, transporta no bico, para si e para os filhotes, seis mil e quatrocentos insetos, ou sejam, dez em cada viagem.

Os andorinhões de Campinas *(Progne chalybea domestica),* cujo bando se compõe de mais de trinta mil exemplares, destroim diariamente cerca de dois milhões de insetos.

E' provavel que tal cifra abranja muitas fórmas uteis ao homem, si bem que, do ponto de vista agricola, a maioria delas seja tida por verdadeira praga.

* * *

Uma das especies mais comuns de *hirundinideos* é a representada pela *Dyplochelidon cyanoleucus,* andorinha mimosa que frequenta os beirais das casas e se aninha constantemente nos resvãos do telhado. Tem uma coleira branca a contrastar com o lindo azul-negro metalico do dorso e da parte superior das azas.

Está sempre acasalada; exemplo edificante de fidelidade conjugal para muitos outros exemplares da escala zoologica...

(*) A atividade das aves no periodo da criação desdobra-se consideravelmente.

As andorinhas, quando voam, ou, tambem, quando estão pousadas, mesmo à noite, modulam um agradavel chilreado, tão suave que até já serviu de tema para a divagação sentimental dos nossos poetas.

* * *

Tratemos agora dos *andorinhões*, que o vulgo chama tambem de *taperás (Streptoprocne zonaris zonaris),* tão

Taperá, mostrando as longas e despontadas azas invictas!

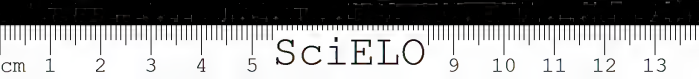
frequentes nas cachoeiras dos rios, para onde afluem, em bando, à tardinha, agarrando-se, com as retrizes e as unhas aguçadas, às pedras aljofradas pela fumaça constante da massa líquida que se despenha com fragor.

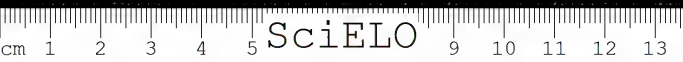
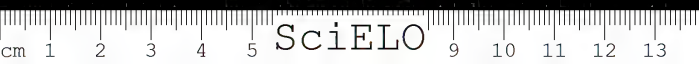
Nidificam nas frinchas dessas pedras, e só aí é que pousam, indiferentes ao furor das águas espumejantes e volumosas que se precipitam de encontro à rocha viva.

Nessas paragens de inexcedivel beleza, os *taperás* costumam reunir-se em número apreciavel e descrever muitas voltas pelos ares, trilando o piar agudo, depois do que, celeres, frecham em direção ao pouso.

No salto de Itú êsse soberbo espetaculo vespertino é diariamente contemplado pela população, embora tal belesa já esteja algo empanada pelas obras hidraulicas que lá fizeram.

Êsses passaros empreendem diariamente longas excursões, cobrindo dezenas e dezenas de leguas. As azas, estreitas e longas, não temem a tempestade e vencem com a rapidez do relampago o azul imenso. Acreditamos serem êsses passaros os mais velozes no vôo, em que superam até às narcejas e batuiras.

o

MAMIFEROS

Marsupiais — Desdentados
Sirenios — Quiropteros — Roedores
Carnivoros — Ungulados
Primatas

Gambá, Mucura, Saruê

Didelphys aurita.

O gambá recebe, como aliás acontece com grande parte de outros animais da nossa fauna, nomes diversos, peculiares a cada região do país onde são encontrados.

No extremo norte do Brasil chamam-no *mucura;* nos Estados meridionais, *gambá* e *saruê;* o primeiro é batismo de origem tupí e os dois restantes de fonte africana.

Ha dois generos e vinte e uma especies de marsupiais indigenas, enquadrando-se na sub-classe dos *didelfideos* uma interessantissima especie de *cuica (Chironectes palmatus),* que possúi um precioso pêlo assetinado, semelhante ao do «petit-gris» dos francezes, tão apreciado para a confecção de agasalhos de senhoras. Êsse animalzinho, que tem o tamanho de uma ratazana, vive nas margens dos rios de Mato Grosso, Goiás, Minas, etc.; alimenta-se de peixes e tem outras particularidades de vida que adiante descreveremos.

Prosseguindo no estudo referente ao *gambá* e especies afins, aduziremos o seguinte: são animais dotados de uma bolsa ventral provida de dois uteros, e daí a designação grega de *didelphos.* Essa bolsa é munida de tetas contidas dentro de uma prega abdominal, onde os filhotes são criados até que completem o desenvolvimento. E' muito curioso observar-se o estado rudimentar, ou, por outra, imaturo em que nascem os filhotes dêsses mamiferos: são de tamanho reduzido — dois centimetros, aproximadamente — e completamente despidos de pêlos ou vestigios pubescentes; trazem então um órgão sugador de formação extra-uterina.

O gambá é notívago. Deixa o esconderijo à noite e sái à procura de alimentos, constituidos de frutos silvestres, filhotes e ovos de passaros, e, não raro, visita os galinheiros e pombais, onde, com verdadeiro instinto

sanguinario, derriça as aves indefesas. E', comum, tambem, aparecer embriagado nos engenhos de cana, razão por que costuma dizer o vulgo, a respeito de um beberrão qualquer, que «bebe como gambá»...

E' um animal tardo, de movimentos realmente preguiçosos. Todavia, trepa com facilidade pelas árvores, onde é de ordinario encontrado em seus ninhos, geralmente construidos com folhas e galhos sêcos, em ôcos de pau e buracos velhos. Segura-se com bastante firmeza no galho, utilizando-se da cauda, que é preensil e nêle se enrosca facilmente.

O *micuré,* como os matogrossenses denominam essa especie de marsupial, quando surpreendido pelos cãis de caça, segrega um líquido mefitico pelas glandulas axilares, de cheiro deveras penetrante e desagradavel, capaz mesmo de afugentar os seus agressores. Na fase do cio, quando exaltadas pelo calor sexual, as femeas tambem exalam êsse cheiro forte, tipicamente reconhecivel.

Gera, tres vezes ao ano, de dez a quinze filhotes, o que lhe assegura uma prodigiosa perpetuação da especie. Além disso, é limitadissimo o número dos seus inimigos.

Êsse mamifero *aplacentario,* assim designado por não possuir a placenta que alimenta os embriõis na vida uterina, tem quatro especies tipicamente brasileiras e pouco diferentes entre si. Ouçamos o que nos diz Ihering sobre o assunto:

«Seu porte é o de grandes gatos, pois tem de 70 a 90 centimetros de comprimento, cabendo metade à cauda, preensil, cuja extremidade é nua e escamada. O pêlo compõe-se de longas cerdas, mescladas de preto e branco, havendo entre estas uma lanugem mais curta e clara. A especie de mais vasta distribuição, pois que ocorre do Rio Grande do Sul à Amazonia, é o *Didelphys aurita.* A especie do Rio Grande do Sul, *Didelphys paraguayensis*, tem a cabeça e o pescoço brancos, notando-se-lhe tres listas escuras na cara; *Didelphys marsupialis,* da Amazonia, é de côr amarelada; *Didelphys albiventris*, do Bra-

sil central, é semelhante à especie riograndense, sendo, porém, menor e tendo orelhas maiores e barriga branca.

Na America do Norte as especies congeneres correspondentes são conhecidas pelo nome de *opossum*. À mesma familia pertencem tambem varios generos, cujas especies, porém, alcançam apenas as dimensões de um rato, as *guaiquicas* e os *jupatís*.

Gambá, o salteador dos galinheiros.

Apesar de serem os gambás animais muito lerdos e francamente estupidos, ha muito que contar da biologia dêles e tambem o folclorista deve consagrar-lhe alguma atenção.

São animais de habitos noturnos e cuja alimentação consiste, conforme a oportunidade que se lhes oferece, em toda sorte de frutos e de preferência em animais, desde os vermes e as larvas até todo e qualquer vertebrado que possam subjugar. Trepam em árvores com muita segurança, pois a cauda, de extremidade núa, enrola-se nos galhos, o que lhes dá, talvez, a mesma firmeza que têm certos simios.

Por varios motivos é o gambá visto, em toda a parte, com franca antipatia. Como si não lhe bastasse o simples aspeto desgracioso, e sobre ter movimentos tardos e o hábito de rosnar, mostrando os dentes, o gambá nos aborrece tambem o olfato, sendo suficiente irritá-lo para que logo as suas glandulas segreguem um cheiro desagradavel. Além disso, todos lhe conhecem os habitos sanguinarios e quem tem galinheiro sabe que os gambás dão grande prejuizo; matam pelo prazer de derramar sangue e quasi só com êste parecem saciar a fome. Repletos, positivamente embriagados, deixam-se ficar no proprio galinheiro, sendo então natural a gente matá-los com prazer e toda a facilidade, a cacetadas».

Preguiça

Arctopithecus tridactylus.
Bradypus tridactylus.

A preguiça, ou bicho-preguiça, como o vulgo geralmente denomina essa sorte originalissima de mamifero, é assim chamada pelo fato de ter o animal movimentos excessivamente lentos, como si estivesse mesmo possuido de enorme fadiga.

A denominação científica define bem o animal, já que êle de fato se locomove com uma vagarosidade e prudência pasmosas, pelos galhos das árvores, onde busca as folhas tenras.

Jámais muda de um galho para outro as poderosas garras em gancho sem experimentar primeiro a resistência e as condições da arriscada transferência...

Com a grande capacidade de que é dotado para locomover-se pelas ramadas, com a precaução das braçadas seguras, jámais tombou das alterosas franças onde balouça e executa as suas acrobacias sem o menor risco para a integridade fisica.

A preguiça é nimiamente docil. Sua fisionomia bem mostra quanto é meiga e inerme, de todo incapaz de agredir. Limita-se a soltar um ligeiro silvo, que mais

é um suspiro de alívio ou de dor do que mesmo uma demonstração de colera. A cabeça e o pescoço movem-se com grande facilidade para a frente, para os lados e para trás, permitindo-lhe inspecionar com pequeno esfôrço os lugares pretendidos. Por outro lado, a disposição do pulso e das unhas permite-lhe abarcar o galho com tanta firmeza que só mesmo voluntariamente dêle se despega.

Contam os caçadores que as preguiças, quando pressentidas pelos seus inimigos, e na impossibilidade absoluta de fugir, limitam-se a chorar, pendendo a cabeça e fechando compassivamente os olhos. Êsse resignado e bom animal é indiferente ao alarido dos cãis e tambem aos homens, em suas investidas pelas matas.

Nas derrubadas a preguiça assiste, do alto das embaúvas, a devastação dos seus dominios, com a indiferença estoica dos predestinados. Enquanto o resto da animalada toda abandona a floresta, a preguiça espera cair o seu trono para com êle cair tambem resignadamente, dignamente.

Docil e meigo animal, vive sempre isolado nas matas virgens. Uma ou outra vez é encontrado com o filhote a agarrar-lhe o flanco, como o fazem tambem os tamandúas e os macacos.

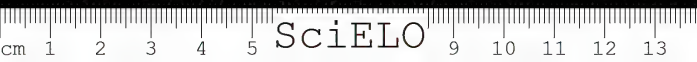
Ha uma verdadeira coleção de ectoparasitos acoutados no seu pêlo felpudo e sêco, sendo de notar uma especie peculiar de artropodos enormes, já estudados por Flavio da Fonseca *(Amblyomma varium)*, bem como baratas, traças e algas, que se fixam no emaranhado do pêlo ventral e aí prosperam.

Ouçamos, para finalizar, o que diz Goeldi sobre os inimigos dêsses epigonas inofensivos e o futuro sombrio que os aguarda si não houver, da parte dos govêrnos, uma proteção eficiente dessas interessantes especies de mamiferos:

«As preguiças vivem isoladas na mata densa, trepam cautelosas até o topo das embaúvas *(Cecropia)* e congeneres, devoram os rebentos novos, as folhas tenras e

tambem uma vez por outra saboreiam algum fruto silvestre. Em consequência da estrutura do corpo, seus movimentos não podem ser sinão um engatar e desengatar na parte inferior dos galhos, um rojar de corpo para diante ou para trás, para cima ou para baixo, que, ao trepar num tronco vertical, graças à fôrça que faz no abdomen e as pernas que ficam muito apartadas uma da outra, lhes dá extraordinaria segurança; não podem andar por cima de qualquer galho horizontal, à maneira de outros quadrupedes».

O seu rosnar, quasi imperceptivel, não amedronta ninguem, porque o animal não assume jámais atitude agressiva.

Os generos classificados são em número de tres, respectivamente: *Cholcopus* — preguiças perfeitamente semelhantes à especie mais conhecida, diferindo dela por terem duas unhas nas patas dianteiras e tres nas traseiras; essas armas, que mais lhes servem para fixar-se ou dependurar-se nos galhos, são excecionalmente utilizadas na defesa, pois, como já foi dito atrás, a preguiça é de indole passiva. O genero *Choleopus* é distribuido pela parte mais septentrional da America do Sul e zonas limitrofes do Brasil. *Choleopus didactylus* é a denominação científica dêsse desdentado, que chega a atingir setenta e cinco centimetros de comprimento; a côr predominante é bruno-acinzentada; cara preta; pelagem espessa e sêca, como a das demais especies. O genero *Arctopithecus*, mais conhecido, do qual vamos tratar agora, enfecha os exemplares de tres garras aduncas, dispostas de tal modo que permitem sustentar o animal por muitas horas nas mais exquisitas posições, como mostra a figura. O genero *Bradypus* determina os individuos de côr cinzenta, portadores, por vezes, de manchas mais claras, que se destacam, preferencialmente, na parte súpero-posterior dorsal e membros inferiores. Todo o corpo da preguiça é coberto dessa basta manta de pêlos sêcos, de particular estrutura, que lhe garantem um permanente agasalho para frio e chuva. Como já dissemos, a côr cinzenta,

por vezes com tons amarelados, veste todo o corpo macio do brádipo até os vigorosos pulsos; dos cantos dos

Bicho-preguiça, mostrando, em sua plenitude, a comica fisionomia e os poderosos membros com as garras aduncas.

olhos ao pescoço vê-se uma lista negra; a testa é branca. Êsses caracteristicos lhe emprestam uma feição burlesca. Data venia, transcrevo aqui um apanhado de notas do meu distinto amigo Paulo Sawaya sobre a preguiça, notas que

muito poderão interessar aos estudiosos, pela idoneidade que o citado zoólogo imprime nos seus trabalhos:

«Da familia *Bradypodidae,* o genero que mais frequentemente ocorre no nosso Estado é o *Bradypus,* do qual a especie mais encontradiça é a *tridactylus* (L.). Já tem sido capturada nos municipios visinhos da Capital, como sejam Santo Amaro, Mojí das Cruzes, etc., sendo relativamente abundante no litoral do Estado (norte). Encontra-se na Baixada Fluminense o *Bradypus torquatus* e no norte do Brasil existe o *Choleopus hoffmani* (Pet.).

O *Bradypus tridactylus* é de côr acinzentada, com manchas brancas. Os machos distinguem-se logo por uma mancha preta circundada por uma orla marron, com uma estensão de cêrca de 10 centimetros, localizada na região dorsal, no espaço interescapular. As preguiças são tidas por animais muito lentos, mas são capazes de movimentos mais ou menos vivos, principalmente quando perseguidas. Tais movimentos são mais ligeiros nágua, pois nadam muito bem. Ainda em Dezembro último tivemos oportunidade de presenciar um *Bradypus tridactylus* atravessando, com alguma velocidade, o Rio Claro, no lugar chamado Casa Grande, municipio de Mojí das Cruzes.

Sua alimentação caracteristica e predileta são as folhas das embaúvas. Êsses animais comem tambem folhas de figueira, de parreira e, em último caso, quando domesticados nos jardins zoologicos, outras folhas que lhes são oferecidas. Geralmente as preguiças não emigram. Permanecem sempre nos lugares onde haja abundancia de cecropias.

Durante as minhas excursões nunca me foi dado ver duas preguiças juntas. São realmente animais solitarios, exceto na ocasião do cio, em que vivem aos pares. Informações recebidas, das pessôas que capturaram êsses animais, confirmam a sua pouca sociabilidade. Seu modo de defesa é geralmente por meio das unhas, que são fortes e curvas, verdadeiras garras. Ha referências na literatura de que elas, quando aprisionadas por outro animal *(Harpya,* sucurí, etc.) procuram defender-se com as

garras. São êstes dois animais referidos, a *Harpya* e a sucurí *(Eunectes murinus* L.), principalmente, os inimigos habituais dos brádipos. Um dos modos de defesa da preguiça, segundo referem certos autores, é o seu enrolamento nos galhos das árvores, semelhando um ninho de vespas. Pude verificar, pessoalmente, um *Bradypus tridactylus* subir numa pereira e esconder-se por entre as folhas, enrolando-se em tôrno de um dos galhos, tendo sido muito dificil reencontrá-lo.

A preguiça dorme sentada, cruzando os braços por cima da cabeça. Pudemos verificar essa posição várias vezes, o que está de pleno acôrdo com as observações de Luderwaldt, ao contrário do quanto muitas vezes vem figurado nos livros, a indicar, como posição habitual durante o sono, o animal dependurado num galho pelas quatro patas.

A anatomia da preguiça apresenta aspetos interessantissimos. São de lembrar, nêste particular, as numerosas contribuições para o estudo da anatomia dos *Xenarthra* brasileiros no Laboratorio de Anatomia da Faculdade de Medicina, dirigido pelo Prof. Bovero.

Lembro apenas, de passagem, que o *Bradypus tridactylus* possúi nove vertebras cervicais, o *Bradypus torquatus* oito e o *Choleopus hoffmani* seis, enquanto que todos os outros mamiferos possúim invariavelmente sete vertebras nessa região, exceto o *Manatus*, que tem seis. O estomago das preguiças é complicado: possúi cêrca de quatro compartimentos, sendo dois dêles munidos de pregas. A traquéa é encurvada em fórma de *S*, atingindo até o diafragma, caso excecional nos mamiferos. No craneo se encontra uma ossificação prehipofisaria, descrita pela primeira vez pelo Prof. Bovero. O sistema circulatorio apresenta as curiosas «rete-mirabile» dos membros; o musculo-diafragma possúi um orificio comum para a aorta e para o esofago, conforme descreveu Locchi.

Geralmente as preguiças parem um unico filho de cada vez. As notas da literatura indicam que de regra os filhotes nascem no início de Julho, Agosto ou Setem-

bro. Para as preguiças comuns do nosso Estado faltam observações.

Quando rompe um temporal na floresta, a preguiça, talvez convicta da inutilidade de aderir à correria da animalada, prefere acomodar-se, embolada, num galho de árvore, sentando-se com a cabeça metida no peito e os braços para cima, seguros à árvore. Nessa postura fica horas a fio, deixando que desabe sobre o corpo todo o aguaceiro. A camada superficial do pêlo fica molhada em pouco tempo, mas o interior da pelagem permanece isolado da humidade, que escorre pelo animal.

Ao sol a preguiça se reanima e inicia a tarefa pachorrenta de procurar pequenos frutos e brotos tenros nas árvores altaneiras.

Tatú

Dasypodidae.

Dentre os animais chamados *desdentados*, é o *tatú*, incontestavelmente, o representante mais vulgar e espalhado pelo Brasil. Não ha menino da roça que não o conheça e não ha preto sitiante que não o tenha arrancado do buraco a enxadão.

Vive, de preferência, em terrenos safaros, sêcos e de vegetação pobre. Os cerrados, as restingas, são os lugares prediletos dêsses mamiferos, que nêles encontram mais facilmente formigueiros e cupís.

E' possuidor de particularidades biologicas singulares, que teremos oportunidade de relatar mais adiante, colocando-o em posição notavel sob o ponto de vista embriologico, mas, além disso, é curiosissimo por se apresentar revestido de rija couraça, verdadeira armadura ossea, perfeitamente articulada por cintas que lhe permitem movimentos livres e até graciosos.

E' assim que, protegido por essa serie de placas osseas e resistentes, o tatú sente-se à vontade ao embarafustar por entre espinhos e veredas intrincadas, onde essa crosta nada teme. Nos formigueiros, onde as temiveis saúvas assanhadas festejam a saida nupcial dos içás,

êle ataca, impassivel, as femeas ovadas, não se incomodando com as picadas pungentes das «cortadeiras». As unhas possantes bem demonstram a sua habilidade para abrir buracos, em que se oculta para construir ninhos, geralmente com folhas sêcas. Nessas galerias profundas as femeas dão cria de cinco a seis filhotes do mesmo sexo. Essa estranha particularidade da vida embriologica

Tatú-eté, tatú-verdadeiro, passeando por e entre a coivarada.

de alguns generos de tatús tem sido pesquisada por muitos cientistas, como Fernandez, Newman e Patterson (*).

E' notívago, pois sái de preferência à noite em procura de alimento e excecionalmente à tardinha ou pela madrugada. Gosta, todavia, de sair a passear de dia, depois das chuvas do verão, à cata de vermes.

O *tatú-canastra (Priodontes maximus)* é o gigantesco tatú de Mato Grosso, Goiás, Minas e outros pontos do país. Chega a ter noventa centimetros de comprido, sem contar a cauda, que tem perto de cincoenta.

(*) Problèmes de la sexualité.

Dada a perseguição que lhe move o homem, êsse animal já está se extinguindo no Brasil: e isso é tanto mais lamentavel quanto representa êle um dos mais belos ornamentos zoológicos.

Ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, pelas visinhanças de Valparaiso, foi capturado, pelo nosso amigo Heitor Serapião, um grande exemplar dessa especie; o casco poderia servir para um pequeno berço de criança, tal como aquêle relatado por Goeldi.

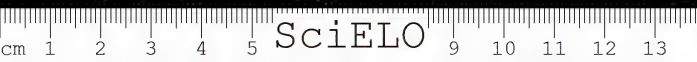
Êsse *tatú-açú*, como o denominam os tupís, e com razão, tem a unha média da pata anterior muito desenvolvida, propositalmente adatada à escavação das grandes galerias subterraneas por onde êle se mete.

As cintas articulantes, um dos caracteristicos diferenciais das especies, são, nesta, em número de treze, e as unhas, curvas e poderosas, em número de quatro.

Devemos proteger contra o exterminio proximo essa especie de exemplares avantajados no porte, pois, como já referi, representa um dos mais vistosos e interessantes exemplares da nossa já desfalcada fauna terrestre.

O Govêrno do Estado cuida criar, para estudos inerentes às especies uteis à agricultura, um parque de reserva de caça na Água Funda, subordinado à Secção de Caça e Pesca do Departamento de Indústria Animal, da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. A iniciativa dispensa comentarios, porque merece os mais calorosos aplausos em razão da grande finalidade que representa não só para o Estado, mas tambem para todo o Brasil.

Daremos, a seguir, um relato, apresentado por Paiva Carvalho, a respeito de todas as especies brasileiras, para que o leitor possa ter uma idéa geral sobre as mesmas:

«A ordem dos desdentados, que abrange poucas familias, com pequeno número de especies, tem representantes curiosissimos, cuja biologia encerra ainda particularidades interessantes, dignas de melhor estudo e divulgação. Infelizmente, reina alguma confusão nessa ordem, cujos especimes não são suficientemente conhecidos.

À primeira vista, tem-se a impressão de que se tratam de exemplares completamente desprovidos de dentes; tal, porém, não se dá, pois os tatús são dotados de grande número de molares prismaticos, desprovidos de esmalte, que geralmente não se trocam. Essa ordem se subdivide em duas sub-ordens: *Nomarthros* e *Xenarthros;* ocupar-nos-emos presentemente da última.

Tatú-bola em posição de defesa passiva.

Incluidos na sub-ordem dos *Xenarthros,* os tatús pertencem à familia *Dasypodidae,* caracterizada por animais de pés escavadores muito vigorosos. São habitantes da America Central e Meridional. Possúim uma couraça dermica bastante resistente, que lhes serve de armadura, formada de peças osseas transversais e articuladas, em número de tres, seis, nove ou mais aduelas que lhes cobrem o dorso e quasi sempre a cauda.

Tiveram origem nos paleonodontes do eoceno inferior, existindo, entre os fosseis brasileiros, as fórmas

Oceloplcura e *Chlamydotherium*, ambas pertencentes à mesma sub-ordem.

São exemplares muito conhecidos do público em geral e considerados como peças de caça de real importância em virtude da excelência da carne, delicada e saborosa.

Encontradiços, com relativa frequencia, no Estado de São Paulo, como, aliás, em todo o Brasil, acham-se divididos em seis especies principais.

Em primeiro lugar figura o *tatú-canastra* ou *assú (Priodontes maximus)* — o maior representante da familia; o porte varía de setenta centimetros a um metro e pouco. Já se vái tornando um tanto raro em razão da guerra de exterminio que lhe vem sendo movida seculos a fio. Seu corpo avantajado atrái a atenção dos amadores do esporte cinegetico, sendo muito cubiçadas pelos sertanejos as suas grandes unhas e o seu casco volumoso, munido de onze a treze placas moveis, que se destinam à confecção de enfeites de gôsto extravagante ou ao fabrico de utensilios de adôrno.

O hábito de realizar escavações tem-lhe atraido a antipatia e até a odiosidade de certos campeiros e vaqueiros do nosso interior, e isto porque os buracos por êle abertos nas invernadas e pastagens constitúim serio perigo para os cavaleiros e para o gado em geral.

O *tatú-bola* ou *tatú-apara (Tolypeutes tricinctus)* é o representante de um genero de exemplares caracterizados pela posse de tres series de placas dorsais, em que, como já o nome indíca, e segundo mostra a ilustração, costuma enrodilhar-se todo, formando uma perfeita bola para escapar à sanha de tantos inimigos, entre os quais figura a onça. E' frequentador de trilhas sujas e estradas esconsas, vagando, com frequencia, pelo limpo, por ocasião da saida dos içás. Anda com muita cautela, apurando o ouvido a cada instante. Pelas noites bochornais e enluaradas do verão, fossa constantemente os barrancos à beira dos caminhos, dá corridinhas curtas e rapidas, parando aquí e alí em busca de vermes, insetos e raizes. De longe se percebe o seu fungar caracteristico, e, si a noite estiver

suficientemente clara, poder-se-á observar o constante movimento das orelhas.

A bisbilhotice põe-no a perder. Mete o focinho em tudo que encontra e, apesar das precauções que toma, quasi sempre acaba caindo num dêsses mundéos traiçoeiros que só a manha ardilosa do indigena poderia conceber: por entre duas cêrcas de pau a pique suspende-se um grosso madeiro roliço frequentemente munido de pontas em fórma de bisel. Êsse toro pesado tem uma das extremidades apoiadas no solo, ficando a outra mantida por um tirante resistente que se prende a um pinguelete onde se acha alojado o engôdo. Qualquer pressão sobre êsse perigoso armador fará desabar imediatamente o tronco volumoso sobre a caça, a qual quasi sempre fica esmagada. O nosso caboclo costuma, utilizar-se dessa armadilha astuciosa e de uso proibido.

Si a maioria dos tatús proporciona um prato deveras excelente, existe, todavia, outra especie, de aspeto algo repugnante, que costuma ser engeitada pelo mau hábito que tem de comer materias em decomposição. Trata-se do *tatú-cabeludo* ou *tatú-peva (Dasypus sexcinctus),* que vive nos campos e cerrados e cuja carne é um tanto gordurosa e de odor desagradavel. Possúi a cabeça mais chata, a carapaça é mais deprimida e é portadora de seis cintas articuladas. Sua presença tem sido assinalada nos cemiterios desabrigados dos vilarejos do sertão, motivo por que o chamam frequentemente de «comedor de defuntos». Do seu casco partem cerdas asperas que lhe dão um aspeto até certo ponto desagradavel.

Nas matas e capoeiras do interior vive o apreciadissimo *tatú-de-rabo-mole (Cabassus unicinctus),* de cauda sem revestimento corneo e carne estimadissima. E' um animal utílimo, pois anda sempre a rebuscar casas de cupís e formigueiros. Ataca assiduamente os redutos das formigas do genero *Solenopsis (Solenopsis seavissima),* que tanto prejuiso causam aos naturalistas viajantes, destruindo-lhes em pouco tempo as peças zoologicas abatidas e deixadas sobre troncos e arbustos. Tambem sofrem a

sua perseguição os ninhos de *Camponotus fastifatus* e os de *Acamatus angustinode*, que Ihering identificou no estomago de um dêsses exemplares.

A menor especie do genero, de costumes identicos aos das precedentes, é o *tatú-mulita* ou *tatú-ira (Dasypus hybridus)*. Os filhotes são os animaisinhos mais mimosos e delicados que temos visto.

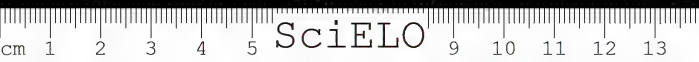
Deixámos propositalmente para o fim a descrição do *tatú-verdadeiro*, que tem tambem as denominações vulgares de *tatú-ú, tatú-folha, tatú-etê* e *tatú-galinha (Dasypus novemcinctus)*, por ser uma especie de vasta distribuição geografica, pois habita desde a região do Paraguai até o sul dos Estados Unidos.

E' um belo animal, que, como os congeneres, vive nos campos e chapadas e cujo regime alimentar é constituido de larvas, insetos e alguns tuberculos. Passa por muito asseiado, que não toca em qualquer materia que tenha sofrido decomposição.

Distingue-se dos demais *Xenarthros* não só pelo número de placas osseas da carapaça convexa, mas tambem pelo colorido, que é mais escuro. Possúi o corpo mais delgado, o focinho ponteagudo e a cauda mais longa do que a dos outros tatús.

As patas robustas são armadas de garras poderosas, de sorte que, si tiver que fugir a um perigo iminente, póde cavar, em poucos minutos, o esconderijo que o abrigará com relativa segurança. Delas se serve como orgão de defesa porque os seus dentes são de constituição muito delicada e não representam segurança em competição com qualquer contendor.

Sua utilidade na destruição de formigas é sobejamente conhecida, encontrando-se rastos dêle nos ninhos dêsses nocivos animais. A sua faina de escavação contínua por si só já prejudica bastante a biologia dos himenopteros, tão prejudiciais à agricultura. Infelizmente, as derrubadas contínuas das matas, que se vêm extinguindo ao sabor do machado criminoso e sob a acção do fogo, que lambe estrepitosamente os ultimos gravetos das coi-

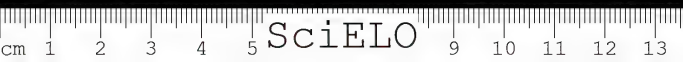
varas, estão afugentando da nossa economia rural êsses valiosos cooperadores.

Feita a apologia dos nossos tatús, em relação à sua utilidade para a lavoura, não podemos fugir ao dever de lembrar tambem que êles se transformam em agentes portadores do *Trypanosoma cruzii,* sendo, portanto, veiculadores da moléstia de Chagas.

Êsses parasitos, muito perigosos, penetram nos capilares do pulmão, tanto do homem como de varios mamiferos, ocasionando a tripanosomíase americana ou opilação particularmente nociva às crianças.

A sua transmissão foi de início verificada por meio de um hemiptero do grupo dos reduvideos, de aspeto semelhante ao de uma baratinha, conhecido pelos nomes vulgares de *barbeiro, chupão* ou *chupança.* Ha alguns anos descobriu-se tambem que os tatús eram responsabilizados pela disseminação da moléstia.

Dos trabalhos experimentais de autores como Arthur Neiva, Belizario Penna, Adolpho Lutz, Margarino Torres e tantos outros, conclúi-se que não só o *tatú-peva,* o *tatú-bola,* como tambem o *tatú-verdadeiro,* são portadores de infestações perigosas. Manda, pois, a prudência que, até se provar cabalmente não haver perigo de propagação do mal de Chagas pelos representantes da familia *Dasypodidae,* seja conservada uma certa distância dêsses animais, que devem, quando capturados, ser encaminhados aos estabelecimentos científicos do país para as necessarias averiguações.

Não aconselhamos, todavia, que por ora se lhes mova perseguição de especie alguma, pois isso seria tão insensato como preconizar a matança sistematica dos cães, que podem transmitir cocidioses hepaticas, dos bois, que são susceptiveis de contaminar pela aftosa, ou, ainda, dos cavalos, que podem determinar o mormo.

E' fóra de dúvida que êles não fogem à regra geral, segundo a qual o maleficio porventura espalhado é sempre muito inferior ao benefício que proporcionam».

Tamanduá-bandeira

Mirmecophaga jubata.

A familia *Mirmecophagidae* é a que representa realmente os animais chamados *desdentados,* nos quais não existe, de fato, em ambos os maxilares, e nem nos ossos anexos, qualquer vestigio de dentes. No genero dos *bradipodideos,* a que pertence a preguiça, encontramos cinco molares superiores e quatro inferiores; entretanto, são considerados *desdentados.* Examinando-se os ossos que constitúim os maxilares dos tamanduás, nota-se que os ossos são inteiramente soldados na inserção dos dentes ou alvéolos.

Pelos restos fosseis encontrados no Brasil, nas cavernas do Rio das Velhas, em Minas, na Argentina e no Uruguai, chega-se à conclusão de que a patria dos *desdentados* e dos grandes roedores é a maior porção meridional da America do Sul. Das quarenta e quatro especies espalhadas pelo mundo, trinta, seguramente, pertencem à sub-região brasileira. Das cinco grandes familias dêsses animais, apenas duas não são da America do sul.

Os tamanduás são animais dotados de fôrça prodigiosa. Os caboclos sabem disso e bem o dizem os seus versos simples:

«Porco tem fôrça no focinho,
Cavalo tem no espinhaço,
Boi tem fôrça no pescoço
E tamanduá tem no braço...»

Efetivamente, um tamanduá-bandeira é capaz de deslocar, com facilidade, uma dessas casas de cupí, puxando-a com um dos vigorosos braços.

Defende-se valentemente nos lugares sujos, sentando-se nas patas traseiras e abrindo os possantes braços para, num amplexo fatal, dilacerar a sua presa com as enormes unhas. O tamanduá-bandeira é temivel quando

acuado no cerrado, mas é inofensivo no campo aberto, onde não oferece luta contra o seu perseguidor. Os campeiros de Mato Grosso, Goiás e Minas costuma tangê-los a chicotadas até os currais, onde o pobre, apesar dos repetidos bufos de justo protesto, muitas vezes vai encontrar a morte.

De andar tardo, com a preocupação instintiva de proteger as compridas unhas, sua unica arma de defesa,

Tamanduá-bandeira saboreando alguns milhares de termitas.

as quais vão dobradas para dentro da munheca truculenta, o tamanduá vai caminhando e dá impressão de que tem estropeadas as patas dianteiras. Essa particularidade, assás interessante, faz com que êle tenha uma calosidade resistente na parte que assenta no solo, parte essa que não se altera mesmo nas caminhadas por lugares pedregosos ou cheios de espinhos.

O *tamanduá-bandeira* é um animal utilissimo à agricultura, e isto porque vive de formigas e termitas, que constitúim o seu principal alimento, não fazendo mal algum ao homem, desde que êste não o assedie. E' lamentavel que, sendo um animal precioso para os agri-

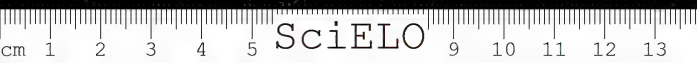
cultores e um representante magnifico da fauna indigena, sofra a perseguição implacavel que lhe movem os caboclos e os caçadores nativos. Os proprios aborigenes dão-lhe caça para lhe comerem a carne mosqueada, utilizando-lhe o couro e o cedenho para a confecção de artefatos de ornamentação.

O *tamanduá-açú*, como o denominam os tupís, o qual se vê na ilustração, é bastante corpulento, revestido de pêlos fortes, e tem uma cauda imponente, ligeiramente levantada. Os longos fios desta formam-na vistosamente, razão da imponência especial do mamifero, e daí o nome de *bandeira*, recebido dos portugueses. Os braços fortissimos e as quatro unhas afiadas e muito desenvolvidas são a defesa exclusiva dêsse morador dos cerrados sêcos e tristes do sertão brasileiro. A cabeça do tamanduá-bandeira é muito pequena em relação ao corpo e a morfologia craneana é exquisitissima por causa dos ossos constitutivos do longo focinho, que é a parte mais sensivel dêsse animal vigoroso e resistente ao chumbo.

Com uma cacetada no focinho o *tamanduá-bandeira* é logo vencido, mas nem sempre deixa o campo da luta com um só tiro de espingarda. Passeia pelos campos nas manhans e à tarde, farejando os formigueiros. Tem um faro notavel, pois pressente de longe os formigueiros.

Apesar do tamanho, que é de um metro e vinte centimetros, sem contar a cauda, tem a cavidade bucal reduzidissima. A lingua comprida, adatada para penetrar nos orificios ou «olheiros» dos formigueiros, tem mais de dois palmos de comprido e é revestida de aciculos rijos, sempre humedecidos por abundante secreção pegajosa, o que lhe faculta apanhar as formigas em número verdadeiramente consideravel.

O animal recolhe muitas e muitas vezes a longuissima lingua inteiramente recoberta dêsses insetos nocivos. Aplica nêsse trabalho toda a sua inexcedivel habilidade, engulindo-as aos milhões.

O pêlo forte e grosso, de coloração preta e branca, fórma uma crina rudimentar que começa atrás da cabeça

e se prolonga em pêlos mais longos e bastos pela parte supero-posterior do corpo. Do peito para as costas tem uma faixa negra, bordejada de pêlos brancos, que lhe empresta caracteristico peculiar. Ha tambem, em cada uma das patas dianteiras, uma lista negra em fórma de meia lua.

Pouco se sabe, contudo, acêrca da biologia dêsse util mamifero nacional. Apanhado novo, abraçado for-

Corpulento tamanduá-bandeira saindo, a passeio, do cerrado aspero e sêco.

temente ao flanco materno, como o fazem as preguiças, e criado em cativeiro com leite e carne fresca picada, facilmente se domestica. A femea pare um só filhote por ano. Todavia, segundo informações precisas de caboclos do sul de Mato Grosso, relativamente ao periodo de gestação, nada se sabe ao certo. O filhote segura-se fortemente às costas da mãe e acompanha-a por todos os lugares a que ela vai. Deixa o regaço materno aos tres meses, quando já póde procurar por si o alimento de que necessita para viver.

O tamanduá dorme enrodilhado como o cachorro, encobrindo sempre o focinho.

Os caçadores dizem que o número de femeas é desproporcional ao dos machos, que são raros. Não me parece haver muito acêrto nessa afirmativa, já que é frequente encontrá-las novas ou prenhes.

Não resta dúvida alguma quanto à escassez dessa especie em certas regiões do Brasil onde em tempos passados existia em número consideravel. Sendo um animal monopariparo, isto é, reproduzindo apenas uma vez por ano, fatalmente desaparecerá si não houver uma severa campanha de preservação do tamanduá-bandeira da parte dos poderes publicos.

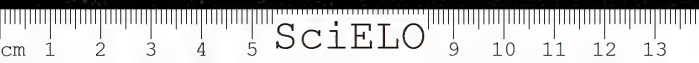
*
* *

A descrição presente já se achava pronta quando, fazendo uma viagem de estudo à Fazenda Capão Alto, em Faxina, pude verificar que o *tamanduá-bandeira,* pressentindo o homem ou o cachorro, corre logo em galope cadenciado, mostrando a cauda armada ao nivel da linha dorsal.

Alcancei-o com facilidade. O animal parou, levantou o focinho sujo de terra, olhou-me com aquêles olhinhos pretos e fez um chiado longo, bem diferente daquêle bufo que dá quando aperreado. O cão perdigueiro pressentiu-o a uma grande distância, desistindo de rastejar uma perdiz que estava prestes a levantar vôo. Perdi, desta vez, a oportunidade de errar um tiro, mas, em compensação, tive o ensejo de colhêr mais êstes informes para êste livro.

Peixe-boi

Manatus americanus.

Nos grandes rios e estensões lacustres da Amazonia, cujas águas são abastecidas pelos transbordamentos periodicos das calhas fluviais, é frequente a presença dêsses *Sirenideos* gigantescos, que, entre *tucuxís* e *bôtos verme-*

lhos, aparecem com muito mais prudencia que estes ultimos nas bordas dos rios e lagos pouco frequentados.

O *peixe-boi* é cauteloso e arisco. Não surde facilmente em lugares descobertos, procurando, pela madrugada e à tardinha, as margens desertas para, sutilmente, comer os brotos tenros da canarana e de outras gramineas que aí vicejam.

Seja pela constante perseguição que lhe move o homem rustico, seja porque é constantemente atingido pelo arpão traiçoeiro do mameluco, seja, ainda, pela sua

Enorme peixe-boi, arpoado no rio Juruá. Pesava perto de 400 quilos.

natural perspicacia, êsse *cetaceo* de porte avantajado não é facilmente atingido pelo pescador ardiloso e paciente.

Fiquei deveras admirado ao presenciar a pesca do *peixe-boi.* Pesca originalissima, realizada no Rio Purús, numa dessas belissimas tardes de sol.

«Nhô» Antonio, o velho amazonense, depois de descobrir o lugar certo do «comedio» do *peixe-boi,* vai, de madrugada, em sua ligeira embarcação, postar-se cuidadosamente na prôa, em pé, no meio das hastes verdes da vegetação. Imovel como uma estatua de bronze, o caboclo, com o arpão alçado, espera pachorrentamente, sem um movimento siquer.

Horas a fio se perdem nessa atitude, e quantas vezes a viagem tambem, só porque o peixe pressentiu, quiçá, alguma coisa estranha aos seus dominios.

Ha, porém, dias felizes para o pescador. Uma sombra escura, a princípio indistinta, depois mais nitida, vem, mansamente, do fundo do rio para a touceira de capim, aproximando-se com toda a cautela. O braço musculoso do nativo se retesa. O olhar fixa o ponto onde deverá surgir o focinho do enorme «peixe». A fisionomia do amazonense não se altera. Nenhum musculo mais se contrái.

O *peixe-boi* põe o grosso focinho para fóra dágua, exibindo então as cerdas. Os espalmados membros anteriores chamam para si a canarana, num verdadeiro abraço. A erva pende. A pesada haste de ibirauna parte como um raio e vai cravar-se profundamente no dorso do cetaceo, que logo mergulha, arrastando a embarcação.

A luta é tremenda. O caboclo desenvolve toda a sua insuperavel tecnica e o mamifero acaba sendo vencido e embarcado na praia mais proxima.

*
* *

O *peixe-boi* é erbivoro. Pasta pelas beiradas de rios e lagos. Uma vez por ano dá uma só cria, que, nos primeiros meses de vida, suga o leite materno contido nas duas tetas localizadas abaixo das espatulas natatorias.

A carne é excelente, especialmente quando preparada como *mixira* ou sêca ao sol, produzindo gordura esplendida e copiosa.

Por ocasião da vasante, êsses cetaceos são facilmente arpoados ao bater nas *esteiras,* que, colocadas nos *furos,* interceptam a passagem dos volumosos «peixes». Podem atingir um pêso de quatrocentos quilos. A pele, grossa e de revestimento finissimo, é lustrosa e impermeavel. Os olhos são pequenos e as orelhas diminutas.

Convém encarecer a necessidade de regulamentação, por parte do govêrno do país, da pesca dêsse utilissimo representante da fauna aquatica do baixo Amazonas. Não

se queiram deixar tais providências para quando sua escassez já estiver a constituir outro problema.

O couro é utilizado para a confecção de correias para máquinas.

A influência que a natureza rude do sertão exerce no espirito humano parece dominá-lo por completo e em pouco tempo. E' essa a causa provavel das devastações barbaras, por vezes deshumanas, que os brancos fazem ao entrar no imenso territorio amazonico.

O selvicola antropofago é mais piedoso, é mais sentimental do que o chamado civilizado, que, perverso, tudo arrasa. Tive, muitas vezes, ocasião de presenciá-lo.

O *peixe-boi* é, depois de lanhado a faca, solto para ser devorado pelas insaciaveis piranhas. E a isto brancos e mestiços chamam divertimento! Quando o pirarucú está com os filhotes, torna-se menos arisco para defendê-los, pagando caro tal dedicação, pois, expondo-se facilmente á morte, é atravessado pela fisga criminosa do mameluco. Enquanto isso, os seus filhotes, desprotegidos, são eliminados em poucos minutos pelas piranhas. Isso tambem é divertimento...

Morcegos

Chiropteridae.

Os morcegos, cujas espécies maióres os nossos indios chamavam de Andirá, Guandirá, Guandirá-guassú ou simplesmente Guandirussú, formam um conjunto muito heterogenio, tornando-se dificil, sinão até quasi impossivel distinguir apressadamente os insetivoros, dos frugivoros e dos hematofagos, respectivamente uteis, predadores e nocivos. Os ultimos, sugadores de sangue, não só do gado vacum e cavalar como tambem de suinos, caprinos, galinaceos e até do proprio homem, são representados no Brasil pela familia *Desmodontidae,* composta pelos generos *Diphyla, Desmodus* e *Diaemus.*

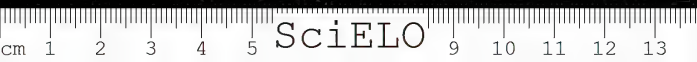
Não fôra o fáto da transmissão, pelos morcegos hematofagos, da raiva paralitica dos erbivoros, constatada

ainda recentemente em Itú e Ubatuba, no nosso Estado, não insistiriamos em referir-nos a eles.

Posto que não caiba nêste trabalho uma apreciação detalhada a êsse respeito e não possamos nos referir à epizootia que tão frequentemente se constata entre os nossos mamiferos domesticos como o cão, o gato, o boi, o cavalo, etc., queremos ao menos dar algumas notas sobre êsses curiosos mamiferos alados.

O morcego do genero *Desmodus* possúi o corpo robusto, medindo de 8 a 8 $^1/_2$ cms., de comprimento. O craneo é arredondado, o focinho curto e cônico, tem um sulco profundo na extremidade, sendo as ventas separadas por uma fenda obliqua na superficie superior. As orelhas são curtas, direitas e erétas, com o bordo interno fortemente convexo na metade inferior, com a ponta levemente arredondada. O pêlo é curto, de colorido variado, óra pardo-acastanhado, óra pardo-rosado ou avermelhado, com a base amarelo clara. A região abdominal é, em geral, cinzento-amarelada. As azas são estreitas, ligadas pouco acima do tornozelo, ante-braço e polegar compridos, membranas inter-femural muito estreita, com vestigios de cauda.

Um pouco menor do que o genero *Desmodus* é o genero *Diphyllo,* portador de craneo mais curto do que a especie anteriormente descrita, de focinho mais largo e labio inferior com a superficie núa. A membrana da aza é ligada no tornozelo, sendo o osso do metacarpo do dedo polegar muito mais curto do que no genero *Desmodus.* O colorido coral é pardo-avermelhado, na parte superior do corpo, com tonalidades mais claras no alto da cabeça, na testa e nas pernas, sendo a base do pêlo amarelo claro.

O «habitat» preferencial do morcego hematofago é o ôco de arvores velhas, as sapopemas da figueira brava, as lócas de pedra ou as furnas escuras. Sua presença denuncia-se pelo acumulo de excremento negro que fatalmente se observa sobre o sólo, nos lugares que escolhem para pouso ou moradia.

Póde-se constatar a sua ocorrencia mesmo em lugares onde não existem animais domesticos, pois não faltam animais selvagens como o veado, a anta, o bugio, os macacos, etc., para fornecerem o contingente necessario de sangue para a sua alimentação e sem o qual eles serão forçados a mudar de lugar ou perecerão.

Sabido como é que os morcegos insetivoros prestam um inestimavel serviço na destruição de insétos daninhos à agricultura, vale lembrar que o Dr. Emilio Goeldi, diretor do Museu do Pará, examinando os excrementos de um dêsses animais, encontrou em um centimetro cubico, 41 restos de pernas de diversos insétos.

As especies insetivoras pertencem às familias *Phyllestemidae, Dysopes* e *Vespertilionidae.*

Certo pesquizador, referindo-se à alimentação dos morcegos, diz que ha especies que são capazes de devorar até 500 mosquitos diariamente.

Cabe, portanto, ao lavrador adeantado procurar distinguir as bôas das espécies nocivas, iniciativa de grande alcance que reverterá em exclusivo beneficio das suas culturas, uma vez que se torna dificil conhece-las e distingui-las, pois, as espécies insetivoras e frugivoras são numerosissimas, prestando-se a faceis confusões.

Capivara

Hydrochoreus capibara.

A capivara, conhecida, em todo o país, sob essa designação vulgar, é o representante maximo dos nossos roedores.

Frequenta as margens dos rios, lagôas ou banhados, alimentando-se de gramineas e plantas aquaticas, milho, melancia, etc..

Os tupís chamavam-na *caapi-guara, comedor de capim,* ou *caapi-goara, morador dos capinzais*, donde se originou o nome de *capivara.* Ao contrário da paca e da cotia, a capivara é um animal feio e abrutalhado, cuja feição bem mostra que é um bicho estupido. No verão passa os

dias acocorado, isto é, sentado sobre as patas trazeiras e cochilando ao sol. A' noite passeia muito, nadando de um lado para outro do rio e invadindo as roças de milho, arroz, cana e outras gramineas. Os bandos das capivaras prejudicam as culturas adjacentes aos lugares que elas frequentam. Os danos não se limitam ao que elas comem, pois muito é o que estragam e rejeitam.

Sendo um animal frequentador dos capinzais, capituvas e pastagens ribeirinhas, apanha grande quantidade de carrapatos. E' verdadeiramente incrivel ver-se a quantidade assombrosa desses parasitos fixados no couro dêsse roedor gigantesco. Parece até, em certos casos, que em cada fio se aloja um dêsses artropodos. Deve, porisso, ser hospedadora de muitos germens ou hematozoarios patogenicos. E' provavel, outrossim, que, sendo tão atacada por toda sorte de carrapatos, tenha habitualmente no sangue o *pyroplasma*, que produz nos cães o conhecidissimo mal denominado «nambiuvú». Reforça essa suposição minha a lembrança de ser o tatú um hospedeiro do *Trypanosoma cruzzi*, que determina o mal de Chagas.

Em uma caçada feita ha muitos anos no Rio Pinheiros, proximo à Fazenda Morumbí, o «seu» João Medeiros matou uma grande capivara. Logo que a mesma apareceu à tona dágua e a embarcámos, começaram a desprender-se do seu couro tantos carrapatos que tivemos de aportar à margem e «sapecar» o fundo e os bordos na canôa com capim sêco.

E' um animal de metro e pouco de comprido; tem 45 centimetros de alto e pesa 50 quilos, às vezes mais.

A cabeça lembra a do porco e os pés têm membranas interdactilas, caracteristicos dos animais essencialmente aquaticos; os exploradores primitivos achavam-na muito semelhante ao porco dágua, e daí a designação científica de *hydrochoerus*, ou seja, hydro = água + *choerus* = porco: *porco dágua.*

Nas grandes represas, bem como nas margens dos grandes rios, andam aos bandos e são facilmente descobertos pelos cães; procuram então imediatamente a água,

à qual se atiram com estrepito soltando um assobio penetrante que se houve á distância. Mergulham admiravelmente e nadam com perfeição invulgar; só a lontra e a ariranha conseguem levar-lhe a palma nesse particular.

Os caçadores costumam seguir-lhes a direção do mergulho pelas pequeninas bolhas de ar que vão expelindo

Capivara, o maior roedor do mundo.

do fundo da água. E' necessaria muita observação e experiência para não se perder êsse importante pormenor da caçada, maximè quando o roedor se embarafusta pelas tranqueiras flutuantes. Só a grande acuidade visual e a prática de ver o que praticamente não se vê é que poderão orientar o perseguidor para o tiro seguro ou a fisgada certeira.

A capivara nada distâncias consideraveis, podendo percorrer duzentos metros sem pôr o focinho para fóra e quando o faz é de modo realmente sutil e cuidadoso.

Parte da cabeçorra emerge por entre a tranqueira marginal ou á borda de uma verde reboleira de capituva, oferecendo alvo seguro ao tiro do caçador. Si o tiro for mortal, vinte minutos após o animal aparece boiando no proprio local ou mais abaixo, si levado pela correnteza.

Com a paca não acontece o mesmo: morta, submerge logo e só aparece quando já em comêço de putrefação. E' interessante relatar essas pequenas coisas, que ás vezes constitúim novidade para muito caçador novato.

Muitos processos são postos em prática na captura dêsses pesados roedores.

O «fojo», artificiosamente feito, constitúi um dos mais traiçoeiros engenhos do caboclo primitivo para apanhar a capivara. Ela, descuidosa como é, cái no buraco aberto e não tem tempo e nem habilidade bastante para safar-se dêle a tempo; a «armadilha de espingarda», amplamente praticada no sertão para abater toda caça grossa, constitúi tambem seguro e perigoso meio de morte para tudo que dela se aproxima, até o proprio homem; o «chiqueiro» é tambem uma invenção engenhosa para prender-se uma boa parte da «clan» dêsses devastadores de roçadas e nêle chega a entrar cinco, seis e mais indivíduos, depois de bem cevados.

Ratão-do-banhado, Coipú, Nutria, Castor americano

Myocastor coypus.

Êsse grande roedor, encontrado assim nos terrenos alagados ao sul do país como nas repúblicas do Uruguai, Argentina e Paraguai, foi descrito pela primeira vez por D. Felix Azara sob o complicado nome guaraní de «qüiiya».

De porte mais avantajado do que o da cotia, é deselegante no modo de se locomover, igual, exatamente, ao do rato comum. A cabeça e as patas traseiras são, entretanto, bem diferentes das do genero *Mus:* o labio lepurino, visivelmente fendido, deixa entrever dois grandes dentes incisivos amarelo-alaranjados, extremamente for-

tes e afiados. As patas traseiras são providas de membranas natatorias, iguais áquelas que guarnecem os pés dos palmipedes, e que o tornam perfeitamente apto para viver nágua.

O ratão desenvolve exercicios verdadeiramente admiraveis de natação, dando mergulhos prodigiosos, comparaveis sòmente aos das lontras e ariranhas.

Ratão do banhado, castor brasileiro, cuja pele sedosa tem um apreciavel valor.

Sob o revestimento externo, constituido de pêlos grossos, tem êle um pêlo sedoso e de elevado valor comercial, que ainda hoje constitúi importante fonte de renda nas repúblicas meridionais da America do Sul. A exportação anual dêsses couros crús, vendidos pelo preço de 65$000 cada um, já chegou aos milhares.

A carne é saborosa. A pele, que, como ficou dito, é carissima, tem grande aplicação na confecção de casacos e agasalhos de inverno.

São interessantes os habitos dêsse animal: passa o dia metido nas tocas ou galerias abertas no solo. À tardinha e à noite deixam êsses esconderijos e sáim a pastar pelos gramados e capinzais. Róim tudo que encontram, devastando as plantações de arroz, milho, cana de assucar, aveia, etc.. Procuram a água parada para se lavar, onde de preferência defecam. Ficam frequentemente sentados sobre as patas traseiras, como o fazem tambem as cotias, limpando com as mãos o focinho. Nessa posição é comum serem vistos depois do repasto.

Rengger descreve em seu excelente trabalho o *ratão-do-banhado* sob a designação científica de *Myopotamus bonariensis*. Hoje êsse roedor pertence ao grupo dos *histricomorfos*, da familia dos *octontideos*. A descrição feita pelo citado autor é uma preciosa contribuição:

«Ich habe den Quüiya vom Wendekreise des Steinbockes, in Paraguay, bis in die Nähe von Buenos Aires, unter dem fünf und dreissigsten Grade südlicher Breite angetroffen. Jedoch ist er im ersteren Land, wie gesagt, selten; zwischen Buenos Aires und St. Fee hingegen kam er ehemals häufig vor, hat sich aber durch die fortwährende Jagd, die auf ihn gemacht wird, beträchtlich vermindert. Er bewohnt paarweise die Ufer der Ströme und der flüsse, vorzüglich an den Stellen der stillen Wasser, wo gewöhnlich Wasserpflanzen in solcher Menge vorhanden sind, dass sie eine Decke bilden, die stark genug ist, um ein kleines Thier wie den Quüiya zu tragen. Jedes Paar gräbt sich am Ufer eine, drei bis vier Fuss tiefe und anderthalbs bis zwei Fuss weite, Höhle, wo es die Nacht und zuweilen auch einen Theil des Tages zubringt. In dieser Wohnung wirst das Weibchen vier bis sechs Junge, welche, wie Azara erzählt wurde, sehr früh der Mutter folgen. Der Quüiya ist, wie der Biber, ein guter Schwimmer, kann sich aber nur kurze Zeit unter dem Wasser aufhalten. Auf dem Land sind seine Bewegungen langsam; auch stüzt er sich, so wie er angegriffen wird, ins Wasser und taucht unter. Macht er daher, wie Azara angiebt, Wanderungen zu Land, so kann dieses nur dann

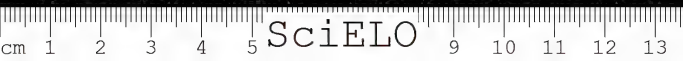
der Fall cyn, wenn die Gewässer, anderen Ufer er lebt, bei niedrigem Wasserstande austrocknen, so dass er seiner Nahrung wegen, die bloss aus Wasserpflanzen besteht, in eine andere Gegend ziehen muss.

Ung eingefangen soll der Quiiya sehr zahm werden, jedoch immer ein furchtsames Thier bleiben. Die zwei alten Individuen, welche Hr. Parlet besass, hielten sich den ganzen Tag in einer Ecke ihres Stalles versteckt, frassen wenig, wobei sie die Nahrung mit dem Munde ergriffen, nahmen gar kein Wasser zu sich, und bissen um sich, ween man sie berühren wollte. Beide lebten nur wenige Tage.

In Paraguay wird auf diesen Nager nie anders' Jagd gemacht, als wenn man ihn zufälliger Weise antrifft. Es hält übrigens schwer ihm beizukommen, indem er sich bei der geringsten Gefahr sogleich ins Wasser begiebt, oder sich zwischen den dichtstehenden Wasserpflanzen versteckt. Zuweilen gelingt es dem Jäger, ihm in dem Aubenblicke, wo er, um Luft zu schöpfen, auftaucht, einem Schuss in den Kopf zu geben; dann sinkt er aber sogleich unter und geht für den Jäger verloren. In der Provinz von Buenos Aires muss er auf eine eigene, mir unbekannte Weise gejagt werden, da sein Fell früher von dort aus in grosser Anzahl nach Europa versandt wurde.

Sein Fleisch wird, so wiel mir bekannt ist, nicht gegessen, sein Pelz hingegen zur Verfertigung feiner Hüte benutzt. Zwischen dem ein und dreissigsten und fünf und dreissigsten Grade aber haben sich die Quiiya schon so sehr vermindert, dass der Preis der Häute dadurch beträchtlich stieg, und ein Hutmacher von Buenos Aires es der Mühe werth hielt, auf einer Meierei, durch welche ein kleiner Fluss läuft, zum Aufziehen derselben einen Thiergarten anzulegen».

* * *

Descrevendo êsse animal, diremos apenas que os adultos chegam a ter cincoenta centimetros de comprido, pesando até oito quilos. O rabo pelado, de quarenta e

cinco centimetros, é semelhante ao do rato comum. A côr predominante é castanha, sendo a barriga acinzentada. A ponta do focinho e os bigodes são esbranquiçados. As orelhas são pequenas, como se nota na fotografia.

A *nutria,* assim chamada na Argentina, póde causar grandes estragos nas barragens dos grandes açudes, onde a miudo faz grandes escavações, tão profundas que chegam a ameaçar a estrutura dessas construções.

Em liberdade é excessivamente arisca e só se consegue apanhar com o auxílio de cães amestrados ou armadilhas especiais. Em cativeiro, entretanto, torna-se nimiamente mansa, comendo tudo que se lhe dê: mandioca, milho, fubá, verdura, legumes, cascas de fruta, etc..

Faz o ninho em buracos, forrando-os com folhas e capim, e onde, duas vezes por ano, dá cria de quatro a seis filhotes.

E' um animal feio, apresentando-se poucas vezes à vista do homem. Representa, sob o ponto de vista zoologico, o castor europeu.

Paca

Coelogenys paca.

Nos exercicios cinegeticos, em que o caçador apaixonado experimenta as grandes emoções das corridas alentadas da matilha, a paca, depois do veado, constitúi, indubitavelmente, a caça mais apreciada e perseguida pelos discipulos de Santo Humberto.

Êsse belo roedor bem merece o valor que se lhe empresta como elemento de valor para o esporte venatorio. Quer como animal de corrida rapida, quer como caça de mesa, a paca satisfaz plenamente à mais requintada exigência do caçador.

Habita as tocas de pedra, nos lugares altos, nos espigões de mata rala. Nêsses buracos passa os dias a dormir, mas no rigor do inverno, quando a terra se resfria, deixa êsses esconderijos para aninhar-se na folhagem sêca das capoeiras, por baixo de ramadas ou nos resvãos de alguma galhada caida, valo velho, etc..

E' nas terras altas que a paca encontra o seu lugar predileto para repousar e procriar. As baixadas onde ha roças de milho e água é o lugar escolhido para as suas incursões noturnas.

Êsse roedor aparece frequentemente nas plantações de milho amadurecido.

A sua presença é facilmente reconhecida porque costuma esfiapar a palha das espigas para roer, de um modo todo especial, os grãos do cereal.

Paca, belo roedor a excelente peça de caça.

O estrago que causa é reduzido, bem diferente daquêle que fazem os porcos e as capivaras.

A paca, quando acossada pelos cães, procura livrar-se dêles metendo-se nas locas de pedra ou mergulhando nágua com a maestria que a peculiariza.

Em qualquer dos casos o animal é atirado, quando corre pelos «carreiros», nos pontos das «esperas» ou no término da fuga, quando entoca ou então se atira nágua.

Ha processos variadissimos, engendrados pela fertil perversidade humana, para a caça dessa disputada presa:

fisgas, redes, ratoeiras, armadilhas e tantos outros engenhos tão a miudo encontrados pelo mato.

A paca está colocada, pela corpulência, no segundo lugar da classe a que pertence. Chega a alcançar setenta centimetros de comprido e um pêso de doze quilos.

Tem o pêlo bruno-amarelado, com cinco listas brancas e longitudinais nos flancos. Essas listas, bem dispostas, dão-lhe um aspeto agradavel e caracteristico, semelhante áquele já observado nos filhotes das antas.

Membro copulador de um macho de paca.

Registra Goeldi e outros autores o fato particular observado na arcada zigomatica dêsse animal, muito larga e granulada exteriormente.

Direi eu que ha na paca duas outras particularidades dignas de menção: a primeira é a ponta cornea de que é provido o membro do macho, a qual, à guisa de estilete, tem por fim sangrar a femea durante o coito, facilitando-se pela hemorragia que se dá, a fecundação ovular e a penetração do espermatozoide; a segunda é a semeadura instintiva que as pacas fazem dos pinheiraes no sul do paiz, comendo os pinhões e enterrando as sobras que germinam formando verdadeiros viveiros da preciosa Araucaria brasiliensis.

Mocó e Cotia

O *mocó (Korodon rupestris)* é o roedor por excelência das pedreiras das serranias de grande altitude ou dos lugares excessivamente aridos, onde viceja apenas o cactus e o líquen.

Nessas regiões rochosas do Ceará, Piauí, e em algumas localidades de Minas e Baía, aparece pela manhan e à tardinha, nas pontas das pedreiras alcantiladas, em procura do sobrio alimento que logra encontrar nêsses sitios estereis.

Do porte da lebre e do feitio do preá, mais esquivo, porém, do que o último, talvez pela perseguição sistematica que lhe movem os caçadores do sertão, costuma desaparecer, com facilidade incrivel, nos resvãos das pedras, que sempre lhes proporcionam natural e seguro abrigo.

A carne é saborosa como a da cotia e a pelagem é cinzenta, mesclada de castanho escuro. Em Diamantina (Minas Gerais) informaram-me que dá dois filhotes em cada parto e que faz os ninhos nas tocas das pedras, onde vive. Quanto ao tempo da gestação e outros pormenores de sua biologia, nada mais me puderam esclarecer.

* * *

Como a especie precedente, ha nas nossas matas um roedor de pelagem amarelo-queimada, maior do que o *mocó* e menor do que a paca. E' a cotia *(Dasyprocta aguti)*. Animal muito agil e brincalhão, procura as cevas para, sentadas sobre as patas traseiras, roer o coração do milho. A carne é saborosa. Êsse roedor se cria perfeitamente em cativeiro.

Assustado por qualquer ruido suspeito, desaba em corrida vertiginosa, mostrando de quanto são capazes as suas vigorosas pernas. Costumam voltar depois a ver qual foi a razão do susto e da corrida.

Seja-me dado transcrever agora um topico do meu diario de viagem.

Nota «Purús» — Castanha Mirim — 27 de Setembro de 1927. À cotia são atribuidos os abundantes castanhais que ha por aqui. Dizem que êsse animal procede como os cães quando se farta de comer, enterra as deliciosas amendoas, em pontos distantes cuidadosamente, satisfazendo um instinto de previdência que não se observa entre os simios.

Quando chega o verão e não ha mais as saudosas castanhas, ela vai procurar a sua provisão. Mas o que geralmente acontece é que o roedor deixa de encontrar grande parte das sementes enterradas, e daí germinarem, crescerem e se espalharem os castanhais pelas terras firmes da Amazonia. Fato identico se verifica no Paraná quanto aos pinheirais, conforme já foi dito.

Preá

Cavia aperea.

O *preá,* roedor desprovido de cauda, é o que mais se encontra espalhado pelo Brasil todo. Em qualquer capinzal humedecido por um corrego ou em qualquer banhado onde haja moitas de gramineas e gravatás, encontrâmo-lo na certa.

E' mui timido e agil. Como a sua congenere exotica, a cobaia, esquiva-se a todo momento de ficar em campo aberto, temendo sempre ser atacado pelos seus numerosos inimigos, entre os quais merecem o primeiro lugar as serpentes.

À tardinha e pela manhan deixa furtivamente o esconderijo e sái a pastar, assustadiço, pela grama das visinhanças do sítio em que mora. Qualquer ruido ou aproximação de outro animal é quanto basta para que êle se suma imediatamente, buscando o trilho que sempre usa. E' realmente espantosa a agilidade dêsse pequeno roedor; é tambem admiravel a capacidade que tem para mergulhar e desaparecer.

Anda, como as capivaras, em bandos de dez a quinze individuos.

Os autores que se dedicam à systematica zoologica dão tres ou quatro especies dêsse *cavideo,* especies que se diferenciam pela côr da pelagem, que algumas têm com manchas brancas.

O *preá* mestiça-se com o porquinho da India, dando filhos inteiramente pretos, como pudemos observar no Parque da Água Branca.

Os autores divergem a respeito da gestação do preá. Alguns nos falam de trinta dias, outros de dois meses ou dezenove semanas. Êstes ultimos sòmente estão com a verdade, pois a gestação costuma ser de sessenta e cinco dias. E' obvio, aliás, que a gestação deve ser prolongada, visto que as pequenas cobaias já nascem bem desenvolvidas.

O número de filhotes nascidos em cada parto varía de um a tres e até a quatro, raramente mais. Isto é preciso dizer bem claro, pois é proverbial a extraordinaria proliferação do preá.

Os filhotes já nascem cobertos de pêlo, com os olhos abertos, e logo se põem a pular e a comer o que a mãe come.

O preá faz os ninhos em buracos e touceiras de macega.

Ouriço, Ouriço-caixeiro, Coendú, Cuím

Coendu villosus.

Êsse roedor, encontradiço nas capoeiras de toda a região costeira do Brasil e raramente no interior de muitos Estados, é um animal notívago e tardo nos movimentos.

Tem sessenta centimetros de comprido e reveste-se, na primeira idade, de pêlos amarelo-avermelhados, que se tornam pardacentos quando êle fica adulto. Os inumeros espinhos, de um amarelo côr de enxofre, fartamente distribuidos por toda a região dorsal, constitúim excelente arma de defesa. Entretanto, o peito, a garganta e a bar-

riga, ao contrário do que se observa na especie afim, de nome *Coendu prehensilis,* pertencente às regiões amazonica e central do país, são despidos de espinhos e revestem-se apenas da pelagem comum, como, aliás, acontece com os ouriços mais comuns.

São animais fleumaticos, lerdos. Sáim de preferência à noite a procurar frutos silvestres, castanhas e algumas sementes. Quando encontram árvores frutiferas e bananais, fartam-se a valer. Costumam tambem invadir os milharais para roer as espigas de milho.

Ouriço-caixeiro irritado. (FOTO H. KRIEG)

Aproximam-se sem medo algum das habitações, fazendo o ninho nas ramadas onde encontram um emaranhado de cipós e folhas sêcas e levando para êsses esconderijos os restos de cascas de frutas e detritos de sementes que sobram nos seus repastos.

A femea costuma aninhar-se em ôcos de pau para dar à cria um ou dois filhotes.

Os espinhos do ouriço destacam-se facilmente, maximè quando êle os eriça por causa de alguma irritação ou agressão. Essa arma poderosa faz com que os caçadores o detestem, pois «os cães inexperientes e estouvados — dizem êles — pagam caro o ataque ao animal, que, assanhado, incha, eriça-se todo e atira-lhes um verdadeiro arsenal de espinhos, que lhes perfuram dolorosamente a bôca e o focinho. E êsses espinhos são mais faceis de quebrar do que de extrair, pois possúim aciculos microscopicos que desempenham o papel de farpas e lhes dificultam a saida, uma vez introduzidos no musculo».

O Chaetomys sub-spinosus é uma fórma particular de quarenta e tres centimetros de comprido, cauda escamosa, semelhante à dos ratos, e espinhos curtos e grossos. Sua patria é o norte da Baía.

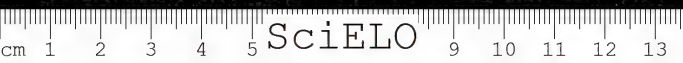
O nosso eminente amigo Prof. Hans Krieg nos apresentou um dos seus trabalhos, intitulado «Biologische Reisestundien in Südamerika zur Ökologie der grossen Nager», valiosa contribuição, da qual, data venia, reproduzimos a presente ilustração.

Coatí-purú

Urosciurus pyrrhonotus.

Êsse esquilo, que é, incontestavelmente, o mais proximo representante de seus similares europeus, habita as florestas do Amazonas e vive, como as especies afins, de sementes e frutas silvestres. Tem a cauda armada e sempre erecta às costas, com o terço superior ligeiramente pendido para fóra, em curva, em posição elegante e firme.

A côr predominante é bruno-amarelada. Ha exemplares mais avermelhados do que outros, mas acompanham em geral a côr da pelagem das pernas, sempre mais carregada. O peito e a ponta da cauda são brancos. A orelha pequena e arredondada, os olhos vivos e tambem redondos, as cerdas compridas do focinho e a atitude do animalzinho quando está comendo, sempre sen-

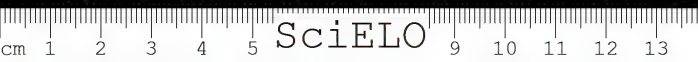
tado sobre as patas traseiras e a segurar o alimento com as patas dianteiras, dão-lhe um aspeto assás gracioso.

Os dentes incisivos, poderosissimos, revestidos de uma camada de esmalte de uma resistência invulgar, cortam as mais duras amendoas e cocos da mata. Abrem tambem orificios, com relativa facilidade, nos gomos fibrosos dos taquarussús e das tabocas. E' comum a presença de furos nessas gramineas gigantescas, feitos em fórma simetrica pelos *urociurideos* nacionais.

Dotados de movimentos rapidissimos e auxiliados por unhas aguçadas que lhes permitem subir aos troncos com grande velocidade, dificilmente são alcançados pelos seus numerosos inimigos da floresta.

Nas árvores de sapucaia dos rios Madeira e Negro, tive oportunidade de vê-los a procurar castanhas nos galhos flexiveis das árvores alterosas. Preferem, porém, apanhá-las no chão e levá-las, na bôca, para os galhos mais grossos da árvore, onde, sentados, róim-nas comodamente.

Vejamos o que nos diz Oliverio Pinto a respeito:

«O *Urosciurus pyrrhonotus* tem, nas partes superiores, uma coloração vermêlho-ferruginea, acentuadamente mais carregada e intensa na metade posterior do que na dianteira, onde muda frequentes vezes em pardo-ocraceo ou alaranjado, exceção feita da cabeça, que é bastante mais escura. Partes inferiores ocraceo-alaranjadas, variando de intensidade conforme o individuo, porém sempre mais claras no peito e na garganta e nitidamente destacadas, por limite brusco, do colorido das partes dorsolaterais; face externa dos membros ferruginea, mais carregada nos posteriores do que nos anteriores, a modo do que acontece nas partes dorsais adjacentes. Cauda denegrida no trecho basal, em zona mais estensa na face inferior do que na superior; no restante, mesclada de vermêlho-ferrugineo e de preto, com predominância do pri-

meiro tom, que se localiza na parte terminal dos pêlos, e mascara tanto mais o último quanto mais se avisinha a extremidade do apendice.

E' encontradiço nos afluentes da margem direita do curso medio e inferior do Amazonas, (Juruá, Madeira, Tapajóz e Alto Mamoré).

E' preciso notar que as coleções do Museu Paulista não possúim nenhum exemplar do baixo Madeira, zona a que pertencem os coligidos por Natterer e descritos originariamente por Wagner. Os nossos estão longe de concordar rigorosamente com os caracteres descritos nos exemplares proto-tipicos, e, a par disso, apresentam entre si uma grande divergência no colorido, demonstrando tratar-se de especie eminentemente variavel.

Duas das nossas melhores peles provém do Rio Juruá, onde as colecionou Garbe em 1901. Apresentam elas, nas partes superiores, um intenso colorido vermêlho-ruivo, quasi uniforme, estendido até o trecho basal da cauda, que, em vez de ser preta, como de regra, não se distingue quanto à côr das partes avisinhantes. Esta última particularidade parece tanto mais digna de nota quanto o colorido preto do trecho basal da cauda; é um carater, por assim dizer, comum a todos os *ciurideos* do grupo a que hoje apelidamos genericamente de *Urosciurus*.»

* * *

Encerrando a descrição do ilustre sistemata do Museu Paulista, desejamos adir algumas informações sobre a biologia dêsses belos roedores das florestas amazonicas.

«Caçam lagartas e larvas de insetos que crescem comumente nas folhas das palmeiras de buritís e outras. Algumas vezes, buliçosos como êles são, procuram os ninhos dos passaros, depredando-os e comendo os filhotes. Isso, entretanto, ocorre acidentalmente.»

Serelepe, Caxinguelê, Esquilo brasileiro

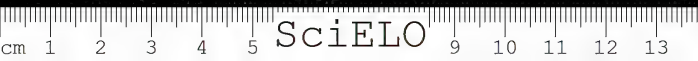
Sciurus aestuans.

Êsse agilissimo roedor das nossas florestas tem os mesmos habitos da especie precedente, isto é, do *coatí-purú*. Consideravelmente menor e menos vistoso do que êste, o *serelepe* é de uma vivacidade espantosa, dotado de membros locomotores admiraveis que lhe permitem subir, com extraordinaria facilidade, pelos troncos mais altos e lisos em movimentos instantaneos. Galga as árvores e desce por elas, de cabeça para baixo, com uma agilidade de fato surpreendente. Com a cauda dobrada às costas, salta de galho em galho com a mesma destreza com que executa as acrobacias a contornar os grandes troncos e a descrever rapidas espirais. Irrequieto ao extremo, tudo vê e tudo apanha com as patas dianteiras para levar aos afiados incisivos, que não respeitam as mais rijas castanhas da mata.

Sentado sobre um galho, em posição peculiar e graciosa, vai cortanto com os dentinhos poderosos o coquinho gerivá ou a castanha de sapucaia. A sua alimentação é constituida de frutos silvestres e sementes oleaginosas. Procura os buracos das árvores e costuma furar os gomos das taquaras para nêles beber água fresca.

Recolhe-se cedo. Dorme enrodilhado, com a cauda felpuda a cobrir-lhe a cabeça. A femea gera uma só cria, não se sabendo ao certo quantas vezes ao ano.

O filhote do *caxinguelê* é facilmente domesticado e torna-se um xerimbabo muito interessante porque não tem a catinga que quasi todos os mamiferos silvestres possúim. E' um bichinho limpo e delicado. Tive um por muito tempo no Jaraguá. Saía da gaiola, saltava sobre os ombros das pessôas, metendo-se pelas mangas dos casacos a dentro. Brincava com tudo que encontrava.

Oliverio Pinto, o incansavel zoologo patricio, publicou um trabalho precioso sobre a sistematica dos *ciuri-*

deos do Brasil (*), em que se evidencia haver mais especies do que aparentemente existe, tanto que relaciona treze delas, apresentando os clichés com as peles e cra-

... "irriquieto ao extremo o serelepe tudo vê e tudo apanha com as patas dianteiras ... "

neos da sua maior parte. Tudo muito interessante e, sobretudo, valioso para a sistematica.

Goeldi, referindo-se a essa segunda familia de roedores brasileiros, diz que êles se distinguem da do Velho

(*) «Ensaio sobre a Fauna de Sciurideos do Brasil». Tomo XVII da Revista do Museu Paulista.

Mundo pelo tamanho menor e pela falta do chumaço de pêlos, em fórma de pincel, nas orelhas. Creio que o esquilo europeu não excede muito em tamanho à especie afim encontrada no baixo Amazonas, chamada *coatí-purú*, da qual eu trouxe uma bela pele para as coleções do Museu Nacional, a pedido do Prof. Alipio Miranda.

O nome *caxinguelê*, corrente na Baía, Espirito Santo e alhures, é de origem africana; os nomes de *serelepe* e *esquilo* devem provir de Portugal, sendo hoje estensivos, na linguagem familiar, às pessôas que não têm sossêgo, que não param quietas num lugar. A pelagem é pardacenta amarelada, uniforme; a barriga é clara amarelada, com pêlos mais finos, como aliás sói sempre acontecer em todas as especies.

Êsses roedores emitem frequentemente um ruido particular, semelhante a um chupão que se desse na palma da mão aberta.

Candimba, Tapití, Lebre do mato

Lepus brasiliensis.
Silvilagus minensis.
Silvilagus tapity.

Sob essas tres denominações vulgares é frequentemente encontrada, por todo o Brasil, a unica especie correspondente ao coelho selvagem europeu *(Lepus caniculus)*, que, tal como a especie nativa ora descrita, tem as orelhas bem reduzidas.

A *candimba* vive espalhada por todos os carrascais, cerrados e roças abandonadas do *hinterland* brasileiro. Onde haja um pouco de palha, macega ou folhagem de tiguera, que se prestem para o seu ninho, ela aí estará metida. Por baixo de uma touceira de graminea, ou à sombra de um feto, ela prepara o esconderijo e deita-se, como os coelhos, com as orelhas para trás.

Procria, ordinariamente, de quatro a cinco vezes por ano, dando de dois a tres filhotes, que já nascem com os olhos abertos. O ninho para a procriação é feito de

palha fina, folhas sêcas e pêlos, que a desvelada mãe arranca da barriga para amaciá-lo. Sempre que dêle se ausenta, cobre os filhotes com folhas e palha fina.

Essa especie de roedor, talvez por ter numerosos e frequentes inimigos, como *aracambés, guaraxinis*, cachorros do mato («mão-pelada»), gatos selvagens e algumas serpentes, não se encontra em grande quantidade em parte alguma do país, como, aliás, era de esperar, em virtude de sua prolificidade.

O *tapití*, como o chamam os guaranís, tem a particularidade de dormir ao sol com os olhos abertos, como si êle estivesse atento a perscrutar algum importuno. De côr semelhante à do meio que o cérca, dificilmente se póde distinguir êsse animalzinho em sua morada obscura. Os proprios cães lebreiros, de faro apurado e vista penetrante, custam muito para descobrir-lhe o esconderijo, instintivamente disfarçado.

Passeia sempre à noite, em busca de gramineas tenras, brotos de plantas rasteiras, cascas de árvore e, com muita frequencia, quando topa com um feijoal, devasta-o em poucas noites.

Êsses roedores não fazem buracos, como os seus congeneres do Velho Mundo.

A carne é saborosa, principalmente quando moqueada com o cuidado indispensavel a êsse processo primitivo de conservação.

A distribuição geografica dêsse animalzinho abrange quasi todos os Estados meridionais brasileiros.

Rato coró, Toró, Cururuá

Jámais me esquecerei das tardes encantadoras de pôr de sol passadas à margem do Rio Purús, no Castanhal-mirim, cujas aguas passavam tão devagar, quasi paradas, a reverberar a policromia dos ultimos clarões do astro rei.

Contemplado o afogueado morrer do dia, era como que despertado pelo rato *coró,* cujo grito original vinha completar o encanto do silencio vespertino: *coró-coró-coró-coró...*

Esse animal, cuja voz ressôa à distancia, é um roedor do feitio de um ratão. Pertence, porém, ao grupo dos *Hystrichomorphos,* parentes mais chegados do ouriço-cacheiro, já descripto.

Rato da taquara

Hesperomys flavescens.

A respeito desse rato, diz Ihering o seguinte:

«Ha varias especies de ratos do mato e dentre elas a acima citada, que, no Rio Grande do Sul, se multiplica extraordinariamente durante o tempo da frutificação da taquara, a qual, aliás, ocorre apenas cada treze ou vinte anos. À abundancia de alimento, representado pela semente da taquara é semelhante ao arroz, produzindo uma proliferação espantosa de ratos. Não tarda, entretanto, o tempo das vacas magras... e todo aquele exercito de roedores procura os celeiros. Então, em levas numerosissimas, invadem as plantações e as tulhas, constituindo praga que, embora temporaria, acarreta prejuisos avultados aos lavradores. E' parasita desses ratos o curioso coleoptero *Platysillus,* do grupo dos *Silphideos.*

Onça pintada, Onça parda, Suaçú-arana, Gato silvestre

(Felinos) *Felis onça. — Felis concolor.*
Felis macrura.

A denominação vulgar de *onça* abrange todos os grandes felinos brasileiros, com exceção do tigre, que é uma sub-especie ainda não estudada da *onça pintada* ou *jaguar.*

O aborigene, com o notavel poder de observação que tanto o carateriza, nascido do constante contato com as coisas da natureza, que de perto o interessavam, criou

nomes proprios, admiravelmente adequados, para as especies silvestres, os quais até hoje nos causam surpresa, servindo-nos até para descobrir, em cada particula do substantivo, um atributo importante e peculiar ao animal.

Assim é que em tupí-guaraní *onça pintada* é *jaguaraeté,* que significa, aliás, *onça verdadeira;* o macharrão da mesma especie recebeu o batismo de *acang-ussú,* ou, simplesmente, *cangussú,* que, traduzido literalmente, quer dizer *acang* (= cabeça) + *ussú* (ou açú) = grande; de fato, êsse felino tem a cabeça visivelmente maior do que a de qualquer outra especie.

O *tigre negro,* o temivel gatarrão do norte de Goiás, Minas, Mato Grosso e Baía, mereceu do tupí-guaraní o nome de *jaguara-pichuna,* que quer dizer *onça-preta.*

A onça parda, a «puma» brasileira, *suaçú-arana,* mereceu especial atenção do selvicola, que a crismou, pela semelhança que tem com a côr do veado, com aquêle nome que muito bem se casa com o animal — *suaçú-arana,* que significa, portanto, *onça* de pelagem de veado, espuria.

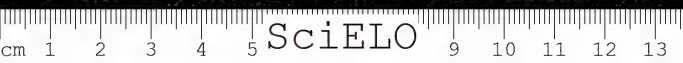
Prosseguindo na apresentação geral dos felinos, para descrever depois as especies de per si, enumeraremos agora os gatos silvestres, dentre os quais se destacam, pelo porte e real beleza, o *maracajá,* a *jaguatirica,* o *gato-pintado* e o *mourisco,* que tem a côr pardacenta da pimenta do reino moida.

Autores ha que registam outras especies, distribuidas pelas matas e cerrados de Goiás, Mato Grosso e Maranhão. Como, porém, não temos conhecimento sinão daquelas acima citadas, abstemo-nos de mencioná-las.

Jaguar-eté, Jaguar

Felis onça.

O *jaguar* é, incontestavelmente, o maior representante dos felinos brasileiros. Conquistou posição de grande relêvo pela excecional corpulência e notavel agilidade, aliadas à fôrça formidavel e braveza desenvolvidas no ataque. Exibindo um corpo de um metro e setenta cen-

timetros de comprido, setenta centimetros de alto, e tendo só a cauda setenta e cinco, êsse soberbo animal domina as selvas brasilienses pela imponência do porte, pela circunspecção do olhar altivo, pela potência do bramido e pelo poder descomunal das garras afiadas.

Só quem já tem visto u'a manotada de uma *onça pintada* póde avaliar a fôrça dêsse animal quando agride.

Soberbo macharrão abatido nas selvas matogrossenses.
(FOTO F. FIGLIOLINI)

O pantanal de Mato Grosso, o Gran Chaco Paraguaio e parte de Goiás são a sua patria por excelência. Em Minas, São Paulo, Paraná, Amazonas, Baía e outros Estados do Brasil a *pintada* não é desconhecida, porém o *habitat* dêsse grande felino está circunscrito áquela porção geografica acima referida, onde constitúi verdadeira praga para os criadores, em virtude dos avultados prejuizos que causa aos rebanhos de gado vacum e cavalar.

Os estancieiros sofrem tão pesadas perdas, em determinadas épocas do ano, que são obrigados a contratar caçadores profissionais para dar batidas frequentes pelas matas e rincões onde êsses temiveis animais se acoutam.

Os grandes gatos brasileiros, a despeito da grande corpulência, são agilissimos e ferozes.

Saltam com espantosa facilidade, alcançando a presa a cinco metros e até mais de distância. Quando perseguidos e acuados pelos cães, dificilmente saltam sobre êles ou sobre o caçador que se aproxima. A sua defesa em terra obedece a uma técnica muito diferente daquela usada para surpreender a caça. No chão a onça aceita o combate, defendendo-se valentemente, como teremos ocasião de ver adiante; só quando muito irritada e provocada pelo caçador é que se levanta para atingí-lo com manotadas certeiras e dentadas terriveis.

Êsses animais, assim como a maioria dos mamiferos, reconhecem o homem pelo olhar.

Fixam-nos instintivamente, como a procurar descobrir em nossos olhos as sutilezas das nossas intenções. Só a mulher consegue superar os chamados irracionais nesse particular... Esta, com a inteligência de que é dotada e a sua extrema sensibilidade, caracteristica do sexo, interpreta com admiravel presteza a significação do olhar de quem a fixa...

Os paraguaios e os proprios caboclos matogrossenses, reconhecendo, como caçadores experimentados que são, a influência decisiva que tem o olhar do zagaieiro sobre a fera acuada, avançam resolutos contra ela encarando-a com firmeza e destemor. Qualquer receio que transpareça nos olhos do caçador porventura afoito será imediatamente pressentido pela *bicha,* que o ataca sem perda de tempo.

Os animais, não possuindo, em regra geral, outros recursos de inteligência, que, aliás, sobejam nos homens, valem-se dêsses meios instintivos de defesa.

* * *

Excecionalmente a onça ataca o homem sem ser provocada ou aperreada pela matilha. Reage, como todo animal, quando com cria nova. Em ambos os casos prevalece o natural e justificavel instinto de preservação da especie, inato em todo sêr vivo. Portanto, si ha tantas lendas sobre a exagerada ferocidade dêsses gatos gigantescos, são elas, na sua maioria, destituidas de fundamento e nascidas da fertil imaginação da nossa gente simples.

Transcreverei em seguida uma cena emocionante de uma caçada em Mato Grosso, em que bem se poderá aquilatar o valor do felino frente ao seu temivel adversario, o homem, que dêle se aproxima, lança em riste, a desafiar-lhe a ferocidade no meio embramado de cipós e taquariseiros, numa tremenda competição de coragem. Eis a descrição que nos faz Pereira da Cunha:

«Ao chegarmos ao mesmo local em que haviamos saltado na vespera, abicámos novamente à praia e por ela andámos à busca de rasto fresco; em vão; a grande quantidade de pègadas que viamos era já nossa conhecida, e, sabedores, como eramos, do hábito que têm as onças de fazer grandes caminhadas, o desânimo, que já havia começado, aumentou com o que acabavamos de verificar.

Com as caras compridas, falando pouco, acocorámonos em tôrno do churrasco e da cuia de melado; almoçámos, e retomámos as canôas.

Mas, senhores, seria possivel que as onças tivessem desertado, elas que até a vespera haviam estado alí? Não, não era possivel.

Um raio de esperança sempre existe, mesmo fraco, no meio do desânimo, e, um dentre nós, creio que o Nelson, propôs a visita a um capão que estava pouco abaixo, na outra margem.

Aceita a idéa, para lá fomos, mais por desencargo de conciência do que por outra coisa.

Saltámos, abordámos o pequeno capão, e o Sr. Jenú e o Junqueira já se dispunham a ir em busca de umas aracuans quando um cão, o «Leão», deu rasto de um modo especial e diferente do que até então ouviramos nos ou-

tros lugares. O caçador de garças, proprietario do cão, estacou e chamou-nos a atenção para o latido; todos nós estacámos onde nos achavamos e, subitamente, o desânimo desapareceu para dar lugar ás maiores esperanças,

Austeridade e poder . . .

tal havia sido o modo pelo qual José Bastos tinha chamado a nossa atenção.

Sería mesmo a onça? Estariam pagos os nossos esforços?

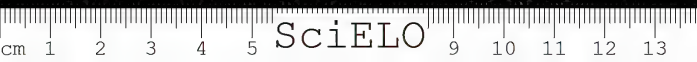
O «Leão» dobrou no rasto e «barruou»; outro cão, outro mais, latem, correm, acodem e ajudam a acuação. «E' o bicho», grita o José Bastos, e corre para a acua-

ção; o meu entusiasmo vai ao auge; não vejo mais cipós e nem espinhos; corro para junto do caçador de garças, e a minha alegria aumenta com a proximidade da acuação. Os outros companheiros seguem-nos, a acuação está proxima, é grande o barulho que fazem os cães; mas, outro rumor, novo para mim, forte, dominador, que abafa o latir dos nove cães, ouve-se imponente e majestoso: é o rugir do «cangussú».

Embora quasi todos juntos, como houvesse chegado antes do Nelson e do Junqueira, fui eu quem formou na linha dos zagaieiros para atirar no animal; aproximámo-nos com cautela, indo os zagaieiros cortando e afastando o mato com as proprias zagaias, e, assim conseguimos chegar a uns cinco ou seis metros do local onde se achava a onça e da qual só percebiamos os grandes rosnados e rugidos.

Parece impossivel que um animal daquêle porte não seja visivel a tão curta distância, apesar de se estar movendo, mas, tão emaranhado era o bamburro em que estava que não era possivel enxergar coisa alguma. Como fazer?

O Nelson, vendo-me na linha de fogo, corretamente colocou-se à nossa esquerda, pronto para o que sucedesse, mas deixando a mim o tiro apetecido; o Junqueira, ao lado do Sr. Jenú, ficou a uns dois metros atrás de mim e, assim postados, tratava-se agora de fazer a fera saltar do lugar onde estava para um outro onde fosse visivel. O José Bastos propôs que fossemos «aonde estava o bicho»; mas tal proposta era absurda e louca, pois se onde estavamos a manobra já não era facil, impossivel mesmo seria entrar no mais sujo do bamburro. Então, no meio dos rugidos e latidos, um zagaieiro instigou um cão preto, o «Desengano», fraco e debil, para que, assim provocada para o nosso lado, para nós saltasse essa onça, que não havia dado um passo ante a aproximação dos cães.

Como nas minhas caçadas de perdiz, em que só engatilho e levo a arma à cara quando a ave já vôa, aí

embora se tratasse de uma *perdiz* bem menos mansa, conservei a minha «tres canos» na posição habitual e esperei.

Que espetaculo imponente eu assisti então! Creio que poderei viver um seculo e não esquecerei a grandiosidade empolgante do que vi. Só uma batalha, penso, poderá ser mais emocionante.

Casal de jaguatirica em francas caricias. (FOTO H. KRIEG)

O valente «Desengano» obedecera a instigação; entretanto, mal havia tentado penetrar no bamburro, já a onça, num rugido mais forte, saltára para o nosso lado. Tão violento, tão rapido foi o movimento da fera que só a vi já de pé, a menos de dois metros de mim, a enorme bôca escancarada, rolando um rosnado rouco, os braços abertos, as garras aguçadas, sublime de beleza e de fôrça. Visando um lugar mortal, o coração, rapido levo a arma á cara; não havia ainda detonado, porém, quando ouvi um tiro que partíra detrás de mim.

Fosse porque os nervos não lhe permitissem a calma indispensavel a tais momentos, ou fosse por qualquer outro motivo, imprudentemente, pondo em perigo as nossas vidas, um companheiro havia atirado por detrás de nós, e a chumbo.

Ao estampido, os zagaieiros partiram sobre a onça; e, felizmente, havia mais de um; porque, o primeiro, tendo pegado a onça muito atrás, junto ao quarto traseiro o animal voltou-se, e o teria apanhado si os outros não o tivessem secundado. Alanceada e mantida por terra por tres fortes zagaieiros, dois dos quais renovaram seus golpes mudando as zagaias para melhores pontos, a fera lutava com tanta bravura e fôrça que a todos ia arrastando.

A onça sob a zagaia enrosca-se toda, desconjunta-se, arredonda-se em contorsões de serpente, escorrega, e, ás vezes, consegue escapar; si algum cão tenta atacá-la, ainda encontra tempo, meios e fôrça para matá-lo; e foi isso que se deu com um dos nossos valorosos e fieis amigos. «Rompe», o mais franzino dos animais, aproximou-se da fera, mas pagou caro êsse ato de imprudência: foi degolado de um só golpe.

A onça cada vez mais arrastava os zagaieiros para o mais sujo do bamburro, e êles gritavam pelo atirador, pedindo que atirasse na cabeça; aproximei-me e detonei a minha arma, por baixo da articulação do maxilar direito, em direção à nuca, e foi instantaneo o resultado.

Apesar de contrariado com a pichotada do companheiro, vinha satisfeito e entusiasmado com a grandeza da cena a que assistira, velho sonho de caçador cuja realidade de muito ultrapassou o ideal.

As onças menos bravas, como a «malha larga» e a mestiça desta com o *cangussú*, correm dos cães, como, em geral, todos os animais; trepam na primeira árvore que encontram a geito, e a propria onça *cangussú*, quando em capão limpo, fóra do seu meio, que é o pantanal e o bamburro, tambem sobe e dá acuação no pau; entretanto, estando nos sitios que costuma frequentar, busca o bam-

burro mais sujo e aí espera os seus inimigos, que em tal caso são muitas vezes vítimas do temivel felino.

Contavam-me o caso de um estrangeiro que, vindo caçar onça em uma fazenda, insistiu com o fazendeiro para que o não fizesse seguir pelo zagaieiro, pois que era uma desnecessidade; o fazendeiro insistiu, acharam a onça, o homem atirou, mas grande fôra o seu espanto ao ver o animal morto aos seus pés pelo zagaieiro... pois êle havia errado o tiro. Eu não acreditava nessa história. Relatavam-se histórias e mostravam-me homens, zagaieiros e atiradores, que já haviam sido feridos pela onça acuada; citavam-me outros mortos pelo animal acuado, e eu não podia compreender. Realmente, só vendo é que se póde fazer idéa do que seja uma onça acuada no sujo; então compreende-se tudo... e tem-se mais cautela.

Quem tenha lido as caçadas de feras nos desertos africanos, tem sabido como é considerada altamente perigosa a perseguição ou procura de um animal que se tenha refugiado «dans les hautes herbes», isto é, na macega alta, ou, enfim, em lugar em que se o não veja a uma certa distância; lá, si bem que não haja cães para denunciar a presença do animal, o caçador que se dispõe a arriscar a vida em tal empresa persegue um animal já ferido, ou com algum membro inutilizado, já enfraquecido, portanto; aqui, muito embora seja precioso o indispensavel auxílio dos cães (pois não ha rasto de sangue a seguir), nem sempre é possivel prever de onde vai saltar a onça, que, ardilosa e ladina, muitas vezes finta de um lado para saltar justamente do oposto. Tudo isso apenas quanto ao risco que se póde correr atacando um animal, aliás em plena posse de suas fôrças, o que constitúi a caçada normal, e não a perseguição ou procura a que rarissimamente se arrisca um caçador na Africa.

Si compararmos as caçadas africanas e asiaticas com as nossas, concluiremos forçosamente pela supremacia das nossas em beleza e emoção; lá se avista o animal à distância, visa-se com tempo e calma e, si não foi bom o tiro, ha tempo para repetí-lo; ao passo que aqui (é

claro que me refiro à onça acuada no sujo), si ás vezes não ha tempo de dar um unico tiro, como pensar em repetição? Não só as desvantagens para o nosso caçador são grandes, como a imponência do espetaculo é outra: a fera, rugindo enraivecida com o latir dos cães, soltando urros de combate, forte como poucas, agil como nenhuma outra, está tão proxima do caçador que de um salto o atingirá; êste voltou a frente para o ponto de onde partiu o ronco selvagem e, subito, em local bem diverso, ganiu um cão ferido ou morrendo sob as garras da fera, que o desorienta com a sua ignorada mobilidade; a música imponente que se ouve em tal acuação, a incerteza do ponto em que surgirá a onça, rapida como o relampago, a proximidade a que fica o animal, o seu aspeto feroz e sanhudo, tudo isso, por certo, ultrapassa, e de muito, a sensação que se possa ter nas tão decantadas caçadas africanas e asiaticas, descritas por tantos exploradores e caçadores de nomeada.»

* * *

Ninguem poderá avaliar a assombrosa fôrça muscular e a elasticidade de um dêsses felinos, no meio em que se ache assediado pela matilha de *onceiros*. As quatro grandes unhas das volumosas patas, que ordinariamente se acham recolhidas em seus estojos, saltam para fóra sempre que o animal tenta atingir a presa. E' verdadeiramente incrivel o poder de dilaceração dessa poderosa arma, que rasga, com facilidade, o couro resistente do tapir.

O cão que recebe na acuação um desses frequentes e rapidissimos tapas fica para sempre fóra de combate.

São frequentes os zagaieiros matogrossenses que trazem as cicatrizes dessas *carícias* e muitos os que já se foram por tê-las recebido em cheio...

Comparando-se o leopardo africano *(Panthera pardus)* com o seu irmão americano — o jaguar *(Felis onça)* — verifica-se que êste último é mais vigoroso do que aquêle.

A pelagem é salpicada de manchas negras, irregulares e luzidias, sobre fundo amarelado; os olhos são igual-

mente amarelos, com pequenos pigmentos negros; as cerdas do focinho (bigodes) são brancas e a cauda apresenta aneis amarelados e pretos.

A alimentação dêsse animal é exclusivamente constituida de carne, muito embora, em cativeiro, êle se habitúi a beber leite. A urina e o excremento, como, aliás, sói acontecer com os carnivoros, são muito fetidos. Parece até que o proprio animal reconhece isso, tanto que escava o chão, defeca e cobre a dejecção com terra.

Durante o cio as onças percorrem distâncias consideraveis, de leguas e leguas, acompanhadas de um ou dois machos, que brigam pela posse da femea. Dão de dois a tres filhotes anualmente.

As fotografias apresentadas hão de suprir, por certo, as deficiências da descrição dêsse rei das nossas florestas.

Suaçú-arana, Onça parda, Puma, Onça vermêlha

Felis concolor.

A *suaçú-arana* é, como já dissemos atrás um felino respeitavel pelo porte, temido pela agilidade e impressionante pela ousadia com que se aproxima das habitações para arrebatar porcos, carneiros, novilhos, cabras e até poldros de pouca idade.

Essa sem-cerimonia com que furta, à noite ou pela madrugada, os animais domesticos que se recolhem aos cercados ou telheiros das habitações rurais, difere do modo de agir de sua congenere, a «pintada» *(Felis onça)*, que, embora mais poderosa, não se aventura a invadir os terreiros das fazendas para prear os animais que nêles se abrigam.

Nas proximidades do centro desta Capital, na serra da Cantareira, onde o govêrno mantém uma riquissima reserva florestal calculada em 2.600 alqueires paulistas, foram abatidos no ano de 1937 tres esplendidos exemplares

dêsses felinos; dois dêles pelo nosso ilustre companheiro de trabalho, Flavio da Fonseca, e um outro pelo guarda-mata do Horto Florestal.

Pelo exame do conteúdo gastrico se verificou que o estomago de um dos felinos estava completamente vazio, enquanto que os dos outros dois apresentavam restos de saás, especie de sagüís pequenos muito frequentes nêsse contraforte da serra da Mantiqueira.

Onça parda assanhada. A puma brasileira. (FOTO F. RIESE)

O que causa admiração a quem conhece a vivacidade dêsses pequenos simios é o poder de cilada que tem a puma para surpreendê-los em plena floresta e capturá-los instantaneamente.

Êsses sagüís, ou sauís, como o chamavam os indios, são agilissimos, extraordinariamente habeis para saltar de uma ramagem para outra e pressentir, à distância, qualquer ruido. Como, pois, admitir que um animal tão corpulento consiga apanhá-los?!

Reproduzimos acima a fotografia de uma belissima onça-parda em atitude agressiva. Êsse animal, mesmo preso em jaula reforçada, quasi logrou apanhar a máquina fotografica quando esta descarregava o obturador.

«Conhecido sob as designações acima referidas, êsse gato recebe ainda, no Rio Grande do Sul, o nome de *leão*, e isto por apresentar caracteristicos semelhantes aos do felino africano e observados principalmente nas femeas e filhotes.

A *suaçú-arana* habita os cerradões e matas que bordejam as planicies de macegas e carrascais, e, ao contrário da onça pintada, parece não gostar das margens dos rios e lugares sujeitos a inundações. Sua alimentação consiste em cotias, pacas, coatís e animais domesticos de tamanho médio; na mata virgem dá caça aos ageis macacos, e na macega do sertão à ema. Muito menos valente do que a onça-pintada, é raro a onça-vermêlha atacar o homem, tornando-se perigosa em regra só quando ferida. Merece reparo a circunstância curiosa de não terem as onças ao nascer a mesma coloração, pois que se apresentam então ornadas de manchas negras, longitudinais e transversais. A extremidade da cauda é escura e o pêlo é longo e sem brilho. Os olhos são cinzentos.

A urina e o excremento dêsses animais são, como já dissemos, excessivamente fetidos. Parece até que êles proprios reconhecem êsse fato, pois escavam o chão para enterrar as dejecções. As onças percorrem, durante o cio, distâncias enormes, leguas e leguas, acompanhadas sempre de um ou dois machos, que em refrégas repetidas disputam a posse da femea.

Parem uma vez ao ano duas crias e excecionalmente tres gatinhos.

As onças, criam-se facilmente em cativeiro, mas logo que se tornam adultas ficam perigosas e podem atacar o proprio tratador. Essa exacerbação parece explicar-se pela continência sexual forçada.

Lobo, Guará

Chrysocyon jubatus.
Chrysocyon brachyurus.

O guará, êsse belissimo animal de pelagem basta, vermêlho-clara, orelhas muito grandes, erectas, cabeça bem talhada, olhar inteligente e meigo, é o representante mais digno de figurar entre os canideos sul-americanos.

Embora não seja valente e poderoso como o similar europeu, é, talvez por isso mesmo, um animal digno de melhor atenção, pois que póde prestar-se à mestiçagem com generos afins que permitam, por sucessivas reproduções, a criação de um canideo tipicamente nacional e que possa conservar os predicados peculiares à raça de origem, já que o lobo, como se sabe, é dotado de faro excelente e qualidades excecionais para a caça.

Muitos caçadores se têm ocupado das especies indigenas facilmente domesticaveis e que poderão apresentar um valor economico apreciavel pela seleção cuidadosa através de algumas dezenas de gerações. Muitos estudiosos se têm preocupado com o trabalho, mas até hoje os govêrnos não trataram de criar estações biologicas ou parques de reserva, onde a tarefa pudesse ser executada com o metodo, a continuidade e a persistência necessaria ao empreendimento.

Focalizando o problema, o General Couto disse algures: «Certamente que não temos no Brasil uma só familia que possa ser comparada ao boi, ao cavalo, ao carneiro, preciosos companheiros das raças do Velho Mundo. Mas temos raças equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão e à galinha».

O queixada, o maracajá, o guará ou lobo, o mutum e o jacú seriam sem dúvida alguma especies facilmente domesticadas, si alguma coisa, que por ora não se póde determinar, o não houvesse obstado.

Isto me parece tanto mais verdadeiro quanto é certo que os indios do Perú domesticavam a lhama, o guaná-

co, o gato e alguns outros animais de habitos não menos selvagens quando em estado de origem.

Outra consideração que concorre para robustecer esta interpretação do fato é o gôsto singular que têm os nossos selvagens pela presença de animais em suas aldeias.

Quem visita uma aldeia selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a

Guará, o cão selvagem do Brasil que bem merece ser estudado.

aldeia: araras, papagaios de todos os tamanhos e côres, macacos de diversas especies, porcos, coatís, mutuns, veados, nandús, seriemas e até sicurijús, giboias e jacarés eu já tenho visto nessas aldeias, onde são alimentados pelos selvagens com paciência acurada. O *xerimbabo* do indio é, por assim dizer, quasi uma pessôa de sua familia. Tudo isso concorre para indicar que si a familia selvagem do Brasil não havia domesticado uma só especie, não era por aversão à arte de domesticar e sim por outras causas que cabem aos contemporâneos investigar».

Feita esta ligeira digressão em torno do valor que representariam para o Brasil as especies indigenas domesticadas e domesticaveis, voltemos ao fio inicial para estudarmos o guará em seus diferentes aspetos.

O guará tem o porte avantajado do lobo europeu, embora seja consideravelmente mais esguio. Vive nos campos cobertos ou cerrados. A dentadura é semelhante à do seu irmão do Velho Mundo, mas a cauda, sempre caida, e os habitos diferem bastante dos dêste. Tem de um metro e trinta a um metro e oitenta de comprido, medidas estas tomadas aos maiores exemplares até hoje registrados por Augusto Huber, no Museu de La Plata.

A cauda tem de quarenta a quarenta e cinco centimetros de longo. O corpo, como já disse, é esguio, delgado como o de um galgo. Nunca vi um exemplar gordo dêsse canideo. Pernas e focinho compridos. A côr geral do pêlo felpudo é avermelhado-clara, mais esmaecida na parte inferior dos flancos e porção ventral. Lista preta no espinhaço; mancha branca na garganta; triangulo de pêlo escuro na parte inferior do pescoço e no peito; parte inferior das canelas denegrida; patas pretas.

O guará habita os campos sujos, encobertos, êsses cerrados, como já disse atrás, onde cresce o indaiá, o barbatimão, o marolo ou cabeça de negro e a tipica fruta de lobo, tão conhecida entre os sertanejos. Essa fruta dos carrascais sêcos *(Solanum lycocarpum)* é procurada pelos lobos, que de longe a farejam, quando madura e exala o cheiro ativo e peculiar aos frutos dos cerrados.

Em cativeiro êsse animal não despreza as bananas, a cana de assucar, a goiaba e o mamão.

Excessivamente arisco e timido, foge do homem e dos animais que o atacam, não oferecendo combate sinão quando acuado em algum banhado. Nessas ocasiões rosna como qualquer cachorro e mostra a dentuça para a matilha que o assedia. Mal seguro nas longas pernas, é facilmente vencido pelos cães de caça. Encontra refugio nos banhados sujos e de vegetação rala.

O guará, que se encontra espalhado pelo sertão do Brasil central, Rio Grande do Sul, Baía, Paraná, Goiás, São Paulo, Minas e até Piauí, onde o rio Parnaíba parece marcar o limite de uma expansão para o norte, percorre

Cabeça do mesmo animal.

tambem o grande chaco argentino e paraguaio, assim como os pantanais brasileiros, onde vem se escasseando de ano para ano. Ouçamos a êsse respeito o que nos relata o Sr. Augusto Huber:

«En el año 1890 existian hasta en la región de la desembocadura del rio Colorado, hoy habitan principal-

mente los esteros y bañados despoblados de Corrientes y del Chaco, zona menos expuesta para el. Se satisface alimentándo-se con avestruces, pescados, agutis, nutrias y otros roedores; sacrifícase todo a la circunstancia de librarse del peligro del hombre. Es animal muy agil y ligero para correr, aunque de poca resistencia, por lo que en campo abierto los perros y los caballos le dan alcance con relativa facilidad; en los pajonales se siente más seguro y dispuesto a defender la vida.

De su procreación no se sabe nada, pero debe suponerse deficiente la multiplicación, porque es un animal miedoso, al extremo de abandonar su cria para ponerse a salvo de cualquier peligro.»

Rengger, no seu precioso trabalho, comparavel ao de Felix Azara, «Naturgeschichte der Säugethiere von Paraguay», entre outras considerações expedidas sobre o *aguará-guassú*, ou simplesmente *guará*, reportando-se ao que observou o Sr. Parlet, diz o seguinte:

«Er ist beiläufig von der grösse des europäischen Wolfes, scheint mir aber nicht völlig so lang zu seyn, einen weit kleineren Schwantz und feinere Extremitäten zu haben. Ueberhaupt, fährt Herr Parlet fort, sieht er in seiner Gestalt und in seinem Bewegungen mehr einem Wolfe als einem Fuchse gleich. Auch seine Zähne sind denen des Wolfes ähnlich, nur sind sie bei weitem nicht so gross und scheinen auch mit der grösse des Thieres nicht in Verhaltiniss zu seyn.»

Quanto à procriação, assunto assás obscuro, dizem que as femeas, depois de tres meses, parem dois filhotes.

O grito melancolico do lobo na alta madrugada, nas solidões imensas e tristes dos campos, êsse ulular plangente que anuvia o espirito do sertanejo, afeito ao isolamento dessas paragens perdidas, aperta o coração em estranha e indizivel angustia que se não descreve, inolvidavel para todos aquêles que já a experimentaram na calada da noite silente e iluminada pelo luar.

* * *

No mesmo dia em que registei u'a nota sobre o tamanduá-bandeira, em adição ao que tinha dito sobre a vida dêsse utilimo animal, foi-me confirmado, pela palavra honesta do Sr. Delphino Pereira da Cruz, o fato já referido de ter o lobo sempre um dos rins atacado por grandes vermes, que o destróim quasi de todo. Seria interessante tratarem os helmintologos de averiguar o caso, pois, segundo o testemunho insuspeito dêsse velho capatás da Fazenda Capão Alto, tais vermes são numerosos, ora avermelhados, ora pardacentos, tendo cêrca de um palmo de comprido.

Aqui fica registada, a título de curiosidade, mais essa indicação, para que os estudiosos dela se ocupem.

Como o cão doméstico, o lobo levanta a perna para urinar, irrigando o primeiro tronco de árvore que encontra.

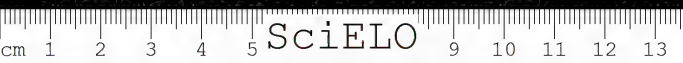
Raposa, Aguaraxaí, Graxaín, Lobinho do Campo

Pseudolopex gymnocercus.
Cerdocyon (Thous) azarae.

No grupo dos chacais, vamos encontrar aqui no Brasil alguns representantes dêsses animais, respectivamente dos generos *Lycalopex, Pseudolopex* e *Thous.*

São animais providos de glândulas secretoras de uma morrinha caracteristica, de um cheiro penetrante, de fato peculiar a êsses carnivoros.

O aguaraxaí, ou graxain, é morador dos campos de macegas e caatingas do sul do país, sendo tambem encontradiço nos Estados da Baía, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Tem sessenta e poucos centimetros de comprimento por quarenta e cinco de alto. A côr predominante da pelagem é cinzenta-arruivada, com o mento escuro, o espinhaço ligeiramente denegrido, o peito e a barriga amarelados.

A cauda, felpuda e comprida, com quarenta e cinco centimetros de longo, termina com pêlos escuros.

Essa especie, por ser muito semelhante à da Europa, recebeu dos portuguezes o nome de *raposa.*

Dificilmente se consegue abater êsse animal, pois, nimiamente arisco e possuidor de um ouvido e vista apuradissimos, pressente, de longe, a aproximação do agressor.

Já Rengger relatava, em seu magnifico trabalho, publicado em 1830, «Naturgeschichte der Säuengethiere von

Graxaín, o terrivel devastador de perdizes e codornas.

Paraguay», que o *aguaraxaí* é um feroz inimigo das aves campesinas e de animais de pequeno porte, perseguidos na falta daquelas. Ratos, rans, cobras, preás, lebres, lagartos, etc., servem-lhe de pasto quando lhe faltam os alimentos preferenciais. Costuma visitar os galinheiros, pela madrugada, levando galinhas, patos e até perús na bôca. Habitua-se a penetrar nos quintais e até nas habitações rurais, afrontando todos os perigos, porisso que grangeou a merecida fama de ser o maior ladrão

dos poleiros. Nos acampamentos dos tropeiros êsses lobinhos do campo montam ronda para surripiar correias de couro crú, lamber o sal e restos de comida espalhados pelas imediações dos pousos.

Os paraguaios domesticam-nos para o esporte da caça. Sendo dotados de bom faro, facilmente desempenham as atividades cinegeticas peculiares aos cães, perseguindo tatús, pacas, porcos do mato e até mesmo o jaguar. Vejamos o que diz Rengger a êsse respeito:

Mão-pelada, um dos mais atrevidos ladrões de galinhas.

«Ich selbst habe mit diesen Füchsen mehr mals gejagt, und erstaunte über ihren äusserst feinem Geruch, indem sie im Afsuchen und in Verfolgung einer Fert die besten Hunde übertrafen. War ein Wild aufgestochen, so verloren sie nie die Spur desselben, sie mochte auch noch so oft durch andere gekenzt sein. Am liebsten jagten sie Rebhühner, Acutis, Tatús, und jung Felhische, alles Thiere, denen nachzustellen gewohnt waren; auch grosse Hirsche, und selbst den Jaguar, halfen sie jagen. Dauerte aber die Jagd mehrere Stunden fort, so ermüdeten sie früher als die Hunde, und kehrten dann nach House zurück, ohne auf das Zurufen ihres Herrn zu achten».

O *graxain* procria de preferência na estação invernosa do ano. Nessa época é comum ser encontrado acasalado, vendo-se então tambem ás vezes uma femea, no cio, seguida de dois, tres e mais machos. Fóra dessa fase de procriação êsse animal vive isolado, amoitado nas reboleiras de macega, por baixo de alguma galhada dos capões esparsos pelos campos ou mesmo em locas de pedra.

O serviço estadual de caça e pesca vem, de ha muito, estudando os estragos que êsses animais causam ás codornas e perdizes, na zona sul de São Paulo, pois é impressionante o empobrecimento dos campos onde se faz notar a sua presença. Itararé, Faxina, Capão Bonito e Itapetininga estão com a sua fauna campesina reduzidissima, e isto desde que se notou a invasão dêsses predadores.

Os cães perdigueiros esbarram frequentemente com êsses canideos nos campos e cerrados do sul do Estado, afugentando-os, mas êstes, quando aperreados em lugar apertado ou sujo, fazem-lhes frente, mostrando os afiados dentes.

Outra especie dêsses animais é a que se denomina, com muita propriedade, *cachorro do mato (Pseudolopex gymnocercus)*, animais do mesmo porte do precedente, mas de pelagem mesclada, mais escura, principalmente ao longo do fio do lombo. Creio que a classificação específica de *gymnocercus* não está de acôrdo com os caracteres do animal, e isto porque define *cauda nua*, quando o que se dá é exatamente o contrário: o animal é provido de uma cauda felpuda.

Essa especie tem a cabeça inteiramente diferente da do *lobinho do campo:* mais achatada no frontal, tem a curva do focinho menos arqueada e as orelhas menores. Vive de prear pequenos roedores, aves silvestres e domésticas, costumando tambem invadir os pomares e canaviais, onde produz estragos consideraveis.

Passeia de preferência à noite, farejando as estradas e os capoeirões. Exala sempre uma morrinha peculiar, que é pressentida à distância pelos cães «fox hunds».

Darei notícia, para finalizar, de uma outra especie dêsses carnivoros, conhecida por «cachorro do mato de mão pelada», ou, ainda, pela denominação indigena de *guacinim*.

Essa vulgarissima especie, encontrada em todos os recantos dos Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Goiás e Minas, caracteriza-se por ter em cada pata quatro dedos longos, semelhantes aos do macaco.

Nos lamaçais e nas estradas é comum, depois das enxurradas, serem vistas as pègadas dêsse emerito ladrão de galinhas e grande devastador dos canaviais. Frequenta de preferência os brejos e os capoeirões das baixadas e das varzeas. E' do tamanho das duas especies já mencionadas.

E' um animal deselegante, com as pernas finas e o corpo meio arqueado. As orelhas curtas, laterais e baixas, emprestam-lhe um aspeto mais de felino do que de canino. O focinho e a região superciliar são esbranquiçados. Uma mancha negra desce do focinho para a face, envolvendo os olhos; a pelagem é cinza escuro mesclado, exceto na barriga, que é amarelada.

Os habitos de vida são identicos aos da especie precedentes, com a diferença de que sói permanecer, mais do que aquela, nos terrenos alagadiços.

Cangambá, Jaritataca, Jaguané

Conepactus chilensis.

A natureza, prodiga em recursos infinitos, distribúi os elementos em perfeito equilibrio. Disso temos diariamente as mais eloquentes provas. Assim, sempre que surge, no mundo animado, uma determinada especie capaz de se reproduzir exageradamente, logo aparece outra para eliminar-lhe o excesso da procriação.

Nas regiões do Brasil favoraveis à multiplicação das serpentes vamos encontrar os seus inimigos naturais. Em compensação, verificamos, em outros pontos do país onde

proliferam os roedores, a presença de cobras que os perseguem implacavelmente.

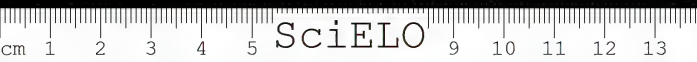
O admiravel equilibrio biologico, essa compensação para as perdas das fórmas, mantida por leis naturais tão perfeita e sabiamente ajustadas, permite, sempre que não se tenha a registar a intromissão do homem, que a defesa das especies se estabeleça, entre si mesmas, em admiravel harmonia de espaço e de seleção. Nunca faltará um pedaço de terra, uma restea de ar ou uma superficie de água para que êste ou aquêle ser vivo, sempre a desempenhar um determinado papel no cenario da natureza, não fique desprovido de meio propicio à vida.

Em um angulo de rocha brotará o caule fino de uma plantasinha ou o talo verdoengo de um cactus; no recesso de uma poça d'agua estagnada muito cedo aparecerá o girino de um anurideo ou miríades de larvas de culicideos; o espaço celeste ha de ser sempre cortado pelos insetos rutilantes, pelas azas velozes das aves ou pelas membranas alares dos quiropterideos; é que a terra fornece, em cada uma de suas particulas, a materia prima para a criação de mil fórmas diversas que nos surpreendem o olhar.

Essa digressão ligeira, mas oportuna, prende-se ao *cangambá*. Ouçamos o que nos relata o Sr. Francisco Iglesias, um dos primeiros que estudaram os habitos dêsse interessantissimo zorrilho:

«O cangambá, diante do perigo, levanta a cauda, apoia-se nas patas traseiras e eriça os pêlos brancos da região lombar.

Em liberdade, quando atacado pelo cão, ejacula um líquido nauseabundo e irritante, pois até o cão foge, e, si alcançado pela excreção, rola por terra, ganindo e esperneando, como si estivesse envenenado.

Entretanto, ha um fato interessante acêrca do meu cangambá: nunca expeliu tal líquido fetido, mesmo sofrendo molestações da parte dos visitantes. Todas as semanas eu lhe mando dar um banho, e, não obstante o incômodo que isso lhe causa, pois grita durante êle, jámais fez uso de tal meio de defesa.

Tendo apanhado um dia uma cobra venenosa, do genero *Bothrops*, preparava-me para matál-a quando se aproximou de mim o cangambá. Lembrei-me de lhe mostrar a serpente. Assim que êle a viu, atirou-se a ela de tal fórma que desde então percebi que se tratava de um animal eminentemente ofiofago.

Arrastei a cobra pela areia e êle, farejante, seguiu-lhe o rasto. Convenci-me de que êle a comeria sem demora

Cangambá na sua louvavel tarefa de comer cobras venenosas.

si eu lh'a desse, mas não quiz perdê-la, já então quasi morta, pois assim teria ficado incompleta uma das minhas experiências.

Depois de alguns dias capturei outra *Bothrops*, pertencente à mesma especie da anterior. Conservei-a numa caixa por várias semanas, afim de lhe dar tempo para recuperar o veneno perdido na ocasião da captura. Coloquei então o cangambá à porta da caixa em que se achava a *Bothrops*. Êle a farejou logo, penetrando rapidamente

na caixa pela porta entreaberta. Pú-los em liberdade para testemunhar a luta.

O cangambá parecia não se incomodar com as mordeduras da cobra, pois, quando esta lhe cravava as presas, às vezes profundamente, o animalzinho desembaraçava-se dela e respondia com uma dentada, visando sempre a cabeça. Num dado momento, após ter sido mordido umas dez vezes, o cangambá apanhou-lhe a cabeça e aí começou a devorar a cobra.

O cangambá nada sofreu, continuando vivo e são. Tendo comido, segunda-feira passada, uma enorme jararaca, sem dúvida comeria outra agora, si lhe fosse dada.

A peçonha ofidica não lhe causa mal algum em razão da presença de anticorpos de ação imunizante comprovada.»

* * *

Referindo-se tambem ao cangambá, Paiva Carvalho consigna o seguinte:

«O cangambá, assim chamado pelos tupís-guaranís, é um dos representantes da familia dos mustelideos. Tem quarenta e cinco centimetros de comprimento.

De côr preta e lustrosa, pêlo denso e longo, com o dorso ornado de faixas brancas, longitudinais, vive nos campos e cerrados, habitando galerias subterraneas, donde costuma sair à noitinha para caçar aves e pequenos mamiferos.

E' imune ás picadas das cobras mais peçonhentas, cujo veneno não lhe causa a menor perturbação.

Autores ha que o condenam pelo fato de possuir duas glandulas ovais, na região perineal, que se comunicam com o reto, formando excrescencias perfuradas, as quais, quando voluntariamente comprimidas pelo animal, produzem ejaculações de sulfidrato de etíla, líquido oleoso de côr amarelo-esverdinhada e terrivelmente nauseabundo.»

* * *

Encerrando a descrição dêsse valioso mamifero, faremos mais alguns apontamentos sobre sua vida e aspeto.

Êsse animal mefitico, utilissimo por ser o mais acerrimo inimigo das cobras, persegue-as rastejando-as. Graças ao faro apurado, encontra-as com facilidade, dandolhes imediato e seguro combate.

E' essa, aliás, a principal razão por que tal animal deve merecer o maior amparo das leis de proteção, embora, carnivoro como é, costuma atacar tambem os galinheiros e os ninhos de aves silvestres, ficando todo êsse mal generosamente perdoado em nome do bem que o asqueroso animalzinho presta ao homem.

Os indios guaranís chamam-no *iaguâné*, o que significa, traduzido, *cachorro catinguento: iaguá* ou *jaguá* (= cachorro) + *né* (= fetido, catinguento).

De pelagem preta e luzidia, como ficou dito, o *acangambá* (a denominação correta seria essa, oriunda do tupí: *acang* (= cabeça) + *ambá* (= vazia, inane), tem duas faixas brancas, largas, que partem do alto da cabeça e se prolongam pelo dorso, deixando de permeio uma linha de pêlos negros. A cauda é branca e felpuda, tendo na base muitos pêlos pretos e longos. O focinho, carnudo e nú, assemelha-se ao do cão. As patas são providas de quatro unhas bem desenvolvidas, principalmente as anteriores.

Anda devagar, cheirando aqui e alí. Acossado pelos cães de caça, troteia um pouco para, logo depois, eriçar-se todo e esguichar sobre os agressores a essência mais ativa de que ha notícia na história.

Êsse líquido, conhecido pelo nome de *mercaptan*, deve ser um otimo fixador para perfumes finos, como o é o das glandulas do jacaré.

Animal preguiçoso, procura de preferência os buracos de tatú para abrigar-se poupando as suas unhas, utilizadas sómente quando escava o chão para capturar alguma lebre ou rato.

Transcrevemos, a título de curiosidade, o que diz Arthur Neiva a respeito do cangambá em seu livro «Viagem Científica»:

«O animal foi surpreendido durante o dia, o que é raro, pois é de preferência noturno; ocultou-se no ôco de uma imburana, donde foi retirado à viva fôrça, defendendo-se terrivelmente com as ejaculações esverdinhadas, lançadas a distâncias, o que afastava os cães e obrigava a mais de uma pessôa a abandonar a luta. Um camarada que mais se afanára em arrancar o animal do abrigo teve que se deitar, completamente nauseado.»

* * *

Êsse zorrilho está espalhado desde as regiões serranas do Rio Grande do Sul até o Amazonas. Em cada um dêsses Estados recebe nomes diversos, sempre correspondentes ao principal dote do animal, que é o de ter sempre pronta para o ataque a sua natural reserva de gases asfixiantes...

Coatí

Nasua socialis

O *coatí* das nossas matas é um animal vulgarissimo irrequieto, de pelagem avermelhada, ventre amarelado, cauda com aneis pretos e amarelo-claro-arruivados, intercalados; o focinho e a parte anterior da região glotica têm tambem pêlos amarelo-claros, ás vezes esbranquiçados nos individuos mais velhos.

Anda sempre em bandos numerosos, contando-se com frequência, de 16 a 20 exemplares.

Vivem pelo chão e trepam frequentemente, com facilidade, nas mais altas árvores, procurando frutos silvestres, ovos e filhotes de aves. Por natureza daninhos, não ha o que não revolvam com as mãos ageis e o focinho movel, sempre farejante.

Causam grandes devastações nas roças de milho, não tanto pelo que comem, mas principalmente pelo que dis-

perdiçam. As espigas são arrancadas a dente e espalhadas pelo chão.

Ha duas especies no Brasil: o *coatí-mirim* e o *coatí-guassú* ou *mundéo*. Reproduzimos a gravura de um exemplar da última especie.

O *coatí-mundéo* atinge 60 centimetros de comprido, tendo 55 na cauda. Pesa de 6 a 7 quilos.

Coatí domesticado. Peralta como uma criança de sete anos . . .

A pelagem basta e fulva protege-lhe o corpo vigoroso contra os ataques de outros bichos e insetos importunos da floresta. Os dentes, que cortam como navalhas afiadas, constitúim a ameaça mais respeitada dos caçadores. «Para estragar a cachorrada de caça — diz o caboclo — não ha como o coatí».

Acossados pela matilha de cães, todos trepam rapidamente nas árvores altas, onde ficam acuados. Um tiro que parta do caçador é quanto basta para que todos, a um só tempo, se despenquem, embolados, para o chão, com os focinhos metidos no peito e os braços protegendo a cabeça.

São criaturas de cabeça vulpina, focinho pontudo que se estende muito além da bôca; cauda comprida, que apresenta, alternados, aneis escuros e claros.

O *coatí do bando,* como chamam tambem o *Nasua socialis,* é dos mais frequentes no Brasil.

A outra especie *(Nasua solitaria)* é, segundo o testemunho de alguns naturalistas, o coatí velho e macho que abandona a sociedade em que vivia para levar vida de ermitão.

Outros estudiosos da zoologia, que a nosso vêr estão com a razão, admitem uma especie distinta, a do *coatímundéo,* identica à *Nasua leochorynchα* da America Central.

Domesticam-se com extrema facilidade, principalmente si capturados enquanto pequenos.

De indole buliçosa, só, descansam um pouco quando o sol já vai a pino. Em cativeiro tornam-se os *xerimbabos* mais queridos do sertão, pois são meigos e muito amigos dos seus amos, o que não acontece com relação ás galinhas e pintinhos...

Lontra pequena

Lutra paraensis. — Lutra platensis.

Os animais que vivem em determinados meios acabam por adquirir, através de milhares de gerações, fórmas adequadas a êsses meios. Essas curiosas fórmas de adatação, registradas em muitos mamiferos e aves, distinguem-se, na *lontra* e súa irman, a *ariranha,* de que falaremos em seguida.

Ao mais superficial exame que se lhes faça, nota-se desde logo a flagrante acomodação anatomica dos orgãos dêsses carnivoros ao meio líquido em que vivem.

Passando grande parte da vida na água, a lontra tem as pernas excessivamente curtas e é providas de patas com membranas interdactilas, comuns, aliás, aos grandes nadadores. A cauda, achatada lateralmente, espatulada, auxilía-a muito no mergulho. A cabeça, achatada, com

orelhas pequenas, apropria-se tambem ao meio líquido. A pelagem, delicadissima, aveludada, impermeavel, é protegida por uma outra, mais aspera, que a reveste exteriormente.

A pele da lontra constitúi a cobiça principal dos caçadores, pois um couro dela custa, mesmo no sertão, de dez a quinze mil réis. Dinheiro apreciavel, dada a facilidade de se apanhar o animal.

Um dos expedicionarios da caravana Anhanguera, que ha pouco palmilhou os Estados de Goiás e Mato Grosso, relatou-me a devastação que sofrem êsses animais da parte dos indios mansos — carajás — perseguindo-as tambem os adventicios que aportam àquelas paragens.

Abaixo da Ilha do Bananal e adjacências os caçadores movem uma verdadeira guerra de exterminio a êsses animais, que, apesar das condições locais serem propicias à proliferação, já vão desaparecendo progressivamente. Milhares e milhares de peles são exportadas mensalmente, via Pará, para o estrangeiro, onde alcançam preços avultados. Caberia ao Serviço Federal de Caça e Pesca a adoção das medidas que pudessem regulamentar o comércio e a saída dêsse copioso material, o que deveria ser permitido sómente na estação de caça.

Deixando essa ligeira digressão, voltarei ao assunto principal, qual o da descrição da especie.

Como dizia atrás, a lontra, estando constantemente em contato com a água, de que depende em grande parte a sua vida, pelo alimento que nela encontra e pela proteção que a mesma lhe proporciona contra os constantes perigos, afeiçoou-se de tal maneira a êsse meio que chega a dar caça aos mais velozes e sagazes peixes. A agilidade espantosa que desenvolve para apanhar o peixe no fundo dágua, a vista penetrante de que é provida para perseguí-lo num meio que não é seu e a resistência inaudíta para reter a respiração pulmonar por muitos minutos são fatores que dizem bem alto do quanto póde a natureza para aparelhar os seres com modificações que lhes permitem

vencer facilmente na luta pela vida, ainda quando esta se desenvolve em ambiente adverso.

Pela facilidade com que, no recesso das aguas, a lontra ataca os peixes, e pela edacidade invulgar que tem para devorá-los, constitúi um dos mais acerrimos inimigos da fauna ictiologica dos rios e lagos.

Vi, de uma feita, no Purús, uma ariranha mergulhar nas proximidades de um paraná (*) denominado Surara. Minutos depois aparecia, na barranca oposta, a parte posterior do animal, que pouco a pouco emergia da água como que arrastando um pesado fardo. Realmente, não demorou para que aparecesse, preso à bôca do carnivoro, um enorme surubim.

Mesmo de longe, atirei a ariranha, que, espavorida com a carga de chumbo e a detonação inopinada, deixou o peixe, que ainda vivia, à borda dágua, e atirou-se ao rio, surgindo logo, mais abaixo, e mostrando então um profundo descontentamento pela maneira peculiar como arreganhou a bôca, mostrando os dentes afiados e emitindo um chiado caracteristico.

O *surubim-pirambucú (Pseudoplatystoma fasciatum)* melhorou bastante o nosso rancho naquela tarde. Êsse episodio se acha relatado na página 201 da «Monografia Brasileira de Peixes Fluviais».

Já que por várias vezes nos referimos à ariranha, *(Lutra brasiliensis),* tambem chamada pelo vulgo de *lontra grande* ou *jagoacacáca,* tratemos de descrevê-la tambem agora, já que a *lontra* e a *ariranha* pertencem a uma só ordem — *mustelideos.*

A *ariranha,* que frequenta os grandes rios do Brasil, é dotada de grande fôrça e excecional capacidade para mergulhar, mantendo-se por longo espaço de tempo no fundo do rio. Essas especies de *mustelideos* vivem, em determinadas épocas do ano, agrupadas em número de cinco e dez individuos nos solapados das barrancas dos rios.

(*) — Ou seja, simplesmente, Rio Surara (Amazonas).

Observa-las nos lagos da Amazonia ou no interior de Goiás é um prazer para o naturalista, que assim poderá avaliar bem até onde são capazes de chegar êsses carnivoros quando em plena liberdade. Brincam constantemente à tona dágua, por vezes desaparecendo no seio dela, para, logo depois, surgirem à distância, num verdadeiro exercicio de natação.

Fazendo a descrição dêsse mamifero, assim escreve Couto de Magalhães à página 106 de sua «Viagem ao Araguaia»:

«A ariranha é uma especie de lontra que tem de 5 a 6 palmos de comprimento; sua cabeça é pequena e um pouco semelhante à do gato; a bôca, rasgada, é armada de dentes agudos; o pescoço, da mesma grossura da cabeça, é comprido, amarelo e listado de preto; as mãos e os pés são extremamente baixos em relação ao corpo, que é redondo e terminado por longa cauda, em feitio de pá, defendida por um couro grosso, guarnecido de dois pêlos, um mais espesso e comprido, outro mais curto, tenue e impermeavel.

Toda a sorte de peixes e feras aquaticas respeitam a ariranha, pelo valor e coragem com que ataca. Desde que os jacarés a pressentem, fogem amedrontados e procuram os lugares tecidos de cipós e vimes, que, embaraçando-lhe o nado, servem-lhes de defesa.

A ariranha, como a lontra, sustenta-se de peixes; vive quasi sempre nágua, subindo à terra apenas quando tem necessidade de mudar de um lugar para outro ou para aquecer-se ao sol.

Quando as ariranhas sáim ás praias, fazem correrias, brincam, saltam, como si fossem cachorros; andam ordinariamente em bandos de cinco a dez; cavam os barrancos dos lagos em lugar aonde não chegam as águas; aí fazem os ninhos, parem e criam os filhotes até o ponto em que êstes adquirem fôrça para aventurar-se ao rio.»

A ariranha solta pequenos gritos, especie de miados, como os gatos novos. Surpreendem nágua as aves aquaticas, apanhando-as logo pelos pés.

Emilio Goeldi assim se refere à lontra grande:

«... mede até oitenta e seis centimetros de comprimento, com mais cincoenta e sete da cauda; o pêlo é de um belo bruno; a cauda é chata, como que imprensada. A lontra brasileira, cuja conformação da cabeça e modo de vida lembram frisantemente as focas, acha-se por todo o Brasil, nos rios e correntes, gostando de viver em sociedade e ocupando-se na caça durante o dia. Dorme de noite. E' perseguida por causa do seu pêlo, que se aproveita para bolsas de caçadores e capas de armas de caça, prejuiso, todavia, maior do que a utilidade. A lontra pequena *(Lutra platensis)* distingue-se por ter a ponta do nariz núa; habita São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.»

Irara, Papa-mel

Tayra barbara.
Galictis barbara.

Êsse *mustelideo*, que corresponde à *marta* européa, à qual supera no porte, vive pelas matas do Brasil à cata de ninhos de passaros, pequenos mamiferos e mel, dando caça incessante ás aves que pernoitam no chão, ás quais surpreende no pouso, durante a noite, à semelhança dos gambás.

O corpo dêsse animal é baixo e comprido, medindo cêrca de setenta centimetros. A cauda é um pouco mais curta do que o corpo todo. A côr predominante é o pardo escuro, que é um pouco mais esbranquiçado na cabeça. Tem uma mancha amarelada, bem caracteristica da especie, na parte inferior do pescoço.

Distribúi-se até o Mexico. Ha casos, ainda que raros, de quasi albinismo nessa especie.

Passa a vida no recesso das florestas, saindo de preferência à noite para caçar.

Penetra com facilidade nos ôcos de pau em que o faro indíca haver mel.

Aloja-se com frequência nas cavidades das árvores, onde faz o ninho, dando à cria geralmente dois filhotes.

Sobe com facilidade às árvores mais altas para livrar-se da perseguição dos cães de caça e tambem para procurar alimento.

A cabeça é pequena e achatada, com orelhas diminutas e arredondadas. O pescoço é musculoso e os dentes são afiadissimos, capazes de romper até o lenho dos paus que ocultam o mel saboroso da *mandassaia*.

Goeldi diz o seguinte: «Tambem a familia das *martas* é bem representada no Brasil. De *martas* propriamente ditas contam-se tres especies, respectivamente *Galictis barbara* (hoje *Tayra barbara, Galictis crassidense et vittata.*

Irara, marta brasileira, tambem conhecida por papa-mel.

A irara *(Galictis barbara)* tem conformação exterior semelhante à da *marta* dos bosques europeus, mas é visivelmente maior do que esta. O pêlo é bruno, notando-se no pescoço larga mancha semilunar de côr amarela. A *Galictis crassidens* distingue-se pelos sinais mais finos da estrutura dos dentes. Todas essas martas são excelentes trepadoras e mesmo de dia sáim à caça. Animais extraordinariamente sedentos de sangue, degolam tanto pequeno

mamifero e passarinho quantos podem pegar. A grande irara, conhecida no sul por *jaguapé*, encontra-se com frequencia na borda das matas que limitam com os descampados em que corre água. A mimosa *Grisonia vittata* é mais rara».

Anta, Tapir

Tapirus americanus. — Tapirus raulinus.

A *anta* ocupa o primeiro lugar entre os *ungulados*, a cuja ordem pertence. Além de ser o mais corpulento dos animais silvestres do país, é provida de fôrça consideravel. E' o maior mamifero da fauna brasileira.

Eis as razões porque importa ser a anta mais protegida, pelos poderes públicos, contra a sanha dos caçadores insaciaveis, que, não se contentando com matá-la quando isso é permitido, perseguem-na tambem no tempo da procriação, já por mero divertimento, já sob o simples pretêsto de obter carne para os cães amestrados.

Assim êsse corpulento animal se vai extinguindo nas regiões de mataria em que outróra era frequente, já sendo mesmo raro de ver a banhar-se, pela manhan ou à tardinha, nas curvas silenciosas dos rios solitarios, e tempo ha de chegar em que só nos museus de história natural o encontraremos, empalhado, como raridade historica, a dar testemunho de não soubemos ter leis para a preservação dessa fórma, realmente valiosa, do cenario tropical da terra indigena.

Essa incuria, que, como certas dermatoses, se alastra pelo Brasil afóra, algum dia terá fim, e oxalá a tempo de se salvar ao menos uma parte do patrimonio, com a qual se possam suprir os enormes claros registrados na população silvestre, tarefa, aliás, bastante dificil e sujeita a mil fatores de extrema complexidade.

Bem sei que me vou tornando demasiadamente sediço nessas constantes digressões, mas não tenho grande culpa em fazê-las, já que a isso me arrasta o amor que voto a esta terra e a responsabilidade que me cabe como estudioso dêsses problemas.

Hei de pugnar, contudo, com a constância que me caracteriza, pela defesa dêsse patrimonio inestimavel que jaz à mingua de proteção. A palavra falada perde logo o eco, mas a escrita fica e sempre terá oportunidade de ser lida...

* * *

Os tupís chamavam a anta de *tapira-caaiuara,* ou *tapira-caapora,* o que significa *boi do mato.*

Casal de tapir em amistosa confabulação.

A anta já ocupou uma consideravel área geografica, pois achava-se distribuida fartamente por toda a America do Sul: do Amazonas ao Prata e dos Andes ao Atlantico.

E' um animal rustico, mas facilmente domesticavel. Em qualquer lugar está bem, bastando que haja água para banhar-se e um sítio sombrio para dormir durante o dia, nas horas de calor. Em liberdade, dá preferência ás matas densas e pouco batidas pelos caçadores, onde haja água abundante. Procura tambem os brejos e as varzeas. Prefere pastar à noite, quando abandona a mata e sái para

as clareiras e brejais, percorrendo ás vezes as plantações de milho ou de arroz. Alimenta-se tambem de frutos silvestres, folhas de arbustos e excecionalmente de casca de árvore.

A anta é frequentemente perseguida pela onça *pintada* ou pela *cangussú*. Êsses felinos encontram nos *barreiros* lugar seguro para as emboscadas que lhe preparam. A

Filhote de anta, com três meses de idade.

onça atira-se à anta, montando-lhe quasi sempre nas costas. Atingida de surpreza pelo vigoroso felino, corre desesperadamente pela mata e mete-se pelo carreador afóra, esperando poder desmontá-lo de encontro a um galho providencial que atravesse o caminho ou metendo-se no rio que porventura corre além, unicos recursos com que conta êsse grande paquiderme nas agressões imprevistas.

Constitúi necessidade imprescindivel para a anta, quando em cativeiro, um banho de lama, preservativo natural

contra as moléstias do couro, que a atacam de ordinario. Êsse animal sabe, quando em liberdade, onde encontrar êsses lamaçais de pouca água estagnada, e daí ser preciso, nos parques e jardins zoologicos, proporcionar-lhe tal meio natural de defesa, afim de evitar-lhe as aludidas erupções cutaneas.

Muito embora tenha a anta especial preferência pelos banhados de rios, não é aí que ela repousa nas horas de ca-

Casal de anta com o filhote de dois meses
(FOTO RIESE) - DEP. IND. ANIMAL

lor: procura os espigões, muitas vezes distantes das calhas fluviais, mete-se pelas touças de taquarís ou no emaranhado de alguma galhada espessa, deita-se de barriga para baixo, cabeça por entre as pernas dianteiras, e, movendo as orelhas repetidamente para afugentar as moscas e motucas que nelas pousam, procura cochilar um pouco. E' notavel a mobilidade das orelhas, escuras e debruadas de branco, sempre atentas a todo ruido, e do focinho, de pituitaria sensibilissima, que parece farejar qualquer cheiro.

Para livrar-se da matilha, a anta desenvolve, nas caçadas, toda fôrça prodigiosa de que é dotada, porém muito pouco póde fazer.

Si é forçada a procurar um terreno paludoso, é facilmente cercada pela cachorrada furiosa, que logo lhe atassalha a parte traseira, embora ela costume dar acuação sempre sentada.

Si ela vem correndo dos terrenos altos para o rio, é de pronto atravessada pela bala do caçador, que se posta à beira do carreiro por onde ela desce. Si, ainda, a caçada é feita nágua, o animal é logo ferido pelo tiro certeiro ou laçado pelos caçadores, que em sucessivas investidas conseguem alcançá-lo.

A anta, graças ao couro grosso e resistente, afronta com destemor qualquer matagal sujo e agressivo. Resiste a ferimentos profundos e porisso o caçador bem avisado deve alvejá-la nos pontos mortais, chamados, na giria venatoria, de «vazio», «volta do apá», etc..

Ha duas especies bem distintas dêsses tapirideos brasileiros: uma, escura, com orelhas de bordas brancas, e outra, de pelagem cinzenta, bem menor do que a precedente.

Os machos são ordinariamente menores do que as femeas, atingindo dois metros de comprimento e um e pouco de alto. Os olhos são pequenos em ambas as especies brasileiras; as orelhas e crina rudimentar não diferem. O nariz do tapir constitúi uma singularidade na fauna neo-tropica: é uma pequena tromba excessivamente movel e de extremidade sempre humedecida. Um rudimento de cauda curta dobra-se na convexidade da região traseira; crina curta na parte superior do pescoço; as patas dianteiras são providas de quatro dedos, com fortes unhas envolventes, e as traseiras têm apenas tres dedos.

Uma dessas especies é conhecida pelos caçadores sob o nome de «sapateira», por que tem os cascos mais alongados e em fórma de bico de sapato.

Êsses dois generos foram classificados respectivamente como *Tapirus americanus et Tapirus raulinus.* A fórmula

dentária é a seguinte: incisivos — 6×6; caninos — 1×1 e molares — 7×6. Já nos referimos à côr geral do animal, mas devemos acrescentar alguns pormenores: a anta cinzenta tem a pelagem denegrida na zona inferior das pernas, a barriga e o queixo são esbranquiçados, e ha pêlos mais escuros na região superior da cabeça e no fio do lombo.

As femeas parem uma vez por ano uma só cria, durando doze meses a gestação.

Os filhotes são muito interessantes pelas riscas e sinais brancos e longitudinais da pelagem, os quais se assemelham àqueles que ornamentam os flancos das pacas e dos veados.

Quando assediada, a anta solta um assobio agudo.

Veado, Veado galheiro, Cervo, Suaçú-apara

Cervus paludosus.
Dorcelaphus dichotomus.

Localiza-se nas varzeas intérminas e alagadiças dos Estados de São Paulo, Goiás, Minas e Mato Grosso o *habitat* do nosso cervo.

Até meiados do seculo passado não constituia novidade a sua presença pelas estensas savanas do Estado, relatando os documentos de então a ocorrência dêsses cervideos nos campos marginais aos rios Mojí-Guassú, baixo Tieté e Pardo, sendo tambem frequentissimos nas varzeas do Paraná e do Rio Grande.

Dada a perseguição implacavel que sofreram êsses animais nos lugares de origem, êles debandaram para os confins do interior, onde, si ainda são encontrados, e isto raramente, é porque ficaram sob a tutela de alguns fazendeiros concienciosos e interessados na conservação dessa preciosa especie.

Em Mato Grosso a devastação dêsses ungulados é deveras clamorosa, e, todavia, são êles encontrados nêsse Estado com relativa facilidade, pastando, indiferentes ao perigo, pelas enormes planicies salpicadas de capões e

tendo por garantia unica a enorme estensão dos campos, que se perdem de vista.

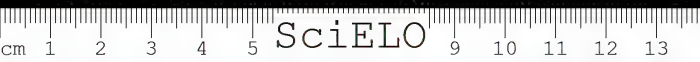
Êsse magnifico representante dos veados brasileiros, legitimo competidor do *Cervus elaphus* do Velho Mundo, tem, normalmente, um metro e dez centimetros de alto e um e oitenta de comprido.

A cabeça é esbelta. Os machos ostentam uma garbosa galhada de cinco a seis pontas. O pêlo é vermelho-bruno. Uma mancha escura desce do meio da testa até o focinho. A garganta e o peito são esbranquiçados.

Passa a maior parte do dia deitado e ruminando no recesso da mata que bordeja a campanha. Sái à tardinha e pela madrugada, pastando pelas baixadas onde medram os capins nativos dos generos *Paspalum, Andropogon, Panicum, etc.*.

O *suaçú-apara,* assim crismado pelos guaranís, é arisco, mas torna-se valente quando acuado pela matilha. Transcrevo em seguida a narrativa de uma dessas empolgantes caçadas, feita pelo nosso destemido desbravador das selvas, Eduardo de Oliveira Pirajá:

«De côr parda-avermelhada, grande, esbelto, elegantissimo e gracioso em todos os movimentos, dando ao mesmo tempo impressão de fôrça formidavel, agilissimo, majestoso ao erguer a cabeça, ao andar, ao enfrentar o perigo, uma expressão de inteligência e bondade nos grandes olhos tristonhos, que se transformam em brasas de odio nas acuações, fortemente dotado de largas armas de numerosas pontas, o cervo é, sem dúvida, um dos elementos mais belos e decorativos da nossa fauna silvestre.

E' um presente inesquecivel e raro de beleza para os nossos olhos vê-lo em liberdade, pastando despreocupadamente ou erguendo, com imponência, a grande galhada, ao pressentir algum perigo proximo, e dando, enfim, a mais linda nota de côr e de vida ao verde quente da macega, nos varjões estensissimos, ou à prata patinada, nos infinitos banhados do pantanal matogrossense.

Infelizmente, perseguido por peões, onças e caçadores, e relativamente facil de ser morto em ciladas, vai-se tornando raro e a sua extinção será fatal e

Imponente cervo laçado á beira de um rio em Mato Grosso
(FOTO CHICO JUNQUEIRA)

proxima si não forem tomadas medidas urgentes de proteção.

Os caçadores o perseguem pela raridade e valor como peça venatoria ou troféu de caça; os peões para fazer,

com o otimo couro do animal, os «tiradores de laço» e os tão decorativos e interessantes aventais de longas franjas pendentes; não bastando isso, o cervo, embora não seja presa facil, é um petisco muito procurado pela formidavel e sinistra rainha dos sertões: a *pintada*.

* * *

A caçada do cervo é geralmente feita de duas maneiras: de cilada, o que pouco ou nenhum interesse apresenta, pois, com cautela, negaceando, dêle quasi sempre se póde aproximar em distância de atirá-lo praticamente à queima-bucha; ou correndo-o com matilhas de cães amestrados.

Desse modo, uma vez que se conte com todos os elementos necessarios — e embora não nos possa dar a emoção brutal que nos dá a acuação da pintada — é certamente a caçada mais dificil, mais movimentada, e tambem a mais empolgante que se póde realizar nesta parte do continente. Mas é caçada que exige, para ser tentada, êsses elementos necessarios que são numerosos e importantes e sem os quais ela fracassará por certo: cães de faro, velocidade e resistência excecionais; montarias tambem velozes, resistentes, doceis e corajosas, e, finalmente, caçadores habeis, otimos cavaleiros, dispostos, prudentes e de condições fisicas a toda prova.

Porque o cervo, uma vez encontrado, ou «levantado», no termo cinegetico, parte numa disparada louca, em que se multiplicam fôrça e velocidade, através de banhados, capões, macegas, «corixos», cordilheiras, rios e «baías», para, finalmente, fatigado, ao fim de horas, muitas vezes cinco ou seis, verificando que a perseguição não lhe deixa a pista, oferecer combate em campo aberto, escorando a matilha, geralmente num banhado de pouco fundo e de dificil acesso. E' a acuação. Em todo êsse percurso,

mister se faz que os cães sigam de perto a batida e que, logo atrás ou junto dêles, numa corrida de obstaculos em terreno desconhecido, varejando espinhos e atoleiros, rios e «baías» infestadas de piranhas, venham os caçadores e suas montarias. Não é tarefa para qualquer homem, por bastante destro que seja...

Acuado, o cervo é um animal feroz e perigosissimo, porque, valente, dotado de agilidade pasmosa, êle investe fatalmente quando se apercebe da aproximação do caçador.

Matança barbara e inutil de cervos em Mato Grosso.

E o golpe das suas pontas acerradas, vale bem a «tapona» da pintada ou a dilaceração pelas presas tremendas do chachaço «baguá».

E' necessario, portanto, ser-se prudente, ligeiro no gatilho e bom no «ponto».

Daqui de São Paulo sei que os Junqueiras, continuando e honrando as tradições da sua grande raça de caçadores, têm empreendido excursões ao pantanal do Rio Negro e, com suas matilhas extraordinarias, de purissima linhagem, realizado, com o espirito de esportistas que os caracteriza, essa caçada inegualavel.

Dessa mesma Fazenda do Rio Negro, êsse recanto maravilhoso do mundo encantado que é o Pantanal de Mato Grosso, onde, a convite e em companhia dos meus caros amigos Antonio e Luis Rondon, me achava caçando onças, trouxe como uma das melhores lembranças venatorias de minha vida a impressão de una caçada de cervo.

Após um dia exaustivo, passado todo na batida das pintadas, fatigados, caminhavamos, uma tarde, à procura de um lugar propicio para o pouso, na imensa planicie do pantanal, sob um dos crepusculos vermêlhos e longuissimos, quando Luis Rondon, estacando o cavalo, mostrou-me, a uns duzentos metros, na nossa frente, um enorme cervo, que, parado, com a cabeça erguida nos olhava.

Era um exemplar soberbo e raro pelo porte e número e beleza das armas.

Assaltou-me imediatamente o desejo de obter aquêle magnifico troféu de caça.

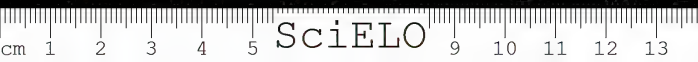
Apeando, visei rapidamente e o tiro reboou...

O cervo deu um salto formidavel e partiu como uma flexa, dando a impressão de que voava por sobre a macega alta. Os cães, que vinham um pouco atrás, acudiram à salva e de novo a música barbara da «corrida», tão cara aos nossos ouvidos de caçadores, ecoou, solene, naquelas solidões...

Certos de que o tiro se perdera, e de que os cães em breve, dada a velocidade do perseguido, abandonariam, desanimados, a corrida, continuamos a nossa caminhada, quando, de repente, mais ou menos a uns tres quilômetros, ouvimos «ferver» a acuação.

– O cervo está ferido, disse Luis Rondon, sem o que não se deixaria alcançar tão cedo.

Cravando as esporas nas ilhargas dos cavalos, disparámos para lá.

Ao chegar, um espetaculo esplendido se nos desvendou aos olhos: numa lagôa, que o sol poente tingia de

todas as côres da palheta, com água pelo peito, o cervo, majestoso, enfrentava a matilha, que, furiosa, nadava em volta, ladrando.

De vez em quando investia sobre um cão mais proximo, afundava-o com as patas dianteiras e procurava atingí-lo com as pontas.

Sobre as nossas cabeças, numerosos bandos de araras, garças, colheireiros, jaburús, esvoaçavam em revoada.

E aquela sinfonia de côres — o ceu rubro, pintalgado pelo colorido das aves, a gama do verde na macega e nos capões do mato, a lagôa multicor e aquêle «jazz» selvagem de ruidos — o latir ensurdecedor dos cães, o grito das araras assustadas, as exclamações dos caçadores — e no meio de tudo isso aquêle nobre animal, combatendo só, ferido, mantendo em respeito os inimigos que o cercavam, como um velho chefe, vendendo caro a sua vida, era qualquer coisa de solene, de grandioso, de inesquecivel!

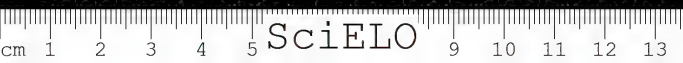
Mas urgia dar um fim a tudo: o cervo já feríra dois cães e a todo momento ameaçava atingir outros.

Do lugar em que nos encontravamos era impossivel matá-lo sem correr o risco quasi certo de alcançar tambem um dos cães, que, nadando, apertava o cerco.

Foi quando Luis Rondon se lembrou de, contornando um pequeno capão de mato que bordejava a lagôa, aproximar do animal para liquidá-lo a tiros de revolver.

Antes de sair ainda preveniu: «Si êle me perceber e investir, atire rapido, de qualquer maneira». Cabia a vez ao nosso amigo Iquinho (Theodorico Alvares de Assis), que, visando-o com a sua «Purdey» 12, seguia todos os movimentos do cervo.

Luis Rondon, sempre montado, foi-se aproximando cautelosamente, quando, rapido, o animal se volta e, após curta hesitação, investe furioso.

No mesmo segundo partiu o tiro de Iquinho, mas, devido à intensa emoção do atirador, inseguro, sua «Ideal», com o silvo caracteristico, raspando o pescoço do alvo,

foi ferir ao longe as águas da lagôa. Percebendo isso, eu, que me achava pronto, quasi instantaneamente atirei tambem. E só então a bala da minha «Savage», atingindo em cheio a cabeça do cervo, fulminava-o a tres metros de Luis Rondon, cuja montaria, inquieta e nervosa, empinava, procurando fugir à agressão.

Nessa noite, à luz da fogueira, depois da prosa, do chimarrão e do churrasco, os peões acabaram de salgar e esticar o belo couro, enquanto na rede, sob o mosquiteiro, eu, satisfeito, procurava conciliar o bom sono reparador, após um dia cheio, em que conseguíra para o arquivo dos meus já longos anos de caçadas um lindo troféu, uma luminosa recordação e uma grande saudade».

Veado, Veado campeiro, Veado branco

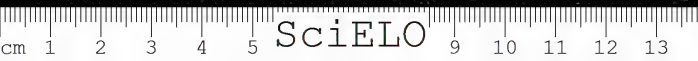
Cervus campestris.

Na familia *cervidae* encontramos com frequencia belos tipos de veados que habitam as capoeiras, as bordas das matas, os cerrados e as estensas campinas.

A especie ora descrita é daquelas que moram nas intérminas campanhas de muitos Estados do Brasil, vivendo em bandos de seis a doze individuos.

São chamados *brancos* por terem a barriga, a parte interior da orelha, a região orbitaria e a zona inferior da cauda rudimentar revestidas de pelagem branca.

Ornamentam os campos do sul do Estado de São Paulo, Paraná, Rio Grande, Goiás e Minas Gerais, onde são frequentemente caçados, ainda que a carne seja inferior à de qualquer outra especie.

Vivem em pequenos grupos, como já ficou dito, pelos lugares descampados e sêcos. Nas chapadas de Diamantina (Minas), tive ensejo de defrontar-me com seis dêsses cervideos, que, distraídos, pastavam a 200 metros do ponto em que me achava. Eram dois machos e quatro femeas;

um dos machos, o mais velho, igual ao da fotografia, exibia uma bela galhada de quatro pontas, e o outro tinha chifres simples.

Ao sul do Paraná, proximo à Estação de Julio de Castilhos, numa fazenda chamada «Restingão», vi tambem muitos exemplares dessa especie que pastavam despreocupadamente a pouca distância.

Veado branco ou campeiro.

São animais velocissimos, por viverem em campo aberto, onde o horizonte se perde de vista. Desafiam as mais rapidas matilhas.

E' deveras interessante presenciar-se uma dessas corridas do alto de uma coxilha que domina o vastissimo campo verdejante, cujas ondulações suaves se sucedem e vão perder-se lá longe, bem longe, onde o ceu vai encontrar-se com a terra. A cachorrada «dá o pega» num

dêsses veados e logo encarta em um alarido louco pelas formidaveis estensões cortadas de banhados e espaçadas de moitas de fraca vegetação. Aí é que se vê a elasticidade prodigiosa de um *suaçú-tinga,* como o chamam os tupí-guaranís. Aí é que se nota a desenvoltura do pulo e a pericia da matilha na carreira desabalada. O veado leva, de ordinario, uma dianteira de mais de meio quilômetro. Vê-se distintamente aquêle vulto que se vai perdendo na grandeza do cenario e, muito atrás o cordão de cães que tudo fazem por alcança-lo.

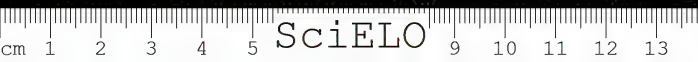
Muitas vezes o veado perseguido cái num brejo e é facilmente atingido pelos cães assanhados, que o atassalham, mas quando não se dá imprevisto algum os cães se esfalfam e perdem a presa desejada.

O veado branco não gosta do mato; evita-o sempre e só o procura, quando acossado, para nêle se amoitar.

Equivale, em tamanho, ao *Cervus capreolus* da Europa, mas excede-o na elegância do aspeto.

*
* *

Prosseguindo na descrição dêsse ungulado das nossas plagas, direi que o macho, quando irritado ou espantado, exala um forte cheiro, semelhante ao do bóde, cheiro almiscarado que se espalha pela vastidão dos campos! Senti-o na «Chapada do Couto», em Diamantina, quando, certa vez, surpreendi um soberbo veado a pastar atrás de uma grande pedra. Eu e meu companheiro levámos grande susto pelo aparecimento imprevisto, mas só o *Cervus campestris* exalou aquêle cheiro *sui-generis*...

As femeas, quando com cria, apartam-se do bando e vivem isoladas até que os filhotes se emancipem por completo, e assim procedem devido ao hábito que têm os machos de atacar frequentemente os filhotes a chifradas, matando-os todos.

Veado, Veado mateiro, Veado pardo

Mazama americana.

Ao lado das especies já descritas, destaca-se o *suaçú-pita,* ou *veado pardo,* morador das matas en-

Elegante femea de veado mateiro, mostrando, bem visiveis, as chifradas do macho ciumento.

sombradas dos sertões de São Paulo, Goiás, Minas, Paraná, etc..

Êsse belo animal, de côr vermelha queimada, vive isolado no recesso da floresta, dela saindo apenas para pastar nos roçados, tigueras e invernadas. É muito timido e excessivamente precavido. Na época do cio é capaz de pressentir a femea a grande distância, com ela se acasalando por uma ou duas semanas.

Os filhotes têm listras brancas e irregulares pelos flancos, como mostra a fotografia. As femeas são des-

providas de chifres, ou, por outra, são mochas, ao passo que os machos os têm singelos e muito aguçados.

A carne do *veado mateiro,* quando convenientemente preparada, é uma das mais saborosas. Os caçadores procuram de preferência essa especie de cervideo para os exercicios cinegeticos. Soltam os cães veadeiros nos es-

Veada mateira com cria nova. Excelente fotografia obtida pelo Sr. F. Riese.

pigões das matas e põem-se de atalaia nas esperas. O *mateiro* procura com muita frequência os rios, afim de fugir à furia dos cachorros amestrados. Lança-se nágua e nada com extraordinaria pericia.

O couro dêsse *ungulado* é precioso para a confecção de artefatos de montaria, notadamente baldranas, laços e até vestes e calçados rusticos dos vaqueiros do nordeste e do interior da Baía e Minas Gerais.

Desejo registrar aqui a interessante ocorrência de um veado albino, capturado vivo em São José do Rio Pardo.

Era um belo exemplar de *Mazama americana,* que esteve solto durante muitos anos no Parque da Água Branca, em São Paulo, onde foi fotografado. Caso identico observei em Santarém (Pará), numa onça, inteiramente branca, do genero *Felis,* especie *onça,* quero dizer, uma *pintada.*

Caso raro de albinismo total em um veado mateiro (Mazama americana).
(FOTO RIESE)

Queixada

Dicotyles albirostris.

O *queixada* é o mais vigoroso e temivel representante dos *suideos* brasileiros. Os dentes, aguçadissimos pelo atrito constante, e as investidas, violentas, perigosissimas, em que procura agredir os perseguidores com dentadas poderosas, desferidas para os lados, são atributos que lhe facultam grande poder agressivo, digno de respeito, especialmente quando, pressentindo o inimigo, a vara toda bate as maxilas possantes em frenetica demonstração de nervosismo.

O porco selvagem adquire fartas cerdas, que o tornam ainda mais imponente quando, assanhado, as eriça, manifestando uma irritação incontida. Nessa emergência, a sua glandula lombar expele um líquido leitoso, de cheiro forte e penetrante, que lhe denuncía a presença a grande distância.

Porco do mato, queixada.

Na vara dos porcos silvestres ha sempre um guia a conduzir o bando pela mata e para os lugares onde haja abundância de alimentos. Quasi sempre êsse condutor é o porco mais velho e experimentado, que vai à frente, a investigar, com o tirocinio que lhe deu a idade, os lugares mais seguros e propicios para as incursões de toda a familia. De quando em quando para, perscruta, solta um bufo significativo e prossegue.

Todos os seus instintos apurados de animal livre e de responsabilidade estão postos à prova: o disco nasal,

de mobilidade constante e peculiar a êsses animais, fareja o ar; as orelhas, em movimentos rapidos e instintivos, procuram apanhar todo ruido suspeito que venha da mata silenciosa e traiçoeira; os olhos, brilhantes e vivos, penetram nos meandros do cipoal, atravessando o labirinto intrincado de troncos e reboleiras que se sucedem no estofo humido da folhagem apodrecida do chão.

Porco do mato, Cateto, Taitetú, Pecarí, Coleira branca, Tajaçú, Caaigoara

Dicotyles torquatus.

Nomes vulgares não faltam no glossario zoologico brasileiro para a classificação do representante mais comum dos *suideos* indigenas.

O bugre, impressionado com o tamanho dos dentes do porco silvestre, batisou-o com o nome generico de *tajá-açú,* o que significa *dente grande.*

O termo *pecarí* tem origem no guaraní, sendo essa a designação generica usada na Europa.

Êsses animais andam sempre em bandos, percorrendo as florestas em busca de frutos, tuberculos, folhas e mesmo cascas de árvore, de que tambem se alimentam. Nas horas de mais calor procuram os corregos para se banhar.

Invadem com muita frequencia as plantações de milho, em que produzem consideraveis danos, e isto não só pelo que comem, mas tambem pelo que disperdiçam. Por essa razão é que se lhes move caça, já com cães amestrados, já com armadilhas engenhosas que o caboclo inventa para apanhá-los aos magotes.

Quando se aproximam de coqueiros de gerivá e brejaúva, atiram-se com notavel voracidade a êsses frutos resistentes, que só a martelo se conseguem abrir, ouvindo-se então de longe o barulho enorme das mandibulas, tão resistentes que os trituram com facilidade.

O pecarí tem noventa centimetros de comprido. As cerdas são mescladas de branco e preto, distinguindo-se

uma faixa de pêlos brancos que parte do peito, onde é mais larga, e, afinando-se progressivamente, vai terminar no meio das costas do animal.

Os exemplares dessa especie, bem como os das congeneres, são portadores de uma glandula lombar, pela qual ejaculam um líquido de cheiro forte. Assustados, eriçam o pêlo e assim se conservam até que se certificam de não haver mais perigo.

A exportação da pele dêsses *suideos* é verdadeiramente assombrosa e de ha muito está a exigir providências da parte das autoridades federais, pois só pelo porto de Belém do Pará foram despachados, em 1934, para os Estados Unidos e Europa, nada menos de 31.600 couros salgados de catetos, destinados à confecção de malas, polainas, calçados finos, bolsas e tantos outros artefatos (luvas, especialmente).

Estimadissima como é a pele dêsse mamifero, a qual é adquirida a preço irrisorio pelos intermediarios das casas importadoras, é facil de se prever, para um futuro bem proximo, o epilogo do exterminio sistematico dêsses bandos consideraveis que, nomades, percorrem matas e cerradões.

O caboclo goiano, o paraense ou o mameluco matogrossense matam, com facilidade inaudíta, tres porcos em um só dia de caçada. E o sertanejo, com tal caçada, resolve a vida financeira no minimo por quinze dias...

A onça costuma acompanhar as manadas dêsses animais, capturando-os facilmente quando se desgarram do bando, e com especialidade os filhotes que se atrasam na vara.

Eis uma dessas passagens, descrita num canhenho inédito do General Couto de Magalhães:

«Vindo uma ocasião de Cuiabá, pousei cedo em Raizama e saí com um soldado de nome Valentim para uma batida aos porcos do mato. A cêrca de meia legua já lhes ouviamos o ronco de dentro de um tucunzal alagado.